

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter

A Noite
mais sombria

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 1



HARLEQUIN
BOOKS



Gená Showalter

A Noite
mais sombria

*Tradução de
Johann Heyss*



Rio de Janeiro
2012

Glossário

Aeron — Guardião da Ira.

Amun — Guardião dos Segredos.

Anya — Deusa da Anarquia. Divindade menor.

Ashlyn Darrow — Humana com habilidades sobrenaturais.

Baden — Guardião da Desconfiança (morto).

Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

Cameo — Guardiã da Infelicidade. Única mulher dentre os guerreiros.

Cetro Divisor — Artefato divino, poder desconhecido.

Chave-Mestra — Chave desejada por Cronos, dada a Anya pelo pai (Tártaro).

Cronos — Rei dos Titãs.

Danika Ford — Humana, alvo dos Titãs.

Dean Stefano — Caçador, braço direito de Galen.

dimOuniak — A caixa de Pandora.

Dr. Frederick McIntosh — Vice-presidente do Instituto Mundial de Parapsicologia.

Disnomia — Grega, deusa da Desordem.

Galen — Guardião da Esperança.

Gideon — Guardião das Mentiras.

Gilly — Humana, amiga de Danika.

Ginger Ford — Irmã de Danika.

Gregos — Antigos governantes do Olimpo; agora aprisionados no Tártaro.

Hera — Rainha dos gregos.

Hidra — Serpente com várias cabeças e presas venenosas.

Jaula da Coação — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Kane — Guardião do Desastre.

Legião — Demônio subalterno, amigo de Aeron.

Lucien — Guardião da Morte; líder dos guerreiros de Budapeste.

Maddox — Guardião da Violência.

Mallory Ford — Avó de Danika.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de ocultar dos olhos alheios quem o vestir.

Olho Que Tudo Vê — Artefato divino com o poder de enxergar o paraíso e o inferno.

Os Impronunciáveis — Seres que até os deuses parecem temer.

Pandora — Guerreira imortal, outrora guardiã de *dimOuniak* (assassinada).

Paris — Guardião da Luxúria.

Reyes — Guardião da Dor.

Sabin — Guardião da Dúvida; líder dos guerreiros da Grécia.

Senhores do Mundo Subterrâneo — Guerreiros exilados dos deuses gregos, que agora abrigam demônios dentro de si.

Sienna Blackstone — Caçadora.

Strider — Guardião da Derrota.

Tártaro — Grego, deus do Confinamento; também é o nome da prisão dos imortais no monte Olimpo.

Têmis — Titã, deusa da Justiça.

Tinka Ford — Mãe de Danika.

Titãs — Atuais governantes do Olimpo.

Torin — Guardião da Doença.

William — Imortal, amigo de Anya.

Zeus — Rei dos gregos.

Capítulo Um

TODA NOITE A morte chegava, lenta e dolorosamente, e toda manhã Maddox acordava na cama sabendo que, mais tarde, teria que morrer outra vez. Esta era sua maior maldição e seu castigo eterno.

Ele passou a língua pelos dentes, desejando que fosse, na verdade, uma lâmina cortando o pescoço de seu inimigo. A maior parte do dia já se passara. Ele ouviu o tempo escoar com um tique-taque hostil em sua mente, e cada batida do relógio parecia zombar dele ao lembrar-lhe da mortalidade e da dor.

Em pouco mais de uma hora, ele sentiria a primeira pontada no estômago e não haveria nada que pudesse fazer nem dizer para mudar isto. A morte *chegaria*.

— Malditos deuses — ele murmurou, aumentando a velocidade do exercício de supino que estava fazendo.

— São todos uns desgraçados — disse uma conhecida voz masculina às suas costas.

Maddox não desacelerou os movimentos por causa da indesejada intromissão de Torin. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Por duas horas, ele descontara sua frustração e sua raiva no saco de pancadas, na esteira ergométrica e, agora, com os pesos. O suor escorria pelos braços e peito nus, passeando pelos nós dos músculos, formando pequenos regatos. Ele devia estar tão exausto mentalmente quanto fisicamente, mas suas emoções só ficavam mais soturnas e intensas.

— Você não devia estar aqui — ele disse.

Torin suspirou.

— Olhe, não quis interromper, mas algo aconteceu.

— Então, resolva.

— Não posso.

— Seja o que for, tente. Não estou em condições de ajudar. — Naquelas últimas semanas, faltara muito pouco para que ele entrasse em um frenesi assassino, durante o qual ninguém à sua volta estaria seguro. Nem seus próprios amigos. *Especialmente* seus próprios amigos. Ele não queria fazer isso, teve essa intenção, mas, às vezes, era incapaz de dominar o próprio ímpeto de destruir e arrebentar a tudo e a todos.

— Maddox...

— Estou no limite, Torin — resmungou. — Vou causar mais danos do que ajudar.

Maddox conhecia as próprias limitações havia milhares de anos. Desde aquele maldito dia em que os deuses haviam escolhido uma mulher para desempenhar o papel que deveria ser dele.

Pandora era forte, sim, a mais forte guerreira de sua época. Porém ele era mais forte. Mais capaz. Todavia, foi considerado fraco demais para guardar *dimOuniak*, uma caixa sagrada que continha demônios tão infames e destrutivos que nem mesmo no Inferno se confiaria neles.

Maddox jamais teria permitido que a caixa fosse destruída. Aquela afronta fez brotar uma frustração dentro dele e de cada guerreiro que ali vivia. Eles haviam lutado diligentemente pelo rei dos deuses, matado com habilidade e garantido plena proteção; deviam ter sido escolhidos como guardas. E o fato de não terem sido era um constrangimento que não seria tolerado.

Eles só haviam desejado dar uma lição nos deuses na noite em que tinham roubado *dimOuniak* de Pandora e libertado aquela horda de demônios no mundo, que estava alheio a tudo aquilo. Como

tenham sido idiotas. Seu plano para provar seu poder fora um fiasco, pois a caixa acabara sumindo em meio à briga, o que deixara os guerreiros incapazes de recapturar um único espírito maligno sequer.

Logo reinaram a destruição e o caos, e o mundo fora lançado na escuridão até o rei dos deuses finalmente intervir, lançando sobre os guerreiros uma maldição: cada um deles teria que abrigar um demônio *dentro de si*.

Um castigo adequado. Os guerreiros haviam libertado o mal para vingar seu orgulho pungente; agora, eles o conteriam.

Assim, nasciam os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Maddox recebera Violência, o demônio que agora era tão parte dele quanto seus pulmões ou seu coração. Agora, o homem não conseguia mais viver sem o demônio, e o demônio não conseguia mais agir sem o homem. Eles estavam entrelaçados, duas metades de um todo.

Desde o começo, a criatura dentro dele o incitara a fazer maldades, coisas detestáveis, e ele era forçado a obedecer. Mesmo quando levado a matar uma mulher... a matar Pandora. Seus dedos se fecharam com tanta força na barra que as juntas quase se deslocaram. Ao longo dos anos, ele aprendera a controlar algumas das compulsões mais cruéis do demônio, mas era uma luta constante, e ele sabia que podia ceder a qualquer momento.

O que ele não daria por apenas um dia de tranquilidade. Sem o irresistível desejo de ferir as pessoas. Sem batalhas internas. Sem preocupações. Sem morte. Só... paz.

— Aqui não é seguro para você — ele disse ao amigo, que ainda estava parado à porta. — Você precisa ir embora. — Ele pôs a barra prateada no descanso e se sentou. — Apenas Lucien e Reyes têm permissão para ficar perto de mim enquanto morro. — E somente porque eles haviam feito parte daquilo, mesmo involuntariamente. A impotência deles em relação aos seus demônios era a mesma de Maddox em relação ao que trazia dentro de si.

— Falta cerca de uma hora até acontecer, então... — Torin lhe jogou um pano. — Vou arriscar.

Maddox pegou o pano branco atrás de si e se virou. Enxugou o rosto

— Água.

Uma garrafa de água praticamente congelada foi pairando pelo ar antes que a segunda sílaba saísse de sua boca. Ele a pegou com habilidade, a umidade respingando em seu peito. Bebeu o líquido refrescante e olhou atentamente para o amigo.

Como de costume, Torin estava todo de preto, e suas mãos estavam cobertas por luvas. Os cabelos pálidos caíam em ondas até os ombros, emoldurando um rosto que as mulheres mortais consideravam um verdadeiro banquete de sensualidade. Elas não sabiam que, na verdade, ele era um diabo em pele de anjo. Mas deveriam saber. Ele praticamente cintilava de tanta irreverência, e havia um brilho profano em seus olhos verdes que indicava que ele era do tipo capaz de rir na sua cara enquanto lhe arrancasse o coração do peito. Ou de rir na sua cara enquanto você arrancasse o coração *dele*.

Para sobreviver, ele precisava encarar as coisas com humor, sempre que possível. Todos eles precisavam.

Como os demais moradores daquela fortaleza em Budapeste, Torin era amaldiçoado. Ele podia não morrer todas as noites como Maddox, mas jamais poderia tocar nenhum ser vivo, pele a pele, sem infectá-lo com a doença.

Torin era possuído pelo espírito da Doença.

Ele não sabia o que era ser tocado por uma mulher havia mais de 400 anos. Aprendera bem a lição quando cederia à luxúria e acariciara o rosto de uma possível amante, causando uma praga que dizimara um povoado após o outro. Um ser humano após o outro.

— Cinco minutos de seu tempo — Torin disse, deixando clara sua determinação. — É só o que peço.

— Acha que seremos castigados por insultarmos os deuses hoje? — replicou Maddox, ignorando o pedido. Se ele não desse abertura para lhe pedirem favores, não teria de se sentir culpado por ter de negá-los.

Seu amigo soltou outro daqueles suspiros.

— A nossa própria vida já deveria ser um castigo.

Era verdade. Os lábios de Maddox formaram lentamente um sorriso rasgado enquanto olhava para o teto. *Desgraçados. Eu os desafio a me castigarem mais.* Talvez assim ele finalmente desaparecesse em meio ao nada.

Entretanto, duvidava que os deuses fossem se preocupar com isto. Depois de lhe lançarem uma maldição mortal, eles o ignoraram, fingindo não ouvir seus pedidos de perdão e clemência. Fingindo não ouvir suas promessas e barganhas desesperadas.

O que mais poderiam lhe fazer, afinal?

Nada poderia ser pior do que morrer repetidamente. Ou ser despojado de tudo o que era bom e certo... ou hospedar o espírito da Violência dentro de seu corpo e mente.

Maddox se levantou de um pulo e jogou o pano agora molhado e a garrafa d'água vazia no cesto mais próximo. Foi até o outro lado do cômodo a passos largos e entrelaçou os dedos acima da cabeça, inclinando-se para dentro da alcova semicircular com janelas de vitrais e observando a noite através da única parte de vidro transparente.

Ele viu o paraíso.

Ele viu o inferno.

Ele viu liberdade, prisão, tudo e nada.

Ele viu... seu lar.

Do alto de uma colina imponente, como aquela na qual ficava a fortaleza, era possível ter uma visão direta da cidade. As luzes cintilavam vivamente, rosadas, azuladas e purpúreas, iluminando o sombrio céu aveludado, cintilando no rio Danúbio e emoldurando as árvores cobertas de neve que dominavam a área. O vento soprava forte, flocos de neve dançavam e giravam no ar.

Ali, ele e os outros tinham um pouquinho de privacidade do resto do mundo. Ali, podiam ir e vir sem ter de encarar um bombardeio de perguntas. *Por que você não envelhece? Por que se ouvem gritos ecoando pela floresta todas as noites? Por que você, às vezes, parece um monstro?*

Dali, o povo local mantinha distância, por temor e respeito.

“Anjos”, ele chegara a ouvir sussurrarem durante um raro encontro com um mortal.

Se eles soubessem...

As unhas de Maddox se alongaram ligeiramente, cravando-se na pedra. Budapeste era um lugar de majestosa beleza, com o charme do Velho Mundo e os prazeres da vida moderna, mas ele sempre se sentia deslocado. Desde a rua do distrito do castelo até os clubes noturnos na rua seguinte. Das frutas e legumes expostos à venda em uma ruela à carne viva exposta à venda em outra.

Talvez aquela sensação de deslocamento desaparecesse se ele, um dia, saísse para explorar a cidade, mas, ao contrário dos outros, que saíam vagando quando tinham vontade, ele estava preso dentro da fortaleza e seu entorno do mesmo jeito que Violência estivera aprisionado na caixa de Pandora milhares de anos antes.

Suas unhas se alongaram mais, estavam já quase como garras. Pensar na caixa sempre lhe piorava o humor. *Soque uma parede,* incitou Violência. *Destrua alguma coisa. Machuque. Mate.* Ele adoraria destruir os deuses. Um por um. Decapitá-los, talvez. Arrancar-lhes os corações negros e

podres, de uma vez por todas.

O demônio rugiu em aprovação.

Claro que ele está rugindo agora, Maddox pensou, enojado. Qualquer coisa com sede de sangue, a despeito das vítimas, teria o apoio daquela criatura. Com um esgar, ele lançou outro olhar revoltado para os céus. Ele e o demônio haviam sido unidos muito tempo atrás, mas ele se lembrava claramente daquele dia. Os gritos dos inocentes em seus ouvidos, humanos sangrando ao seu redor, sentindo dor, morrendo, tendo sua carne devorada pelos demônios num frenesi arrebatador.

Ele só perdera contato com a realidade quando Violência fora posto dentro de seu corpo. Não houvera som algum, nem nada à vista. Apenas uma escuridão que a tudo consumia. Ele só recobrou os sentidos quando o sangue de Pandora já lhe cobria o peito, a tempo de ouvir sua última respiração em seus ouvidos.

Ela não havia sido sua primeira nem sua última morte, mas fora a primeira e única mulher que conhecera sua espada. O horror de ver aquela mulher, outrora vibrante, agora derrubada, e saber que era ele o responsável... jamais conseguira abrandar sua culpa e seu arrependimento. Sua vergonha e sua tristeza.

Ele havia jurado fazer o que fosse necessário para controlar o espírito a partir de então, mas já era tarde demais. Ainda mais furioso, Zeus lhe lançou uma segunda maldição: toda noite, à meia-noite, ele morreria exatamente como Pandora morrera, com uma lâmina lhe atravessando o abdômen por seis diabólicas vezes. A única diferença era que o tormento dela terminara rapidamente.

O tormento *dele* duraria por toda a eternidade.

Ele estalou o maxilar, tentando relaxar e resistir a um novo ataque de agressividade. Não que ele fosse o único a sofrer, procurou lembrar. Os outros guerreiros tinham seus próprios demônios, literal e figuradamente. Claro, Torin era o guardião da Doença. Lucien, o guardião da Morte. Reyes, da Dor. Aeron, da Ira. Paris, da Luxúria.

Por que *ele* não recebera aquele último demônio? Assim, poderia continuar a ir à cidade sempre que quisesse, tomar a mulher que desejasse, saborear cada som, cada toque.

Em sua condição, ele jamais poderia se aventurar para muito longe. Nem podia ficar perto de mulher nenhuma por longos períodos. Se o demônio assumisse o controle, ou se ele não conseguisse voltar para casa antes da meia-noite e alguém encontrasse seu corpo morto e ensanguentado, e o enterrasse... Ou, pior ainda, o cremasse...

Como ele queria que algo assim pusesse um fim à sua triste existência! Ele já teria partido há muito tempo para se deixar torrar em um buraco. Ou talvez tivesse pulado da janela mais alta da fortaleza para quebrar o crânio e esmagar o cérebro. Mas não. A despeito do que fizesse, apenas acordaria novamente, queimado e dolorido. Quebrado e destruído.

— Você já está olhando pela janela há um bom tempo — Torin disse. — Não está sequer curioso para saber o que aconteceu?

Maddox piscou os olhos ao ser tragado para fora de seus pensamentos.

— Você ainda está aqui?

O amigo arqueou uma de suas sobrancelhas negras que contrastavam flagrantemente com os cabelos branco-prateados.

— Creio que a resposta para a minha pergunta é não. Ao menos já se acalmou?

E ele ficava calmo de verdade?

— Tão calmo quanto pode ficar uma criatura como eu.

— Pare de choramingar. Tem algo que preciso lhe mostrar, e não tente dizer não desta vez. No caminho, podemos conversar sobre minhas razões para perturbá-lo. — Sem dizer mais nada, Torin

deu meia-volta e saiu.

Maddox ficou no mesmo lugar por vários segundos, observando o amigo sumir ao dobrar a esquina. *Pare de choramingar*, Torin dissera. Sim, era exatamente o que ele vinha fazendo. A curiosidade e um estranho divertimento superaram seu humor letal, e Maddox saiu da academia em direção ao corredor. Uma lufada de ar frio formou um redemoinho ao seu redor, carregado de umidade e dos aromas revigorantes do inverno. Ele deu uma espiada em Torin, que estava a poucos metros, e avançou, aproximando-se rapidamente.

— Sobre o que é?

— Finalmente algum interesse — foi a única resposta.

— Se for mais um de seus truques... — Como quando Torin encomendara centenas de bonecas infláveis e as espalhara por toda a fortaleza; tudo porque Paris fora tolo o suficiente para reclamar da falta de companhia feminina na cidade. Os olhares das “damas” de plástico vinham de todos os cantos, com seus olhos arregalados e bocas obscenas provocando todos que passavam.

Era o tipo de coisa que acontecia quando Torin estava entediado.

— Eu não iria perder meu tempo tentando truque nenhum com você — disse Torin sem se virar para encará-lo. — Você, meu amigo, não tem senso de humor.

Verdade.

Enquanto Maddox seguia a passos rápidos, as paredes de pedra se expandiam nas laterais; candeeiros brilhavam, pulsando com luz e fogo, espiralando sombras e ouro. A Morada dos Malditos, como Torin apelidara o lugar, fora construída centenas de anos atrás. Apesar de terem modernizado o lugar o máximo que podiam, sua idade se revelava nas pedras esfareladas e nos pisos gastos.

— Onde estão todos? — perguntou Maddox, só então se dando conta de que não vira nenhum dos outros.

— Você poderia pensar que Paris teria ido comprar comida, já que nossa despensa está quase vazia e esta é a única função dele, mas não. Ele foi à procura de uma nova mulher.

Maldito sortudo. Possuído pelo demônio Luxúria, Paris não conseguia levar a mesma mulher para a cama duas vezes e, por isso, seduzia uma mulher diferente, ou duas ou três, todo dia. O único ponto negativo? Se ele não conseguisse encontrar uma mulher, seria reduzido a fazer coisas em que Maddox não queria nem pensar. Coisas que levariam aquele homem, dono de temperamento afável em condições normais, a despejar o conteúdo de seu estômago no toalete. Apesar de Maddox ficar com menos inveja dele nesses momentos, ela sempre voltava quando Paris falava de alguma de suas mulheres. O roçar macio de uma coxa... o encontro de peles quentes... os gemidos de êxtase...

— Aeron está... Prepare-se — Torin começou —, pois esta é a principal razão para eu ter procurado você.

— Aconteceu alguma coisa com ele? — perguntou Maddox, sentindo a escuridão se abater sobre seus pensamentos e a raiva tomar conta de si. *Destrúa, arreberte*, Violência rogava, arranhando-lhe os recônditos da mente. — Ele está ferido?

Aeron podia ser imortal, mas podia se machucar mesmo assim. Podia até ser morto; fato que todos eles haviam descoberto da pior maneira possível.

— Nada disso — garantiu Torin.

Aos poucos, ele relaxou, e Violência recuou gradualmente.

— Então, o que foi? Está limpando a sujeira e tendo um ataque de raiva? — Todo guerreiro ali tinha responsabilidades específicas. Era a maneira que eles tinham de manter alguma ordem aparente em meio ao caos de suas almas. A função de Aeron era cuidar do serviço doméstico, coisa da qual

reclamava diariamente. Maddox cuidava da manutenção. Torin brincava com ações e títulos de todos os tipos para mantê-los abastados. Lucien cuidava de toda a papelada, e Reyes lhes fornecia armas.

— Os deuses... o convocaram.

Maddox cambaleou, tomado momentaneamente pelo choque.

— O quê? — Ele só podia ter ouvido errado.

— Os deuses o convocaram — repetiu Torin pacientemente.

Mas os gregos não falavam com nenhum deles desde o dia em que Pandora morrera.

— O que eles queriam? E por que só estou sabendo disso agora?

— Primeiro, ninguém sabe. Estávamos assistindo a um filme quando, de repente, ele se empertigou na poltrona, sem expressão, como se tivesse ficado vazio por dentro. Então, segundos depois, ele vem nos dizer que foi convocado. Nenhum de nós teve tempo de fazer nada: em um minuto, Aeron estava conosco, no outro, já não estava mais. E, segundo — Torin acrescentou quase sem fazer pausa —, eu tentei lhe contar. Você disse que não se importava, lembra-se?

Um músculo tremeu debaixo do olho dele.

— Deveria ter me contado assim mesmo.

— Enquanto você tinha halteres à mão? Por favor... Sou Doença, não Burrice.

Aquilo era... aquilo era... Maddox não queria contemplar o que aquilo significava, mas não podia impedir que os pensamentos se formassem em sua mente. Algumas vezes, Aeron, guardião da Ira, perdeu totalmente o controle de seu espírito e embarcou num rompante de vingança, castigando os mortais por seus pecados perceptíveis. Será que agora lhe seria lançada uma segunda maldição por suas ações, como acontecera com Maddox séculos antes?

— Se ele não voltar exatamente como foi, encontrarei uma forma de invadir os céus e matar todos os seres divinos que encontrar.

— Seus olhos estão com um brilho vermelho — disse Torin. — Olhe, estamos todos confusos, mas Aeron vai voltar logo e nos contar o que está se passando.

Muito bem. Ele se forçou a relaxar. De novo.

— Alguém mais foi convocado?

— Não. Lucien saiu em busca de almas. Reyes está sabendo os deuses onde, provavelmente se cortando.

Ele já devia ter imaginado. Apesar de Maddox passar por sofrimentos insuportáveis toda noite, sentia pena de Reyes, que não conseguia passar uma hora sequer sem se torturar fisicamente.

— O que mais tinha para me dizer? — Maddox esfregou as pontas dos dedos nas duas colunas que se elevavam nas laterais da escadaria antes de começar a subir os degraus.

— Acho que vai ser melhor se eu lhe mostrar.

Seria algo pior do que a notícia sobre Aeron? Maddox se perguntou, passando pela sala de entretenimento. O santuário deles. A sala, na qual não haviam poupado gastos, era repleta de móveis elegantes e todos os confortos que um guerreiro podia desejar. Havia um refrigerador abarrotado de vinhos e cervejas especiais. Mesa de sinuca. Uma cesta de basquete. Uma enorme tela de plasma que, no momento, exibia imagens de três mulheres nuas no meio de uma orgia.

— Vejo que Paris esteve aqui — disse ele.

Torin não respondeu, mas apertou o passo, sem olhar nem por um segundo para a tela.

— Esqueça — murmurou Maddox. Fazer Torin prestar atenção em qualquer coisa de natureza carnal era de uma crueldade desnecessária. O celibatário devia desejar sexo, *o toque*, com cada força de seu ser, mas ele jamais teria a opção de satisfazer sua ânsia.

Até Maddox desfrutava do prazer de estar com uma mulher de vez em quando.

Suas amantes costumavam ser as sobras de Paris, mulheres tolas o suficiente para tentar seguir Paris até em casa, na esperança de ir para a cama com ele de novo, mas sem saber que isto era simplesmente impossível. Elas estavam sempre entorpecidas de desejo, já que haviam recebido Luxúria, de modo que raramente se importavam com quem deslizesse entre suas pernas. Na maioria das vezes, elas ficavam felizes em aceitar Maddox como substituto, apesar de ser uma coisa impessoal, tão emocionalmente vazia quanto fisicamente satisfatória.

Mas tinha de ser assim. Para proteger seus segredos, os guerreiros não permitiam que humanos entrassem na fortaleza, o que forçava Maddox a levar as mulheres para a floresta que cercava a propriedade. Ele as preferia de quatro, sem olhar para ele, em uma união rápida que não despertaria Violência de forma alguma e nem o compeliaria a fazer coisas que fossem assombrá-lo para todo o sempre.

Depois, Maddox mandava as mulheres para casa com um aviso: jamais voltem, ou morrerão. Simples assim. Permitir qualquer coisa de mais permanente seria tolice. Ele ia acabar se apegando a elas, e com certeza lhes causaria sofrimento, o que só faria aumentar ainda mais sua culpa e sua vergonha.

No entanto, gostaria de apenas uma vez passar mais tempo com uma mulher, como Paris podia fazer. Ele teria gostado de beijar e lambe o corpo inteiro dela; teria gostado de *mergulhar* nela, perdendo-se completamente, sem medo de se descontrolar e machucá-la.

Quando finalmente chegou aos aposentos de Torin, bloqueou estes pensamentos de sua mente. O tempo que ele passava desejando era tempo desperdiçado, como sabia muito bem.

Deu uma olhada ao redor. Já estivera naquele quarto antes, mas não se lembrava do sistema de computadores que ia de uma parede à outra, nem dos vários monitores, fones e inúmeros outros equipamentos periféricos. Ao contrário de Torin, Maddox de um modo geral evitava a tecnologia, pois nunca se acostumava com as mudanças rápidas e como cada novo avanço parecia afastá-lo do despreocupado guerreiro que fora um dia. Apesar de que estaria mentindo se dissesse que não gostava das conveniências que aqueles aparelhos ofereciam.

Inspeção terminada, ele encarou o amigo.

— Dominando o mundo?

— Não. Só observando. É a melhor maneira de nos proteger, e a melhor maneira de ganhar algum dinheiro. — Torin se jogou em uma cadeira giratória acolchoada em frente à tela maior e começou a digitar no teclado. Um dos monitores apagados se acendeu, e a tela preta foi se mesclando em tons de cinza e branco. — Muito bem. Aqui está o que eu queria que você visse.

Tomando o cuidado de não tocar no amigo, Maddox deu um passo à frente. O borrão indistinto foi tomando forma gradualmente em linhas opacas. Árvores, ele percebeu.

— Lindo, mas não é nada que eu esteja precisando ver loucamente.

— Paciência.

— Rápido — ele reagiu.

Torin lhe lançou um olhar sarcástico.

— Já que pediu com tanta gentileza... Tenho sensores de calor e câmeras escondidas em todo o nosso terreno, para que eu sempre saiba quando alguém invadir.

Mais alguns segundos de digitação, e a área de visão da tela virou para a direita. Depois, houve um rápido clarão vermelho que apareceu e sumiu.

— Volte — disse Maddox, ansioso. Ele não era especialista em vigilância. Não, ele tinha talento mesmo era para matar. Mas até ele sabia o que aquela barra vermelha representava. Calor corporal.

Tap, tap, tap e a barra vermelha novamente consumiu a tela.

— Humano? — ele perguntou. A silhueta era pequena, quase delicada.

— Com certeza.

— Homem ou mulher?

Torin deu de ombros.

— Provavelmente, mulher. Grande demais para ser criança, mas pequena demais para ser um homem.

Difícilmente alguém se aventurava a subir a erma colina àquela hora da noite. Nem mesmo durante o dia. Se isto se dava porque o local era sinistro demais, soturno demais, ou se por sinal de respeito do povo local, Maddox não sabia. Mas ele podia contar nos dedos de uma das mãos o número de entregadores, crianças querendo desbravar o território e mulheres loucas por sexo que haviam encarado a jornada no ano anterior.

— Uma das amantes de Paris? — ele perguntou.

— Pode ser. Ou...

— Ou o quê? — Maddox instigou o amigo, que hesitava.

— Uma Caçadora — disse Torin, fechando a cara. — Isca, mais especificamente.

Maddox pressionou os lábios, que formaram uma linha tensa.

— Agora, tenho certeza de que você está brincando comigo.

— Pense. Entregadores sempre vêm com caixas, e as garotas de Paris sempre correm direto para a porta da frente. Este vulto parece estar de mãos vazias e andando em círculos, parando a intervalos de poucos minutos para fazer algo junto às árvores. Talvez plantando dinamite, na tentativa de nos ferir. Ou instalando câmeras para nos espionar.

— Se ela está de mãos vazias...

— Dinamite e câmeras são pequenas, é possível esconder. — Ele massageou a nuca. — Desde os tempos da Grécia, nenhum Caçador nos persegue nem nos atormenta.

— Talvez os filhos dos Caçadores, ou os filhos de seus filhos, tenham nos procurado durante todo este tempo. Talvez eles tenham finalmente nos encontrado.

De repente, Maddox sentiu-se apreensivo e com um aperto no coração. Primeiro, a chocante convocação de Aeron, e agora esta visita indesejada. Mera coincidência? Sua mente viajou de volta àqueles dias sombrios na Grécia, dias de guerra e de selvageria, de gritos e de morte. Dias em que os guerreiros eram mais demônios do que homens. Dias em que a fome de destruição ditava todos os seus atos e os corpos humanos formavam pilhas nas ruas.

Os Caçadores logo surgiram das massas torturadas, uma liga de homens mortais determinados a destruir os responsáveis pela libertação de tamanho mal, e uma rixa sangüinária eclodiu. Então ele se viu lutando batalhas, ouviu o ressoar das espadas e presenciou incêndios enfurecidos, carne queimando e a paz parecendo puro folclore e lenda...

Mas a astúcia fora a maior arma dos Caçadores. Eles tinham Iscas femininas treinadas para seduzir e distrair enquanto atacavam para matar. Tinha sido dessa forma que haviam conseguido assassinar Baden, o guardião da Desconfiança. No entanto, não conseguiram matar o demônio em si, e ele brotou do corpo destruído, em estado de total loucura e demência, *desfigurado* pela perda de seu hospedeiro.

Onde o demônio residia naquele momento, Maddox não sabia.

— Os deuses com certeza nos odeiam — disse Torin. — De que jeito eles teriam mais certeza de nos fazer mal do que mandando Caçadores justo agora que nós finalmente conseguimos alcançar um estilo de vida razoavelmente pacífico?

Seu medo se intensificou.

— Eles não iriam querer os demônios loucos, à solta pelo mundo sem os seus guardiões. Iriam?

— Como se alguém soubesse por que eles fazem o que fazem. — Uma afirmação, sem traço de questionamento. Nenhum deles realmente entendia os deuses, mesmo depois de todos aqueles séculos. — Nós temos de fazer alguma coisa, Maddox.

O olhar de Maddox se voltou para o relógio na parede e ficou tenso.

— Ligue para Paris.

— Já liguei. Ele não está atendendo o celular.

— Ligue...

— Acha mesmo que eu teria perturbado você tão perto da meia-noite se houvesse mais alguém? —

Torin girou na cadeira, encarando-o com austera determinação. — Só restou você.

Maddox balançou a cabeça.

— Morrerei muito em breve. Não posso estar do lado de fora destes muros.

— Nem eu. — Algo de sombrio e perigoso cintilou nos olhos de Torin, algo de amargo, transformando o verde em uma esmeralda venenosa. — Você, pelo menos, não vai destruir a humanidade inteira se for lá fora.

— Torin...

— Você não vai vencer esta discussão, Maddox. Então, pare de desperdiçar tempo.

Ele enfiou a mão nos cabelos que batiam na altura do queixo, sentindo a frustração se acumular dentro de si. *Devemos deixar que aquilo morra lá fora*, Violência proclamou. *Aquilo...* o humano.

— E se *for* uma Caçadora? — indagou Torin, como se estivesse arejando os pensamentos. — E se *for* uma Isca? Não podemos permitir que viva. Deve ser destruída.

— E se *for* um inocente e minha maldição mortal vier à tona? — reagiu Maddox, reprimindo o demônio o quanto podia.

A culpa surgiu na expressão de Torin, como se todas as vidas que ele havia tirado clamassem dentro de sua consciência, implorando-lhe que salvasse as que pudesse salvar.

— É um risco que temos de correr. Nós não somos os monstros que os demônios querem que sejamos.

Maddox rangeu os dentes. Ele não era um homem cruel; não era um animal selvagem. Nem era desprovido de coração. Ele odiava as ondas de imoralidade que constantemente ameaçavam subjugá-lo. Odiava o que fizera, o que ele era... e o que se tornaria se parasse de resistir àqueles desejos sinistros e pensamentos maléficos.

— Onde está a humana agora? — perguntou. Ele se aventuraria noite adentro, mesmo que tivesse que pagar um preço terrível.

— Na margem do Danúbio.

Uma corrida de 15 minutos. Era o tempo exato de ele se armar, encontrar a humana, abrigá-la se fosse inocente ou matá-la se as circunstâncias exigissem, e voltar para a fortaleza. Se algo o detivesse, ele morreria ao relento. Qualquer um que fosse tolo o suficiente para se aventurar pela colina estaria correndo perigo. Pois, quando chegasse a primeira dor, ele seria reduzido a Violência, e aquelas vontades sinistras o consumiriam.

Seu único propósito seria destruir.

— Se eu não voltar até a meia-noite, mande um dos outros procurar meu corpo, e também os de Lucien e Reyes. — Morte e Dor o encontravam à meia-noite, estivesse Maddox onde estivesse. Dor aplicava os golpes, e Morte escoltava sua alma até o inferno, onde ela permanecia, torturada até o amanhecer pelo fogo e por demônios quase tão abomináveis quanto Violência.

Infelizmente, Maddox não podia garantir a segurança de seus amigos do lado de fora da fortaleza.

Ele podia acabar ferindo-os antes que completassem suas tarefas. E, se ele os ferisse, seria tomado por uma angústia superada apenas pela agonia da maldição que o visitava toda noite.

— Prometa — ele disse.

Torin assentiu, com olhos lúgubres.

— Tome cuidado, meu amigo.

Saiu do quarto a passos largos, com movimentos apressados. Contudo, antes de chegar à metade do corredor, Torin o chamou:

— Maddox. Talvez seja melhor você ver isto aqui.

Ao refazer os passos, ele foi atingido por mais um golpe de horror. O que seria agora? Poderia algo ser pior? Quando parou de novo em frente aos monitores, arqueou uma sobrancelha e olhou para Torin, um silencioso comando para que ele se apressasse.

Torin apontou a tela com o queixo.

— Parece que há mais quatro deles. Todos homens... ou Amazonas. Não estavam lá antes.

— Maldição. — Maddox observou os quatro novos traços vermelhos, um maior do que o outro. Estavam cercando o menor dentre eles. Sim, as coisas podiam ficar bem piores. — Cuidarei deles — disse. — De todos eles. — Ele voltou a se movimentar, mas com passos mais curtos.

Ele chegou ao seu quarto e foi direto ao armário, passando pela cama, a única peça de mobília do cômodo. Ele havia destruído a cama, o espelho e as cadeiras em alguns de seus ataques de violência.

No passado ele fora tolo o suficiente para encher o espaço com tranquilas fontes em miniatura, plantas, crucifixos; qualquer coisa que lhe desse paz e acalmasse seus nervos à flor da pele. Nada funcionara e acabara tudo quebrado em questão de minutos quando o demônio tomara conta dele. Desde então, optara pelo que Paris chamava de visual minimalista.

Se ele ainda tinha cama, era só por ela ser feita de metal e Reyes precisar de *alguma coisa* à qual acorrentá-lo quando a meia-noite se aproximava. Eles tinham uma boa quantidade de colchões, lençóis, correntes e cabeceiras de metal em um dos quartos ao lado. Só para garantir.

Depressa! Ele enfiou rapidamente uma camiseta preta pela cabeça, calçou um par de botas e atou lâminas aos pulsos, à cintura e aos tornozelos. Nada de armas de fogo. Ele e Violência concordavam em uma coisa: os inimigos tinham que morrer de modo íntimo e pessoal.

Se algum dos humanos na floresta fosse Caçador ou Isca, nada os salvaria.

Capítulo Dois

ASHLYN DARROW ESTREMECEU ao sentir o vento gelado. As tranças de seus cabelos castanho-claros lhe açoitavam a vista; ela as prendeu com a mão trêmula atrás das orelhas pulsantes.

Não que ela estivesse conseguindo enxergar muita coisa. A noite estava escura, com uma densa neblina e flocos de neve. Apenas alguns fachos dourados de luar eram fortes o suficiente para penetrar sorrateiramente através das copas das árvores cobertas de neve.

Como uma paisagem tão linda podia ser tão danosa ao corpo humano?

Ela suspirou, e um vapor se formou em frente ao seu rosto. Ela devia estar relaxando em um voo de volta aos Estados Unidos, mas, no dia anterior, havia descoberto algo maravilhoso demais para resistir. Fora tomada pela esperança e, pouco antes, naquela noite, correria para ali sem pensar, sem hesitar, aproveitando a primeira chance de descobrir se era verdade.

Em algum lugar na vastidão daquela floresta havia homens com estranhas habilidades que ninguém parecia saber explicar. Exatamente o que eles poderiam fazer, isso ela não sabia. Só sabia que precisava de ajuda. Desesperadamente. E arriscaria qualquer coisa, arriscaria tudo, para falar com aqueles homens poderosos.

Não conseguia mais conviver com aquelas vozes.

Ashlyn só precisava parar em determinado local para ouvir todas as conversas que nele haviam acontecido, a despeito de quando. Presente, passado, todo e qualquer idioma; não importava. Ela podia ouvir tudo em sua mente, podia até traduzir o que ouvia. Um dom, diziam alguns. Um pesadelo, ela bem sabia.

Outro vento gelado a açoitou e ela se apoiou em uma árvore, usando-a como escudo. No dia anterior, ao chegar a Budapeste com vários colegas do Instituto Mundial de Parapsicologia, ela parara no centro da cidade e começara a ouvir retalhos de diálogos. Novidade nenhuma para ela... até ela decifrar o significado das palavras.

Eles podem escravizá-lo com um único olhar.

Um deles tem asas e voa quando a lua está cheia.

Aquele com a cicatriz consegue desaparecer quando quer.

Como se aqueles sussurros tivessem aberto alguma espécie de portal em sua mente, centenas de anos de tagarelice se abateram sobre ela, uma mistura de velho e novo. Ela se curvou com a intensidade daquilo, tentando separar o que era mundano do que era essencial.

Eles nunca envelhecem.

Devem ser anjos.

Até a casa deles é sinistra; parece que saiu direto de um filme de terror. Escondida no topo de um monte, com seus cantos sombrios, nem os pássaros se aproximam dela.

Será que devíamos matá-los?

Eles são mágicos. Aliviaram meu tormento.

Tanta gente, do passado e do presente, nitidamente acreditava que aqueles homens agiam além da esfera das habilidades humanas, que eles possuíam dons extraordinários. Será que poderiam ajudá-la? *Eles aliviaram meu tormento*, alguém dissera.

— Talvez eles possam aliviar o meu — murmurou Ashlyn.

Ao longo dos anos e em todos os cantos do mundo, ela ouvira rumores sobre vampiros,

lobisomens, duendes e bruxas, deuses e deusas, demônios e anjos, monstros e fadas. Ela chegara até a levar os pesquisadores do Instituto à porta da casa de muitas destas criaturas, provando que elas existiam de fato.

O propósito do Instituto, afinal, era localizar, observar e estudar seres paranormais e descobrir como o mundo poderia se beneficiar de sua existência. E, para variar, trabalhar como para-audióloga poderia ser *sua* salvação.

Por mais estranho que fosse, não fora ela quem levara o Instituto a Budapeste, como era geralmente o caso com novas missões. Na verdade, não percebera nenhuma palavra sobre Budapeste em nenhuma das recentes conversas que ouvira. Mas eles a haviam levado mesmo assim, pedindo-lhe que ficasse atenta a qualquer discussão sobre demônios.

Ela sabia que não adiantava perguntar o motivo. A resposta, a despeito da pergunta, era sempre a mesma: *confidencial*.

Ao obedecer, ela aprendera que alguns indivíduos locais achavam que os moradores do alto da colina eram demônios. Maus, maliciosos. No entanto, a maioria os considerava anjos. Anjos reclusos, com exceção de um deles, que tinha fama de levar qualquer mulher para a cama e ganhara o apelido de Professor de Orgasmo por um trio risonho que passara uma “única e gloriosa” noite com ele. Anjos que, através de sua mera presença, mantinham baixo o nível de criminalidade. Anjos que traziam dinheiro para a comunidade e alimentavam os sem-teto.

A própria Ashlyn duvidava que tais benfeitores pudessem estar possuídos. Demônios eram invariavelmente maliciosos, não se preocupavam com as pessoas ao redor. Mas, fossem aqueles homens, *de fato*, anjos morando na Terra ou apenas pessoas comuns capazes de realizar coisas extraordinárias, ela rezava para que pudessem ajudá-la, pois ninguém mais conseguira. Rezava para que pudessem ensiná-la a bloquear as vozes ou até mesmo ajudá-la a se livrar completamente de sua habilidade.

Era uma ideia inebriante, e seus lábios se ergueram num lento sorriso. Mas o sorriso logo se desfez quando outro golpe de vento lhe atravessou a jaqueta e o suéter, alcançando sua pele. Fazia mais de uma hora que se encontrava lá, e estava congelando. Parar para descansar (novamente) não fora dos planos mais inteligentes.

Ela levantou os olhos para a colina. Através de uma abertura nas nuvens, desceu um súbito raio de luz âmbar que iluminou o enorme castelo cor de carvão. A névoa subia em espirais, acenando para ela com dedos fantasmagóricos. O local parecia exatamente com o que dissera a voz, ela pensou, sombrio e com torres pontiagudas, um filme de terror na vida real.

Mas aquilo não a deteve. Pelo contrário. *Estou quase lá*, pensou alegremente e voltou a subir a colina. Suas coxas já estavam ardendo de tanto se esquivar de galhos e pular raízes altas, mas ela não se importou. Continuou seguindo em frente.

Até que, dez minutos depois, ela se viu parando pela milésima vez, incapaz de dar outro passo ao sentir as coxas trêmulas se transformando em blocos de gelo.

— Não — ela gemeu. Não agora. Esfregando as pernas para esquentá-las, ela calculou a distância novamente. Seus olhos se arregalaram quando ela se deu conta de que o castelo não parecia estar mais perto. Na verdade, parecia estar até mais distante.

Ashlyn balançou a cabeça, perplexa e desesperada. Que droga! O que tinha que fazer para chegar lá? Criar as asas e voar?

Mesmo se eu não conseguir, não me arrependo de ter vindo. Bem, da falta de planejamento e de comida ela se arrependia, sim, mas tinha que tentar. Por mais tolo que fosse de sua parte, ela simplesmente precisava tentar. Teria feito aquela jornada nua e descalça, se necessário fosse.

Qualquer coisa por uma chance de ser normal.

Ela adorava a ideia de salvar o mundo com seu, eca!, *dom*, mas o tormento que ela enfrentava era demais. Tinha de haver outra forma da qual ela pudesse ajudar. Com um pouquinho de silêncio, ela poderia conseguir *pensar* em como. Exercícios de respiração profunda e meditação só a ajudavam a recuperar a paz de espírito até certo ponto.

Ela esfregou as pernas com mais força, finalmente conseguindo derreter um pouco do gelo interno e, assim, voltar a se movimentar. *Ök itt. Tudom ök*, ela ouviu ao passar por uma árvore encurvada e retorcida. *Eles estão aqui*, sua mente traduziu instantaneamente, *eu sei que estão*.

Então, outra pessoa disse: *Como você é lindinha*.

— Sou mesmo, obrigada — disse, esperando que o som de sua própria voz abafasse as outras. Não abafou. Inspirar fundo, expirar fundo.

À medida que continuava a avançar arduamente, diferentes conversas de diferentes épocas emergiram em sua consciência, se empilhando uma sobre a outra em sua mente. A maioria em húngaro, algumas em inglês, e aquilo as tornava ainda mais confusas.

Sim. Sim! Toque em mim. Ai, sim, ai.

Bárhöl as én kardom? En nem tudom holvan.

Quero sentir o gosto dos lábios dele mais uma vez e, então, o esquecerei. Só preciso provar mais um pouquinho.

Ashlyn tropeçou nos galhos e pedras, as palavras se misturando e aumentando de volume. Aumentando ainda mais. Seu coração disparou no peito, e ela quase gritou de frustração. Inspirar fundo, expirar...

Se você bater na porta, vai transar que nem um animal, e garanto que vai amar cada minuto.

Ela tapou os ouvidos, mesmo sabendo que também não daria certo.

— Siga em frente. Encontre-os. — Mais vento. Mais vozes. — Siga em frente — ela repetiu, as palavras se harmonizando com seus passos. Ela percorrera todo aquele caminho; podia avançar um pouquinho mais. — Encontre-os.

Quando ela dissera ao dr. McIntosh, vice-presidente do Instituto, além de seu chefe e mentor, o que ficara sabendo sobre aqueles homens, ele fizera um breve sinal de aprovação com a cabeça e dissera um discreto “Bom trabalho”, que era sua mais eloquente forma de elogio.

Então, ela pedira para ser levada ao castelo no alto daquela imponente colina.

— Fora de questão — ele dissera, dando-lhe as costas. — Eles podem ser demônios, como dizem alguns dos moradores locais.

— Mas talvez sejam os anjos que *a maioria* dos nativos acha que são.

— Você não vai arriscar, Darrow. — Fora então que ele a mandara fazer as malas e providenciara um carro para levá-la ao aeroporto, como sempre fazia depois que ela terminava sua parte no trabalho, ou seja, fornecer os ouvidos.

Era o “procedimento padrão da empresa”, ele sempre alegava, mas nunca mandava o resto dos funcionários para casa. Só ela. McIntosh gostava dela e queria protegê-la, sabia disso. Afinal, fazia mais de 15 anos que cuidava dela, tendo colocado Ashlyn debaixo de sua asa quando ela era uma menina assustada cujos pais não sabiam como aliviar o tormento de sua filha “abençoada”. Ele até lia contos de fada para lhe ensinar que o mundo era um lugar de magia e possibilidades sem fim, um lugar onde ninguém, nem mesmo alguém como ela, precisava se sentir esquisita.

Apesar de ele realmente se importar, ela também sabia que seu dom era importante para a carreira dele, sabia que o Instituto não teria metade da eficiência sem ela e que, como consequência, ele acabava encarando-a como uma espécie de brinquedo. Por isso, ela não se sentira culpada (demais) por

escapar de fininho para ali no momento em que ele lhe virara as costas.

Com os dedos dormentes, Ashlyn afastou novamente os cabelos do rosto. Talvez ela devesse ter parado para perguntar aos nativos qual era a melhor rota, mas as vozes estavam altas demais no coração da cidade, a ponto de ela se sentir incapacitada. Mais do que isto, temia que algum funcionário do Instituto a visse e a entregasse.

Mas talvez tivesse valido a pena correr o risco, ela pensou, para evitar aquele frio debilitante.

Tem um jeito de saber a verdade. Apunhalar um deles no coração e ver se ele morre, disse a voz, chamando-lhe a atenção.

Ah, que gostoso. Mais, por favor!

Distraída, Ashlyn tropeçou em um galho caído. Foi ao chão, soltando um gemido assustado. Pedras pontiagudas lhe feriram as palmas das mãos e raspavam a calça jeans. Por um longo tempo, ela ficou sem se mexer. Não conseguia. *Frio demais*, pensou. *Barulhento demais*.

Enquanto ficou caída, parecia que suas forças estavam sendo completamente drenadas. Suas têmporas latejavam, as vozes não paravam de bombardeá-la.

Ela fechou os olhos e puxou as lapelas do casaco para cima, apertando-as com força, e deu um jeito de se arrastar e se aninhar junto à base de uma árvore.

Não devíamos estar aqui. Eles veem tudo.

Você se machucou?

Olha só o que achei! Não é linda?

— Cale a boca, cale a boca, cale a boca! — ela gritou. Claro, as vozes não a ouviram. Nunca ouviam.

Duvido que você corra nua por entre as árvores.

Éhes vagyok. Kaphatok volamit eni?

De repente, ela ouviu um estouro e zumbido, e suas pálpebras se abriram. Em seguida, um grito agoniado. Um grito de homem, rapidamente seguido por outros três.

Presente. Não era passado. Depois de 24 anos, ela sabia a diferença.

O terror a tomou com punhos de ferro, asfixiando-a. Apesar das vozes que não paravam de tagarelar, ela ouviu um baque nauseante. Tentou ficar de pé, correr, mas um súbito golpe de ar a fez ficar onde estava. Não, não era ar, ela se deu conta um segundo depois, mas uma lâmina. Seu corpo inteiro se contorceu em surpresa quando o punho de uma faca ensanguentada passou pouco acima de seu ombro, cravando-se no tronco de uma árvore.

Antes que tivesse tempo de fugir, de gritar, houve outra rajada de vento. Outro movimento rápido de seu corpo. A atenção de Ashlyn foi atraída para o outro lado. Como era de se esperar, outra lâmina estava presa logo acima de seu ombro esquerdo.

Como? O quê? Os pensamentos ainda não haviam se formado direito quando alguma coisa explodiu da mata fechada logo perto. Folhas frágeis eram esmagadas numa dança nefasta, e a neve que as cobria respingava no chão enquanto galhos eram empurrados e balançados. Então, aquele *algo* passou correndo por um raio de luar, e ela viu de relance cabelos pretos e intensos olhos cor de violeta. Um homem. Um homem grande e musculoso arremetia contra ela a toda velocidade. Sua expressão era de pura brutalidade.

— Aimeudeus — ela arfou. — Pare. Pare!

De repente, ele estava ali, bem na cara dela. Agachando-se, segurando-a no lugar, cheirando-lhe o pescoço.

— Eram Caçadores — disse ele num inglês com leve sotaque e uma voz tão hostil e severa quanto suas feições escarpadas. — Você é? — Ele lhe agarrou o pulso direito e puxou o tecido de seu

casaco e suéter. Ele passou o polegar no ponto pulsante do pescoço. — Não tem tatuagem, ao contrário deles.

Eles? Caçadores? Tatuagem? Ela sentiu um tremor lhe subir pela espinha. O intruso era enorme, robusto, e a cercava ameaçadoramente com seu corpo musculoso. Ele emanava um cheiro forte, mistura de fragrância masculina e calor, e algo mais que ela não conseguia identificar.

De perto, ela viu os respingos vermelhos em sua cara de poucos amigos. Sangue? O vento açoitante parecia lhe trespassar a pele e atingir os ossos.

Selvagem, dizia a expressão em seus olhos cor de violeta. *Predador*.

Talvez eu devesse ter dado atenção a McIntosh. Talvez aqueles homens fossem mesmo demônios.

— Você é um deles? — repetiu o homem.

Profundamente chocada, incredivelmente apavorada, ela precisou de um instante para se dar conta de que algo estava... diferente. O ar, a temperatura, o...

As vozes haviam parado.

Seus olhos se arregalaram de perplexidade.

As vozes haviam parado, como se percebendo a presença do homem e sentindo tanto medo quanto ela. O silêncio a envolveu.

Não. Não era um silêncio absoluto que ela experimentava, percebeu um momento depois, e sim uma... quietude. Uma quietude suntuosa, deliciosa. Quanto tempo fazia que ela não sabia o que era aquilo, não ser envolta por conversas? Já sentira isso alguma vez?

O vento fez as folhas farfalharem ruidosamente. A neve sussurrava suavemente ao ser levada pelo vento, uma melodia de acalanto e relaxamento. As árvores respiravam vida e vitalidade, os galhos balançando delicadamente.

Será que já existira som mais magnífico do que a sinfonia da natureza?

Naquele momento, ela se esqueceu do medo. Como aquele homem podia estar possuído por um demônio quando chegara com aquela maravilhosa quietude? Os demônios eram fonte de tormento, não de paz.

Seria ele, então, um anjo de misericórdia, como achava o povo local?

Ela fechou os olhos em regozijo e absorveu aquela paz, saboreando-a. Abarcando-a.

— Mulher? — disse o anjo, a voz irradiando confusão.

— Calado. — Ela foi tomada por uma onda de satisfação. Até em seu lar, na Carolina do Norte, numa casa que fora construída por operários proibidos de falar mais do que o necessário, ela sempre ouvia o eco de sussurros profundamente arraigados. — Não fale. Apenas aproveite.

Por um momento, ele não respondeu.

— Ousa mandar que eu me cale? — ele perguntou por fim, com uma furiosa surpresa na voz.

— Você ainda está falando — ralhou Ashlyn e apertou os lábios. Anjo ou não, ele não lhe parecia o tipo de pessoa que ela poderia repreender. Além disso, deixá-lo com raiva era a última coisa que queria fazer. Sua presença lhe trouxera silêncio. E um calor delicioso, ela se deu conta ao sentir a friagem rapidamente deixar seu corpo.

Ela abriu as pálpebras lentamente.

Eles estavam nariz a nariz, o hálito aromático dele viajando para os lábios dela. Sua pele cintilava como cobre liso; parecia quase algo de outro mundo ao luar. Repleto de ângulos duros e divisões incisivas, seu rosto exibia um nariz que mais parecia uma lâmina e sobrancelhas demoniacamente negras.

Aqueles olhos purpúreos de predador a miravam, ainda mais ameaçadores por serem emoldurados por longos cílios.

Matarei qualquer um, em qualquer lugar, sua expressão parecia dizer.

Demônio. Não, não um demônio, ela procurou lembrar. O silêncio era bom, puro e correto demais. Mas ele não era anjo, concluiu. Sim, trouxera quietude, mas estava óbvio que ele era tão perigoso quanto belo. Como seria o caso de qualquer um capaz de atirar facas daquela maneira...

Então, o que era ele?

Ashlyn engoliu em seco e o observou atentamente. Seu pulso não devia ter disparado naquele instante, e os seios não deviam doer. Mas sua pulsação disparara. E os seios doíam. Ele era como os dragões dos contos de fada que McIntosh lia para ela: letal demais para ser domado, impressionante demais para que lhe dessem as costas.

E, mesmo assim, de repente ela sentiu vontade de afundar a cabeça na curva de seu pescoço. Queria se enroscar toda nele. Queria abraçá-lo e não soltar nunca mais. Ela chegou até a se encostar nele com plena intenção de ceder àqueles desejos.

Pare. Não faça isso.

Durante a maior parte de sua vida, o toque humano lhe fora negado. Aos cinco anos, fora mandada para o Instituto, onde a maioria dos funcionários não se preocupava com mais nada além de estudar sua habilidade. Quem chegara mais perto de ser um amigo em toda a sua vida fora McIntosh, mas nem ele a abraçava ou tocava com frequência; parecia nutrir um medo equivalente ao apreço que sentia por ela.

Encontros amorosos também eram difíceis. Os homens meio que surtavam quando ficavam sabendo de sua habilidade. E eles sempre ficavam sabendo. Não havia como esconder. Mas...

Se aquele homem fosse quem, ou o quê, ela pensava que fosse, não ia ligar para seu pequeno talento. Ele poderia deixar que ela o tocasse. E a sensação de tocá-lo e de sentir seu calor podia muito bem se revelar tão potente quanto o silêncio, e ainda muito mais...

— Mulher? — repetiu ele, agora com uma voz rascante e encorpada que lhe adentrou os pensamentos.

Ela ficou imóvel. Engoliu em seco de novo. Seria a leve hesitação naqueles olhos gelados cor de violeta um sinal de... desejo? Um desejo que ofuscava por completo o olhar assassino? Ou será que o desejo que ela enxergava vinha da dor e da brutalidade relativas à sua morte iminente? Ela estava sendo bombardeada por um enxame de emoções: mais uma pontada de medo, mórbido estupor e, sim, curiosidade feminina. Tinha pouca experiência com homens, e menos ainda com o desejo.

No que ela estava pensando ao se inclinar na direção dele daquele jeito? Ele poderia entender seu toque como um convite. Poderia retribuí-lo.

Por que aquela ideia por si só já não a deixava à beira de um ataque de nervos?

Talvez porque estivesse errada. Talvez ele não fosse um dragão, mas o príncipe que o matara para salvar a princesa.

— Qual é o seu nome? — ela se ouviu perguntar.

Passou-se um segundo tenso, depois outro, e ela percebeu que ele não ia responder. Linhas de tensão se formaram em suas feições severas, como se fosse árduo ficar perto dela.

Finalmente, ele disse:

— Maddox. Meu nome é Maddox.

Maddox... O nome entrou deslizando pelos corredores de sua mente, um cântico sedutor que prometia uma inimaginável satisfação. Ela se forçou a sorrir, cumprimentando-o.

— Eu sou Ashlyn Darrow.

Sua atenção se voltou para os lábios de Ashlyn. Apesar da neve, gotas de suor brotaram na testa dele, cintilantes.

— Você não deveria ter vindo aqui, Ashlyn Darrow — resmungou ele, perdendo qualquer traço do desejo do qual ela, ao mesmo tempo, gostava e tinha medo. Mas as mãos dele lhe subiram pelos braços, surpreendentemente suaves, e pararam na base de sua nuca. Passou cautelosamente o polegar na parte da frente do pescoço, detendo-se no ponto que pulsava loucamente.

Ela inspirou e engoliu o ar enquanto os dedos dele se moviam coordenadamente. Uma carícia não intencional, mas totalmente erótica e que a derreteu por inteiro. Até que, no instante seguinte, ele apertou com mais força, quase machucando.

Ela arfou roucamente:

— Por favor. — E ele a soltou por completo.

Ashlyn piscou os olhos, surpresa. Sem o toque dele, sentia-se... destituída?

— Perigoso — ele disse, desta vez, em húngaro.

Ela não entendeu se ele estava falando dele ou dela.

— Você é um deles? — perguntou ela baixinho, não mudando de idioma. Não havia motivo para ele saber que ela falava os dois.

O olhar dele transmitiu perplexidade, e um músculo se contraiu em seu maxilar.

— Como assim? Um deles? — Desta vez, ele falou em inglês.

— Eu... Eu... — As palavras se recusavam a se formar. As feições dele estavam sendo cobertas pela fúria, mais fúria do que ela jamais vira alguém projetar. Ela se irradiava de cada contorno de seu corpo rijo. Ashlyn levou os braços à cintura. Não, nada de príncipe, no final das contas. Um dragão, sem dúvida, como ela pensara de início.

Ainda de joelhos, ele se afastou um pouco. Inspirou calculadamente e expirou devagar, e o ar formou uma névoa ao redor de seu rosto. Sua mão havia parado na abertura da bota, como se ele não conseguisse resolver se enfiava a mão ou não. Finalmente, ele disse:

— O que você está fazendo neste bosque, mulher? E não minta para mim. Eu saberei, e você não vai gostar da minha reação.

Ashlyn deu um jeito de recuperar a voz.

— Estou à procura dos homens que moram no alto desta colina.

— Por quê? — As palavras saíram como uma bofetada.

Até que ponto ela poderia ser sincera? Ele *era* um dos homens dotados de estranhas habilidades, tinha de ser. Era vibrante demais, poderoso demais para ser apenas humano. Porém, mais do que isto, sua presença, por si só, espantara as vozes por alguma razão, e aquilo jamais acontecera antes.

— Preciso de ajuda — ela admitiu.

— É mesmo? — Havia uma conflitante mistura de desconfiança e indulgência em sua expressão. — De que tipo?

Ela abriu a boca para dizer... dizer o quê? Não sabia. No final, não fazia diferença. Ele a impediu de falar apenas balançando a cabeça rapidamente.

— Não interessa. Você não é bem-vinda aqui, portanto sua explicação é irrelevante. Volte para a cidade. Não importa por que veio até aqui, não vai conseguir o que deseja.

— Mas... mas... — Ela não podia deixar que ele a mandasse embora. Ela *precisava* dele. Sim, acabara de conhecê-lo. Sim, a única coisa que sabia sobre ele era seu nome e que atirava adagas com precisão incrível. Mas ela já estava apavorada com a perspectiva de perder o silêncio. — Eu quero ficar com você. — Ela sabia que estava transmitindo desespero, mas não se importava. — Por favor. Só um pouquinho. Até eu aprender a controlar as vozes sozinha.

Ao invés de se acalmar, ele pareceu ficar furioso com o que ela estava pedindo. Suas narinas se inflaram, e um músculo de seu maxilar se contraiu.

— Sua tagarelice não vai me distrair. Você é uma Isca. Só pode ser. Se não, estaria correndo de medo de mim.

— Não sou Isca nenhuma. — Fosse lá o que aquilo fosse. — Juro por Deus. — Ela segurou-lhe os antebraços, a carne firme e sólida, inacreditavelmente quente e totalmente excitante sob sua mão. Um formigamento se espalhou por seu corpo. — Eu nem sei do que você está falando.

Num piscar de olhos, ele esticou o braço e segurou-lhe a base do crânio, puxando-a em direção ao luar. O gesto não a machucou. Pelo contrário, ela sentiu outra descarga elétrica. Seu ventre estremeceu.

Ele não falou, apenas a observou atentamente com uma intensidade que beirava a crueldade. Ela também o observou com atenção, e ficou chocada ao ver que algo começava a cintilar... a girar... a se materializar sob a pele dele. Um rosto, ela se deu conta com macabro estupor. Outro rosto. Seu coração quase parou. *Não pode ser um demônio, não pode ser um demônio. Ele fez parar as vozes. Ele e os outros fizeram coisas maravilhosas por aquela cidade. É só a luz pregando peças.*

Apesar de ela ainda estar vendo as feições de Maddox, também estava vendo a sombra de alguém... ou de alguma coisa. Olhos vermelhos e cintilantes. Maças do rosto ossudas. Dentes afiados como punhais.

Por favor, que seja a luz me pregando uma peça.

Mas, quanto mais aquele semblante ossudo a encarava, menos ela conseguia fingir que era uma ilusão.

— Você quer morrer? — Maddox, ou o esqueleto?, perguntou, as palavras tão guturais que soaram pouco mais elaboradas do que um grunhido animalesco.

— Não. — Ele podia matá-la, mas ela morreria sorrindo. Dois minutos de silêncio valiam mais para ela do que uma vida inteira de barulho. Com medo, mas determinada, e ainda sentindo um formigamento por causa do toque febril daquele homem, ela empinou o queixo. — Preciso de sua ajuda. Ensine-me a controlar meu poder, e irei embora imediatamente. Ou me deixe ficar com você e aprender como se faz.

Ele a soltou e, em seguida, esticou a mão novamente até ela. Então, parou e cerrou o punho.

— Não sei por que estou hesitando — disse, enquanto olhava sua boca com o que poderia ser desejo. — Está chegando a meia-noite, e você precisa se afastar de mim o máximo possível.

No momento em que acabou de pronunciar as palavras, ele franziu o cenho. Um segundo depois, gritou:

— Tarde demais! Dor está à minha procura. — Ele se afastou lentamente dela, a máscara ossuda ainda brilhando detrás de sua pele.

— Corra. Volte para a cidade. Agora!

— Não — disse ela, estremecendo de forma quase imperceptível. Só uma idiota fugiria do paraíso; mesmo que aquele pedaço de paraíso tivesse um rosto transparente saído diretamente do inferno.

Praguejando num suspiro, Maddox arrancou os dois punhais da árvore e se levantou. Olhou para o céu, para além da neve e das copas das árvores, em direção à lua crescente. Seu franzir de cenho se tornou feroz, furioso. Um passo, dois, ele recuou.

Ashlyn usou a árvore como apoio e se levantou. Seus joelhos bateram um no outro, quase cedendo ao seu peso. De repente, ela sentiu aquele vento gelado outra vez, ouviu os sussurros incessantes se aproximando. Um grito de desespero se formou dentro dela.

Três passos, quatro.

— Aonde vai? — perguntou ela. — Não me deixe aqui.

— Não há tempo para levá-la a um abrigo. Terá de encontrá-lo sozinha. — Ele deu meia-volta, oferecendo-lhe a visão de seus ombros largos e tensos antes de olhar para trás e dizer: — Não retorne a esta colina, mulher. Da próxima vez, você não vai me achar tão generoso.

— Não vou embora. Aonde quer que você vá, vou atrás. — Sim, uma ameaça, e ela pretendia cumprir.

Maddox parou para encará-la num gesto de agressividade contida, expondo os dentes em outro pavoroso esgar.

— Eu poderia matá-la aqui e agora, Isca, como sei que deveria fazer. Como me seguiria então?

Isca outra vez. Seu coração batia descompassado no peito, mas ela o encarou de frente, esperando parecer insistente e determinada, e não simplesmente petrificada.

— Acredite, prefiro que você faça isso a me deixar sozinha com as vozes.

Um xingamento, um sibilar de dor. Ele se curvou.

A postura atrevida dela deu lugar à preocupação, e Ashlyn correu até ele. Ela abriu os dedos sobre suas costas, procurando algum ferimento. Para fazer aquela fera robusta se curvar, só podia ser uma dor excruciante. Mas ele a empurrou com uma força inesperada que a fez tropeçar.

— Não — disse ele, e ela poderia jurar que ele falara com duas vozes distintas. Uma, a de um homem. A outra... a de algo bem mais poderoso. Era como uma tempestade com seus trovões ecoando na noite. — Não me toque.

— Está machucado? — Ela se aprumou, tentando não demonstrar como seus gestos a feriam. — Talvez eu possa ajudar. Eu...

— Vá embora, ou morra. — Ele deu meia-volta e avançou, desaparecendo noite adentro.

O falatório se abateu sobre a mente dela, como se estivesse apenas esperando que ele fosse embora. Agora, parecia mais alto do que antes, estridente após o precioso silêncio.

Langnak ithon kel moradni.

Tropeçando na mesma direção tomada por Maddox, Ashlyn tapou os ouvidos.

— Espere — ela gemeu. *Cale a boca, cale a boca, cale a boca.* — Espere. Por favor.

O pé de Ashlyn se enganchou num galho quebrado, e ela caiu no chão outra vez. Uma dor aguda lhe atravessou o tornozelo. Choramingando, ela ficou de quatro e engatinhou.

Ate itéleted let minket veszejbe.

Não podia parar. Tinha de alcançá-lo. O vento batia em Ashlyn, afiado como as adagas que Maddox carregava.

E as vozes clamavam sem parar.

— Por favor! — ela gritou. — Por favor!

Um rugido feroz partiu a noite, balançando o chão e chacoalhando as árvores.

De repente, Maddox estava novamente ao seu lado, calando as vozes.

— Isca tola — ele disse com desprezo. Mais para si mesmo, ele acrescentou: — Guerreiro tolo.

Chorando de alívio, ela o envolveu com os braços. Apertando forte. Sem querer soltar, apesar de ele ainda usar aquela sinistra máscara ossuda. Lágrimas escorriam pelo rosto dela, cristalizando-se na pele.

— Obrigada. Obrigada por voltar. Obrigada. — Ela afundou a cabeça na curva do pescoço dele, exatamente como quisera fazer antes.

Quando o rosto de Ashlyn roçou sua pele, ela estremeceu, sentindo mais uma vez o formigamento.

— Você irá se arrepender disto — disse ele, jogando-a por sobre o ombro como se fosse um saco de batatas.

Ela não se importou. Estava com ele, as vozes haviam sumido, e era só o que importava.

Maddox se movimentou com velocidade, fazendo manobras em meio às árvores fantasmagóricas. De vez em quando, ele gemia, como se estivesse sentindo dor. Rosnava, como se estivesse com raiva. Ashlyn lhe pediu para colocá-la no chão, para que pudesse poupá-lo do peso, mas ele lhe apertou a parte interna da coxa em silencioso comando para que ela calasse sua maldita boca. Finalmente, ela relaxou e simplesmente aproveitou o passeio.

Se ao menos aquela alegria tivesse durado...

Capítulo Três

CHEGAR EM CASA, chegar em casa, chegar em casa. Maddox entoava o comando em sua mente, tentando não prestar atenção na dor. Tentando refrear o desejo de violência... um desejo que estava aumentando cada vez mais. A mulher, Ashlyn, pendurada em seu ombro, uma lembrança indesejável de que ele podia explodir a qualquer momento e massacrar tudo ao seu redor. Principalmente, ela.

Você queria mergulhar em uma mulher, o espírito zombou. Esta é sua chance. Mergulhe no sangue dela.

Ele cerrou os punhos raivosamente. Precisava pensar, mas não conseguia fazer isso com tanta dor. Ela mencionara determinado poder, pedira ajuda. Não fora isso? Parte do que ela dissera se perdera em meio ao urro em sua cabeça. A única coisa da qual tinha certeza era de que devia tê-la deixado para trás, como fora sua intenção.

Mas ele ouviu seu chamado, que tinha um som tão torturado, parecido com os gemidos alucinados que o próprio Maddox frequentemente sentia vontade de soltar. Algo dentro dele reagira profundamente, e Maddox fora tomado pela necessidade de ajudá-la, pela necessidade de tocar sua pele suave só mais uma vez. Uma necessidade que, de alguma forma, se mostrara mais forte do que Violência. Uma façanha impressionante e inacreditável.

Por isso, voltara para pegá-la, apesar de saber que ela estava correndo mais perigo com ele do que sozinha na floresta. Apesar de saber que ela provavelmente tinha sido mandada para distraí-lo e ajudar os Caçadores a ter acesso à fortaleza.

Idiota. Agora ela estava jogada sobre seu ombro, com o cheiro feminino lhe provocando o nariz, com suas curvas suaves prontas para ele.

Prontas para você retalhá-las, incitou o demônio.

Assustadoramente linda como ela era, ficava fácil entender por que os Caçadores a haviam mandado. Quem iria querer estragar uma feminilidade tão pujante? Quem iria repelir uma sensualidade tão primitiva? Ao que tudo indicava, não ele.

Idiota, ele praguejou por dentro de novo. Caçadores! Eles estavam mesmo em Budapeste, e suas tatuagens eram uma amarga lembrança daqueles dias tão sombrios na Grécia. Não restava dúvida de que haviam saído em busca de sangue, pois todos os quatro homens que seguiam Ashlyn carregavam armas com silenciadores. Em se tratando de mortais, lutavam com aguçada habilidade.

Maddox fora o vencedor daquele *tête-à-tête* sangrento, mas não saíra ileso. Sofrera um corte na parte inferior de uma das pernas e, sem dúvida, uma das costelas estava quebrada.

O tempo, ao que parecia, só fizera com que eles aprimorassem sua perícia.

Imaginou como Ashlyn reagiria ao saber que eles estavam mortos. Choraria? Gritaria? Surtaria? Será que ela ia partir para cima dele, tomada pelo ódio causado pelo pesar?

Será que havia outros à espera na cidade?

No momento, ele não conseguia se importar. Ter Ashlyn em seus braços era como ser transportado; o inferno que era sua vida de repente perdera força, deixando apenas... alguma coisa que ele não sabia definir direito o que era. Desejo, talvez. Não. Ele descartou a palavra no ato. Ela não transmitia a intensidade da sensação, do calor.

Obsessão instantânea, quem sabe.

Fosse o que fosse, ele não estava gostando daquilo. Era uma sensação mais poderosa do que

qualquer coisa que ele já havia sentido antes na vida; ameaçava controlá-lo. Maddox não precisava de outra força tentando tomar o controle dele.

Ela era simplesmente tão... linda. Tão linda que quase doía nos olhos. Tinha pele suave e macia, parecia canela mergulhada num pote de mel e transformada em creme delicioso. Seus olhos tinham aquele mesmo tom de mel e transmitiam uma angústia tão forte que ele sentiu uma dor no peito. Jamais vira tamanho tormento nos olhos de um mortal e sentiu uma estranha ligação com ela.

Ficou triste ao ver aquelas feições delicadas e emolduradas por longas mechas de cabelos sedosos, também cor de mel, apesar de mesclado a tons de cobre e quartzo. Ele sentiu desejo. Desejo de tocar, de sentir o gosto. Vontade de devorar. De consumir. Mas não queria machucá-la. Sua consciência ainda o assombrava.

Ashlyn... O nome era sussurrado em sua mente, tão delicado quanto a própria mulher. Levá-la para a fortaleza era contra as regras, uma ameaça aos segredos que eles tão bem guardavam. Ele devia ter vergonha de carregá-la nos ombros em vez de mandá-la embora, e ela devia estar berrando, aterrorizada.

Aparentemente, o *devia* não significava muito para nenhum deles.

Por que ela não estava chorando? Mais importante ainda, por que ela *não havia* chorado em momento algum? Quando ele a atacara, já nitidamente banhado no sangue dos aliados dela, um sorriso delicioso se acendera em seu rosto, revelando dentes perfeitamente brancos detrás dos lábios carnudos.

Ao se lembrar daquele sorriso, Maddox sentiu um furioso desejo crescer dentro de si. Mas, debaixo daquele desejo, ainda permanecia a confusão. Apesar de fazer uma eternidade que ele não lidava com uma Isca, não se lembrava de nenhuma delas demonstrar uma satisfação tão transparente.

Nem mesmo Hadiee, a Isca que fizera Baden, guardião da Desconfiança, ficar de joelhos. Hadiee bancara perfeitamente a alma sofredora e maltratada. Ao vê-la, Baden decidira agir sem suspeita pela primeira vez desde que o demônio fora posto dentro dele. Ou talvez não. Maddox sempre se perguntara se aquele homem não *queria* morrer. Se fosse esse o caso, ele havia conseguido. Fora apunhalado na garganta momentos depois de abrir seu *spiti* para Hadiee, que permitiu que os Caçadores armados entrassem.

Muito provavelmente, a punhalada por si só não teria sido suficiente para matar Baden. Os Caçadores, contudo, o haviam decapitado. Baden não tivera chance. Nem mesmo um imortal conseguiria se recuperar daquilo.

Ele tinha sido um bom homem, um ótimo guerreiro, e não merecia um fim tão sangrento. Maddox, contudo...

Meu assassinato teria razão de ser.

A Isca antes de Hadiee seduzira Paris. Não que uma coisa dessas requeresse muito esforço. Durante o ato, os Caçadores haviam entrado no quarto da mulher e apunhalado o guerreiro pelas costas, tentando enfraquecê-lo antes de lhe cortarem a cabeça.

Paris, contudo, era fortalecido pelo sexo. Apesar de ferido, ele conseguira se libertar e matar todos a seu redor.

Maddox não conseguia imaginar a mulher em seus braços sendo covarde a ponto de atacar pelas costas. Ela o encarara e não recuara nem mesmo quando o espírito dentro dele clamara por libertação. Talvez Ashlyn fosse inocente. Ele não encontrara nenhuma câmera nem dinamite nas árvores perto das quais ela estava. Talvez...

— Talvez você não tenha noção de como é tola — resmungou ele.

— O quê?

Ele a ignorou, ciente de que seria mais seguro assim. Sua voz era suave e espirituosa, cheia de ironia em sua gentileza. Era melhor mantê-la calada.

Finalmente, avistou a pedra escura e esfarelada da fortaleza. Bem na hora. Uma dor excruciante lhe rasgou o estômago, quase o derrubando no chão. Violência lhe inundou as veias e cintilou em seu sangue. *Matar. Ferir. Mutilar.*

— Não.

Matar, ferir, mutilar.

— Não!

Matarferirmutilar.

— Maddox?

O espírito rugiu, desesperado, desesperado de vontade de ser libertado. *Resista*, ele ordenou a si mesmo. *Permaneça calmo*. Ele respirou fundo, prendeu o ar e soltou lentamente. *Matarferirmutilar, matarferirmutilar.*

— Vou resistir. Não sou um monstro.

Veremos...

Suas unhas cresceram, coçando com aquele inexorável ímpeto de atacar. Se ele não se recompusesse, dentro em pouco estaria atacando a tudo e a todos ao seu alcance. Mataria sem piedade, sem hesitação. Destruiria aquele lar, pedra por pedra, com chutes e com as garras. Enfurecido. Destruiria todos que estivessem lá dentro. E preferia arder no inferno por toda a eternidade a fazer algo assim.

— Maddox? — disse Ashlyn de novo. Sua doce voz chegou aos ouvidos dele levada pelo vento, uma súplica que era, em parte, um bálsamo calmante e, em parte, uma iluminação. — O que...

— Silêncio. — Ele a tirou de cima do ombro, ainda segurando-a com força, e entrou pela porta da frente, quase arrancando a madeira das dobradiças. Foi recebido por vozes irritadas. Torin, Lucien e Reyes estavam no vestíbulo, discutindo.

— Você não devia tê-lo deixado sair — disse Lucien. — Ele vira um animal, Torin, sai destruindo...

— Parem! — Maddox gritou. — Ajudem!

Os três homens se viraram para encará-lo.

— O que está havendo? — Reyes perguntou. Ao ver Ashlyn, ficou boquiaberto. Suas feições foram cobertas por uma expressão de choque. — Por que trouxe uma mulher para dentro de casa?

Paris e Aeron ouviram a comoção e correram para a entrada com feições tensas. Quando avistaram Maddox, relaxaram.

— Finalmente — disse Paris, nitidamente aliviado. Então, viu Ashlyn. E sorriu. — Que beleza! Um presente? Para mim?

Maddox mostrou os dentes. *Mate-os*, rogou Violência, agora com um sussurro sedutor. *Mate-os.*

— Você não devia estar aqui. — As palavras saíram com dificuldade do nó que lhe fechava a garganta. — Vá embora com ela daqui. Antes que seja tarde demais.

— Olhem para ele — disse Paris, sem sombra do alívio de segundos antes, e sem achar mais graça. — Olhem para o rosto dele.

— O processo já começou — informou Lucien.

As palavras incitaram Maddox a agir. Apesar de descobrir que não queria soltar Ashlyn, mesmo em seu estado de loucura, ele a jogou em direção ao grupo. Lucien a segurou sem esforço. No momento em que ela ficou de pé, fez uma careta de dor. Devia ter torcido o tornozelo na colina, Maddox se deu conta quando a preocupação superou, por um breve segundo, a sede de sangue.

— Cuidado com o pé dela — ele ordenou.

Lucien a soltou para ver-lhe o tornozelo, mas Ashlyn escapou dele aos tropeços e voltou, mancando, para os braços de Maddox. Ele ficou ainda mais preocupado ao abraçá-la. Ela tremia. Mas, um segundo depois, ele parou de se importar. Uma névoa pestilenta recaiu sobre sua mente, a brutalidade obliterando qualquer emoção que atravessasse seu caminho.

— Solte-me — ele rosnou, empurrando-a.

A mulher se agarrou a ele.

— O que houve?

Lucien a segurou, puxando-a para trás e prendendo-a com força hercúlea. Se ela continuasse a tocar em Maddox por um segundo a mais que fosse, ele podia acabar reduzindo-a a pedaços. Acabou afundando as mãos na parede mais próxima.

— Maddox — disse ela com voz trêmula.

— Não a machuque. — As palavras eram para si mesmo quanto para os outros. — Você — ele rangeu, apontando Reyes com um dedo manchado de vermelho. — Quarto. Agora. — Ele não esperou resposta e foi subindo a escada com passos pesados.

Ele ouviu Ashlyn lutar para se soltar e gritar:

— Mas eu quero ficar com você!

Ele mordeu a parte interna da bochecha até sentir gosto de sangue. E se permitiu olhar para trás rapidamente.

Quando Lucien a segurou com mais força, com seus cabelos negros roçando no ombro dela, Maddox sentiu mais vontade ainda de derramar sangue. Ele quase mudou de direção, quase voltou para a entrada para despedaçar o amigo. *Minha*, sua mente gritou. *Minha. Eu a encontrei. Ninguém além de mim deve ter o direito de tocá-la.*

Maddox não sabia direito se tinha sido o espírito ou se ele mesmo pensara aquilo, e não se importava. Ele só queria matar. Sim, matar. Fúria, uma enorme fúria, explodiu dentro dele. Ele *realmente* parou. *Realmente* mudou de direção. Ele ia cortar Lucien em dois e cobrir o chão com o sangue do amigo. *Destruir, destruir, destruir. Matar.*

— Ele vai atacar. — Lucien.

— Tire-a daqui! — Torin.

Lucien arrastou Ashlyn para fora da sala. Seus gritos de pânico ecoaram nos ouvidos de Maddox, o que só fez aumentar seus desejos mais sombrios. A visão daquele rosto lindo e pálido explodiu em sua mente várias vezes, até se transformar na única coisa que ele via. Ela estava apavorada. Confiava nele, desejava-o. Os braços dela queriam os dele.

O estômago de Maddox se transformara em uma dolorosa massa pulsante de agonia, mas ele não diminuiu o passo. A meia-noite chegaria a qualquer minuto, e ele morreria, mas levaria todos ali com ele. *Sim, eles têm que ser destruídos.*

— Ah, inferno — murmurou Aeron. — O demônio assumiu totalmente o comando. Teremos que subjugá-lo. Lucien, volte aqui. Rápido!

Aeron, Reyes e Paris avançaram. Com a velocidade de um suspiro, Maddox desembainhou as adagas e as atirou. Já esperando o ataque, os três se abaixaram e as lâminas de prata planaram sobre eles e se incrustaram na parede. Dois segundos depois, os homens já estavam sobre Maddox, que tinha as costas no chão. Punhos o golpeavam no rosto, no estômago, na virilha. Ele resistia. Rugia, rosnava, socava.

Um soco lhe atingiu o maxilar, deslocando o osso. Um joelho afundou na parte sensível entre as pernas. Mas ele continuou lutando mesmo assim. E, à medida que a batalha prosseguia, os guerreiros

conseguiram puxá-lo de graus acima e arrastá-lo para seu quarto. Maddox pensou ter ouvido Ashlyn soluçar, pensou tê-la visto tentando tirar os homens de cima dele. Ele deu um soco às cegas e atingiu alguma coisa, um nariz. Ouviu um uivo. Ficou satisfeito. Queria mais sangue.

— Droga! Acorrente-o, Reyes, antes que ele quebre o nariz de mais alguém.

— Ele é forte demais. Não sei quanto tempo mais conseguirei contê-lo.

Passaram-se minutos de luta, talvez uma eternidade, até ele sentir o metal frio se fechando em seus pulsos e tornozelos. Maddox se contorceu e se arqueou, as correntes lhe cortando a pele.

— Desgraçados! — A dor em seu estômago já estava insuportável; não era mais esporádica, e sim constante. — Vou matar vocês. Vou levar cada um de vocês para o inferno comigo.

Reyes o encarou de cima para baixo, com um olhar sombrio de determinação e remorso lhe cobrindo as feições morenas. Maddox tentou derrubá-lo dando um golpe com os joelhos, mas as correntes o contiveram. O guerreiro também ficou alerta e desembainhou uma comprida e ameaçadora espada.

— Sinto muito — disse Reyes com voz rouca, e o relógio badalou. Então, ele cravou a espada no abdômen de Maddox.

O metal cortou até a espinha dele antes de lhe sair do corpo. O sangue começou a jorrar instantaneamente do ferimento, molhando-lhe o peito e o abdômen. A bile lhe queimou a garganta e o nariz. Ele gritou palavrões, se debateu.

Reyes o apunhalou de novo. E de novo.

A dor... a agonia... Sentia a pele em brasa. Com apenas aqueles três cortes, seus ossos e órgãos já estavam dilacerados, e cada corte era um ponto de aflição. Mesmo assim, ele resistia; mesmo assim, sentia um ímpeto desesperado de matar.

Uma mulher gritou.

— Pare! Você vai matá-lo!

Quando a voz penetrou a consciência de Maddox, ele tentou resistir ainda mais ferozmente. Ashlyn. Sua mulher da floresta. *Sua*. Chegar a ela, ele tinha de chegar a ela. Tinha de matá-la... não! Tinha de salvá-la. Matar... salvar... as duas necessidades lutavam por supremacia. Ele puxou as correntes que o prendiam. O metal dos grilhões afundou mais em seus pulsos e tornozelos, mas ele jogou a cabeça para trás e chutou a esmo. A cama balançava com a força de seus movimentos, e tanto a cabeceira quanto o pé da cama se dobraram na direção um do outro com um ranger.

— Por que está fazendo isto? — gritou Ashlyn. — Pare! Não o machuque. Ah, meu Deus, pare!

Reyes o apunhalou de novo.

Sua visão foi ficando difusa. Paris, pelo que conseguira enxergar parcamente, estava se dirigindo a Ashlyn. Ele a segurou, envolvendo-a com os braços. Ela foi praticamente engolida por aquele homem enorme, abarcada por sua sombra. Lágrimas cintilaram naqueles olhos cor de âmbar e em suas bochechas muito pálidas. Ela resistiu, mas Paris segurou firme e a puxou para fora do quarto.

Maddox soltou um grunhido animalesco. Paris ia seduzi-la. Ia tirar sua roupa e provar dela. Ela não seria capaz de resistir; mulher nenhuma resistia.

— Solte-a! Agora! — Ele fez tanta força para se libertar que um vaso sanguíneo explodiu em sua testa. Sua visão ficou completamente escurecida.

— Tire-a daqui e faça com que fique lá fora. — Reyes apunhalou Maddox mais uma vez, o quinto golpe. — Ela o está deixando mais louco que o normal.

Tinha de salvá-la. Tinha de chegar a ela. O som das correntes chacoalhando se misturou à respiração ofegante enquanto ele resistia ainda mais.

— Sinto muito — Reyes sussurrou de novo.

Finalmente, o sexto golpe foi dado.

Foi quando toda a força de Maddox se esvaiu. O espírito se aquietou, voltando para os confins de sua consciência.

Pronto. Terminara.

Ele jazia na cama, ensopado no próprio sangue, incapaz de se mexer ou de enxergar. A dor e a ardência não o deixavam. Não, elas se intensificaram, se tornaram mais parte dele do que sua própria pele. Um líquido quente lhe veio à garganta.

Lucien — ele sabia que era Lucien, pois reconheceu o cheiro falsamente doce de Morte — se ajoelhou ao lado dele e entrelaçou as mãos. Aquilo significava que sua morte estava perto, torturantemente perto.

Mas, para Maddox, o verdadeiro tormento ainda estava por começar.

Como parte de sua maldição mortal, ele e Violência passariam o resto da noite queimando nos confins do inferno. Ele abriu a boca para falar, mas tudo que saiu foi uma tosse. Mais e mais sangue estava lhe escorrendo garganta adentro, sufocando-o.

— De manhã, você terá muito a explicar, meu amigo — disse Lucien. E acrescentou gentilmente: — Morra agora. Vou conduzir sua alma ao inferno, como deve ser, mas, desta vez, talvez você prefira ficar lá a lidar com o problema que trouxe para dentro de casa.

— Ga-garota — Maddox finalmente conseguiu dizer.

— Não se preocupe — replicou Lucien. Se ele tinha alguma pergunta a fazer, guardou para si mesmo. — Não vamos machucá-la. Ela será toda sua de manhã.

— Intocada. — O pedido era estranho, Maddox sabia, pois nenhum deles jamais fora possessivo com mulher alguma. Ashlyn, contudo... Ele não tinha muita certeza quanto ao que queria fazer com ela. Sabia o que deveria fazer... e o que não podia. Nada daquilo importava muito no momento. Pois, mais do que qualquer coisa, ele sabia que não queria compartilhar. — Intocada — insistiu debilmente ao ver que Lucien não dissera nada.

— Intocada — Lucien concordou, enfim.

O aroma de flores se intensificou. Uma fração de segundo se passou e, então, Maddox morreu.

Capítulo Quatro

— QUEM É VOCÊ e como conhece Maddox?

— Solte-me! — Ashlyn se debateu e se contorceu, tentando se soltar dos braços de ferro de seu captor. Seu tornozelo latejava, mas ela não ligava. — Eles o estão matando lá dentro. — Ah, Deus. Eles o *estavam* matando, apunhalando-o várias vezes. Houvera tanto sangue... gritos horríveis. Ela sentiu um aperto na garganta ao se lembrar.

Por mais que as vozes não tivessem voltado, ela se sentiu mais atormentada do que nunca.

— Maddox vai ficar bem — o homem lhe disse. Maddox lhe quebrara o nariz, ela havia *visto* com seus próprios olhos, mas ele voltara para o lugar quase de imediato. Não tinha o menor traço de sangue em seu rosto. Ele tirou um dos braços da cintura dela, apenas para acariciar-lhe a têmpora e gentilmente afastar uma mecha de cabelo. — Você vai ver.

— Não vou ver, não — choramingou ela. — Solte-me!

— Por mais que eu deteste negar algo a você, preciso fazer isso. Você estava causando nele um tormento desnecessário.

— *Eu* estava causando nele um tormento desnecessário? Não fui eu que o apunhalou. Agora, me solte! — Sem saber o que mais devia fazer, ela parou e olhou para ele. — Por favor. — Ele tinha olhos azuis brilhantes e pele branca como leite. Seu cabelo era uma cativante mistura de castanho e preto. Ele era mais lindo do que qualquer homem que já vira na vida, perfeito demais para ser de verdade.

E tudo que ela queria era escapar dele.

— Relaxe. — Ele abriu um sorriso lento e sedutor. Ele tinha prática naquilo, até os olhos inexperientes dela perceberam. — Você não tem o que temer comigo, linda. Meu negócio é só prazer.

Sentindo uma mistura de fúria, medo, tristeza e frustração que acabou gerando força e valentia, ela o esbofeteou. Ele acabara de ver um homem apunhalar Maddox e não fizera nada para impedir. Acabara de assistir a um homem apunhalar Maddox e ainda tinha a ousadia de flertar com ela. Ashlyn tinha *tudo* a temer com ele.

Ele deixou de sorrir e olhou para ela com o cenho franzido.

— Você me bateu. — Havia surpresa em sua voz.

Ela o esbofeteou de novo.

— Solte-me!

Ele franziu mais ainda o cenho. Esfregou o rosto com uma das mãos e segurou-a com a outra.

— As mulheres não me batem. As mulheres me amam.

Ela ergueu a mão com a palma aberta, pronta para dar mais um tapa.

Suspirando, ele disse:

— Tudo bem. Vá. Maddox já parou de gritar. Duvido que você consiga perturbá-lo agora que está morto. — O braço dele se afastou dela.

Ashlyn não lhe deu tempo de mudar de ideia. Subitamente livre, ela entrou em ação, desceu o corredor em disparada apesar da dor no tornozelo. Quando entrou no quarto e viu a cama ensanguentada e o corpo inerte, ela parou de repente, num movimento desajeitado.

Santo Deus.

Maddox estava de olhos fechados; seu peito totalmente imóvel. Ela começou a chorar e cobriu a

boca com a mão trêmula. Lágrimas ardentes lhe banharam os olhos.

— Eles mataram você.

Ela correu até a cama e segurou o rosto de Maddox nas mãos, inclinando-o lentamente. Suas pálpebras não se abriram. Não saía ar de seu nariz. Sua pele já estava fria e pálida por causa da perda de sangue.

Ela chegara tarde demais.

Como alguém tão forte e vigoroso podia ser destruído de maneira tão fria?

— Quem é ela? — alguém perguntou.

Assustada, ela se virou. Os assassinos de Maddox estavam ao lado, conversando entre si. Como ela podia ter se esquecido deles? Eles olhavam para ela com intervalos de alguns segundos. Nenhum deles falou diretamente com ela. Continuaram a conversar como se ela não importasse. Como se Maddox não importasse.

— Devíamos levá-la para a cidade, mas ela já viu demais — disse uma voz hostil. A voz mais fria e desprovida de ternura que ela já ouvira na vida. — O que Maddox estava pensando?

— Durante todo este tempo, tenho vivido com ele e jamais soube pelo que passava — disse em voz baixa um louro de aparência angelical e olhos verdes. Ele estava todo de preto e usava luvas que chegavam aos bíceps. — É sempre assim?

— Não, nem sempre — disse aquele que empunhava a espada. — Ele costuma ser mais conformado. — Seu olhar sombrio era severo, e a voz transparecia tormento. — A mulher...

Assassino!, Ashlyn gritou dentro da própria mente, com vontade de atacá-lo. Ao longo de sua vida, seu dom lhe revelara mais coisas ruins do que boas, forçando-a ouvir séculos de acusações odiosas e até berros de terror. E o homem que lhe trouxera um pouco de paz fora brutalmente assassinado.

Faça alguma coisa, Darrow. Ela esfregou os olhos que ardiam com as costas do pulso e esticou as pernas trêmulas. O que ela podia fazer? Estava em desvantagem numérica. E eles eram mais fortes do que ela.

Um homem extremamente tatuado olhou para ela com o cenho franzido. Tinha cabelos castanhos cortados em estilo militar, dois piercings de argola nas sobrancelhas e lábios macios e fartos. Também possuía mais músculos que um campeão mundial de levantamento de peso. Ele poderia até ser considerado bonito, num estilo *serial-killer*, se não fossem aquelas tatuagens. Até as bochechas dele eram desenhadas com imagens violentas de guerra e de armas.

Os olhos dele tinham o mesmo tom de violeta dos de Maddox, mas sem nenhum traço de calor ou emoção. O sangue pingou de seu nariz quando ele esfregou dois dedos no queixo.

— Nós temos de fazer *algo* com a garota. — Novamente, aquele tom de voz frio e insensível. — Não gosto da presença dela aqui.

— Mesmo assim, Aeron, não devemos tocar nela. — O homem que dissera aquilo tinha cabelos pretos que pareciam um halo negro ao redor da cabeça e olhos de cores diferentes; um castanho e outro azul. Seu rosto era uma massa de cicatrizes. À primeira vista, ele era medonho. Mas, olhando melhor, percebia-se uma qualidade quase hipnótica nele, aprimorada pelo odor de rosas que emanava. — Amanhã de manhã, ela estará nas mesmas condições em que se encontra agora. Respirando e vestida.

— Como Maddox, estragando nossa diversão.

A voz sardônica veio de trás dela, que deu um grito de susto e se virou. O belo homem de pele clara parou à porta. Ele a observou com fome nos olhos, como se a estivesse vendo nua e gostando do que via.

Um tremor surgiu no alto da cabeça de Ashlyn e foi descendo até os dedos dos pés. Desgraçados,

todos eles! O olhar selvagem dela perscrutou o quarto e se aguçou ao ver a espada ensanguentada que fora negligentemente jogada no chão. A mesma espada que cortara Maddox como se ele não passasse de um fino pedaço de seda.

— Eu quero saber quem é ela — disse Aeron, o tatuado de voz gelada. — E quero saber por que Maddox a trouxe para cá. Ele conhece as regras.

— Ela devia ser uma dentre os humanos que estavam na colina — disse o anjo —, mas isto, ainda assim, não explica por que ele a trouxe para junto de nós.

Ela teria rido se não estivesse se sentindo a ponto de surtar completamente. *Eu devia ter ouvido McIntosh*. Havia *mesmo* demônios vivendo naquele lugar.

— E então? — pressionou Aeron. — O que vamos fazer com ela?

Todos olharam para Ashlyn de novo, que se lançou ao chão para pegar a espada. Seus dedos se fecharam no punho da arma, e ela se emperdigou, apontando a lâmina para eles. A espada era mais pesada do que ela pensava, e seus braços instantaneamente começaram a tremer com o peso, mas ela segurou firme.

Os outros se limitaram a observá-la com curiosidade. Mas a falta de medo deles não a intimidou. Apesar de mal conhecer Maddox, a perda dele lhe despertara algo de selvagem por dentro, exigindo que ela vingasse sua morte.

Maddox. Seu nome lhe penetrou a mente como um sussurro. Ele se fora. Para sempre. Ela sentiu uma dor intensa no abdômen.

— Eu devia matar vocês. Todos vocês. Ele era inocente.

— Inocente? — alguém zombou.

— Ela quer nos matar. Então, *realmente* vieram Caçadores atrás de nós — disse Aeron, revoltado.

— Um Caçador não chamaria Maddox de inocente. Nem mesmo zombando.

— Uma Isca não estaria acima disto. Não se esqueçam de que cada palavra que sai de suas bocas é mentira, apesar de mentirem com a cara mais lavada.

— Eu vi Maddox matar quatro homens pelo meu monitor, coisa que ele não teria feito se eles fossem inocentes. E não acredito na coincidência de uma mulher inocente aparecer na floresta exatamente na mesma hora.

— Acha que ela tem alguma habilidade com a espada?

Um ronco debochado.

— É claro que não. Olhe só como ela está segurando.

— Mas ela até que é corajosa.

Ashlyn olhou para eles boquiaberta, mal conseguindo acompanhar a conversa.

— Ninguém se importa com o fato de um homem ter sido assassinado aqui? E terem sido *vocês* que o mataram?

O anjo vestido de preto gargalhou, gargalhou de verdade, mas havia angústia em seus olhos verdes.

— Acredite em mim. Pela manhã, Maddox vai nos agradecer.

— Se ele não nos matar primeiro por estarmos aqui — alguém respondeu.

Para a perplexidade de Ashlyn, vários dos homens gargalharam. Todos balançaram a cabeça concordando plenamente. Apenas aquele que dera os golpes mortais permaneceu em silêncio. Ele continuou a olhar para o corpo de Maddox com uma expressão de agonia e culpa. Ótimo. Ela queria mesmo que ele sofresse pelo que fizera.

O sensual, aquele que se achava irresistível para toda e qualquer mulher, olhou nos olhos dela, que foi presenteada com outro sorriso lento e sedutor.

— Guarde a espada, doçura, antes que acabe se machucando.

Ela segurou firme, determinada.

— Venha tirá-la de mim, seu... seu... animal! — As palavras lhe escaparam da boca, um desafio que não conseguiu conter. — Posso não saber lidar com uma espada, mas, se você chegar perto de mim, *vou* machucá-lo.

Houve um suspiro. Uma risada. Um resmungo:

— Que tipo de mulher consegue resistir a Paris?

— Por mim, deveríamos prendê-la na masmorra. — Aquilo veio do que se chamava Aeron. — Do contrário, não há como sabermos o que ela fará.

— Concordo — os demais reverberaram.

Dirigindo-se à porta, Ashlyn balançou a cabeça e agarrou a espada com mais força.

— Vou embora. Ouviram? Vou embora! E podem escrever o que eu digo: a justiça será feita. Vocês todos serão presos e executados.

— Maddox pode decidir o que fazer com ela pela manhã — disse calmamente o que tinha olhos de cores diferentes, ignorando-a.

Como se Maddox pudesse decidir alguma coisa naquele momento.

O queixo dela tremeu. Então, arregalou os olhos ao ver todos os assassinos de Maddox se aproximando com passos determinados.

NÃO ME MACHUQUEM. Por favor, não me machuquem.

Uma pausa. Um estalo.

Um grito angustiado.

Meu braço! Soluços pesados, viscerais. *Você quebrou a droga do meu braço!* Ashlyn sentiu o próprio braço latejar de empatia. *Eu não... fiz nada... de errado.*

As vozes haviam retornado com força total.

Ela se agachou no chão da cela escura e úmida, tremendo e com medo.

— Eu só queria encontrar alguém que pudesse me ajudar — sussurrou. Mas, em vez de encontrar ajuda, acabara caindo direto em um conto folclórico dos irmãos Grimm, mas sem final feliz à vista.

Eu vou. Eu vou. Só... preciso... de... um instante.

Parecia fazer uma eternidade que ela estava escutando um dos lados de uma conversa e, agora, era como um contraditório concerto de raiva, desespero e dor. Mas, acima de tudo aquilo, surgiu uma só voz: a de Maddox. Não era uma voz do passado, e sim uma lembrança. Um surto histérico.

— Você deixou o Instituto por *isto*. — Ela balançou a cabeça com pesar e indignação, querendo convencer a si mesma de que aquele dia não passara de um pesadelo. Que ela não presenciara o assassinato de um homem. Apunhalado. Repetidas vezes. Mas ela sabia a verdade. Seus gritos... Deus, aqueles gritos. O ódio dele por estarem lhe batendo e acorrentando, seu tormento... pior do que qualquer coisa que ela já tinha ouvido de outro ser humano.

Lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Ela não conseguia tirar da cabeça a imagem dele; nem a imagem antes de sua morte e nem a imagem depois. O rosto, de uma beleza bruta e uma intensidade quase selvagem. Ossos faciais indistintos e afundados. Olhos brilhantes, cor de violeta. Olhos cor de violeta fechados. Corpo alto, bronzeado e musculoso. Corpo destruído, ensanguentado e sem vida.

Ela choramingou.

Após a enfiarem naquela cela, os assassinos de Maddox prometeram lhe trazer cobertores e comida. Já havia se passado uma eternidade, e ninguém aparecera. Ainda bem. Ela não queria revê-los. Não queria ouvi-los, não queria falar com eles. Preferia aguentar o frio e a fome.

Tremendo, ela puxou o colarinho do casaco. Ficou feliz por ainda tê-lo, por aqueles homens, aqueles monstros bárbaros, não o terem tomado dela durante aquela jornada aparentemente interminável do último andar ao subsolo.

Foi quando alguma coisa passou correndo sobre as pontas dos seus dedos, guinchando animadamente. Ela se contorceu. Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus. Correu para o canto mais próximo. *Rato*. Um roedorzinho peludo que comeria qualquer coisa. E onde havia um...

Sentindo o estômago revirar, ela passou os olhos por toda a cela. Não que tivesse adiantado. O recinto era escuro demais, e ela não conseguiria ver a mão de alguém, ou ver um monstro, mesmo que estivesse bem na sua frente.

— Fique tranquila. — Inspirar profundamente. — Fique calma. — Expirar profundamente.

Eu lhe digo qualquer coisa que você queira saber, mas, por favor, não me machuque de novo, o do braço quebrado disse, embrenhando-se sorrateiramente nos pensamentos dela outra vez. *Não tive a intenção de bisbilhotar*. Houve uma longa pausa. *Certo, sim, sim. Eu tive a intenção. Tive, sim, mas só queria ver quem estava morando aqui. Não sou caçador, juro que não sou*.

As orelhas de Ashlyn começaram a vibrar, e ela comprimiu mais as costas contra a parede de pedra. Caçador, o homem dissera. Os assassinos de Maddox chamaram *a ela* de Caçadora. O que eles queriam dizer? Caçadora de recompensas? Ela franziu o cenho e esfregou o tornozelo inchado e dolorido. Quem iria pensar isto de uma mulher normal como Ashlyn, com seu 1,65m?

— Não importa. Você tem que arrumar um jeito de sair daqui, Darrow. — Ela tinha que contar às autoridades o que havia acontecido com Maddox. Será que acreditariam nela? Será que se importariam? Ou será que aqueles homens as haviam enfeitiçado como haviam feito com os demais habitantes da cidade, anjos, claro, que passaram então a permitir que fizessem o que quisessem e quando quisessem?

Um gemido lhe escapou dos lábios; um tremor a abalou. Ninguém devia morrer tão lenta e dolorosamente. Sem dignidade nenhuma. Gritando sem que ninguém lhe desse atenção.

De um jeito ou de outro, Maddox seria vingado.

MADDOX GRITOU.

Estava sendo lambido por chamas da cabeça aos pés. Sua pele se cobrira de bolhas e, então, derreteu, reduzindo-o a ossos. Não, nem mesmo ossos, ele pensou no instante seguinte. As chamas o haviam reduzido a cinzas. Mas ele ainda estava consciente... sempre sentindo tudo. Ainda sabia quem era, ainda sabia *o quê* ele era, e que teria de retornar ao fogo no dia seguinte.

A agonia beirava o insuportável. Plumais de fumaça engrossavam o ar, espalhando fuligem por toda parte. Enojado, ele sabia que a fuligem vinha dele. *Era* ele.

Logo, ela voltou para onde estivera, se fundiu e se tornou um corpo, um homem... um homem que pegou fogo outra vez. Um corpo que derreteu pouco a pouco outra vez, separando a carne dos músculos, que ganhavam um brilho dourado-alaranjado antes de se desintegrar por completo. Veio outra brisa enegrecida, fazendo tudo voltar ao lugar e todo o processo se repetir. De novo, novamente, outra vez.

Enquanto isso, Violência rugia dentro de sua cabeça, desesperado para escapar, já não mais saciado como estava no momento de sua morte. Misturados a isso vinham os sons de outras almas condenadas, berrando enquanto eram devoradas pelas chamas do inferno. Demônios, aquelas repugnantes criaturas aladas com olhos vermelhos brilhantes, rostos esqueléticos e grossos chifres amarelos nas cabeças, adejavam de um prisioneiro miserável para outro, rindo, zombando, cuspiendo.

Tenho um destes monstros dentro de mim. Só que o meu é pior.

Os outros demônios também sabiam daquilo.

— Seja bem-vindo de volta, irmão — eles caçoavam, antes de lambê-lo com suas ígneas línguas bifurcadas.

Em todas as vezes anteriores, Maddox quisera desaparecer em meio ao nada quando o fogo o tomava por inteiro, quisera sumir para jamais retornar ao inferno *nem* à Terra. Quisera dar fim à sua infeliz existência e finalmente parar com aquela dor. Em todas as vezes anteriores, mas não naquela noite. Não desta vez.

Naquela noite, a dor foi eclipsada pelo desejo.

A imagem de Ashlyn brotou em sua mente, provocando-o bem mais do que os demônios. *A única coisa que você vai encontrar comigo é o prazer*, os olhos dela pareciam dizer, com aqueles lábios entreabertos, preparando-se para o beijo.

Ela era um quebra-cabeça que ele ansiava decifrar. Sua primeira visão do paraíso, com seus fartos cabelos cor de âmbar e olhos cor de mel. Era linda e exuberante, e tão inequivocamente feminina que despertava todo seu instinto masculino.

O mais surpreendente fora que ela fizera de tudo para ficar com ele. Chegara a lutar para salvá-lo dos outros, ele percebera havia poucos minutos. Não entendia completamente o motivo, mas mesmo assim a ideia lhe agradava.

Antes, ele podia não saber o que queria fazer com ela, mas já sabia. Queria provar dela. Por inteiro. Isca ou não. Caçadora ou não. Ele simplesmente queria. Depois de todo aquele sofrimento, ele merecia uma lasca de felicidade.

Nem em seu tempo de guerreiro de elite dos deuses ele chegara a desejar uma mulher específica acima das demais. Afinal, sempre ficava com quantas podia, sempre que podia. Mas Ashlyn ele desejava de um jeito específico. Era Ashlyn que ele queria naquele instante.

Onde Lucien a deixara? No quarto ao lado do dele? Será que ela estava deitada na cama, com o corpo nu envolvido em seda e veludo? Seria assim que ela se tornaria dele, decidiu Maddox então. Não do lado de fora, como era de costume. Não no chão frio e cheio de gravetos. Mas na cama, cara a cara, pele a pele, tateando e deslizando lentamente.

Seu corpo ardeu só de pensar; uma ardência que não tinha nada a ver com as chamas.

Ela quer nos atacar. Vamos atacá-la primeiro para nosso próprio bem, o espírito impeliu.

Não ouse sugerir isto, ele ordenou, tentando eclipsar Violência, que, surpreendentemente, parecia falar sobre Ashlyn calmamente naquele momento, ao invés de rugir. *Não sou um monstro.*

Nós somos a mesma coisa, e aquela mulher é puro perigo.

Sim, era mesmo. Apesar de que ele jamais encontrara uma mulher tão vulnerável quanto Ashlyn. Sozinha na floresta, cheia de segredos em seus lindos olhos. Seguida por assassinos. Se pretendiam ignorá-la, matá-la ou usá-la para matar a ele e aos outros Senhores, ainda iria descobrir.

De manhã, quando Lucien devolvesse a alma dele ao corpo já curado, Maddox a encontraria e a interrogaria. Não, primeiro, ia tocá-la, decidiu. Beijá-la. Provar de seu corpo inteiro com um desejo tão desesperado quanto o que sentia naquele instante.

Apesar da dor, ele sorriu de prazer. Aquela mulher olhara para ele com êxtase nos olhos; tentara segui-lo, salvá-lo. Sim, ela fizera a própria cama. E, agora, ela ia se deitar. Com ele.

Ele só a interrogaria depois de fazer amor. E se ele descobrisse que ela era mesmo Isca, ele sentiu uma pontada no peito, ele ia fazer com ela o mesmo que fizera com os Caçadores.

— OS TITÃS DERROTARAM OS gregos — anunciou Aeron. A notícia estivera borbulhando dentro dele desde seu retorno à fortaleza uma hora atrás, mas, com toda aquela agitação, ainda não tivera a

chance de compartilhar. Até aquele momento. As coisas haviam finalmente se acalmado, mas ele sabia que a paz só duraria até todos se darem conta das implicações do que ele dissera.

Ele deixou o corpo cair sobre o elegante sofá vermelho, não mais se preocupando com a humana de Maddox. Se ao menos as palavras dele pudessem ser descartadas com tamanha facilidade... e de onde vinha aquele súbito barulho?

Olhou ao redor, fez cara feia e pegou o controle remoto da TV, desligando o “filme” que Paris acabara de colocar. Os gemidos de excitação cessaram. As batidas molhadas de corpo de homem contra corpo de mulher sumiram da tela plana.

— Você tem que parar de comprar este lixo, Paris.

Paris arrancou o controle remoto da mão dele e ligou novamente as imagens da festa da carne. Felizmente, ele apertou o botão “mudo”.

— Isto não é *pay-per-view*, irmão — ele disse sem um pinga de remorso. — Este é da minha coleção pessoal, *Lutadoras lambuzadas perdendo a linha*.

— Você se torna mais humano a cada dia — murmurou Aeron. — É constrangedor. Você sabe disso, não sabe?

— Aeron, você não pode anunciar uma coisa destas e simplesmente mudar de assunto. Você falou dos... Titãs? — disse Lucien com sua voz sempre calma.

Sempre calma. Sim, isto descrevia Morte perfeitamente. O imortal tinha domínio de ferro sobre as próprias emoções, sobre todas elas, na verdade, pois, quando elas emergiam, ele ganhava uma força temida até mesmo por Ira. Mais do que uma fera, Lucien se tornava um verdadeiro demônio. Aeron só havia testemunhado a transformação uma vez, porém jamais se esquecera.

— Também pensei ter ouvido algo do gênero. — Reyes balançou a cabeça, como se aquilo fosse ajudá-lo a entender. — O que está acontecendo aqui? Primeiro, Torin diz que os Caçadores voltaram; depois, Maddox traz uma mulher para casa. E agora você diz que os Titãs assumiram o comando? E é possível algo assim?

— É, sim. — Infelizmente. Aeron passou a mão no cabelo de corte curto e repicado, e as pontas arrepiadas lhe arranharam a palma. Como ele queria estar dando boas notícias. — Parece que os Titãs apuraram seus poderes durante os séculos de prisão. Nas últimas semanas, eles escaparam do Tártaro, emboscaram os gregos, os escravizaram e tomaram o trono. Agora, *eles* nos controlam.

Fez-se um silêncio pesado enquanto todos absorviam a notícia chocante. Os guerreiros não morriam de amores pelos gregos, os mesmos deuses que os haviam amaldiçoado. Mas...

— Tem certeza? — perguntou Lucien.

— Muita. — Até então, tudo que Aeron sabia sobre os Titãs era que eles haviam reinado no monte Olimpo durante a Era de Ouro, uma época de “paz” e “harmonia”, duas palavras usadas pelos Caçadores que haviam surgido na Grécia tanto tempo atrás. — Eles me colocaram em uma espécie de sala de tribunal, com seus tronos me cercando. Fisicamente, eles são menores do que os gregos. Mas seu poder era inequívoco. Quase pude vê-lo, como se fosse uma entidade viva. E em seus rostos vi apenas determinação e aversão irreduzíveis.

Vários minutos tensos se passaram.

— Aversão à parte, existe alguma chance de os Titãs nos libertarem dos demônios sem nos matar? — Reyes levantou a questão na qual, sem dúvida, estavam todos pensando.

O próprio Aeron havia pensado naquilo. Nutrira esperanças.

— Acho que não — ele disse, odiando decepcioná-los. — Eu fiz exatamente essa pergunta, e eles se recusaram a discutir o assunto comigo.

Outro silêncio, desta vez mais tenso ainda.

— Isto é... isto é... — Paris não completou a frase.

— Inacreditável — Torin completou para ele.

Reyes massageou o maxilar.

— Se eles não vão nos libertar, o que pretendem fazer conosco?

As más notícias pareciam não acabar.

— Só sei com certeza que eles pretendem agir de maneira determinante em nossa existência. — O único aspecto em favor dos gregos era que eles haviam ignorado os guerreiros após amaldiçoá-los, permitindo que tivessem uma espécie de vida, por mais atormentada que fosse.

Novamente, Reyes balançou a cabeça.

— Mas... por quê?

— Quem me dera saber.

— Foi por isso que o convocaram? — perguntou Lucien. — Para lhe comunicar a mudança?

— Não. — Ele fez uma pausa e fechou os olhos. — Eles ordenaram que eu fizesse... uma coisa.

— O quê? — pressionou Paris ao ver que ele não entrara em detalhes.

Ele olhou bem para cada um dos amigos, tentando encontrar as palavras certas.

Torin estava parado no canto, de lado para todos. Distante, sempre distante. Mas, por outro lado, Torin tinha de ser assim. Reyes estava sentado em frente a ele. Bronzeado como o deus sol, o guerreiro não parecia ser da Terra, e parecia menos ainda com os demais no recinto. Ele estava entretido fazendo talhos no antebraço enquanto aguardava a resposta de Aeron. Reyes fazia caretas com intervalos de segundos. A careta se transformou em sorriso de satisfação quando o sangue começou a escorrer, formando diminutos rios rubros sobre sua pele. A dor era a única coisa que o satisfazia, a única coisa que o fazia se sentir vivo.

Aeron não fazia ideia de como aquele homem reagiria ao prazer.

Paris estava esparramado no sofá ao seu lado, com as mãos detrás da cabeça e dividindo a atenção entre Aeron e o filme, provavelmente sendo instado por seu demônio a assistir um pouco mais. Um homem com uma sina daquelas tinha de ser feio. No mínimo, teria de lutar para levar uma mulher para a cama. Paris, entretanto, simplesmente olhava para a mulher com seu belo rosto, e ela instantaneamente começava a tirar a roupa, disposta a se entregar em qualquer lugar, tivesse uma cama ou não.

Mas a mulher de Maddox não fizera isso, Aeron recordou. Por quê?

Lucien estava apoiado na mesa de sinuca, sem denotar nada no rosto macabramente coberto por cicatrizes. Seus braços estavam cruzados sobre o peito forte e os olhos desconcertantes observavam Aeron atentamente.

— E então? — estimulou Lucien.

Ele inspirou fundo e soltou o ar.

— Eles me mandaram matar um grupo de turistas em Buda. Quatro humanos. — Ele fez uma pausa e fechou os olhos novamente. Tentou não sentir sequer um traço de emoção. Ser frio. Para suportar aquilo, ele teria que ser frio. — Só mulheres.

— Como é? — Paris se levantou de um pulo, olhando para ele com o cenho franzido; a TV foi esquecida.

Aeron repetiu a ordem dos deuses.

Mais pálido do que de costume, Paris balançou a cabeça.

— Posso entender que agora estejamos todos sob nova administração. Não gosto da ideia, ela me deixa totalmente confuso, mas que seja. Vamos lá. O que eu não entendo é os Titãs mandarem você, que traz o demônio Ira dentro de si, matar quatro *mulheres* na cidade. Por que fariam algo assim? —

Ele jogou os braços para o alto. — É loucura.

Paris podia ser o homem mais promíscuo a já ter caminhado na Terra, levando as mulheres para a cama e delas se esquecendo no mesmo dia, mas, para ele, as mulheres de todas as raças, tamanhos e idades eram seu próprio sangue vital. Eram toda a razão de sua existência. Ele jamais conseguira tolerar ver alguma delas machucada.

— Eles não me deram uma razão — respondeu Aeron, sabendo que a razão não importava. Não queria fazer nenhum tipo de mal àquelas mulheres. Ele conhecia a sensação de matar. Ah, sim. Já matara várias, várias vezes antes, mas sempre comandado pelos irresistíveis ímpetos de seu demônio, um demônio que escolhia bem suas vítimas. Gente que machucava ou molestava seus filhos. Gente que tinha prazer em destruir os outros. Ira sempre sabia quando alguém merecia morrer; os atos reprováveis daquelas pessoas sempre lhe vinham à mente.

Quando as mulheres haviam sido submetidas à sua atenção, ele as julgara e concluía que eram inocentes. E, mesmo assim, devia assassiná-las.

Se aquilo acontecesse, se ele fosse forçado a derramar o sangue de inocentes, Aeron jamais voltaria a ser o mesmo. Ele sabia disto, sentia isto.

— Eles lhe deram um prazo para fazer isto? — perguntou Lucien, ainda aparentemente inabalado. — Ele era Morte, o Ceifador, já fora até chamado de Lúcifer. Não que as pessoas que o haviam chamado assim ainda estivessem vivas... Mas a tarefa de Aeron provavelmente não era nada para ele.

— Não, não deram. Mas...

Lucien arqueou uma das sobrancelhas escuras.

— Mas o quê?

— Eles me disseram que, se eu não agisse logo, o desejo de sangue e morte iria começar a consumir minha mente. Disseram que eu mataria tudo e todos até o dia em que eu obedecesse. Como Maddox. — Mas eles nem precisaram avisá-lo. Ira já assumira seu controle diversas vezes. Quando o espírito resolvia que era hora de agir, Aeron sempre tentava resistir, mas a sede de destruição crescia até que ele explodia. Mesmo no pior ataque de Ira, contudo, ele jamais se sentira compelido a matar um inocente. — Mas, ao contrário de Maddox, meu tormento não terminará com a alvorada.

Consternado, Paris perguntou:

— E como você deve fazer isso? Ao menos isto eles lhe disseram?

O estômago dele se revirou.

— Devo cortar as gargantas delas — disse ele. Como ele adoraria se recusar a obedecer àqueles novos deuses. Mas o horror de receber ordens de fazer algo ainda pior o haviam mantido calado.

— Por que eles estão fazendo isso? — perguntou Torin, e, pelo jeito, todos iam fazer a mesma pergunta.

E ele seguia sem resposta.

Paris olhou para ele.

— Você vai obedecer?

Aeron desviou o olhar. Permaneceu em silêncio, mas, no fundo, sabia que nada mais poderia salvar aquelas mulheres. Elas haviam sido postas na lista mental de assassinatos do espírito, apesar de serem inocentes, e finalmente seriam eliminadas. Uma a uma.

— O que podemos fazer para ajudar? — perguntou Lucien, seus olhos aguçados.

Aeron bateu com o punho no braço do sofá. Seu mundo desmoronaria se ele fizesse aquela coisa terrível, ainda mais ele, que vivia à beira da depravação completa. Ele estaria, assim, se entregando completamente ao espírito.

— Não sei. Estamos lidando com novos deuses, novas consequências e novas circunstâncias. Não sei como vou reagir quando... — *diga, diga logo...* — eu tiver matado as mulheres.

— É possível fazê-los mudar de ideia?

— Não devemos nem tentar — ele respondeu, deprimido. — Eles usaram Maddox como exemplo outra vez, dizendo que seríamos amaldiçoados como ele se ousássemos fazer objeção.

Paris levantou-se impetuosamente e caminhou com suas botas de um lado a outro do espaçoso quarto.

— Como eu odeio isso — resmungou.

— Ah, e nós adoramos — disse Torin ironicamente.

— Talvez você esteja fazendo um favor para essas mulheres — disse Reyes, sem parar de prestar atenção na lâmina enquanto talhava um “X” no meio da palma da mão. Gotas rubras lhe escorriam para dentro das coxas.

Por causa dele, toda a mobília era em tom vermelho-escuro.

— Talvez me mandem tirar sua vida em seguida — replicou Aeron ameaçadoramente.

— Preciso pensar nisso. — Num gesto tenso, Lucien passou dois dedos no maxilar tomado por cicatrizes. — Tem de haver algo que possamos fazer.

— Talvez Aeron possa simplesmente destruir o mundo inteiro — disse Torin com um tom irritantemente sarcástico. — Assim, todos os potenciais alvos serão eliminados e jamais teremos que discutir isso outra vez.

Aeron mostrou os dentes.

— Não me obrigue a machucá-lo, Doença.

Os penetrantes olhos verdes brilharam de humor maledicente e Torin deu um sorriso ironicamente bestial.

— Feri seus sentimentos? Será um prazer beijá-lo e fazer com que se sinta melhor.

Antes que Aeron pudesse atravessar o quarto de um salto, não que ele pudesse fazer algo a Torin, Lucien interferiu.

— Pare. Não podemos nos desunir. Não sabemos a magnitude do que teremos de encarar. Agora, mais do que nunca, temos de ficar juntos. A noite foi agitada e ainda nem acabou. Paris, Reyes, vão até a cidade e vejam se não há mais Caçadores por lá. Torin... Não sei. Vá ficar de guarda na colina ou ganhar algum dinheiro para nós.

— O que você vai fazer? — perguntou Paris.

— Pensar em nossas opções — ele respondeu com seriedade.

Paris arqueou as sobrancelhas.

— E a mulher de Maddox? Serei mais capaz de combater Caçadores se passar um tempinho entre as...

— Não. — Lucien olhou para o teto abobadado. — Ela, não. Lembre-se, eu prometi a Maddox que a devolveria intocada.

— É, eu me lembro. Refresque minha memória: por que prometeu uma imbecilidade dessas?

— Apenas... deixe-a em paz. Ela não parece querer você mesmo.

— O que é ainda mais chocante do que a notícia sobre os Titãs — murmurou Paris. Então, suspirou. — Tudo bem. Vou controlar minhas mãos bobas, mas alguém precisa alimentá-la. Nós dissemos a ela que faríamos isso.

— Talvez devêssemos deixá-la faminta — sugeriu Reyes. — Vai ser mais fácil ela falar amanhã de manhã se estiver fraca de fome.

Lucien assentiu.

— Concordo. Ela provavelmente estará mais disposta a dizer a verdade a Maddox se achar que conseguirá comida assim.

— Não gosto da ideia, mas não vou me opor. E acho que isto significa que irei para a cidade sem minha injeção de vitamina D — disse Paris, soltando outro suspiro. — Vamos lá, Dor.

Reyes ficou de pé um instante depois, e os dois saíram da sala lado a lado. Torin fez o mesmo, mas os deixou seguir bem na frente. Aeron mal conseguia imaginar a pressão que ele sofria por ter de se certificar que nenhuma parte de seu corpo tocasse em alguém. Devia ser um inferno.

Ele deu uma risada irônica. A vida era um inferno para todos os guerreiros ali.

Lucien diminuiu a distância entre eles e se sentou na poltrona de couro na frente dele. Emanava dele uma fragrância de rosas. Aeron jamais entendera por que o Ceifador tinha cheiro de buquê de primavera; certamente uma maldição ainda pior do que a de Maddox.

— Alguma ideia? — ele perguntou, observando o amigo. Pela primeira vez em muitos, muitos anos, Lucien irradiava algo além de tranquilidade. Sua testa estava franzida, e o rosto cheio de cicatrizes estava ainda mais marcado pelas rugas de preocupação.

As cicatrizes iam das sobrancelhas escuras até o maxilar, grossas e franzidas. Lucien jamais comentara a origem delas, e Aeron jamais perguntara. Enquanto moravam na Grécia, o guerreiro um dia simplesmente voltara para casa com dor nos olhos e marcas nas bochechas.

— Isto é ruim — disse Lucien. — Muito ruim mesmo. Caçadores, essa mulher de Maddox, seja lá como se encaixe nisto tudo, e os Titãs; tudo em um dia só. Não pode ser coincidência.

— Eu sei. — Aeron esfregou o rosto com a mão, e a ponta de um dos dedos se prendeu em seu piercing de sobrancelha. — Acha que os Titãs nos querem mortos? Será que foram eles que mandaram os Caçadores para cá?

— Talvez. Mas o que eles fariam com nossos demônios quando nossos corpos fossem destruídos e os espíritos estivessem soltos? E por que mandar você agir por eles, se só quisessem matá-lo?

Boas perguntas.

— Não tenho respostas para você. Nem sei se vou fazer o que me mandaram. Aquelas mulheres são inocentes. Duas são jovens, têm seus vinte e poucos anos, a terceira tem quarenta e tantos, e a quarta é avó. Ela provavelmente faz biscoitos para os moradores de rua no tempo livre.

Curioso a respeito delas, logo após sair do Olimpo, ele as procurara e descobrira que estavam em um hotel em Buda. Vê-las em carne e osso apenas intensificara seu horror.

— Não podemos esperar. Temos de agir o mais rápido possível — disse Lucien. — Não podemos deixar que estes Titãs ditem nossas ações, ou eles farão isso sempre. Com certeza, podemos encontrar uma solução.

Aeron achou que seria mais fácil dar um jeito de remendar os frangalhos de sua alma quando ele matasse aquelas mulheres. E nem mesmo isto parecia despertar muitas esperanças.

Então, eles ficaram em silêncio por um longo tempo, ruminando possibilidades. Ou melhor, a falta delas. Finalmente, Aeron balançou a cabeça e se sentiu como se tivesse acabado de receber outro demônio dentro de si. Ruína.

Capítulo Cinco

EM ALGUM MOMENTO daquela noite interminável, Ashlyn se levantou e se ambientou na cela entulhada. Seu tornozelo latejava a cada passo, lembrança das horas que passara escalando as montanhas nevadas do lado de fora e da esperança que perdera com seis golpes de uma espada.

Sua busca por uma saída se provara inútil. Não havia uma janela como na torre de Rapunzel, nem espelho encantado da bruxa para atravessar. Tampouco encontrara barras por entre as quais pudesse passar, nem túneis para investigar, como Alice. Em algum ponto do caminho, perdera seu celular. Não que fosse conseguir sinal na masmorra de um castelo.

Com o passar do tempo, a escuridão pareceu se fechar cada vez mais ao seu redor.

Os camundongos haviam parado de guinchar, pelo menos.

Ela só queria ir para casa, pensou, se aconchegando no chão mais uma vez. Queria esquecer toda aquela experiência. Poderia conviver com as vozes. *Queria* conviver com elas. Tentar silenciá-las lhe custara caro demais. Seu emprego, talvez. Sua amizade de vida inteira com McIntosh, quem sabe. Com certeza, parte de sua sanidade.

Ela jamais voltaria a ser a mesma.

O rosto sem vida de Maddox ia assombrá-la dia e noite pelo resto da vida. Ah, Deus. Lágrimas lhe desceram pelo rosto, gélidas com o frio. Quantas ela ainda derramaria até que os dutos secassem por completo? Até que sumisse a dor em seu peito?

Por favor, me deixe ir, balbuciou uma voz. *Por favor. Juro. Jamais voltarei.*

Eu também não, ela pensou, arrasada.

— Você passou a noite inteira aqui, mulher?

Um momento se passou, e a pergunta seguiu sem resposta enquanto Ashlyn procurava se orientar. Aquela voz... ela podia jurar que vinha do presente, não do passado. O som trovejante e áspero ecoou em seus ouvidos.

— Responda-me, Ashlyn.

Outro momento se passou até que ela se desse conta de que era a voz que passara a assombrá-la sobre as demais. Uma voz que estava, de alguma forma, carimbada em sua mente, apesar de ela não tê-la ouvido muitas vezes antes. Ela arfou, perscrutando a escuridão com os olhos, procurando... procurando... mas sem encontrar nada.

— Ashlyn. Responda.

— M-Maddox? — Não, não podia ser. Só podia ser um truque.

— Responda à pergunta.

De repente, a porta se abriu e raios de luz inundaram a cela. Ashlyn piscou os olhos, tentando limpar os pontos dourados e alaranjados da vista. Um homem parou à porta, uma sombra alta e negra, ameaçadora e musculosa.

Um doce silêncio, um silêncio que ela só sentira uma vez antes, a envolveu. Ela espalmou as mãos contra o muro atrás de si e foi levantando aos poucos. Seu corpo balançou em choque e os joelhos vacilaram. Ele não era... Ele não podia ser... Aquilo não era possível. Não era sequer compreensível. Aquelas coisas só aconteciam em contos de fada.

— Responda — disse o homem mais uma vez. Havia violência agora em seu tom de voz, como se ele falasse com duas vozes. Ambas soturnas, densas e tonitruantes.

Ela abriu a boca para responder, mas não saiu som algum. Aquela voz dupla era gutural, turbulenta, e, mesmo assim, mais sensual do que seus sonhos mais loucos. *Maddox*. Ela não estava enganada. Tremendo, enxugou as lágrimas do rosto com as costas da mão.

— Não entendo — sussurrou. *Será que estou sonhando?*

Maddox — não, *o homem*, pois ele não podia ser Maddox, por mais parecidas que fossem as vozes — entrou na cela. Sua atenção se voltou rapidamente para o lado, para longe dela, como se ele precisasse de um momento para se recompor.

Raios dourados de sol dançaram sobre ele, acariciando-lhe o belo rosto de modo reverente. As mesmas sobrancelhas grossas, os mesmos olhos cor de violeta e com cílios fartos. O mesmo nariz reto como uma lâmina e os mesmos lábios exuberantes.

Como podia? Como seus captores podiam se assemelhar tanto ao homem que ela conhecera na noite anterior, como podiam reproduzir a mesma contundência bestial? Um homem que parara as vozes do passado com sua mera presença?

Um gêmeo?

Ela arregalou os olhos. Um gêmeo. Claro. Finalmente, alguma coisa fazia sentido.

— Eles mataram seu irmão — disse ela sem pensar. Talvez ele já soubesse. Talvez estivesse contente. Mas talvez, apenas talvez, ele a levasse à cidade para ela dar queixa do crime horrendo que presenciara. A justiça seria feita.

— Não tenho irmão — ele disse. — Não de sangue.

— Mas... mas... — *Maddox ficará bem*, dissera aquele homem lindo. Ela balançou a cabeça. Impossível. Ela o vira morrer. *Mas um anjo poderia ter sido ressuscitado, não?*

Um nó se formou em sua garganta. Os homens daquela casa não eram anjos de jeito nenhum, a despeito do que dissesse o povo do vilarejo. Ele voltou a olhar para ela, percorrendo-lhe o corpo de cima a baixo com os olhos em possessiva apreciação. Um esgar surgiu no rosto dele.

— Eles deixaram você aqui a noite inteira? — Com as feições mais sombrias a cada segundo, ele observou o resto da cela. — Diga que eles lhe deram cobertores e água e os recolheram agora pela manhã.

Ainda trêmula, ela passou a mão no rosto e no cabelo, e fez uma careta ao se deparar com nós nas mechas. Estava totalmente suja de terra, da cabeça aos pés. *Como se aquilo importasse.*

— Quem é você? *O que é você?*

Ele demorou a falar. Ficou observando-a atentamente, como se ela fosse um inseto em um microscópio. Ela conhecia bem aquele tipo de olhar. Era o olhar favorito de todos no Instituto.

— Você sabe quem eu sou.

— Mas você não pode ser ele — insistiu ela, pois não queria aceitar a alternativa. Ele não era como os outros, os demônios que o haviam assassinado. — Meu Maddox morreu.

— *Seu Maddox?* — Algo se acendeu nos olhos dele. — Seu?

Ela empinou o queixo, recusando-se a responder. Com os lábios formando algo que deveria ter sido um sorriso, ele esticou o braço e a chamou.

— Venha. Vamos limpá-la, aquecê-la e alimentá-la. Depois, eu vou... explicar.

Aquela hesitação deixou claro que ele não explicaria nada. Tinha alguma outra coisa em mente, e seu tom de voz dava a entender que seria algo intenso. Ela continuou onde estava, morta de medo.

— Deixe-me ver sua barriga — disse ela, tentando ganhar tempo.

Ele a chamou com os dedos.

— Venha.

Parte dela queria se aproximar dele, segui-lo até onde ele quisesse ir. Pois ele se parecia com

Maddox, e fosse lá Maddox o que fosse, ele continuava sendo a melhor coisa que lhe acontecera na vida. Mas, novamente, manteve sua posição.

— Não.

— Venha.

Ela balançou a cabeça.

— Só saio daqui depois que você me mostrar sua barriga.

— Não vou machucar você, Ashlyn. — As palavras *ainda não* ecoaram pelas paredes; não foram pronunciadas, mas estavam lá mesmo assim. Ainda mais enervante, o som do nome dela na língua dele era desejoso, como se ele não conseguisse deixar de saboreá-lo ao dizê-lo. E como se desejasse prová-lo novamente. — Ashlyn — ele repetiu.

Ela foi varrida por outro calafrio e franziu o cenho. Ele não devia desejá-la, e ela devia desejá-lo menos ainda.

— Você não pode ser meu Maddox. Simplesmente não pode.

Aquela *coisa* intensa e flamejante passou pelo rosto dele novamente.

— Já é a segunda vez que você alega que sou seu.

— Des... Desculpe. — Ela não sabia mais o que dizer. Maddox a salvara das vozes, para dizer o mínimo. Ela o vira morrer. Eles tinham uma ligação. Ele *era* dela.

— Não peça desculpas. — Ele soou quase terno. — Eu *sou* Maddox — insistiu. — Agora, venha.

— Não.

Cansado das recusas dela, ele se aproximou. Cheirava a devassidão e rituais primitivos ao luar.

— Vou carregá-la no meu ombro se for preciso, como fiz ontem à noite. Mas, se eu for obrigado a fazer isto, não posso garantir que você sairá daqui vestida. Entendeu?

Estranhamente, as palavras dele soaram inebriantes, quando deviam ter soado assustadoras. Estimulantes, quando deviam ter soado intimidadoras. Apenas Maddox sabia como ela fora carregada. Ele a tomara nos braços antes de entrar no castelo gritando com seus assassinos.

— Por favor — ela se flagrou dizendo. — Só me mostre sua barriga.

Quanto mais ela pedia para ver, mais queria. Haveria ferimentos costurados? Pele lisa? Haveria alguma indicação de que aquele homem fora apunhalado várias vezes?

A princípio, ele não deu qualquer indicação de atender ao pedido. Então, enfim, ele suspirou.

— Parece que quem não sairá vestido daqui serei *eu*. — Ele puxou a barra da camiseta preta e lentamente... lentamente... a levantou.

Apesar de sua própria insistência, Ashlyn ainda não tivera coragem de desviar o olhar daqueles olhos de intenso tom violeta. Ela disse a si mesma que era porque ele tinha olhos tão belos, tão hipnotizantes, que ela se perdera neles, se afogara.. Mas sabia que aquilo era apenas parte da verdade. Se ele estivesse *mesmo* com pontos e cicatrizes... se aquele fosse *mesmo* Maddox...

— Você queria ver. Então, veja — ordenou o homem, ao mesmo tempo impaciente e resignado.

Faça isto. Olhe. Pouco a pouco, ela foi baixando o olhar. Viu um pescoço com musculosas fibras e uma pulsação louca. A clavícula quase totalmente coberta pelo tecido preto. Ela quase viu uma daquelas mãos grossas puxando o tecido preto até a altura do coração. Os mamilos dele eram pequenos, castanhos e duros. A pele tinha aquele bronzeado de outro mundo que ela admirara na floresta, e seu corpo era uma verdadeira série de músculos.

Então, ela viu. Seis ferimentos coagulados. Sem pontos; vermelhos e furiosos. Dolorosos.

Ela respirou fundo, chocada. Quase em transe, esticou o braço. Seus dedos roçaram a casca da ferida que chegava até o umbigo de Maddox, a ferida, em processo de cicatrização, era áspera e quente e lhe aqueceu a palma da mão. Ela sentiu um formigamento elétrico lhe subir pelo braço.

— Maddox — arfou.

— Finalmente — resmungou ele, recuando como se ela fosse uma bomba a ponto de explodir. Ele baixou a camisa, bloqueando a visão dos ferimentos.

— Satisfeita agora? Estou aqui, e sou bem real.

Ele... não, não “ele”. Maddox. Não era o irmão gêmeo dele, não era um sonho. Não era truque. Ele fora apunhalado; a prova estava lá, aqueles seis ferimentos infernais. Ele estivera sem batimento cardíaco, sem respiração. E, naquele momento, estava diante dela.

— Como? — ela perguntou, precisando ouvi-lo dizer. — Você não é um anjo. Isso significa que é um demônio? Foi o que algumas pessoas disseram sobre você e seus amigos.

— Quanto mais você fala, mais piora sua situação. Vai me acompanhar agora?

Ela ia acompanhá-lo? *Deveria*? Após ele dizer que ela estava “piorando sua situação”...

— Maddox, eu... — O quê?

— Eu lhe mostrei minha barriga. E você disse que, se eu mostrasse, você me acompanharia.

E ela realmente tinha outra escolha?

— Está bem. Vou acompanhá-lo.

— Não tente fugir. Você não vai gostar do que vai acontecer. — Com movimentos leves, ele deu meia-volta e saiu da cela.

Ashlyn parou apenas por um momento antes de sair mancando atrás dele, fazendo o melhor que podia para não perdê-lo de vista. Suas mãos coçavam para tocá-lo de novo, para sentir a vida pulsando sob sua pele.

— Você não respondeu à pergunta — disse ela. Quanto mais se afastavam da cela, mais o ar ia ficando quente. — Se você *for* um demônio, eu consigo aceitar. De verdade. Não vou ficar com nojo nem nada. — Era o que ela esperava. — Eu só preciso saber para estar preparada.

Nada de resposta.

Aqueles raios de sol amarelados atravessavam os vitrais, projetando manchas coloridas como o arco-íris nas paredes de pedra. Ela devia estar fraca de fadiga e desnutrição, pois ficou alguns passos atrás dele.

— Maddox — disse ela em grave súplica.

— Nada de conversa — ele replicou, subindo a escada sem jamais diminuir o passo. — Talvez depois.

Depois. Não era o que ela esperava, mas era melhor do que *nunca*.

— Vou cobrar isso de você. — Ela tropeçou e fez uma careta ao sentir a pontada de dor no tornozelo.

Maddox parou abruptamente. Antes que se desse conta do que ele poderia fazer, Ashlyn bateu nas costas dele com um grito agoniado. Aquele formigamento elétrico retornou de imediato, faiscando, pegando fogo e se alastrando.

Enquanto ela lutava para se reequilibrar, ele assoviou e deu meia-volta, girando com um olhar maldoso. Seus olhos estavam negros; o violeta desaparecera, como se nunca tivesse estado lá.

— Você está machucada?

Ela foi varrida por um tremor. *Sim*.

— Não.

— Não minta para mim.

— Torci o tornozelo ontem à noite — admitiu ela baixinho.

As feições dele ficaram mais suaves enquanto seu olhar a percorria lentamente, demorando-se nos seios e nas coxas. Ela ficou com a pele toda arrepiada. Foi como se ele a estivesse despindo, peça

por peça, deixando-a apenas com a pele corada. E ela gostou disso. Seu coração bateu disparado no peito e, no meio de suas pernas, veio uma umidade.

De repente, ela deixou de se importar com as respostas, com a dor no tornozelo ou a letargia em seus músculos. Os mamilos ficaram duros e pesados. Ela sentiu um aperto no estômago de tanto desejo. Sua pele estava quente e tensa demais para seus ossos. Ela queria ser envolvida pelos braços dele, queria que aqueles braços a confortassem, apertando-a bem firme.

No instante seguinte, ela percebeu que estava esticando o braço.

— Não toque. — Ele pulou para o degrau atrás de si, aumentando a distância entre os dois. Não restou nele mais nenhum traço de suavidade. — Ainda não.

Ela soltou os braços nas laterais do corpo, arrasada de decepção. *Sem respostas, sem toque*, ela zombou em silêncio, tentando rejeitar a decadente onda de prazer que a tomou ao ficar finalmente perto do homem que consumira seus pensamentos a noite inteira. Seu calor, o silêncio... uma combinação letal para o bom-senso dela.

Um carinho era tudo de que precisava, tudo que queria, sem dúvida, mas ele estava determinado a rejeitá-la.

— E respirar? — ela perguntou secamente. — Isso eu posso fazer?

Os lábios dele se retorceram ligeiramente, suavizando a expressão incisiva.

— Se fizer de forma silenciosa.

Ela apertou os olhos.

— Ora, mas você não é um amor? Muito obrigada.

Então, ele sorriu plenamente, e a força ofuscante daquele sorriso tirou-lhe o ar dos pulmões. Ele era lindo. Absolutamente encantador. Ashlyn se viu novamente presa em sua armadilha. Como ele conseguia fazer aquilo com ela? E novamente estendeu o braço sem pensar. Ansiando por aquela centelha de contato, sim, sim. Precisando... precisando...

Ele balançou a cabeça de forma abrupta, e, de repente, já não demonstrava mais estar achando graça de nada. Ela se calou, irritada com ele e consigo mesma.

— Tem algo que preciso fazer antes de qualquer tipo de toque — ele disse, e as palavras soaram tão graves e roucas que ela as sentiu profundamente, como se fossem uma carícia.

— O quê? — perguntou ela, mordendo o lábio inferior quando o tom violeta começou a retornar a um dos olhos dele, escorrendo das pupilas para encobrir o preto. Impressionante.

— Não interessa. — Franzindo o cenho, ele esticou o braço como se fosse acariciar seu rosto. Ele se conteve e soltou o braço, espelhando o próprio gesto dela poucos momentos antes. — O que importa é que *você* não *me* respondeu. Passou a noite inteira naquela cela?

O cheiro dele, muito másculo e inebriante, chegou-lhe às narinas, chamando-a mais para perto. Ela tentou resistir, tentou mesmo, mas se viu debruçando-se sobre ele, apesar do aviso.

— Sim.

Novamente, seu rosto foi varrido pela fúria.

— Foi alimentada?

— Não.

— Deram-lhe cobertores?

— Não. — Por que ele se importava?

— Alguém a feriu?

— Não.

— E alguém... tocou em você? — Um músculo pulsou no maxilar dele, uma, duas vezes.

Confusa, ela franziu o rosto.

— Sim. É claro.

— Quem? — ele perguntou de modo autoritário. Seu rosto começou a passar por aquela mudança bizarra, com um esqueleto retorcido brilhando e se mexendo sob a pele, como se ele usasse uma máscara de raios X. Até seus olhos mudaram de novo. O preto cobriu o tom violeta, e eles brilharam de um modo nefasto.

Mais um daqueles nós se formou na garganta de Ashlyn, e ela controlou a respiração com dificuldade. Nem quando estivera na floresta, nem mesmo quando estivera amarrado à cama, sendo perfurado por uma espada, ele demonstrara tamanha ferocidade.

Por que você ainda está aqui parada? Fuja!

A expressão do rosto dele mudou, como se soubesse o que ela pretendia fazer.

— Não faça isso — ele disse, confirmando o que ela temia. — Você só vai me incitar ainda mais. Isto vai passar daqui a pouco. Agora, me diga quem tocou em você.

— Todos eles — expeliu as palavras, mas ficou onde estava. — Eu acho. Mas tiveram de fazer isso — apressou-se em afirmar. Não estava acreditando que defendia aqueles que o haviam assassinado, mas lhe pareceu a maneira mais rápida de acalmá-lo. — Foi o único jeito de me enfiarem dentro da cela.

Ele relaxou, mas apenas levemente. A imagem esquelética recuou e o vermelho de seus olhos arrefeceu.

— Eles não tocaram em você no sentido sexual?

Ela fez que não com a cabeça, relaxando um pouco também. Então, ele estava com raiva daqueles homens, não com raiva dela por resistir.

— Vou permitir que eles vivam. Ou algo assim. — Esquecendo-se da regra estabelecida por si mesmo, ele segurou as têmporas dela nas palmas das mãos, forçando-a a encará-lo. Então, Ashlyn voltou a sentir aquele formigamento elétrico quando o hálito quente dele lhe atingiu as narinas. Ele era tão grande que ela se sentia definir; seus ombros eram tão largos que pareciam engoli-la.

— Ashlyn — disse ele gentilmente.

A súbita mudança nele, de fera para um preocupado cavalheiro, foi estonteante.

— Não queria discutir este assunto ainda, mas percebo que preciso ouvir sua resposta agora. — Fez-se uma pausa pesada enquanto ele a encarava. — Eu matei aqueles quatro homens ontem à noite. Aqueles que estavam seguindo você.

— Que estavam me seguindo? — Será que alguém do Instituto a tinha visto e seguido? Será que eles... o resto das palavras dele finalmente foi decodificado em sua mente. Ela arfou ao sentir um choque de alta voltagem lhe descer pela coluna. — Você os *matou*?

— Sim.

— Como eles eram? — falou com a voz embargada. Se o dr. McIntosh tivesse sido assassinado por causa dela... Apertou os lábios para conter um gemido de dor.

Maddox descreveu os homens, guerreiros altos e fortes, e ela foi relaxando lentamente. A maioria dos funcionários do Instituto que conhecia era de gente mais velha, como McIntosh. Muitos eram pálidos, tinham cabelos ralos e usavam óculos por causa dos olhos cansados de tanto olhar para telas de computador. Ela ficou aliviada, mas em seguida se sentiu culpada. Havia morrido gente na noite anterior. Se ela os conhecia ou não, não devia fazer diferença.

— Por que você faria algo assim?

— Eles estavam armados e ávidos por uma batalha. Não tive escolha: matá-los ou deixar que me matassem.

Ele disse isso sem o menor traço de remorso, como se fosse um fato como outro qualquer. Que

lugar sangrento e violento se revelara aquela fortaleza! E Maddox, também. Seu salvador falava como se fosse um soldado veterano... ou um matador frio e calculista como os outros com quem morava. Ele matava sem hesitação.

Então, por que ainda desejava os braços dele a envolvendo?

Qualquer que fosse a emoção que Maddox viu no rosto de Ashlyn, pareceu-lhe uma resposta à pergunta que não formulara. Ele franziu o cenho e apertou os lábios. De desgosto? Mas por quê? Antes que Ashlyn pudesse observá-lo melhor, ele lhe deu as costas e subiu mais dois degraus, dizendo:

— Esqueça que falei isso.

— Espere. — Ela avançou, fez cara feia por causa da dor que voltara ao seu tornozelo e lhe agarrou o biceps. Um gesto insignificante, realmente, mas ele parou.

Ele retesou os músculos, virou lentamente a cabeça e rosnou, olhando para os dedos dela.

Ashlyn o soltou com um movimento brusco. Não por causa da reação dele, mas porque ela sentiu de novo aquele peculiar formigamento. Ela gostaria de ter acreditado que fosse estática. Que fosse qualquer coisa, menos aquele desejo tão errado.

— Desculpe — murmurou ela. *Nada de toques*, procurou lembrar. Assim era melhor para ambos. Pelo jeito, ela não conseguia controlar a reação de seu corpo à proximidade dele. O contato real e prolongado poderia transformá-la em uma poça de baba. — Maddox?

De perfil, ele parecia estar com uma expressão vazia, completamente desprovida de emoção.

— Sim?

— Não se chateie, mas, tecnicamente, já é mais tarde, portanto, vamos voltar ao Tópico Número 1. O que você é? — Antes que ele pudesse continuar seguindo em frente como se ela não tivesse dito nada, Ashlyn acrescentou: — Já respondi às suas perguntas. Por favor, responda à minha.

Ele não respondeu. Mas a encarou de novo.

Nervosa, ela passou a língua nos lábios. Ele acompanhou o movimento com o olhar, e suas narinas se inflaram. Ela começou a tagarelar sem querer.

— Olhe, há diversos tipos de criaturas estranhas no mundo. Ninguém sabe disso melhor do que eu. Já lhe disse que sei por experiência própria que demônios existem? Só quero saber com o que estou lidando aqui. — *Cale a boca. Pare de falar.*

Se pelo menos ele respondesse. Ela jamais tivera que preencher um silêncio na vida. Jamais havia considerado o silêncio algo desconfortável.

Ele diminuiu o passo; um gesto calculado e preciso que diminuiu a distância entre os dois; ela também passou a caminhar mais devagar, mas logo voltou a apertar o passo.

— Chega de perguntas. Quero que você tome banho, se alimente e esteja descansando dentro de uma hora. Está coberta de sujeira, cambaleando de fome, e há círculos escuros sob seus olhos. Depois, podemos... conversar.

De novo aquela hesitação. Ela ficou desconcertada e engoliu em seco.

— Se eu lhe pedisse para me levar de volta à cidade, qual seria sua resposta?

— Sem dúvida nenhuma, não.

Foi o que pensei. Os ombros dela desmoronaram de desânimo. Por mais que ela desejasse aquele homem, ou talvez *por* desejá-lo tanto, tinha que começar a agir como um ser humano racional e fugir.

E se ela fosse a próxima a ser apunhalada? *Ela* não ia voltar do mundo dos mortos, isto Ashlyn sabia.

No dia anterior, ela teria sido capaz de vender a alma para estar ali. *A quem você quer enganar? Você vendeu, sim, sua alma.* Ela podia não ter aprendido a controlar as vozes sem ter Maddox por

perto, mas, mesmo assim, não podia ficar. Havia incertezas e violência demais.

Mas, para escapar, ela teria que enfrentar a montanha, o frio, a névoa e as vozes. *Você consegue. Você tem que conseguir.*

— Preciso prendê-la de novo, Ashlyn? — perguntou Maddox, arqueando uma sobrancelha como se estivesse lendo seus pensamentos.

A ameaça a deixou com medo e furiosa, mas ela balançou a cabeça. Não havia razão para irritá-lo e correr o risco de morrer ou de voltar àquela prisão gelada e úmida, sem possibilidade de conseguir sua liberdade. Fora dela, ao menos, Ashlyn tinha uma chance. Por menor que fosse.

O silêncio não é tão doce quanto você esperava, não é?

— Quer ir embora porque precisa falar com alguém? — ele perguntou. As perguntas educadas não conseguiam disfarçar a raiva crescente dentro dele. — Alguém está ansioso para saber onde você está?

— Meu chefe — ela disse sinceramente. Talvez, se ela encontrasse um telefone, pudesse ligar para ele. Ele, então, poderia chamar a polícia... não. Ela logo descartou a ideia ao se lembrar de que eles seriam hipnotizados pelos “anjos”.

Mas se pudesse ligar para McIntosh, o Instituto poderia dar um jeito de resgatá-la. Ela podia voltar à sua antiga vida e fingir que os últimos dois dias jamais haviam acontecido... apesar de sentir uma dor inexplicável no peito ao pensar em deixar Maddox para trás. *Garota idiota!*

— Quem exatamente é o seu chefe?

Como se ela fosse contar a ele e colocar em perigo um homem inocente! Em vez disso, reuniu coragem e disse:

— Maddox, me deixe ir embora. Por favor.

Outra pausa, mais pesada do que a anterior. Ele deu um passo à frente e seus narizes se tocaram, como acontecera antes, na floresta. Os olhos dele tinham um tom violeta naquele instante.

— Ontem à noite, eu lhe disse para voltar à cidade. Você se recusou. Até mesmo me seguiu. Gritou meu nome, lembra?

Ela ficou atormentada ao lembrar.

— Foi um momento de insanidade — sussurrou, olhando para as próprias mãos. Seus dedos estavam entrelaçados e com as juntas brancas.

— Bem, esse momento de insanidade selou seu destino, mulher. Você vai ficar aqui.

MADDUX LEVOU A relutante Ashlyn para seu quarto. Ele já havia limpado o chão e jogado fora o colchão sujo, substituindo-o por outro novo do armário no quarto ao lado. Já preparando sua estratégia de sedução, ele lhe aprontara um banho, arrumara uma tábua com carnes e queijos, abrira uma garrafa de vinho e pusera lençóis limpos, beijados pelo sol.

Ele jamais se esforçara tanto para levar uma mulher para a cama, apenas ouvira Paris dizer quão rapidamente as mulheres se derretiam quando os homens as mimavam daquele jeito.

Maddox não se dera conta de que Ashlyn ia passar a noite inteira em uma cela e nem que ela *precisaria* de todos os cuidados dele graças a seus amigos. Ele cerrou os dedos em punho.

Não importa o conforto dela. Ele não soube de quem brotara aquele pensamento; se do demônio ou dele mesmo. Só sabia que era mentira.

— Tome banho, troque de roupa e coma — ele se forçou a dizer. — Ninguém irá incomodá-la. — Fez uma pausa. — Algo mais de que possa precisar?

Ela caminhou ao redor dele, fazendo um semicírculo, virando para encará-lo quase de imediato, como se não ousasse dar-lhe as costas.

— Liberdade seria ótimo.

— Fora isso.

Ela perscrutou o quarto com o olhar. Maddox não gostou da palidez dela, nem como estava vacilante e reservada. Na noite anterior, ela não estivera tão exaurida, apesar do frio amargo da floresta.

— Que tal varrer de minha memória os últimos dias?

— Fora isso — repetiu ele sombriamente, sem gostar de saber que ela queria esquecê-lo.

Ela suspirou.

— Não. Então, não quero nada.

Ele sabia que devia ir embora, dar a ela a oportunidade de relaxar e seguir suas ordens, mas se flagrou relutando em fazê-lo. Apoiou-se na parede ao lado da porta. Ela continuava no meio do quarto, os braços cruzados, ajeitando a parte de cima do casaco cor-de-rosa que estava usando. Ele ficou com água na boca.

— Você já fez isto com muitas mulheres? — perguntou ela, puxando assunto.

Ele ergueu bruscamente os olhos e a encarou, seu corpo ficando tenso.

— Fiz o quê? — Hipnotizá-las? Seduzi-las? De repente, ele sentiu um nó lhe bloqueando a garganta.

Então, foi a vez de Ashlyn dar uma risada irônica.

— Aprisioná-las. O que mais?

O nó se dissolveu rapidamente.

— Você é a primeira — replicou ele, fazendo de tudo para esconder sua decepção.

— E o que você planejou para mim? Sou tão especial?

— Só o tempo dirá — respondeu sinceramente.

Ela fez uma expressão de quem estava seriamente preocupada.

— *Quanto* tempo?

— Teremos de descobrir a resposta juntos.

Então, ela franziu o cenho enquanto o olhava.

— Você é o homem mais sinistro que já conheci.

Ele deu de ombros.

— Já fui chamado de coisas piores.

— Não tenho dúvidas de que sim — resmungou ela.

Nem mesmo o insulto o fez se afastar. *Só mais um pouco...*

— Eu não sabia de que tipo de comida você gostava, então trouxe um pouco de tudo o que tínhamos na cozinha. Infelizmente, não havia muitas opções.

— Obrigada — disse ela, e apertou os lábios. A raiva explodiu em suas feições. — Não sei por que estou sendo educada com você. Olhe só o que está fazendo comigo.

— Cuidando de você?

Ela corou e desviou o olhar.

— Você pertence a um homem, Ashlyn? — perguntou ele, detestando a ideia.

— Não entendi sua pergunta. Se sou casada? Não. Se tenho namorado? Não. Mas tenho amigos, e as pessoas *vão* ficar preocupadas comigo — ela logo acrescentou, subitamente percebendo que havia exposto sua vulnerabilidade.

A quem ela esperava convencer? A ele? Ou a si mesma?

— Vão me procurar. Vão mesmo — insistiu ao ver que ele não respondia.

— Mas não vão encontrá-la — disse ele, confiante. Os quatro da noite anterior não haviam

conseguindo subir a montanha. Os outros amigos dela também não conseguiriam.

Ela levou a mão ao pescoço, atraindo a atenção dele, que reparou na intensa pulsação. Por que ele ficava tão hipnotizado pelas batidas do coração dela, sentindo-se compelido a tocar a evidência de seu movimento?

— Não quis assustá-la — disse ele. Não sabia qual dos dois estava mais surpreso com suas palavras, se Ashlyn ou ele próprio.

— Eu não entendo você — sussurrou ela.

Nem ele entendia a si mesmo. E quanto mais tempo permanecia ali, conversando com ela, mais confuso ficava. Procurou se recompor.

— Vá se lavar. Voltarei mais tarde. — Sem dar a Ashlyn oportunidade de dizer nada, ele saiu e bateu a porta sem olhar para trás.

Melhor assim. A partir do momento em que perguntara se ela pertencia a algum homem, o demônio começara a remexer dentro dele, doido para brigar. Se ele ficasse, acabaria tocando-a. Se a tocasse, acabaria possuindo-a. Mas não queria arriscar que os corpos entrelaçados e beijos ardentes se transformassem em mordidas, unhas e investidas rudes demais.

Aquela mulher delicada dentro de seu quarto não iria sobreviver a isto.

— Maldição — rosnou. Ashlyn era, sem sombra de dúvida, a humana mais adorável que já conhecera. Sua boca ainda aguava por ela; seu corpo dominado chorava por ela. Ele não queria machucá-la, mesmo tendo ela reconhecido que sabia sobre o demônio, como apenas uma Caçadora ou uma Isca poderiam saber. Não, ele queria apenas lhe dar prazer.

Ele se virou e trancou a porta pelo lado de fora. Trocar a fechadura fora outra coisa que havia feito ao se preparar para seduzi-la. A única maneira de sair seria pulando do terraço do quarto, e ele duvidava que ela fosse querer se jogar de cinco andares para cair em rochas pontiagudas. Mesmo assim, trancou a janela que dava para o terraço, só para garantir.

Maddox cruzou o corredor às pressas, rezando para que os demais guerreiros não tivessem sumido pelo resto do dia. Quando ele acordara em seu corpo, já em processo de cura, seu primeiro pensamento fora Ashlyn. Ele havia preparado seu quarto e uma refeição para ela, e procurado Lucien, o qual encontrara na sala de entretenimento e de quem exigira explicações.

— Masmorra — resmungara o homem com um brilho estranho nos olhos.

Furioso, Maddox saíra do quarto correndo, desesperado para garantir a si mesmo que ela estivesse nas mesmas condições em que a levara para lá: viva e intocada. Ele pensara que seus amigos tivessem ao menos lhe dado comida, água e cobertores. Errado. Ela poderia ter morrido congelada. Poderia ter morrido de fome. E eles nem teriam ficado sabendo.

Será que esperavam que ele aceitasse passivamente uma coisa destas?

Errado novamente.

Bastara um olhar para o rosto sujo e assustado de Ashlyn para ele ficar com vontade de matar alguém. Ele mal domara o próprio ímpeto, dizendo a si mesmo que, em breve, ela estaria em sua cama, nua, aberta para ele. E, apesar disto ter exercido efeito calmante sobre *ele*, não acalmara o demônio, apenas o incitara mais.

Agora, Violência precisava de um escape para toda a sua fúria crescente. Pois só então Maddox conseguiria tocar Ashlyn sem medo de ferir aquele pequeno corpo frágil.

Corpo... Ashlyn... duas palavras que despertavam seu desejo quando combinadas na mesma frase. Luminosa como era, ela representava a materialização de todas as suas fantasias, e ele pretendia se saciar dentro dela várias vezes, possuindo-a em todas as posições imagináveis e até em algumas que não o fossem.

Logo, ela iria querer o mesmo.

O desejo cintilava nos olhos de Ashlyn quando ela olhara para ele e tentara tocá-lo várias vezes, claramente em busca de algum tipo de contato físico. Ele chegara a sentir o aroma da excitação dela, o perfume de paixão, inocência e aquele delicioso mel. Ele a assustava, contudo, e esse medo sobrepujava o desejo dela.

Você devia ficar feliz por inspirar medo na Isca.

Devia, ele zombou por dentro. Estava realmente começando a odiar aquela palavra.

Mas ela *era mesmo* Isca?

Quando mencionara os quatro humanos que a haviam seguido, ela parecera genuinamente surpresa. Horrorizada pelo que ele fizera, sem dúvida, mas a maioria das mulheres ficava horrorizada com guerras e carnificinas.

Mais impressionante ainda, ela admitira livremente que tinha conhecimento dos demônios. Ele não a torturara para conseguir a informação. Por que uma Isca faria algo assim por livre e espontânea vontade? Por que não fingir que ela pensara que ele fosse humano para diminuir as defesas dele?

Até então ela não havia tentado fazê-lo sair da fortaleza, nem colocar ninguém para dentro. Mas, por outro lado, ela ainda não tivera a liberdade para fazer nada disso, ele lembrou a si mesmo. E não teria.

O que o confundia mais do que tudo era o fato de ela ter tentado salvá-lo de seus amigos. *Isto* ele não conseguia racionalizar. Salvar alguém a quem ela pretendia fazer mal era algo que não fazia o menor sentido. Ela própria poderia ter se ferido.

Era uma contradição ambulante em seu mundo preto e branco.

No dia seguinte, ele lidaria com as verdadeiras razões para ela estar lá. Mas aquele dia, bem, aquele dia seria reservado para fazer outras coisas.

Suas botas ecoavam contra o chão, o som reverberando pelas paredes. A sala de entretenimento se abria à frente, ampla, e ele apertou o passo. Seu espírito rugiu de expectativa enquanto os ossos doíam de vontade de brigar.

Quando parou em frente à ampla entrada, viu pipoca espalhada pelo chão e pelo tapete carmesim. Seu olho treinado avistou várias manchas de sangue seco. Obviamente, Reyes estivera por ali. Desta vez, a TV estava desligada. A mesa de sinuca estava cheia de bolas, como se alguém tivesse interrompido uma partida.

Mas nenhum sinal dos outros homens, nem mesmo de Lucien. Onde estariam todos?

Maddox saiu possesso pela fortaleza, contornando os luxos que haviam adquirido ao longo dos anos. A banheira de água quente, a sauna, a academia de ginástica, a quadra de basquete improvisada. Nada disso o ajudaria naquele instante.

Ele chegou primeiro ao quarto de Paris e entrou sem bater. A cama, coberta por lençóis pretos de seda, estava amarrotada mas vazia. As bonecas infláveis de Torin estavam espalhadas por toda parte, um público arrebatado mas inútil. Junto às paredes, havia chicotes, correntes e uma enorme variedade de acessórios eróticos que Maddox nem sabia identificar. Eles não estavam sendo usados, o que significava que Paris devia estar dentro da fortaleza. Em algum lugar.

Maddox seguiu em silêncio pelo corredor, balançando a cabeça.

Lute. Lute. Lute.

Ele tentou ignorar a voz do demônio ao entrar no quarto de Reyes. Nem Reyes, nem acessórios eróticos. Em vez disso, havia armas. Todo tipo delas. Armas de fogo, facas, estrelas ninja. Havia um tatame azul no chão com mais sangue seco espalhado sobre ele. Havia um saco de pancadas, alguns halteres. Havia vários buracos nas paredes, como se alguém tivesse socado a pedra até ela virar

areia.

Ele teria de remendá-los depois.

Lute, lute, lute.

O quarto de Lucien estava trancado, e ninguém respondeu quando ele bateu. Os quartos de Aeron e de Torin estavam vazios. A frustração se abateu sobre os ombros de Maddox. Pontos pretos começaram a piscar em sua vista.

Lutelutelute.

Ele estava louco de desejo por Ashlyn, mas só poderia tê-la depois de saciar sua sede de violência, e isto não podia acontecer antes de encontrar os homens. E tudo aquilo só o deixava com mais raiva ainda. Voltou a caminhar pelo corredor a passos largos, com os bíceps tensos e o sangue lhe esquentando o rosto.

Lutelutelute!

— Onde estão vocês? — gritou.

Socou a parede uma, duas vezes, deixando uma marca idêntica às que ele vira no quarto de Reyes. As dobras de seus dedos palpitavam, mas era uma dor boa, uma dor que fazia o espírito ribombar de felicidade.

Maddox parou e socou a parede outra vez.

Ele não tinha muito tempo. A meia-noite chegaria novamente. A morte o reivindicaria. Antes que isto acontecesse, ele *tinha* de se perder em Ashlyn. Precisava conhecer cada centímetro de seu corpo, pois o tormento de não conhecer era muito pior do que queimar no inferno toda noite.

E se a mulher não o desejar de verdade?, zombou o demônio. E se ela estiver fingindo querer você para que lhe dê alguma informação? E se ela estiver pensando em outro homem toda vez que você está por perto e a excitação dela for por ele?

Maddox soltou um urro e deu outro soco na parede. A pedra rachou e esfarelou ainda mais. Ela *o desejava, sim*. Desejava. *Não reaja. Não dê ouvidos ao espírito.*

Violência calou a boca, apreciando a veemência dele, o senso de posse.

— O que está fazendo, destruindo as paredes em vez de consertá-las?

Maddox ouviu a voz familiar e se virou. Pingava sangue das mãos dele, sangue quente e revigorante.

Aeron estava no fim do corredor. A luz entrava pelas janelas, dançando sobre a silhueta robusta do homem. Um feixe batia diretamente no topo de seus cabelos negros, formando uma coroa brilhante que iluminava sua pele ornada.

Como se jamais tivesse sido acariciado nem tranquilizado antes, Violência despertou para a vida com um uivo. Maddox apontou para o amigo com um esgar no rosto.

— Você a deixou lá embaixo.

— E daí? — O demônio negro tatuado no pescoço de Aeron pareceu piscar seus olhos avermelhados, acordando de um sono profundo. A saliva parecia a ponto de pingar de sua boca cheia de dentes. — Ela falou?

— Sobre o quê?

— Os motivos para estar aqui.

— Não.

— Então, me deixe perguntar a ela.

— Não! — Ela já estava suficientemente apavorada. Uma imagem de Ashlyn dentro daquela cela se acendeu na mente de Maddox. Sua pele estivera mais pálida que a neve do lado de fora; os únicos traços de cor eram as manchas de sujeira marrom-escuro. Ela estivera tremendo. Quando aquela

mulher tremesse, deveria ser de paixão, não de medo.

Lute. Lute. Lute!, o demônio voltou a entoar.

— Onde ela está agora? — perguntou Aeron.

— Não é da sua conta. Mas alguém vai pagar pelo estado em que a encontrei.

Os olhos cor de violeta do seu amigo, olhos idênticos aos dele, como se os deuses estivessem cansados demais para criar algo diferente, se arregalaram de surpresa.

— Por quê? O que ela é para você?

— Minha — foi a única resposta que ele deu. — Ela é minha.

Aeron passou a língua nos dentes.

— Não seja tolo. Ela é Isca.

— Talvez. — Provavelmente. Ele avançou. Agitado... sedento... — No momento, não me importo.

O guerreiro se aproximou dele, igualmente furioso.

— Deveria. E não deveria tê-la trazido aqui.

Maddox sabia daquilo, mas não ia pedir desculpas. Se a escolha lhe fosse dada, faria tudo novamente.

— Leve-a de volta para a cidade e dê um jeito de apagar sua memória — disse Aeron. — Do contrário, teremos de matá-la. Ela viu e ouviu demais, e não podemos deixá-la relatar tudo aos Caçadores.

Eles estavam prestes a se engalfinhar. Maddox não se armara naquela manhã, fato que salvou a pele miserável de Aeron. Ela teria lançado uma adaga no coração morto e negro do homem, se pudesse.

— Prefiro machucar você.

O demônio tatuado abriu as asas, já totalmente acordado, e Aeron sorriu lentamente.

— Se fizermos isto, você terá que remendar tudo depois.

— E você terá que limpar.

— Como se eu me importasse. Vamos resolver isto ou só conversar a respeito?

— Ah, sim. Vamos resolver. — Maddox saltou.

Aeron, também. Eles colidiram em pleno ar.

Capítulo Seis

SOCO. ROSNADO E esquiva. Soco.

Maddox acertou um forte golpe no rosto de Aeron, que cambaleou para o lado soltando um grunhido. Mas Aeron retaliou um segundo depois, com um cruzado de esquerda no maxilar. Os dentes de Maddox balançaram e o sangue preencheu sua boca, o gosto metálico, porém doce, saciando parte da sede do espírito.

Ele estava sorrindo quando acertou uma joelhada no estômago de Aeron. O guerreiro se curvou, ofegando. Mais. Ele precisava causar um dano maior. Antes que Maddox pudesse lhe enfiar o cotovelo na cabeça, Aeron se lançou à frente com um rosnado selvagem, envolvendo Maddox com seus braços e o derrubando no chão. Eles rolaram, numa luta por supremacia. Punhos voavam. Joelhos golpeavam. Cotovelos batiam.

Maddox sibilou quando Aeron lhe atingiu a boca novamente. Ele perdeu o sorriso e a parte interna de sua bochecha se abriu. Outro filete de sangue lhe desceu pela garganta.

— Era isso que você queria? — berrou Aeron.

Ele apertou o pescoço do amigo, que engasgou e foi ficando azul rapidamente.

— Era isso que *você* queria? — Com Aeron lutando para respirar, ele deu mais quatro socos, todos no rosto. *Crack!* Órbita do olho. *Crack!* Nariz. *Crack!* Maxilar. *Crack!* Têmpora. *Chega de Violência por hoje*, ele entoou futilmente a cada golpe. *Chega de Violência.*

Tem certeza?, o espírito provocou.

Maddox apertou os olhos e deu mais um soco.

Mate-o.

— Não! — ele gritou, e só então se deu conta de que não havia domado o demônio. Nem mesmo um pouco. Ele parou, arfando e tentando recuperar o fôlego, sem saber o que fazer. Não podia ir até Ashlyn daquele jeito, sedento por sangue e ainda mais nervoso do que antes.

— Ah, sim. — Cortado e cheio de hematomas, Aeron resmungou baixo e lançou o punho contra o olho direito de Maddox. A dor explodiu em sua cabeça quando os anéis do outro lhe atingiram uma veia em cheio. Sua visão foi momentaneamente enegrecida. Algo quente e molhado foi lhe descendo pelo rosto e finalmente, *finalmente*, aquela voz sádica se calou.

Talvez ele precisasse que o espírito fosse surrado até que se submetesse. Com o maior prazer, ele abriu os braços para receber o próximo golpe.

Aeron não decepcionou. O guerreiro lhe deu um chute no estômago e Maddox voou para trás. No momento em que atingiu o chão, Aeron já estava em cima, estrangulando-o, os joelhos prendendo-lhe os ombros. Seu rosto era pura satisfação, mas havia demônios em seus olhos, demônios feios, demônios pavorosos, muito mais ameaçadores do que a tatuagem no pescoço.

— Quer mais? — rosnou Aeron.

— Mais.

Soco. A cabeça de Maddox voou para a esquerda. Soco. Sua cabeça voou para a direita. Soco. A cartilagem do nariz rachou.

Bata em mim. Mais forte. Mais forte! A cada golpe, o espírito se encolhia mais e mais. Ira contra Violência, ele pensou, e Violência se deixou intimidar. A ideia de vencer Violência trazia uma satisfação quase sexual. Ele sorriu, pensando que devia ser exatamente assim que Reyes se sentia.

Felicidade na dor, desespero por mais.

Seus dentes lhe cortaram a língua ao receber outro soco. A língua inchou. *Agora, não poderei beijar Ashlyn*, ele pensou.

Você não precisa beijá-la para penetrá-la, o demônio provocou, levantando sua cabeça feia apenas o suficiente para tirá-lo do sério.

Basta! Ele queria beijar Ashlyn. Queria sentir o gosto dela em sua boca enquanto se esfregava nele. E ele ia conseguir. Fora só nisso que pensara enquanto sugava chamas numa noite sem fim.

Outro soco.

— Aeron! O que está fazendo? — Maddox ouviu Lucien gritar do outro lado.

— Dando a Maddox o que ele precisa. — Soco.

— Pare.

— Não. — O golpe seguinte afundou mais e com mais força na têmpora, chacoalhando-lhe o cérebro.

— Não pare — disse Maddox enquanto Aeron o acertava com as costas da mão. Um pouco mais e o espírito talvez ficasse oculto pelo resto do dia.

— Pare — repetiu Lucien. — Agora. Se não, esta noite, eu o levarei ao inferno junto com Maddox.

Os socos pararam instantaneamente. Era uma ameaça que Lucien poderia facilmente cumprir.

Aeron estava arfando; Maddox, também. Ele quase agarrou o pulso de Aeron e forçou o homem a recomeçar. Queria mais, precisava. Não ia se arriscar. Se tivesse que apanhar até ficar fraco demais para fazer qualquer coisa além de se arrastar, ele ia deixar que lhe batessem.

Ele *não* machucaria Ashlyn.

Pelo menos não por enquanto.

Aeron se levantou, relutante, e ofereceu a mão a Maddox para ajudá-lo. Ele aceitou com a mesma relutância e foi rapidamente erguido, ficando de pé. Juntos, ele e Aeron olharam para Lucien.

Não havia emoção nos olhos de Lucien enquanto os observava. Maddox passou a mão no rosto combalido, encontrando cortes que precisariam de pontos se ele fosse humano.

— Alguém quer me explicar o que está acontecendo?

— Nós estávamos experimentando uma nova técnica de treinamento — disse Maddox com os lábios inchados. Desta vez, o espírito continuou quieto. Ele quase se sentiu normal. Perceber isto era tão maravilhosamente impressionante que ele sorriu.

— Isso mesmo. Nova técnica de treinamento. — Aeron pôs o braço por cima do ombro dele. Um de seus olhos estava fechado de tão inchado, e o lábio inferior havia arrebentado.

Maddox sabia que, dentro de uma hora, os dois estariam totalmente cicatrizados. A imortalidade tinha suas vantagens.

Será que Violência retornaria quando seu corpo estivesse curado?

Lucien abriu a boca para responder, mas Maddox levantou a mão machucada.

— Não vou ouvir reclamações de você. Você deixou Ashlyn na masmorra. Deveria agradecer aos deuses por eu não me lançar em sua garganta.

— Fizemos o que foi necessário para que ela cooperasse — disse Lucien, e não havia o menor traço de desculpas em sua voz.

Maddox ficou tenso, possesso de raiva. Mas uma raiva extraordinariamente comum. Não do tipo que o compelia a fazer coisas horríveis. Que milagre.

— Pedi duas coisas a vocês. Só duas. E vocês não fizeram nenhuma delas.

— Você pediu para que ela permanecesse viva e pediu para que permanecesse intocada. Ela está — Lucien ressaltou.

Verdade, mas ela estivera com medo e com frio, e, por alguma razão, pensar nisto o cortava mais fundo do que os punhos de Aeron. Ela era tão pequena, tão delicada.

— Não pude satisfazer as necessidades dela. Você deviam ter feito isso. — Ele sempre odiara perder a conexão com a realidade quando chegava a meia-noite. Odiava não saber o que acontecia durante as horas do crepúsculo, odiava o fato de não poder proteger nem a si e nem a ninguém.

Até onde ele sabia, a fortaleza podia ser atacada por Caçadores, queimada, todos lá dentro, assassinados. Ashlyn podia traí-lo, levando aqueles Caçadores para dentro da fortaleza. Mas também era possível que batessem em Ashlyn. Ela podia ser morta ou sofrer abusos, e ele não ficaria sabendo.

— Ouça, no momento sua mulher não importa — disse Lucien. — Muita coisa aconteceu desde sua última morte. O...

Um rosnado vibrou em sua garganta, em sua cabeça, suas orelhas, abafando a voz do guerreiro. *Não importa?*

— Se ela ficar doente... — As bordas de sua raiva viraram pontos afiados, espetando o espírito. Ele se deu conta de que o demônio não fora totalmente subjugado, afinal de contas, e praguejou em silêncio ao sentir seu corpo se retesando, se armando para a guerra.

Uma perigosa névoa lhe cobriu os olhos; sua, toda sua, mas o demônio gostou. *Mate-o. Ele quer tomar o que é nosso.* Sim, ele precisava matar. Seu sangue esquentou até ferver. Sua pele se esticou sobre os ossos.

— Ele não está ouvindo — Aeron disse a Lucien. Um músculo se mexeu involuntariamente debaixo do olho do homem, que sacudiu Maddox com força antes de cortar o contato entre eles. — Você está *me* ouvindo?

— Estou — disse Maddox, cerrando os dentes.

— Quanto tempo pretende manter a mulher aqui?

Enquanto for possível, sua mente respondeu espontaneamente.

Enquanto for necessário, ele corrigiu.

Mantê-la na fortaleza era perigoso. Para ela. Para ele. Para os outros Senhores. Ele sabia disso, mas não ia libertá-la. Não queria fazer isto, nem tinha a menor intenção. Nada era mais importante do que descobrir os deleites que lhe prometia aquele corpo. Nada. Será que ela estaria molhada e quente à sua espera? Ronronaria seu nome? Imploraria por mais?

De repente, um punho se conectou com seu nariz, fazendo sua cabeça bater para o lado. A dor explodiu na têmpora dele, afrouxando as rédeas da fúria. E da excitação, também. Maddox piscou, confuso, e franziu o cenho para Aeron.

— Por que fez isso?

— Seu rosto não era o seu próprio, mas o de Violência. — Lucien balançou a cabeça, subitamente na frente dele e com uma expressão preocupada. — Você estava a ponto de explodir.

— Controle-se. — Aeron soltou um suspiro exasperado. — Você é como a Espada de Dâmocles, pronta a cair a qualquer momento e cortar todos nós.

— Engraçado ouvir isto de você — Maddox disse secamente. Ele podia ser dado a acessos de violência aparentemente injustificáveis, mas Aeron também era conhecido por rompantes de fúria, espalhando sua vingança o máximo possível.

— Onde a garota está agora? — perguntou Lucien.

De início, Maddox não respondeu. Não queria que eles soubessem, pois podiam ir até ela.

— Meu quarto — ele finalmente disse, de um jeito tão soturno que eles não tinham como deixar de entender o aviso não verbalizado: *Visitem-na e sentirão o tormento do meu demônio.*

— Você a deixou sozinha em seu quarto? — O nervosismo de Aeron atingiu um nível acima e ele ergueu os braços. — Por que não lhe dá logo uma faca, nos manda fazer fila e a deixa apunhalar a todos nós, um por um?

— Eu a tranquei lá dentro. Ela não tem como causar problemas.

— Ela pode ter dado um jeito de abrir. — Lucien massageou a nuca. — Pode estar agora mesmo pondo Caçadores para dentro.

— Não. Eu os matei.

— Pode haver mais.

Lucien tinha razão. Maddox sabia que Lucien tinha razão. Ele rangeu os dentes e seu combalido maxilar doeu.

— Vou verificar e me certificar de que ela está onde a deixei, e sozinha. — Ele deu meia-volta.

— Vou com você. — Determinado, Aeron o acompanhou.

Lucien fez o mesmo.

Maddox não perdeu tempo. Se Ashlyn houvesse escapado, e levado os Caçadores até eles, os guerreiros exigiriam sua cabeça.

Ele não tinha certeza se poderia entregá-la a eles, a despeito de qualquer crime que ela pudesse ter cometido. Na verdade, cada célula de seu corpo gritava de necessidade de protegê-la. *Eu? Proteger?* Seu sangue esquentou ao pensar naquilo, ardeu.

Quando e se chegasse a hora, ele seria capaz de fazer o que fosse necessário? Maddox não sabia a resposta. Preferia achar que sim, mas...

Eles viraram para um lado, e seus passos se harmonizaram num som de tambor de guerra. *Tump. Tump, tump, tump. Tump.* Com o canto do olho, ele viu Aeron balançar os braços. Duas pequenas lâminas caíram em suas mãos, que já estavam à espera.

O homem não se perdera para o demônio durante a luta, afinal, Maddox se deu conta. Do contrário, Maddox estaria em frangalhos naquele momento, e apenas com a memória de um dia ter tido pele.

Ele sentiu um pouco de culpa. Aeron havia lutado com ele apenas para ajudá-lo?

— Ninguém toca na garota — disse ele, ainda com mais culpa. Ele devia ser mais leal aos amigos. — Não importa o que venhamos a descobrir, ela é minha. Entenderam? Eu mesmo lidarei com ela.

Houve uma pausa pesada enquanto cada homem elaborava sua resposta.

— Certo — disse Lucien num suspiro.

Mas Aeron permaneceu em silêncio.

— O quarto é meu. Posso entrar sozinho e deixá-los aqui fora para...

— Certo — disse Aeron finalmente. — Ela é sua. Não que você vá fazer o que deveria. Mas qualquer Caçador será sumariamente executado.

— Concordo. — Com as duas coisas.

— O que ela fez para conseguir tamanha lealdade da sua parte? — perguntou Lucien, uma genuína curiosidade em vez do depreciativo desgosto em seu tom.

Maddox não tinha resposta. Não queria nem pensar naquilo. Mas reconhecia que era motivo de indignação. Não podia negar.

— Acho que nosso amigo esqueceu que sexo é sexo. — Aeron girou uma de suas lâminas ameaçadoramente flamejantes. — Quem está oferecendo, não importa. Esta mulher não tem nada de especial. Nenhuma delas tem.

Tomado por outro sério ataque de raiva que cobriu qualquer vestígio de culpa, Maddox fez um movimento com a perna, derrubando Aeron e pulando em cima dele antes mesmo que atingisse o chão. Ele se aproveitou da surpresa do guerreiro, tomou-lhe uma das facas e apontou para a garganta

de Aeron.

Mas, tendo percebido o que estava acontecendo enquanto caía, Aeron já estava com a outra lâmina apontada para o pescoço de Maddox ao mesmo tempo. Maddox sentiu a ponta afundar, atravessando a pele, cortando de leve um tendão, mas não recuou.

— Você quer morrer?

Indômito, Aeron arqueou a sobrancelha adornada com um piercing.

— *Você quer?*

— Solte-o, Maddox — disse Lucien, o olho calmo em meio à tempestade.

Ele enfiou a arma mais ainda, sem tirar os olhos de Aeron. O fogo sibiliava e crepitava entre eles.

— Não fale dela assim.

— Falo como quiser.

Ele fez um esgar. *Gosto deste homem. Eu o admiro. Ele já matou por mim, e eu, por ele.* Ainda assim, no fundo, ele sabia que, se tocassem no nome de Ashlyn de modo desrespeitoso mais uma vez, ele explodiria. Não importaria quem falasse. Nada mais importava, a não ser *ela*. Ele odiava isso. Não entendia, mas não conseguia evitar.

— Por qualquer razão que seja — disse Lucien —, a garota é um perigo. Diga-lhe que não vai falar dela de novo, Aeron.

— Por que eu deveria fazer isso? — resmungou o outro. — Até onde me lembro, tenho direito a manifestar minha opinião.

Inspirar fundo, expirar fundo. Não adiantava. Maddox sentiu que estava se preparando para outro ataque.

Droga! Tenho que me controlar. Aquilo era totalmente ridículo, além de completamente constrangedor. Jamais na vida tivera menos influência sobre as próprias ações.

— Aeron, você deve estar cansado de limpar o chão sujo de sangue — disse Lucien. — Pense só em quanto sangue haverá se os Caçadores estiverem, neste momento, tentando invadir nosso lar e não os impedirmos de entrar. Diga a ele.

Aeron hesitou brevemente e tirou o punhal do pescoço de Maddox.

— Certo — disse com desprezo. — Não se fala na garota. Está feliz agora?

Sim. Maddox relaxou instantaneamente e se ergueu. Até estendeu a mão vazia para ajudar Aeron a se levantar, mas ele o empurrou e ficou de pé sozinho. Paris uma vez chamara Maddox de “Senhor Bipolar”; na ocasião, ele estivera brincando, mas Maddox começava a achar que aquelas palavras retratavam uma verdade.

— Não vou dizer, mas você sabe o que estou pensando, não sabe? — perguntou Aeron secamente.

Sim. Ele sabia. Ele era tão ruim quanto Paris. Se não fosse pior.

— Crianças — murmurou Lucien, revirando os olhos.

— Mamãe — replicou Aeron, mas não havia calor em seu tom de voz.

Maddox fechou os olhos por um momento, concentrando-se, tentando se forçar a acreditar. *Ashlyn é apenas uma mulher. Ela não significa nada, apenas satisfação temporária.* As sombras e a dor que ele captara nos olhos dela não significavam nada. Ele não ia permitir que aqueles olhos o amolecessem, não se deixaria enfeitiçar por eles. Não mais. Ele tinha que começar a pensar nela como pensava nas demais.

Se continuasse com aquela luta absurda, acabaria jogando sua dignidade no lixo.

Maldição, quem sabe os deuses tivessem finalmente resolvido castigá-lo e enviado Ashlyn para enlouquecê-lo, para causar-lhe dor e sofrimento? Para puni-lo. Talvez ele não fosse mais ansiar pela morte eterna à noite. Talvez fosse ansiar pela morte eterna o dia inteiro.

— Tudo bem? — perguntou Lucien.

Nem perto disso. Ele podia parecer calmo naquele instante, mas estava pior do que nunca. Mesmo assim, assentiu e saiu pelo corredor sem dizer mais nada, subiu as escadas e entrou na sua ala da fortaleza. Era melhor acabar logo com aquilo.

Quando Lucien e Aeron voltaram a acompanhá-lo, cada um de um lado, Aeron disse:

— Meu punhal.

— É bonito — ele replicou, fazendo de conta que não havia entendido. E não devolveu.

Aeron deu uma risada irônica.

— Eu não sabia que você estava precisando tanto de uma arma.

— Se você quiser continuar com a sua, cuide melhor dela.

— O mesmo pode ser dito da sua cabeça.

Maddox não respondeu. Quanto mais perto chegava de seu quarto, mais ele queria sentir o aroma adocicado de Ashlyn. Um aroma todo dela. Não era cheiro de sabonete e nem de perfume, mas o cheiro *dela*. Seu corpo se enrijeceu dolorosamente, e seu membro se intumescceu de calor e desejo. Era como se tivesse estado esperando a vida inteira para provar o gosto de seu mel. *Ela é como qualquer outra, lembra-se? Nada de especial*, lembrou a si mesmo.

Ele olhou de relance para seus companheiros. Eles pareceram ignorar a doce fragrância no ar. Ótimo. Ele queria Ashlyn, inteira, para si. *Nada de especial, maldição*.

Quando chegaram à soleira da porta, pararam. Aeron enrijeceu os músculos e preparou o punhal que lhe restava. Uma máscara severa lhe cobria o rosto, como se estivesse se preparando para fazer o que fosse necessário. Lucien também sacou uma arma, um revólver calibre 45, engatilhado e pronto.

— Olhem antes de atacar — disse Maddox por entre os dentes.

Eles assentiram, sem sequer fitá-lo.

— Quando eu disser três. Um. — Suas orelhas se agitaram quando ele parou para ouvir. Não vinha som nenhum do lado de dentro. Nem barulho de água do banho, nem as delicadas batidas de prato na bandeja. Será que Ashlyn havia realmente escapado? Se ela houvesse...

— Dois. — Seu estômago estava dando um nó de tanta raiva e medo, e os ferimentos em processo de cicatrização ali ardiam. Ele apertou com força o punho da faca. Estava a ponto de sair da fortaleza, a ponto de procurá-la nos confins da terra.

De fato, nada de especial.

— Três. — Ele girou a tranca e abriu a porta. Dobradiças rangeram. Os três homens entraram em silêncio, mas em estado de alerta, preparados para qualquer coisa. Maddox deu uma olhada geral no quarto, observando cada detalhe. Chão: nada de pegadas. Janela: ainda fechada. Bandeja de comida: intocada. Algumas das roupas dele haviam sido jogadas para fora do armário e estavam espalhadas pelo chão.

Onde ela estava?

Aeron e Lucien se espalharam enquanto ele avançou gradativamente pela parede do armário, alerta, observando. Ele pulou naquele pequeno espaço, de lâmina em riste. Não encontrou nada.

Os lençóis se mexeram na cama e se ouviu um gemido suave e sussurrante.

— Baixem as armas — ordenou Maddox com um sussurro incisivo, sentindo o sangue ferver ao ouvir o som daquele suspiro feminino.

Vários segundos se passaram antes que os outros homens obedecessem. Só então Maddox se aproximou da cama, lentamente... suando... Por alguma razão, estava tremendo como um humano frágil. Imaginava que o que estava prestes a ver faria seu coração derreter.

E tinha razão.

Ele encontrou uma bela adormecida. Ashlyn. Anjo. Destruição.

Seus cabelos cor de âmbar estavam espalhados pelo travesseiro branco-neve. Seus cílios, dois tons mais escuros que o cabelo, projetavam sombras sobre as bochechas sujas de terra. Ela não havia tomado banho, nem comido. Devia ter caído no sono imediatamente depois que ele se retirou.

— Linda — disse Aeron, com um tom de relutante admiração.

Maravilhosa, Maddox corrigiu em silêncio. *Minha*. Seus lábios eram vermelhos e fartos, deliciosamente inchados. Será que ela os havia mordido de preocupação? Ele observou seu peito subir e descer lentamente e se flagrou esticando o braço — não toque, não toque — incapaz de evitar o gesto. Mas fechou as mãos pouco antes do contato. Seu corpo estava rígido como pedra outra vez, o desejo fervendo por dentro. Um desejo misterioso, assustador em sua intensidade e, mesmo assim, muito mais poderoso do que Violência jamais fora.

Como ela podia provocar aquilo tudo nele simplesmente respirando?

Tocá-la. Quem queria? Ele? O demônio? Ambos? Não fazia diferença. Apenas uma carícia, e ele iria embora. Tomaria banho e retornaria quando ela estivesse descansada, e teria a si próprio sob controle então. Com certeza, teria.

Finalmente, abriu a mão e roçou as pontas dos dedos no rosto dela. Uma carícia suave como um sussurro. A pele de Ashlyn era lisa como seda, e elétrica. A dele formigou ao contato, seu sangue instantaneamente se aquecendo ainda mais.

Ela abriu as pálpebras como se também tivesse sentido o choque.

Ela se levantou com um rápido movimento, os cabelos caindo em cascata pelos ombros e costas. Olhou ao redor, embriagada de sono, deparou com os olhos dele e arregalou os seus.

— Maddox. — Ela se arrastou para trás até bater com as costas na cabeceira da cama de metal. Correntes chacoalharam nas laterais da cama, as mesmas correntes que o continham todas as noites. — Maddox — repetiu ela, assustada, surpresa e... feliz?

Ele, Lucien e Aeron recuaram em sincronia. Ele sabia *por que* se movera; vira sua derrocada naqueles olhos lindos no momento em que seus olhares haviam se encontrado, mas não sabia por que os outros haviam reagido daquele jeito.

— O-o que você está fazendo? — arfou ela. — E o que aconteceu com seu rosto? Você está sangrando. — Ele percebeu o tom de preocupação e ficou profundamente abalado. Será que ela sempre o afetaria daquela maneira?

Ela deu uma olhada nos outros e soltou um gemido abafado.

— Será que já não bastou vocês o matarem ontem à noite, tinham que bater nele hoje também? Saiam daqui, seus... seus... assassinos! Saiam agora!

Ela deu um pulo para fora da cama e parou em frente a Maddox, hesitando levemente antes de abrir os braços para mantê-los afastados. Protegendo-o? De novo? De olhos arregalados, ele fitou os demais, que estavam tão atônitos quanto ele.

Ela agia como inocente... ou como alguém se fingindo de inocente. Mesmo assim, Maddox se viu com vontade de tocá-la de novo. Para... confortá-la? Ele balançou a cabeça. Não podia ser. Tinha de ser por prazer. *Isto* fazia sentido. Ele era homem; ela era mulher. Ele desejava.

Mas será que este desejo ficaria mais sombrio, como temia?

Ele agarrou o braço dela e a puxou para trás de si. Trocou um olhar confuso com Lucien e, depois, se virou para olhar para ela. Antes que pudesse dizer uma palavra que fosse, ela se apressou em dizer:

— Vai me levar para a cidade agora? Por favor.

E nunca mais vê-la?

— Coma — ordenou ele, usando um tom mais hostil do que o desejado. — Vá tomar banho. Voltarei logo. — Para os amigos, ele berrou: — Vamos. — E saiu pisando firme rumo ao corredor.

Eles pararam por apenas um momento antes de seguir em frente. Após fechar e trancar a porta, Maddox apoiou a testa contra a parede gelada de pedra ao seu lado, medindo cada molécula de ar ao inspirá-lo e forçá-lo a sair do pulmão enquanto tentava acalmar seu batimento cardíaco desenfreado. *Isto tem que parar.*

— Você arrumou problema para todos nós — disse Aeron, permanecendo ao seu lado. — E ela estava mesmo tentando protegê-lo de nós?

— Com certeza, não. — Mas era a segunda vez que ela fazia isso, e ele estava mais confuso do que antes. Ele corrigiu a postura e esfregou o rosto com a mão.

— Deixe-me ir, Maddox — gritou Ashlyn através da porta. Sua voz o atingiu em cheio, mais ainda do que no dia anterior. Suave, cantarolada. Erótica. — Eu errei em vir aqui. Errei. Mas, se adiantar alguma coisa, prometo que não conto a ninguém.

— Eu sei que trouxe problemas — ele disse a Aeron.

O amigo arqueou uma sobrancelha daquele jeito insolente que Maddox estava começando a detestar.

— Nada de desculpas?

Aquilo era o pior; ele ainda não estava arrependido.

— Esqueça a mulher por ora — disse Lucien, fazendo um gesto de dispensa com a mão. Ele apurou os ombros. — Você a viu. Ela está bem. Ela não parece ter deixado os Caçadores entrarem... ainda. Agora, temos algo mais urgente a discutir. O que tentei lhe dizer hoje foi que os deuses... não são quem você pensa que são.

— Maddox, precisamos falar com você — disse uma voz hostil, cortando qualquer reação que ele pudesse ter tido.

Lucien jogou os braços para cima, impaciente, e Maddox deu meia-volta. Reyes se aproximava, com Paris e Torin ao lado. Dois deles com um esgar no rosto, o outro sorrindo como o louco que era.

— Sua mulher tem que ir embora — rosnou Reyes. — Senti o odor dela a noite inteira e não aguento mais aquele cheiro de tempestade.

Tempestade? Ashlyn tinha cheiro de mel. Mesmo assim, seu maxilar trincou só de pensar em outro homem prestando tanta atenção nela.

— Ela fica — ele disse, curto e grosso.

— Quem é ela, por que ainda está aqui e quando poderei vê-la nua? — perguntou Paris com um movimento da sobrancelha.

— Alguém devia matá-la — reagiu Reyes.

— Ninguém toca nela!

Aeron fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Lá vamos nós de novo.

— Ao contrário de Reyes, não me incomodo com a presença dela — disse Paris, esfregando as mãos. — Só não gosto de sua falta de disposição a compartilhar. Gostaria de...

Maddox deu um empurrão em Paris antes que ele terminasse a frase.

— Não diga mais nem uma palavra. Sei o que você gostaria de fazer com ela, e só por cima do meu cadáver.

Foi a vez de Paris franzir o cenho, a pele clara ficando vermelha.

— Afaste-se de mim, idiota. Não possuí nenhuma mulher hoje, portanto, não estou com humor para

este tipo de palhaçada.

Torin continuou no canto, observando com um largo sorriso.

— Mais alguém está achando isto tudo muito divertido? É melhor até do que ouvir os acionistas quando as ações despencam.

Maddox fez um esforço para manter a calma e empurrou Ashlyn de volta para o fundo de sua mente. Onde era seu lugar. Como fêmea, como humana, como possível Isca, ela era a última pessoa que devia lhe inspirar aqueles arroubos de proteção.

Devia, devia, devia. Argh! *Acabe com isto*. Enfim. Logo. Agora.

— Chega! — gritou Lucien.

Todos ficaram quietos e olharam para Lucien, surpresos. Ele não costumava gritar.

— Havia Caçadores na cidade? — ele perguntou a Paris e Reyes.

Reyes fez que não com a cabeça.

— Não encontramos nada.

— Ótimo. Isto é bom. Talvez Maddox tenha de fato matado todos. — Lucien assentiu, satisfeito. — Mas Maddox ainda não sabe sobre os deuses. Precisamos contar a ele. E tem mais, Aeron e eu... fizemos uma coisa ontem à noite.

Aeron ficou imediatamente tenso.

— Combinamos que não contaríamos a eles.

— Eu sei. — Lucien suspirou, nitidamente usando o que lhe restava de paciência. — Mas mudei de ideia.

— Você não pode simplesmente mudar de ideia! — rugiu Aeron, parando em frente a Lucien com um pulo.

— Posso e mudei — foi a resposta. Não foi das mais calmas, mas quase, só que com um toque de aço.

— O que está havendo? — Maddox se interpôs a eles e os afastou. Desta vez, ele não estava acusando ninguém, nem provocando briga. — Estou pronto para ouvir. Você falou dos deuses. Sei que Aeron foi convocado. Eu estava distraído demais para pedir detalhes antes. O que queriam com ele?

— Depois — Torin disse a Maddox, mas não tirou os olhos de Lucien. — O que você fez, Morte?

— Conte logo — ordenou Reyes.

A atenção de Lucien não se desviava de Aeron.

— Depois da reação deles a Ashlyn, precisamos nos certificar de que eles não tropeçam acidentalmente no *nosso* segredo. O que acha que vai acontecer se eles fizerem isso?

Aeron demorou bastante a responder. A tensão deixou o ar carregado, sério, sinistro. Finalmente, Aeron assentiu.

— Está bem. Mostre a eles. Mas preparem-se para a guerra, meus amigos, porque eles não vão ficar felizes.

— É melhor alguém explicar — exigiu Reyes, olhando entre eles.

— Uma explicação não será suficiente. Preciso lhe mostrar. — Lucien começou a descer o corredor. — Por aqui.

Proféticas palavras, Maddox pensou. Ele lançou um olhar questionador para Torin, que murmurara algo semelhante bem na noite anterior. *Sabe o que está acontecendo?*, ele mexeu os lábios sem som.

Não, foi a resposta silenciosa.

Boa coisa não era, isto ele podia adivinhar. Lucien jamais agira de modo tão misterioso. Confuso,

intrigado, *preocupado*, Maddox deu uma olhada para a porta de Ashlyn antes de acompanhar os amigos.

Capítulo Sete

ASHLYN DEITOU-SE NOVAMENTE, controlando a respiração com dificuldade. Ah, Deus. Ele havia voltado. Não tinha sido sonho, alucinação, nem miragem. Maddox estava vivo. Ela realmente tinha sido trancada em uma masmorra; ele havia realmente voltado do mundo dos mortos. E havia realmente calado as vozes.

Quando ele a deixara naquele quarto estranhamente vazio, ela procurara um telefone; não encontrara nada. Depois, procurara uma saída. Novamente, nada. O cansaço logo lhe pousara nos ombros, quase esmagando-a. Ela não conseguira resistir, o silêncio inexoravelmente relaxante, como uma droga adorada à qual pudera enfim ceder. E, assim, ela se deitara, sem se importar com as consequências. Cultivara a agradável ideia de que talvez tudo aquilo não passasse de ilusão e, quando abrisse os olhos, se encontraria em casa, em sua cama.

Mas não. Ah, nada disso.

Pouco antes, ela fora atingida por uma imagem impactante que a arrancara aos gritos e chutes do sono mais pacífico de toda sua vida, um sonho embalado em abençoado silêncio. Então, Maddox a estivera observando, encarando-a com aqueles insondáveis olhos purpúreos.

O rosto dele estivera, *era*, uma massa de escoriações e cortes. Roxo e ensanguentado, seu olho esquerdo inchado, o lábio aberto de cima a baixo. Só de lembrar, sentiu-se nauseada. Aqueles monstros haviam tentado matá-lo novamente?

Novamente. Ha! Ela riu sem achar a menor graça. Eles o *havam* matado. E dois de seus assassinos haviam estado ao lado dele. Pareciam estar em bons termos, conversando como se ele não tivesse razão para odiá-los. Como podiam continuar amigos?

Ela saiu da cama se arrastando. Seu corpo estalava e doía a cada movimento, como se ela fosse uma velha caquética, e não uma moça ágil de 24 anos. Ela franziu o cenho. Estresse sem fim à vista.

Os homens deviam ter saído, pois ela não os ouviu mais falando da soleira da porta. Ótimo. Não queria lidar com eles no momento. Nem nunca. *Resolva meus negócios e dê um jeito de sair daqui.*

Ela fez uma jornada até o banheiro, perplexa com a própria beleza, avaliando o despojamento do quarto de dormir e a severidade da masmorra. Ali, encontrou paredes de ladrilhos brancos e piso de mármore combinando com a cor das paredes, um armário interno debaixo da pia, em cromo e preto, abarrotado de toalhas, pia de porcelana, uma resplandecente banheira com pés em forma de garra com cano alto. Para o caso um gigante resolver tomar banho?, ela imaginou, arregalando os olhos e uma cortina quase transparente.

Por alguma razão, estava tudo preso por rebites.

Pendia do teto um lustre, seus braços de latão se expandindo em direções diversas. Não havia mais nenhuma decoração, contudo. Nada de quadros ou conforto. Teria Maddox as removido, temendo que ela roubasse alguma coisa?

Ashlyn deu uma risada irônica. O Instituto lhe pagava muito bem para escutar e aprender sobre tudo que era paranormal; dinheiro não era problema. Além do mais, o que ela quisesse, McIntosh lhe daria de boa vontade. E, se ela não quisesse pedir a ele, encomendava pela Internet e recebia na porta de casa.

Ela corou, pensando em algumas das coisas que havia encomendado recentemente. Literatura romântica, que invariavelmente acabava levando à compra de uma roupa de garota de harém, um

conjunto de sutiã e calcinha de couro preto e, após a leitura de um livro específico sobre uma agente secreta e ex-ladra, mantas de seda e fita isolante. Não que ela sequer tivesse usado nada disso.

Com um suspiro, mergulhou uma toalha na água de banho, que já estava fria. Sem tirar as roupas, ela se lavou da melhor maneira possível. De jeito nenhum ficaria nua. A qualquer momento, algum daqueles homens poderia estar de volta.

É, mas você gostaria se fosse Maddox que voltasse.

Não, ela afirmou para si mesma, incomodada pela ideia. Não gostaria, não. Ele a assustava.

Ele lhe traz um precioso silêncio.

Não mais. Ele não estava ali, mas as vozes não haviam retornado. Sua cabeça estava limpa, ela só escutava os próprios pensamentos e nada mais. *Estou curada.*

Não está, não. Você ouviu vozes ontem à noite, na masmorra.

— E agora estou falando comigo mesma — ela disse, levando as mãos para o alto. — Qual será a próxima?

Ela observou seu reflexo no espelho. Gotículas de água pingavam da testa para o nariz, do nariz para o queixo. Suas bochechas brilhavam de tão rosadas, e seus olhos escuros cintilavam. Estranho. Ela jamais tivera tanta certeza de sua própria mortalidade, mas jamais parecera tão viva.

Ao sentir o estômago roncar, ela se lembrou da bandeja de comida que Maddox deixara no chão. Seus pés a levaram espontaneamente até a comida, chutando parte das roupas que havia espalhado ao vasculhar o armário à procura de algum telefone escondido. Camisetas pretas, calças pretas, cuecas pretas.

Seus mamilos endureceram ao pensar no musculoso Maddox só de cueca. Ele deitado na cama, rijo e tenso, o membro em ereção evidente ao escapar pelo elástico da cueca, cheio de malícia nos olhos ao provocá-la, chamando-a com um gesto.

E ela iria com todo prazer.

Ashlyn mordiscou o lábio inferior. Maddox... na cama... desejando-a... Seus joelhos ficaram fracos, e ela sentiu um frio na barriga. *Garota idiota.* Aparentemente, ao ganhar um pouco de silêncio, tudo em que conseguia pensar era sexo.

Ela pegou a bandeja de comida e cambaleou até a janela, onde se apoiou na borda da parede e colocou uma uva na boca. O suco doce desceu pela garganta, e ela quase soltou um gemido, mas tratou de se recompor, exigindo de si mesma concentração no assunto em questão: fugir. Ela havia contado a McIntosh e, portanto, a todo o Instituto, sobre os homens e sobre aquela fortaleza. McIntosh até sabia que ela queria visitar a fortaleza. O mais provável era que agora ele já tivesse uma ideia de aonde ela fora.

Ele iria atrás dela? Ou a jogaria aos lobos por ousar desobedecer? Apesar de ter sido sempre gentil com ela, jamais tolerava erros dos funcionários, menos ainda desobediência proposital.

Ele virá, garantiu a si mesma. Precisa de você.

Mas, ao olhar pela janela, Ashlyn foi recebida tão somente por árvores e neve. Mesmo assim, não se deixou abater. Ele podia estar em qualquer lugar. Mas ela ficou parada ali mesmo, se deixando ver por qualquer um, colocou outra uva na boca e tamborilou os dedos no vidro. *Estou aqui. Está me vendo?*

Ela precisava sair o mais rápido possível. A cada segundo que passava, a loucura dos guerreiros parecia se aprofundar nela. Ela imaginara seu carcereiro de cueca, pelo amor de Deus.

Com sorte, McIntosh a veria, explodiria a porta da frente e a resgataria. Bum. Pronto. Terminou. Não, espere. Volte tudo. Ela não queria McIntosh dentro daquelas paredes. Ele não seria páreo para Maddox e os demais. Ela teria de distrair Maddox, quem sabe dar um jeito de nocauteá-lo e fugir.

Para fora da fortaleza e colina abaixo. Era melhor encarar o frio e as vozes do que a ameaça de morte que ela encontrara ali.

Então... como distrairia aquele homem? Meditando sobre o assunto, ela devorou todo o cacho de uvas. Depois, se concentrou na carne e no queijo, bebericando vinho entre um bocado e outro. Em questão de minutos, só restavam farelos e meia garrafa de vinho. Nunca provara nada mais saboroso. O presunto fora coberto com açúcar mascavo, um succulento presente para suas papilas gustativas. O queijo estava macio, nada pesado, fazendo perfeito contraste com as uvas. O vinho, excelente.

Tudo bem, o lugar *tinha* umas coisinhas a seu favor. Mas comida não seria razão para ficar. *E que tal sexo?* É claro que não, pensou, sentindo outra vez aquele estranho formigamento no ventre. Aquilo era...

Ela entrou em súbito alerta interno, sentindo algo parecido com a calmaria que precede uma tempestade devastadora. O que ela sentiu não foi exatamente dor, mas havia algo de errado em seu corpo. Seu coração bateu uma vez. E duas. Ela engoliu em seco, esperando.

Então, a tempestade chegou.

Seu sangue congelou, mas, mesmo assim, gotículas de suor afiadas como cacos de vidro brotaram em sua pele. Arrastando-se por cada centímetro da pele, como aranhas. Ela soluçou, choramingou, tentou arranhá-las. Mas elas não sumiam, e Ashlyn já conseguia vê-las. Estavam nela. *Nela*, com suas perninhas fugidias. Um grito irradiou em sua garganta no exato momento em que foi atacada por uma onda de tontura, de modo que o som não passou de um gemido. Ela teve que se agarrar à janela para ficar de pé. A bandeja caiu com estardalhaço.

Logo a estonteante neblina se tornou uma dor, e a dor, uma faca afiada, cravando-se na barriga dela e subindo até o coração. Ela se levantou, arfando e gemendo ao mesmo tempo. Luzes fortes brilharam diante os olhos numa série de cores cegantes.

O que havia de errado com ela? Veneno? Ah, Deus, será que as aranhas ainda estavam nela?

Sentiu outra pontada de dor e se curvou.

— Maddox — chamou com voz fraca.

Nada. Nenhum passo.

— Maddox! — gritou, projetando o nome dele com toda a força que lhe restava. Tentou caminhar até a porta, mas não conseguiu forçar seu corpo a se movimentar.

Novamente, nada.

— Maddox! — *Por que você o quer? Pode ter sido ele quem fez isto com você.* — Maddox. — Ela não sabia como tirar o nome dele dos lábios. — Maddox.

Teias negras lhe serpentearam a visão, comprimindo-a, cobrindo o arco-íris de cores ultravivas.

— Maddox. — Sua voz já não passava de um rouco sussurro, uma súplica trêmula.

Sentiu um aperto no estômago; sua garganta começou a inchar e se fechar. Então, de repente, já não conseguia mais respirar. Todas as células de seu corpo gritavam, gritavam, gritavam. *Preciso de ar. Preciso respirar.* Ela caiu no chão, tão fraca que não aguentava o próprio peso. *Preciso me livrar das aranhas.* Sem força, sem energia.

A garrafa de vinho caiu como se quisesse demonstrar solidariedade, derramando o resto do líquido vermelho perto de Ashlyn. Ela perdeu o foco por completo, o mundo ruiu e desapareceu por inteiro, restando apenas trevas.

MADDOX NÃO CONSEGUIA acreditar no que via.

— Isto é... isto é... impossível. — Ele esfregou os olhos com a mão calejada, mas a visão não desapareceu.

— Obviamente, não foi o cheiro de Ashlyn que senti. — Reyes deu um soco na parede. Poeira pairou no ar e lascas de pedra caíram no chão.

Torin se limitou a rir.

Paris assoviou de modo reverente.

— Venha para o papai.

No outro lado do quarto de Lucien, havia quatro mulheres. De mãos dadas, elas se agacharam, espremendo-se umas nas outras em busca de força e apoio. Todas tremiam de medo e fitavam os homens com olhos arregalados de pânico.

Não, Maddox percebeu. Nem todas estavam tremendo. Uma bela loura com sardas os encarava com furiosos olhos verdes. Seu queixo parecia trincado, como se estivesse mordendo a língua para não gritar um palavrão.

— O que elas estão fazendo aqui? — ele perguntou de modo autoritário.

— Não use este tom — rebateu Aeron. — Foi você quem começou tudo com sua linda Isca.

Grunhindo baixo, Maddox diminuiu a distância entre os dois. Uma das mulheres choramingou.

— Achei que já houvéssemos resolvido isso — disse ele. — Modere o linguajar ao falar dela, ou sofrerá.

Aeron não recuou.

— Você a conhece há quanto tempo? Algumas horas? Você mal falou com ela. Ela deveria estar implorando por clemência agora, e devíamos arrancar todos os segredos dela e ficar sabendo se há mais Caçadores lá fora e o que estão planejando.

— Ela tentou me salvar quando fui apunhalado. Ela tentou me salvar de vocês poucos minutos atrás.

— Tudo falso.

Provavelmente. Ele dissera a si mesmo exatamente aquilo, mas, pelo jeito, não conseguia se importar. Não conseguiu antes, e não conseguia naquele instante. Mais frustrado consigo mesmo do que com Aeron, desta vez, ele entregou os pontos. Ele encarou Lucien.

— Por que elas estão aqui? — perguntou, recomposto, mas não menos cético.

Na verdade, com o máximo de compostura do qual ele era capaz no momento.

Lucien olhou de relance para Aeron, que fez um gesto com o queixo em direção ao corredor. Entendendo, os guerreiros se retiraram. Todos sussurraram, agitados. Lucien foi o último a sair e logo fechou e trancou a porta.

Maddox espreitou seus amigos, que, em sua maioria, o encaravam com a mesma desconfiança. Nunca havia acontecido algo daquele tipo antes. Nenhum deles jamais levara mulher alguma para dentro de casa, nem mesmo Paris (que ele soubesse), e, naquele momento, havia quase tantas mulheres quanto guerreiros. Era surreal.

— E então? — ele estimulou.

Aeron explicou como os gregos haviam sido depostos pelos Titãs, líderes de milhares de anos antes, e que eles queriam — na verdade, haviam ordenado — que ele executasse aquelas quatro mulheres inocentes. Se ele resistisse, seria tomado por uma louca sede de sangue. Se pedisse para ser liberado da função, acabaria amaldiçoado como Maddox.

Maddox escutou, perplexo. Foi tomado por um fluxo de choque e horror que formou ondas em seu sistema nervoso.

— Mas por que o novo rei dos deuses diria a Aeron que...

A resposta surgiu por si mesma, e ele apertou os lábios. *Eu fiz isso, ele se deu conta. Eu sou o responsável. Desafiei os deuses ontem à noite, até os insultei.* Aquilo só podia ser uma forma de

retaliação.

Consternado, olhou de relance para Torin. O guerreiro olhava para ele com um brilho severo nos olhos verdes. Então, ele se virou e espalmou as mãos enluvadas sobre o espelho pendurado logo acima de sua cabeça. Seu reflexo era lúgubre. Ainda no dia anterior, os dois haviam afirmado que não se importavam se os deuses resolvessem puni-los. Achavam que nada podia ser pior do que sua situação atual.

Estavam errados.

— Não podemos permitir que Aeron cumpra esta ordem — disse Lucien, interrompendo os pensamentos sinistros de Maddox. — Ele já está à beira do colapso. Todos estamos.

Reyes deu outro soco na parede, grunhindo com força. Havia cortes de um vermelho furioso em seus antebraços, e eles abriram novamente com a força do impacto, espalhando manchas de sangue sobre a pedra prateada.

— Esses Titãs deviam saber o que aconteceria se Aeron obedecesse. — Ele mostrou os dentes num esgar. — Tinham de saber que nos equilibramos no limiar entre o bem e o mal. Por que fariam isso?

— Eu sei por quê — replicou Maddox sombriamente.

Todos os olhos se voltaram para ele.

A vergonha lhe caiu pesada nos ombros quando relatou o que fizera.

— Jamais imaginei que isso fosse acontecer — ele terminou de falar, demonstrando certa fraqueza.

— Não sabia que os Titãs haviam escapado, menos ainda que haviam tomado o poder.

— Nem sei o que dizer — disse Aeron.

— Eu sei. Droga — respondeu Paris.

Maddox jogou a cabeça para trás e ficou olhando para o teto. *Pensei que eu estivesse provocando os gregos*, ele quis gritar. *Eles* não teriam feito nada. *Eles* teriam continuado a ignorá-lo.

— Você acha que Ashlyn é um castigo dos Titãs também? — perguntou Lucien.

Ele trincou o maxilar.

— Sim. — Claro que ela era um castigo. Ele já havia pensado nisto; a hora em que chegara, o jeito com que ela lhe assombrara a mente e lhe incitara os desejos. Entretanto, ele concluía que os gregos eram responsáveis por aquilo. — Os Titãs devem ter conduzido os Caçadores até nós, sabendo que eles usariam Ashlyn e como ela me afetaria.

— Você só amaldiçoou os deuses *depois* que Aeron foi convocado. E mais, você ainda não os havia amaldiçoado quando Ashlyn apareceu pela primeira vez nas minhas câmeras — observou Torin. — Eles não tinham como saber o que faríamos ou diríamos.

— Não? Talvez eles não a tenham mandado, mas *com certeza* está sendo usada por eles de alguma forma. — Era a única explicação para a intensidade de seus sentimentos por ela. — Vou cuidar dela — ele acrescentou de modo ameaçador, mas todos os músculos de seu corpo se enrijeceram, implorando para que retirasse o que dissera. Ele não retirou. — Vou cuidar de todos eles.

— Como? — perguntou Paris, olhando para ele de cenho franzido.

Sombrio, ele disse:

— Vou matá-los. — Já fizera coisas piores. Por que não acrescentar aquilo à lista? *Porque não sou um animal selvagem*. Se fizesse aquilo, ele *seria* Violência. Não seria melhor do que o espírito dentro dele, reduzido a apenas uma razão de existir: causar dor.

Mas, como fora ele quem levava aquele tormento para dentro de casa, cabia a ele resolver. Mas seria ele capaz de destruir Ashlyn? Descobriu que não queria saber a resposta.

— Você não pode matar as quatro dentro do quarto de Lucien — disse Aeron, com a cara tão

fechada quanto a de Maddox. — Os Titãs mandaram que *eu* fizesse isso. Quem sabe como reagirão se suas ordens não forem cumpridas à risca?

— Estou ouvindo, seus desgraçados nojentos! — uma voz feminina gritou detrás da porta. — Se vocês fizerem alguma coisa, juro por Deus que mato *todos* vocês.

Mais uma vez, todos pararam em silêncio.

Reyes abriu um sorriso sardônico.

— Uma façanha impossível, mas eu quase gostaria de assistir à tentativa.

Ela socou o umbral da porta.

— Soltem-nas! Soltem-nas, estão me ouvindo?

— Estamos ouvindo, mulher — disse Reyes. — Tenho certeza de que até os mortos conseguem ouvi-la.

Era perturbador ver Reyes, o mais sério de todos, fazendo piada. Ele só recorria ao humor quando a situação estava feia.

Aquilo era um pesadelo. Após séculos de rígida rotina, Maddox, de repente, tinha uma mulher para interrogar e depois destruir antes que ela pudesse ser usada contra ele. Ele tinha que salvar um amigo de uma ordem impensável. E tinha que apaziguar os deuses. Deuses que ele nem sabia direito como abordar.

Aqueles Titãs eram entidades desconhecidas. Se Maddox pedisse clemência e eles ordenassem que ele fizesse algo de atroz, algo que se recusasse a fazer, a situação, com certeza, ficaria bem pior do que já estava.

— Por que eu não toco nelas? — sugeriu Torin, voltando-se para o grupo. Seus olhos eram tão luminosos e verdes quanto os da moça dentro do quarto. Enquanto os olhos dela estavam cheios de raiva, os dele eram cheios de desespero. — Se elas acabarem morrendo de alguma doença, ninguém vai precisar ficar de consciência pesada. — A não ser Torin.

— Não — disse Aeron no mesmo instante em que Paris gritou:

— De jeito nenhum!

— Nada de doença — concordou Lucien. — Depois que começa, fica impossível controlar.

— Podemos isolar os corpos — disse Torin, claramente determinado.

Lucien suspirou novamente.

— Isso não vai funcionar, e você sabe disso. A doença sempre se espalha.

— Doença? — berrou a moça. — Você vai nos infectar com uma doença? Foi para isso que nos trouxe para cá? Seus nojentos, asquerosos e repugnantes montes de...

— Quieta — ordenou outra voz feminina. — Não os provoque, Dani.

— Mas, vovó, eles...

Suas vozes foram sumindo. A garota devia estar sendo arrastada para longe da porta. Maddox gostou de sua coragem. Lembrava o jeito de Ashlyn quando ela o defendera na cela e quando exigira que ele levantasse a camisa. Ela queria fugir, seus olhos brilhavam de vontade, mas não fugira. Só de lembrar, o sangue de Maddox esquentava e seu corpo enrijecia. Ela chegara a tocar em seu ferimento, despertando algo dentro dele. Algo que ele não havia compreendido.

Ternura, talvez?

Ele balançou a cabeça, rejeitando a ideia. Combateria aquele sentimento até o ultimo suspiro, o que aconteceria dentro de 13 horas, pensou amargamente. Ele não sentia e nem viria a sentir ternura pela Isca, ou pelo castigo divino, ou o que quer que ela fosse.

E ele provaria aquilo; da próxima vez em que a visse, ia possuí-la de uma vez, com investidas fortes... Ela ia gemer e gritar seu nome. Ela ia lhe apertar a cintura com as coxas e... Não, não.

Espontaneamente, a imagem se redesenhou em sua cabeça, transformando-se para agradar Violência.

Ela estaria de barriga para baixo, de mãos e joelhos atados. Seus lindos cabelos lhe estariam cobrindo as costas elegantes, como se fossem uma cascata, e ele os agarraria, puxaria. O pescoço de Ashlyn se arquearia; seus lábios se entreabririam num ofego de prazer e dor. Ele ia entrar e sair daquele abrigo úmido. Apertada. Sim, ela seria mais apertada do que um punho. Os testículos dele iam estar bem entre as pernas dela.

Quando eu finalmente tiver Ashlyn em minha cama, serei gentil. Lembra?

Aquele pensamento foi ignorado. Ela imploraria, pedindo mais, e ele daria. Ele iria...

— Isto está ficando cansativo. — Aeron o empurrou com força, e ele bateu com as costas na parede. — Você está arfando e suando, e seus olhos estão começando a brilhar com um fogo vermelho. Prestes a explodir, Violência?

A imagem de Ashlyn, nua e excitada, desapareceu, e aquilo enfureceu o espírito, que tentou pular através da pele de Maddox para atacar. Maddox também percebeu que estava rosnando, sedento por outra visão daquelas.

— Acalme-se, Maddox. — A voz serena de Lucien atravessou a confusão mental. — Se continuar assim, seremos forçados a acorrentá-lo. E então, quem protegerá Ashlyn, hã?

Seu sangue gelou, e ele ficou mais sóbrio. Eles fariam aquilo mesmo, ele sabia que fariam, e não admitia ser acorrentado. Não durante o dia. À noite, sim. À noite, ele era uma ameaça e não tinha outro jeito. *Sou uma ameaça agora.* Mas se ele fosse preso naquele momento, quando se agarrava com dificuldade à sua própria consciência, seria o mesmo que admitir a derrota e parar de tentar ser qualquer coisa que não um demônio.

Ele percebeu que os homens estavam todos olhando para ele.

— Desculpe — ele resmungou. Havia algo de muito errado com ele. Aquela dança perigosa com o espírito era inteiramente ridícula. Pior, era constrangedora. Eles costumavam se enfrentar, mas não daquele jeito.

Talvez precisasse passar mais tempo na academia. Ou então de mais um embate com Aeron.

— Certo? — perguntou Lucien. Quantas vezes ele seria obrigado a repetir a pergunta naquele dia? Maddox assentiu de má vontade.

Lucien levou os braços para trás das costas e observou cada um deles.

— Como isso está resolvido, vamos discutir a razão pela qual eu trouxe vocês para cá.

— Vamos discutir a razão pela qual você trouxe as mulheres para cá — intrometeu-se Paris —, em vez de deixá-las na cidade. Sim, Aeron tem um trabalho a fazer, mas isso não explica...

— As mulheres estão aqui porque não quisemos que elas saíssem de Budapeste, talvez assim fazendo Aeron segui-las — disse Lucien, interrompendo-o. — E eu quis que vocês as vissem para que não acabassem matando-as caso as flagrassem perambulando pela fortaleza. Se elas conseguirem se soltar, apenas levem-nas de volta ao meu quarto e tranquem a porta. Não falem com elas, não as machuquem. Até darmos um jeito de liberar Aeron desta ordem, as mulheres serão nossas hóspedes contra a vontade. Certo?

Um por um, os homens assentiram. O que mais poderiam fazer?

— Por enquanto, podem deixá-las comigo e relaxar. Descansem. Vão fazer o que têm a fazer. Em breve, tenho certeza de que vocês serão requisitados.

— Eu, por mim, pretendo beber até cair. — Aeron esfregou a mão no rosto. — Mulheres em casa — resmungou. E acrescentou ao se afastar: — Por que não convidamos a cidade inteira para uma festa?

— Uma festa seria divertida — disse Torin, achando graça outra vez.

— Pode me ajudar a esquecer esse negócio de morar só com um bando de homens. — Então, ele também se foi.

Reyes não disse nada. Apenas desembainhou uma lâmina e desceu o corredor pisando firme, sem deixar dúvida do que pretendia fazer. Maddox teria se oferecido para cortá-lo, açoitá-lo ou espancá-lo, poupando assim Reyes da agonia da autoimolação, mas ele já havia se oferecido antes, e a resposta era sempre um ríspido “não”.

Ele entendia a necessidade que Reyes tinha de fazer aquilo sozinho. Ser um fardo era quase tão ruim quanto ser possuído por um demônio. Todos eles tinham seus demônios, literalmente, e Reyes não queria piorar a situação para ninguém.

No momento, contudo, Maddox teria recebido de bom grado qualquer distração.

— Até mais tarde, otários — disse Paris. — Vou voltar para a cidade. — Finas linhas de tensão se delinearam em seus olhos; olhos que, naquele momento, emanavam um tom de azul embotado em vez de brilhar de satisfação. — Não tive mulher ontem à noite *nem* hoje de manhã. Essa história toda — ele fez um gesto com a mão em direção à porta —, fez uma sacanagem com a minha agenda. E não no bom sentido.

— Vá — disse Lucien.

O guerreiro hesitou e olhou de relance para a porta. Ele lambeu os lábios.

— A não ser, é claro, que você me deixe entrar no seu quarto...

— Vá. — Lucien gesticulou, impaciente.

— Quem perde são elas. — Paris encolheu os ombros, deu meia-volta e se foi.

Maddox sabia que devia se oferecer para tomar conta das mulheres. Afinal, era provavelmente por causa dele que elas estavam lá. Mas precisava ver Ashlyn. Não, não precisava. Queria. Melhor assim. Ele não *precisava* de nada. Menos ainda de uma humana com motivos questionáveis que já estava marcada para morrer.

Mas ele percebeu que, como não sabia o que os Titãs fariam em seguida, ele não queria desperdiçar mais nenhum momento. Procuraria Ashlyn, mesmo não tendo dominado o demônio por completo. Além do que, ele talvez jamais fosse ficar calmo em se tratando daquela mulher. E era melhor fazer o que queria fazer logo, antes que fosse forçado a... Ele nem suportava imaginar.

— Lucien — ele começou.

— Vá — repetiu seu amigo. — Faça o que precisar para se controlar. Sua mulher...

— Ashlyn está fora de discussão — reagiu Maddox, já sabendo o que Lucien queria dizer. *Sua mulher é um problema que precisa ser resolvido o mais rápido possível.* Ele também sabia disso.

— Apenas tire-a de sua cabeça e, depois, faça o que precisar ser feito para que ao menos parte de nossas vidas volte ao normal.

Maddox assentiu e deu meia-volta enquanto parte de si se perguntava se sua vida normal era algo ao qual valesse a pena retornar.

Capítulo Oito

MADDOX ENTROU EM seu quarto sem saber direito o que iria encontrar. Ashlyn adormecida? Ashlyn nua e de banho recém-tomado? Ashlyn pronta para brigar?

Ashlyn pronta para o prazer?

Para sua irritação, o coração batia descompassado. As palmas das mãos estavam suando. *Tolo*, ele se censurou. Não era um humano, um servo do medo, nem inexperiente. Ainda assim, não sabia exatamente como lidar com aquela mulher, aquele... castigo.

O que ele não esperava era encontrar Ashlyn inconsciente, caída no chão, cercada por uma poça escarlate — sangue? — que lhe empapava os cabelos e as roupas.

As trevas lhe causaram um calafrio.

— Ashlyn? — No mesmo instante, ele foi para o lado dela, se abaixou, gentilmente a virou e tomou nos braços. Vinho, era só vinho. Graças aos deuses. Havia gotículas sobre seu rosto extremamente pálido que pingaram sobre ele. Ele quase sorriu. Será que ela havia bebido muito?

Ela era tão leve que ele nem sentiria que a estava segurando se não fosse o formigamento que passou da pele dela para a dele.

— Ashlyn, acorde.

Ela não acordou. Na verdade, parecia ficar cada vez mais inconsciente; o movimento detrás de suas pálpebras cessando.

Ele sentiu um nó na garganta e pronunciou com dificuldade as palavras seguintes.

— Acorde por mim.

Nem um gemido, nem um suspiro.

Preocupado com sua falta de reação, ele a carregou para a cama, arrancando-lhe o casaco molhado e jogando de lado. Apesar de não querer soltá-la, ele a deitou sobre o colchão e segurou-lhe o rosto com as mãos. A pele estava gelada.

— Ashlyn.

Nada de resposta.

Será que ela... Não. *Não!* Ele sentiu o estômago afundar como se tivesse engolido bolas de chumbo ao colocar a palma da mão acima do seio esquerdo de Ashlyn. Primeiro, ele não sentiu nada. Nada de batidas, fortes ou leves. Quase rogou uma praga aos céus. Então, de repente, ouviu uma batida fraca. Uma longa pausa. Mais duas batidas fracas.

Ela estava viva.

Seus olhos se fecharam brevemente, os ombros afundando de alívio.

— Ashlyn. — Ele a balançou gentilmente. — Vamos, linda. Acorde. — O que havia de errado com ela, em nome de Zeus? Ele não tinha nenhuma experiência com mortais embriagados, mas achava que havia algo de errado.

A cabeça pendeu para o lado; as pálpebras continuaram fechadas. Seus lábios tinham um bonito, mas nada natural, tom azul. O suor lhe descia pela testa. Ela não estava simplesmente bêbada. Será que ela havia ficado doente depois de passar a noite na cela? Não, ela teria dado sinais antes. Será que Torin havia tocado nela sem querer? Certamente, não. Ela não estava tossindo e nem com a pele coberta de brotoejas. Então, o quê?

— Ashlyn.

Não posso perdê-la. Ainda não. Ele não se cansara dela ainda, não a tocara como sonhara tocar, não falara com ela. Ele piscou os olhos, surpreso. De repente, se deu conta de que queria conversar com ela. Não apenas saciar sua vontade dentro daquele corpo. Não apenas interrogá-la. Mas conversar. Conhece-la e descobrir o que fizera dela a mulher que era.

Todos os pensamentos de matá-la sumiram; em seu lugar, brotaram ideias claras de salvá-la.

— Ashlyn. Fale comigo. — Ele a sacudiu de novo, sentindo-se impotente e sem saber o que fazer. Ela continuava a irradiar frio, como se tivesse sido banhada em gelo e posta para secar ao vento ártico. Ele puxou as cobertas e fez uma espécie de túnel ao redor dela, tentando envolvê-la em calor.

— Ashlyn. Por favor.

Enquanto ele olhava, hematomas foram se formando debaixo dos olhos dela. Seria aquele o castigo dele, então? Assistir enquanto ela morria lenta e dolorosamente?

A sensação de impotência se intensificou. Por mais forte que ele fosse, não podia forçá-la a responder.

— Ashlyn. — Desta vez, seu nome saiu em tom de súplica. Ele a sacudiu mais uma vez, com tanta força que parecia querer sacudir sua alma também. — Ashlyn.

Maldição. Nada ainda.

— Lucien! — rugiu, sem tirar os olhos dela. — Aeron! — Longe deles do jeito que estava, duvidava que pudessem ouvir. — Ajudem! — Ashlyn teria pedido socorro? Maddox se abaixou e levou seus lábios aos de Ashlyn, tentando soprar sua força para dentro dela. Calor... formigamento...

Ela entreabriu os lábios azulados e ela gemeu. Finalmente. Outro sinal de vida. Ele quase uivou de alívio.

— Fale comigo, linda. — Ele afastou o cabelo molhado do rosto dela e ficou desconcertado ao perceber que as próprias mãos tremiam. — Diga o que está havendo.

— Maddox — disse ela com voz rouca. Mas seus olhos permaneceram fechados.

— Estou aqui. Diga o que posso fazer para ajudar. Diga do que precisa.

— Mate-as. Mate as aranhas. — Ela falou tão baixinho que ele teve dificuldade de ouvir. Passou os dedos no rosto dela enquanto olhava ao redor do quarto.

— Não tem aranha nenhuma, linda.

— Por favor. — Uma lágrima de cristal escapou debaixo da pálpebra. — Não param de subir pelo meu corpo.

— Sim, está bem, vou matá-las. — Apesar de não entender, ele continuou a passar as mãos no rosto dela, depois, no pescoço, pelos braços, barriga e pernas. — Elas estão mortas agora. Estão mortas. Eu juro.

Ela pareceu relaxar um pouquinho ao ouvir aquilo.

— Comida, vinho. Veneno?

Ele empalideceu, sentiu que a cor sumiu do seu rosto até ele ficar quase tão branco quanto Ashlyn. Ele não pensara... não considerara... O vinho fora feito para *eles*, os guerreiros, não para os humanos. Como o álcool dos humanos não fazia efeito com eles, Paris costumava misturar umas gotinhas da ambrosia que roubara dos céus e guardara durante todos aqueles anos. A ambrosia seria um veneno para os humanos?

Eu fiz isso a ela, pensou Maddox, horrorizado. *Eu. Não os deuses.*

— Argh! — Ele deu um soco na cabeceira da cama de metal e sentiu as dobras dos dedos racharem ainda mais e se encherem de sangue. Não satisfeito, deu outro soco na cabeceira. A cama balançou, e Ashlyn gemeu de dor.

Pare; não vá machucá-la. Ele fez um esforço para ficar parado, respirar devagar, apesar de estar

se concentrando, pela milésima vez no dia, na tentativa de manter a calma. Só que o ímpeto por violência era tão sombrio, tão lúgubre... Tão intenso que era quase incontrollável. A não ser por aquele breve momento depois de sua briga com Aeron, ele ficara de mau humor o dia inteiro e isto apenas piorava a situação. Estava a um triz de perder a linha e causar danos irreparáveis.

— Diga-me como ajudá-la — repetiu.

— Do-doutor.

Um curandeiro humano. Sim, sim. Ele tinha que levá-la para a cidade, pois nenhum dos Senhores tinha conhecimentos médicos. Nunca fora preciso. E se aquele doutor quisesse mantê-la internada? Ele balançou a cabeça. Isto ele não podia permitir. Ela podia dizer aos Caçadores o que ficara sabendo, o que vira; a melhor maneira de derrotar os guerreiros. Mas o que mais o incomodava era o medo de que alguém a tomasse, a machucasse, e ele não fosse capaz de salvá-la.

Ele teria de levar o médico até ali.

Maddox deu outro beijo suave em seus lábios tão frios. Novamente, houve uma descarga elétrica, desta vez, mais abafada que a anterior, fraca como a própria Ashlyn. Ele estava com os punhos fechados.

— Vou encontrar um médico para você, linda, e o trarei à fortaleza.

Ela gemeu, e seus longos cílios finalmente se abriram. Piscinas de âmbar, cheias de dor, o fitaram.

— Maddox.

— Juro que não demorarei.

— Não... vá. — Ela soava à beira das lágrimas. — Dói. Dói tanto. Fique.

A necessidade de ceder e a necessidade de procurar ajuda lutaram dentro dele. Afinal, não conseguiria negar nada a ela. Ele foi até a porta e gritou:

— Paris! Aeron! Reyes! — O som de sua voz ecoou pelas paredes. — Lucien! Torin!

Ele não esperou por eles; voltou correndo para a cama. Entrelaçou os dedos aos de Ashlyn. Os dela estavam sem força.

— O que posso fazer para aliviar sua dor?

— Não me solte. — Ela arfou de leve. Estrias vermelhas se formavam nos cantos de sua boca. O veneno estava se espalhando?

— Não vou. Não vou. — Mais do que tudo, ele queria transferir para si mesmo a dor que ela estava sentindo. O que era um pouco mais de sofrimento para ele? Nada. Mas ela era... o quê? Ele não tinha resposta para aquilo.

Gemendo, ela apertou o abdômen, rolou para o lado e ficou em posição fetal. Maddox usou a mão que estava livre para afastar-lhe o cabelo da orelha, que ainda estava molhada.

— Algo mais que eu possa fazer?

— Não sei. — Ela o fitou com um olhar vidrado. — Vou... morrer?

— Não! — Ele não quis gritar, mas a negativa escapou de sua boca. — Não — ele repetiu mais suavemente. — Isto é culpa minha, e não vou deixar você morrer.

— De propósito?

— Nunca.

— Então, por quê? — sussurrou ela. E gemeu de novo.

— Acidente — ele disse. — Aquele vinho não era para a sua espécie.

Se ela o ouviu ou não, não deu qualquer indicação.

— Vou... — ela engasgou, cobriu a boca com a mão... — vomitar.

Ele pegou a tigela de frutas vazia e a estendeu para ela. Ela foi para a beira da cama e esvaziou o estômago. Ele segurou-lhe o cabelo para trás, para que não se sujasse.

Seria bom ou ruim ela regurgitar?

Ashlyn caiu de volta no colchão no momento em que Reyes e Paris entraram correndo. Ambos pareciam confusos.

— O quê? — quis saber Reyes.

— O que houve? — perguntou Paris. Ele estava suando, com linhas de tensão mais profundas ainda ao redor dos olhos.

Os braços de Reyes estavam sangrando de novo, as mãos, inchadas, e ele segurava duas lâminas, nitidamente pronto para lutar. Seu olhar assimilou a cena, e a confusão se intensificou.

— Precisa de ajuda para dar o golpe de misericórdia?

— Não! O vinho... a ambrosia que Paris coloca nele. Eu deixei para ela. — A confissão saiu dele de uma vez, repleta de culpa e desolação. — Salve-a.

Paris vacilou, mas conseguiu manter a rigidez.

— Não sei como.

— Precisa saber! Você passou incontáveis horas com humanos! — Maddox mal conteve o grito ensurdecido. — Diga como posso ajudá-la.

— Quisera eu. — Ele esfregou a testa molhada com as costas da mão. — Nunca dividi nosso vinho com os outros. É nosso.

— Vá perguntar o que fazer às outras humanas. Se não souberem, diga a Lucien para se teletransportar para a cidade e encontrar um médico para trazer aqui. — Morte era o único dos guerreiros capaz de ir de um lugar a outro com um mero pensamento.

Reyes assentiu e deu meia-volta.

— Sinto muito, Maddox — disse Paris —, mas estou no meu limite. Preciso de sexo. Ouvi seu chamado quando estava na porta da frente, de saída, e vim para cá ao invés de ir embora. Devia ter ido. Se eu não chegar logo à cidade, vou acabar...

— Eu entendo.

— Fico devendo essa a você. — Paris saiu cambaleando do quarto e virou para o corredor.

— Maddox. — Ashlyn gemeu de novo. Estava com a testa suada. Sua pele ainda estava azulada e tão pálida que ele conseguia ver as veias. — Conte... uma história. Alguma coisa... esquecer... dor. — Ela fechou os olhos e, novamente, os cílios fizeram sombras em seu rosto.

— Relaxe, linda. Você não deveria estar falando.

Ele correu até o banheiro, esvaziou e limpou a tigela, pegou e molhou uma toalha. Voltou para perto da cama, colocando a tigela ao lado, só por precaução. Ela ainda estava de olhos fechados. Ele achou que tivesse adormecido, mas ela ficou tensa quando ele lhe lavou o rosto. Parou ao lado dela, sem saber direito o que dizer.

— Por que... amigos apunhalaram você?

Ele não falava sobre a maldição que carregava, nem mesmo com os homens que sofriam ao lado dele. Não deveria discutir o assunto com Ashlyn. Na verdade, ela seria a última pessoa com quem discutiria aquilo, mas isso não o impediu. Olhando para ela, vendo seu rosto retorcido de dor, ele seria capaz de fazer qualquer coisa para ajudá-la.

— Eles me apunhalaram porque têm de fazer isso. Como eu, eles são amaldiçoados.

— Isso... não explica nada.

— Isso explica tudo.

Vários minutos se passaram em silêncio. Ela começou a se contorcer, como se estivesse se preparando para vomitar de novo. Ele a deixara doente; então, lhe devia tudo que ela desejasse. Ele abriu a boca, e dela saiu a história de sua vida.

— Aqui vai uma história para você. Sou imortal, e vivo na terra desde o começo dos tempos, ao que parece.

Enquanto falava, ele sentiu que os músculos dela começaram a relaxar.

— Imortal — repetiu Ashlyn, como se saboreando a palavra. — Sabia que você era mais que humano.

— Eu nunca fui humano. Fui criado como guerreiro, feito para proteger o rei dos deuses. Por muitos anos, eu o servi bem, ajudei-o a permanecer no poder, protegendo-o até de sua própria família. Mas ele não achou que eu fosse forte o bastante para guardar seu bem mais precioso, uma caixa feita dos ossos da deusa morta da tirania. Não, ele ordenou que uma mulher fizesse isto. Ela era conhecida como a maior guerreira, verdade, mas meu orgulho foi ferido.

Felizmente, Ashlyn continuou relaxada.

— Tentando provar o erro que fora cometido, ajudei a libertar no mundo os demônios que havia dentro dela. E, como castigo, fui unido a um deles.

Ele a enlaçou pela cintura e gentilmente lhe esfregou o ventre, esperando assim aliviar-lhe o sofrimento.

Ela expeliu um leve suspiro. De alívio? Ele esperava que sim.

— Demônio. Eu já desconfiava.

Sim, desconfiara. Ele ainda não estava entendendo por que ela admitira tão prontamente.

— Mas você é *bom*. Às vezes — acrescentou. — É por isso que seu rosto muda?

— Sim. — Ela o achava bom?

Cheio de prazer, ele continuou sua história.

— Eu soube no momento em que ele foi posto dentro de mim, como se partes de mim estivessem morrendo, abrindo caminho para outra coisa, algo mais forte do que eu mesmo. — Fora a primeira vez em que ele compreendera o conceito de morte, mal sabendo quão intimamente ele viria a compreendê-lo.

Ela soltou outro delicado suspiro. Ele não tinha certeza se ela realmente estava entendendo o que ele dizia. Pelo menos, não estava chorando, não estava se contorcendo de dor.

— Por um tempo, perdi contato com minha própria vontade e o demônio assumiu total controle de mim, me forçando a fazer... — Todo o tipo de mal, ele completou mentalmente, visões de sangue e morte, fumaça e cinzas e desolação total lhe encheram a cabeça. Ele próprio mal conseguia tolerar saber de tudo, e não poderia corromper a inocência de Ashlyn com aquilo.

Até aquele exato momento, ele ainda se lembrava de quando o domínio do espírito se enfraquecera, como se fosse uma névoa de sonho se dissipando, a fumaça negra de sua mente sendo levada embora por uma doce e perfumada brisa matinal, deixando para trás apenas sua detestável lembrança.

O demônio o compelira a matar Pandora, a guardiã que ele odiava acima de tudo. A sede de sangue havia arrefecido enfim, recuado para o fundo da mente de Maddox, deixando para ele a função de lidar com os danos.

— Deuses, se eu pudesse voltar... — ele disse, suspirando. — Se pudesse voltar e deixar a caixa de lado...

— Caixa — disse Ashlyn, assustando-o. — Demônios... Ouvi algo sobre isso. — Ela abriu a boca para falar mais, então se contorceu. Gritando, ela tateou em busca da tigela.

Mais rápido do que nunca, Maddox pulou da cama e lhe passou a tigela em questão de segundos. No momento em que lhe estendeu a tigela, ela se debruçou e vomitou. Ele a envolveu nos braços num gesto protetor durante os piores momentos, de um jeito como jamais fizera. Confortar alguém era algo

novo, e ele rezava para que fizesse tudo certo. Jamais consolara sequer os próprios amigos. Eles todos eram tão reservados com seus próprios tormentos quanto ele.

Quando Ashlyn terminou, ele a colocou no colchão de volta e, mais uma vez, limpou seu rosto. Então, voltou os olhos para o teto.

— Estou arrependido pelo jeito como falei de vocês — ele sussurrou para os céus. — Mas, por favor, não a machuquem pelos meus pecados.

Ao baixar os olhos para fitá-la, ele sentiu como se uma eternidade tivesse passado desde que a encontrara pela primeira vez, como se ele já a conhecesse e ela sempre tivesse feito parte de sua vida. Uma vida que se desintegraria no nada se ela lhe fosse tomada. Como era possível? Apenas uma hora atrás, ele havia se convencido de que seria capaz de assassiná-la. Mas, naquele momento...

— Deixem que ela viva — ele se pegou acrescentando —, e farei qualquer coisa que quiserem. *Qualquer coisa?*, perguntou uma voz suave, saboreando as possibilidades da palavra. Não era a voz de Violência, ele se deu conta, nem nenhuma das outras vozes que ouvira antes.

Maddox ficou paralisado. Então, seu choque se transformou em mera confusão.

— Quem está aí?

Espantada pela reação, Ashlyn arrastou os olhos, marcados por linhas vermelhas, na direção dele.

— Eu — disse ela com voz rouca.

— Não se importe comigo, linda. Durma — disse ele suavemente.

Quem você pensa que sou, guerreiro? Não consegue imaginar quem teria o poder para falar com você desta forma?

Outro momento de choque se passou antes que a resposta se enraizasse. Poderia ser verdade? Um... Titã? Fazia anos que ele apelava aos gregos, e jamais lhe haviam dirigido a palavra com tamanha rapidez. Jamais lhe haviam sequer dirigido a palavra. E os Titãs não tinham chamado Aeron para o céu daquela forma, apenas com uma voz?

Esperança e pavor brotaram dentro dele. Se aqueles Titãs fossem benevolentes, se eles ajudassem, Maddox pensou que talvez *fosse* capaz de fazer qualquer coisa. Mas, se fossem maliciosos e piorassem a situação... Ele cerrou os punhos.

Eles haviam ordenado que Aeron matasse quatro mulheres inocentes; não poderiam ser bons. Maldição! Como ele deveria interagir com aquele ser naquele momento? Com humildade? Ou isto seria visto como um sinal de fraqueza?

Qualquer coisa?, a voz insistiu. Ouviu-se uma gargalhada etérea. *Pense com cuidado antes de responder, e saiba que sua mulher, de fato, pode morrer.*

Maddox olhou de relance para o corpo trêmulo de Ashlyn, suas feições distorcidas de dor, e se lembrou de como ela estava antes. Do jeito como ela o fitara com êxtase, pedindo para que saboreasse o silêncio com ela. O modo como parara em sua frente, agradecendo pela comida. A maneira como se apressara a defendê-lo dos próprios amigos dele.

Até aquele momento, ninguém havia precisado dele. O fato de ela precisar lhe causou uma sensação inebriante, e passou a senti-la com mais intensidade. *Não posso deixá-la sofrer assim*, pensou.

Ele teria que arriscar a sorte com os Titãs. Não importava o que eles realmente quisessem dos guerreiros, não importavam suas intenções, e não fazia diferença se estivessem usando ou não os Caçadores e Ashlyn para castigá-lo por sua falta de respeito; ele arriscaria.

Conteve o xingamento que lhe chegou aos lábios, desconfiando de que *ele* sofreria como jamais sofrera antes. Mas isto não mudou sua resposta.

— Qualquer coisa.

REYES ESTAVA OFEGANTE enquanto corria em direção ao quarto de Lucien. Ele havia perdido muito sangue nos últimos dias. Mais do que de costume. Mas, por outro lado, a necessidade de dor, aquela dor bela e terrível, o levava mais longe do que nunca ultimamente.

Ele não sabia por que e não conseguia impedir. Realmente não estava mais conseguindo se controlar. Poucos dias antes, parara até de tentar. O que o espírito da Dor queria, o espírito da Dor recebia. Agora, a cada dia que passava, ele perdia um pouco mais de seu desejo de controlar o espírito. Havia um lado dele que queria ceder e se perder de uma vez. Sentir o vazio entorpecente que cada lampejo de sofrimento trazia consigo.

Nem sempre fora assim. Houve época em que ele aprendera a conviver com o demônio, a coexistir de forma quase pacífica. Mas, naquele instante...

Ele dobrou uma esquina e estilhaços de luz que penetravam pela janela ao lado lhe embaçaram a visão. Ele não diminuiu o passo. Jamais vira Maddox tão arrasado e amedrontado. Tão vulnerável. E por causa de uma humana, uma estranha. Uma Isca. Reyes não gostava daquilo, mas considerava Maddox um amigo e estava disposto a ajudá-lo de todas as formas possíveis.

Ele ajudaria, apesar de querer desesperadamente que as coisas voltassem ao normal, com Maddox se enfurecendo e morrendo toda noite e acordando no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. Pois, quando Maddox fingia que estava tudo bem, ficava mais fácil para Reyes fingir também.

Todos esses pensamentos desapareceram quando avistou Lucien.

Ele estava sentado no chão, de joelhos dobrados e com a cabeça nas mãos. Sua auréola de cabelos pretos estava eriçada, como se ele os tivesse esfregado demais com os dedos. Parecia deprimido, esgotado. Reyes sentiu um nó na garganta e engoliu em seco.

Se a situação chegara a abalar o normalmente estoico Lucien...

Quanto mais ele se aproximava, mais sentia o odor de rosas que impregnava o ar. Morte sempre cheirava a flores, coitado.

— Lucien — ele chamou.

Lucien não reagiu.

— Lucien.

Novamente, sem resposta.

Reyes esticou o braço, se abaixou, pôs a mão no ombro de Lucien e o balançou. Nada. Ele se agachou e movimentou a mão diante dos olhos do guerreiro. Nada. Lucien estava olhando para o nada, a boca imóvel. Então, Reyes entendeu. Em vez de sair fisicamente da fortaleza, como ele costumava fazer, sumindo de um lugar e aparecendo em outro em questão de segundos, ele havia saído em espírito.

Aquilo era algo que ele raramente fazia, pois deixava seu corpo vulnerável a ataques. O mais provável era ele ter feito isso por querer que alguma coisa, mesmo que inerte, ficasse de guarda à porta de seu quarto enquanto estivesse fora, à cata de almas.

Então, estou sozinho. Só restava uma coisa mais a tentar.

Reyes se levantou, colocou a mão na maçaneta da porta do quarto do amigo, destrancou e entrou.

As quatro mulheres estavam sentadas na cama, com as cabeças juntas, sussurrando, mas ficaram em silêncio assim que o avistaram. Todas empalideceram. Uma delas soluçou. A mais jovem, uma lourinha linda, se levantou com pernas nitidamente trêmulas e assumiu uma posição de luta, disposta a proteger a família. Ela empinou o queixo, seus olhos o desafiavam a se aproximar.

O corpo dele enrijeceu. Seu corpo enrijecia *toda* vez que ela estava perto dele. Na noite anterior, chegara até a sentir o cheiro dela. Doce pó de arroz e tempestade. Ele havia passado horas suando,

arfando, e tão excitado que pensara em brigar com Maddox por Ashlyn, achando que fora ela quem o reduzira a tal estado.

A mulher na frente dele era prazer e paraíso, um banquete para seus castigados sentidos. Não havia cicatrizes nela, nem sinal de uma vida dura. Apenas aquela pele imaculada, beijada pelo sol, e os luminosos olhos verdes. E os lábios fartos daquela boca vermelha, feitos para rir e para beijar.

Se ela conhecesse algum momento de dor em sua vida, não aparentava. E aquilo o atraía. Apesar de saber que não era bom. Seu relacionamento só poderia terminar mal.

— Não me olhe assim — disse o anjinho louro de modo petulante e com os punhos cerrados.

Ela estaria pensando em atacá-lo? Uma ideia risível. Ela não tinha como saber que ele iria gostar. Que iria querer mais e mais e mais, até o ponto em que começaria a implorar para que ela o atacasse de novo. *Seria um favor que eu faria ao mundo se deixasse os Caçadores cortarem minha cabeça.*

Deuses, ele se odiava. Odiava o que era e o que era forçado a fazer. E aquilo pelo que ele ansiava naquele momento.

— Se veio nos estuprar, fique sabendo que vamos resistir. Não pense que vai ser fácil. — Ela empinou o queixo mais ainda e enquadrou os ombros.

Ele ficou impressionado ao ver tanta coragem em alguém tão pequena, mas não podia se desviar de sua prioridade.

— Alguma de vocês sabe como curar uma humana?

Ela o fitou, um pouco confusa, perdendo parte da postura combativa.

— Humana?

— Mulher. Como você.

Ela piscou os olhos, sem entender.

— Por quê?

— Sabe? — insistiu ele, sem se dar ao trabalho de responder. — Não temos muito tempo.

— Por quê? — repetiu ela.

Reyes caminhou para perto dela com passos violentos. Mas ela fez jus à postura assumida e não recuou. Quanto mais perto ele chegava, mais o cheiro dela lhe adentrava as narinas, inebriante, sedutor. Tudo que aquela garota era. Inesperadamente, sua raiva diminuiu.

— Responda, e talvez eu a deixe viver mais um dia.

— Danika. Responda. Por favor. — A mais velha dentre as mulheres esticou o braço com a mão trêmula e enrugada, tentando puxá-la de volta para a cama, afastá-la dele.

Danika. O nome rolou na mente dele. E se deu conta de que rolou em sua língua também, ao pronunciá-lo em voz alta antes que conseguisse se conter.

— Danika. — Seu membro reagiu. — Bonito. Sou Reyes.

A garota resistiu à velha e soltou seu braço.

Ela continuou a encarar Reyes. Suas sobrancelhas e cílios eram claros como seus cabelos. Ele imaginou que ela também devia ser assim entre as pernas.

Ele não conseguia evitar. Apesar de estar com tanta pressa, ele a despiu com os olhos. Foi saudado com curva após curva, um banquete para seus olhos famintos. Seios fartos coroados com mamilos de framboesa. Barriga lisa e suave. Coxas suaves, mas fortes.

Reyes não se permitia mais levar humanas para a cama, preferindo dar outro jeito consigo mesmo quando despertava o desejo. Suas paixões eram sombrias demais, dolorosas demais para que a maioria das mulheres suportasse. Aquela, com sua delicadeza e sua aura de inocência, ficaria mais magoada e enojada que a maioria. Para ele, não restava dúvida. Pior ainda, as mulheres com quem dormia se embebedavam de seu demônio e também ficavam loucas para sentir e causar dor.

Apesar de querer apenas um beijo de Danika, ela não seria capaz de lidar com a situação. *Ele* talvez não fosse. Sentia uma dor profunda no coração só de pensar em machucá-la, fazê-la sangrar, arruiná-la.

— Vou perguntar mais uma vez. Alguma de vocês é curandeira? — berrou, subitamente ansioso para sair de perto de Danika e sua provocante inocência.

Ela ficou pálida de medo ante aquela demonstração de hostilidade, mas nem assim recuou.

— Se... se eu *for* uma curandeira, você jura que vai poupar minha mãe, minha irmã e minha avó? Elas não fizeram nada de errado. Viemos a Budapeste para nos despedirmos de meu avô. Nós...

Ele levantou a mão e ela se calou. Era perigoso ouvi-la falar de si; ele já queria tomá-la nos braços e consolá-la por aquela perda que obviamente a abalara.

— Sim, pouparei suas vidas se você salvá-la — ele mentiu.

Se os Titãs tivessem dito a verdade, Aeron explodiria em breve, transformando-se numa criatura sedenta de sangue e morte. E sua existência teria como propósito exclusivo a aniquilação daquelas mulheres. Dar-lhes um pouco de tranquilidade durante seus últimos dias era um gesto de misericórdia, Reyes racionalizou. Últimos dias. Ele não gostou de se lembrar disso.

Danika relaxou os ombros levemente e olhou de relance para a família, transparecendo determinação. Todas as mulheres fizeram que não com a cabeça. Mas Danika fez que sim.

Reyes franziu o cenho, sem entender a comunicação entre elas. Ela estaria mentindo também? Finalmente, Danika voltou-se novamente para ele. Ele esqueceu sua confusão quando os olhares se encontraram. Ou simplesmente não se importava com a resposta. Sua beleza angelical era mais envolvente do que a da caixa de Pandora; prometia uma absolvição que não seria capaz de realizar. E, mesmo assim, uma parte dele desejava que pudesse. Nem que fosse por um instante.

Ela fechou os olhos, suspirou longa e pesadamente, e disse:

— Sim. Sou uma curandeira.

— Então, venha comigo. — Ele não segurou a mão de Danika, temendo o que poderia acontecer se tocasse nela. *Medo de uma reles humana? Covarde.* Pelo contrário, esperto. Se ele não soubesse como era tocá-la, não sentiria falta da sensação quando ela estivesse morta.

E se Lucien pensasse num jeito de salvá-la? E se...

— Venha. — Recusando-se a perder um segundo a mais que fosse, Reyes saiu do quarto a passos largos, forçando Danika a segui-lo. Ele deixou as outras mulheres trancadas lá dentro e entrou em ação, tentando manter uma distância saudável entre ele e o anjo.

AIMEUDEUS, AIMEUDEUS, AIMEUDEUS, Danika Ford entooou em sua mente. Seu coração tentava fugir do peito, martelando contra as costelas como se elas fossem uma porta com dobradiças congeladas. *Por que fiz isto? Eu não sou curandeira.*

Tudo bem, ela tivera aulas de anatomia na faculdade. Aprendera a fazer ressuscitação cardiopulmonar para o caso de seu avô ter um ataque cardíaco na frente dela, claro. Mas não era enfermeira nem médica. Era apenas uma artista batalhadora que pensara que tirar férias ajudaria a curar a dor e a tristeza pela morte do avô.

O que faria se aquele rígido soldado, claramente, era o que ele era, um soldado, com olhos de aço, pedisse a ela que fizesse algum tipo de cirurgia? Ela não faria, obviamente. Não podia arriscar a vida de ninguém desse jeito. Mas qualquer outra coisa... talvez. Provavelmente. Tinha que salvar sua família, cuja vida estava em jogo naquele instante.

Aimeudeus. Tentando permanecer tranquila, ficou olhando para as costas de seu captor, que caminhava à sua frente. Ele era bronzeado e tinha olhos escuros como o céu da meia-noite. Era alto e

tinha os ombros mais largos que já vira. Era a segunda vez que o via e, como na outra vez, ele também não estava sorrindo. Seus olhos transmitiam dor, antes e naquele momento. Havia cortes recentes em seus braços, antes e naquele momento.

Aimeudeus, aimeudeus. Ela sequer pensou em fugir dele. Ele a pegaria e ficaria irritado. Talvez a atacasse. E isto era mais apavorante do que entrar numa casa mal-assombrada, daquelas cheias de correntes e caixões e tudo mais, no Halloween. Sozinha.

Aimeudeus, aimeudeus, aimeudeus. Queria conversar com ele, perguntar o que esperava que ela fizesse, mas não conseguiu articular a voz. Sua garganta parecia estar entupida por uma bola de beisebol que a impedia de falar. Não sabia por que fora sequestrada, e já quase não se importava mais. Só queria sair daquele castelo gelado e sinistro, com seus proprietários bizarros e excessivamente musculosos, pegar um avião e voltar para a segurança de seu apartamento no Novo México.

Subitamente apunhalada por uma sensação de desolação e saudade de casa, ela quase chorou. Aquele soldado cumpriria sua promessa se ela ajudasse? Ela duvidava, mas a esperança era sempre a última a morrer. Faria o melhor que pudesse, acontecesse o que acontecesse, e rezaria por um milagre.

Pena que não conseguia acreditar em milagres. *Você provavelmente vai levar uma facada do brutamontes se algo der errado.*

Aimeudeus, aimeudeus, aimeudeus. Se falhasse, ela e a família morreriam muito em breve.

Capítulo Nove

QUANDO REYES ADENTROU o quarto de Maddox trazendo a loura angelical que Aeron deveria matar, Maddox quase chorou de alívio. Ashlyn tinha vomitado sem parar, até não sobrar mais nada estômago. E, depois, vomitara mais ainda.

Em seguida, voltara a desmaiar no colchão, parando de respirar. Desesperado, Maddox clamou pelo Titã outra vez, mas o deus nada fizera. Depois que Maddox aceitara a condição de fazer qualquer coisa para conseguir ajuda, a poderosa entidade o abandonara.

O Titã alimentara suas esperanças só para destruí-las totalmente. Maddox havia se perguntado qual seriam as intenções daquela criatura, e já sabia: crueldade absoluta, diversão sádica.

Reyes abriu caminho, e a loura se aproximou.

— Ajude-a — ordenou Maddox.

— Aimeudeus, aimeudeus, aimeudeus — ela ficou repetindo. Pálida, ajoelhou-se ao lado da cama. Estava tremendo, mas fitou Maddox com olhos acusatórios. — O que você fez com ela?

Sentindo a culpa crescer, Maddox segurou com mais força o corpo frágil, doente e *à beira da morte* de Ashlyn. Ele mal conhecia a mulher, queria que ela sobrevivesse mais até do que queria escapar das chamas quentes do inferno. Era súbito demais para sentir algo tão forte, sim. Além de ser completamente estranho ao seu feitio. Mas ele poderia pensar na própria tolice depois.

— Ela não está respirando — disse com a voz rouca. — Faça-a respirar.

A atenção da loura se voltou para Ashlyn.

— Ela precisa ser levada a um hospital. Alguém ligue para a emergência. Agora! Espere, droga. Vocês têm serviço de emergência aqui? Têm ao menos telefones? Se tiverem, precisamos ligar imediatamente!

— Não há tempo — rebateu Maddox. — *Você* tem que fazer alguma coisa.

— É só dar um telefonema. Ela...

— Faça algo, ou morra! — ele rugiu.

— Ah, meu Deus. — Seus olhos transbordaram de pânico. — Eu preciso... preciso fazer ressuscitação cardiopulmonar. Sim, isso mesmo. Ressuscitação cardiopulmonar. Eu consigo fazer. Consigo — disse ela, mais para si mesma. Debruçou-se sobre o rosto inconsciente de Ashlyn. — Deite-a de costas e saia da frente.

Maddox nem pensou em reclamar. Ele se abaixou, deitou Ashlyn no colchão e ficou ao lado da cama. Mas se recusou a soltar-lhe a mão, continuou segurando firme. A garota ficou ali parada por um momento, imóvel, o pânico ainda lhe inflamando os olhos.

— Danika — disse Reyes em tom de aviso.

A garota, Danika, engoliu em seco e fitou Reyes, nervosa. O guerreiro a encarou, levantando as sobrancelhas negras, e perguntou:

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— C-claro que tenho. — Suas bochechas ficaram rosadas, e ela voltou a prestar atenção em Ashlyn. Colocou as mãos espalmadas logo abaixo dos seios e empurrou uma, duas vezes, e disse, com voz trêmula: — Não se preocupe. Eu pratiquei. Um boneco é igual a uma pessoa, o boneco é igual a uma pessoa. — Então, ela levou seus lábios abertos aos de Ashlyn.

Durante vários minutos, com certeza uma eternidade pior do que as horas que Maddox passava

ardendo toda noite, ela se alternou entre pressionar o peito de Ashlyn e soprar ar em sua boca. Ele nunca se sentira tão impotente antes. O tempo se transformou num inimigo mais odiado do que nunca.

Reyes esperou à porta, imóvel e em silêncio. De braços cruzados. Ele não estava olhando para Ashlyn, mas para Danika, de cara fechada. Maddox esfregou a nuca com a mão, tão cansado que escutava os ecos de sua respiração dentro da própria mente.

Finalmente, de forma abençoada, Ashlyn tossiu e cuspiu. Seu corpo inteiro começou a balançar num espasmo enquanto abria a boca e se esforçava para encher os pulmões de ar vital. Inspirou e arfou, sufocada. Expirou e engasgou.

Maddox, no instante seguinte, a tomou nos braços, levando-a para junto do peito. Ela tentou empurrá-lo.

— Fique parada, linda. Fique parada.

Os movimentos dela cessaram gradualmente.

— Maddox — ela disse com irritação, e foi o som mais doce que já ouvira.

— Estou aqui. — A pele ainda estava fria e pegajosa. — Estou com você.

Danika permaneceu ao lado da cama, espremendo as mãos uma na outra. Seus dentes brancos mordiscaram o lábio inferior, extraindo uma gota de sangue.

— Ela *precisa* de um hospital. Médicos, remédios.

— A viagem da fortaleza até a cidade seria demais para ela.

— O... o que ela tem? Um vírus? Ah, meu Deus! Eu pus a boca na dela.

— Vinho — respondeu Reyes. — Ela está doente porque bebeu do nosso vinho.

Ela arregalou os olhos verdes e olhou de soslaio para Ashlyn.

— Tudo isto por causa de uma ressaca? Você devia ter me falado. Ela precisa de água e café para diluir o álcool. — Ela fez uma pausa. — Eu espero... *acho* que ela vai sobreviver, mas vocês realmente deviam levá-la a um hospital, para ela receber soro. Provavelmente, está desidratada. — Enquanto falava, o rosto de Ashlyn voltava a ganhar cor.

— Dói — sussurrou Ashlyn. Ela estava com as mãos agarradas às costas de Maddox e o puxou mais para perto. Talvez sentisse o mesmo que ele, que não estavam suficientemente perto um do outro. Ele seria capaz de entrar debaixo de sua pele se possível fosse.

— O que mais você pode fazer por ela? — perguntou Maddox a Danika de um jeito autoritário. — Ela ainda sente dor.

— Eu... eu... — Danika franziu os lábios e desviou o olhar do dele, olhando para Reyes. O guerreiro parecia desconfiado. Ela arregalou os olhos e estalou os dedos de novo. — Tylenol! Ibuprofeno. Algo assim. Isto sempre me ajuda quando tenho ressaca.

Maddox olhou de relance para Reyes.

— Já vi propagandas dessas coisas, acho, mas não sei onde obtê-las. Você sabe?

— Não. Nunca tive motivo para prestar atenção em remédios para humanos. — Reyes não tirou os olhos da loura; sua voz soou estridente, por algum motivo.

Paris saberia, mas não estava ali.

— Onde podemos conseguir esse tal Tylenol? — perguntou Maddox à garota, consumido pela ansiedade.

Danika franziu as sobrancelhas, do mesmo jeito que Reyes, e olhou rapidamente para os dois homens. Havia um brilho estranho naqueles adoráveis olhos verdes, como se ele e Reyes estivessem falando alguma língua estranha e ela não estivesse entendendo nada.

— Tenho um na bolsa — ela disse por fim.

Ao ver que ela não ia dizer mais nada, ele berrou:

— Então, vá pegar sua bolsa.

— Só posso ir se você me libertar. Está no meu quarto, no hotel. Que... que tipo de vinho ela bebeu? — perguntou logo em seguida.

— Um do qual você nunca ouviu falar, *curandeira* — disse Reyes suavemente.

Ele sabia, Danika se deu conta, subitamente petrificada. Como ela havia se entregado? O pedido em pânico para que ligassem para a emergência? Seu nervosismo? Ela sentiu um calafrio. Seu sangue gelou. Então, ele parou atrás dela, marcando presença com o calor que emanava, espantando o frio com sua energia vibrante. O calafrio dela se transformou em tremor. Ela se afastou dele afobadamente, com medo de como reagiria a ele.

— Você é uma curandeira, não é? — ele perguntou com voz irônica.

Ah, sim. Ele sabia. Ela torceu o pano da calça e engoliu em seco perceptivelmente. Pelo menos ele não a acusara nem assassinara de imediato.

Ela engoliu em seco outra vez.

— Você não pode negar que agora ela está respirando. Fiz minha parte. Você está me devendo essa.

Reyes desviou o olhar, parecendo não aguentar mais fitá-la, nem por um momento que fosse.

— Traga Lucien — disse Maddox.

— Não posso. Ele está ocupado com outra coisa. — Reyes foi até a porta aberta. — Eu voltarei — disse, dando uma olhada rápida para trás. — Fique de olho na loura, Maddox. Ela é ardilosa. — E saiu batendo a porta.

Como se fosse uma idiota, Danika quase saiu correndo atrás dele. Tinha mais medo dele que dos outros, mas, por alguma razão, preferia ficar ao seu lado. Havia algo nele que a afetava. Profundamente. A dor em seus olhos, talvez. Ou as delicadas linhas de tensão em sua expressão. Ele a afetava em um nível primitivo. Um nível que afirmava que a manteria em segurança, não importasse que tipo de ameaças ele fizesse.

— Se eu tiver que correr atrás de você — disse o que se chamava Maddox —, vai se arrepender. Entendido?

O tom agressivo dissolveu o calor que restava em sua pele. Aquele homem era aterrorizante. Sempre que falava, dava para perceber um traço de brutalidade em sua voz, como se ela estivesse mergulhada em nuances. Como se ele não conseguisse esperar para causar o máximo de dor em qualquer um que meramente olhasse em sua direção. Nos últimos minutos, ela percebera que o rosto dele, mudava, às vezes, uma máscara esquelética recaía sobre suas feições. Os olhos cor de violeta haviam ficado pretos, depois de um vermelho intenso, e pretos novamente.

Que tipo de homem, que tipo de *humano*, seria assim?

Ela sentiu um tremor do alto da cabeça à sola dos pés. Quando criança, tivera medo do bicho-papão, até que sua mãe contara que ele era apenas uma lenda, uma mentira que usavam para que as crianças fossem obedientes. Danika achou que estava olhando para o bicho-papão naquele instante.

Ele só parecia normal quando olhava para a mulher na cama.

— Entendido? — perguntou ele de novo.

— Sim. — Ela balançou a cabeça, demonstrando estar pronta para ajudar.

— Ótimo. — Prontamente eliminando a garota de seus pensamentos, Maddox se voltou para Ashlyn. Os tremores haviam piorado, transformando-se em destruidoras convulsões. Ela rangia os dentes. Seus olhos estavam abertos e uma lágrima solitária lhe escorria pelo rosto.

— Obrigada — ela sussurrou para a curandeira.

— De nada.

— Sente-se melhor? — perguntou ele suavemente.

— Ainda dói — disse ela. — Frio. Mas sim. Melhor.

Desejando que o calor de seu próprio corpo fosse para o dela, ele disse:

— Sinto muito. — Ele raramente pronunciava aquelas palavras. Na verdade, o único pedido de desculpas que fizera nas últimas décadas fora o que fizera aos amigos naquela manhã. — Sinto muito. Sinto muito. — Ele não conseguia parar de dizer. — Sinto muito mesmo.

Ela balançou a cabeça, gemeu e continuou imóvel.

— Acidente.

Ele ficou boquiaberto de surpresa e reverência. Até o momento, só havia causado dor àquela humana, mas, mesmo assim, ela estava tentando absolvê-lo. Impressionante.

— Você sobreviverá. Juro que vai. — E ele faria de tudo para cumprir a promessa.

Ashlyn sorriu fracamente.

— Pelo menos... silêncio.

Silêncio. Não era a primeira vez que ela usava aquela palavra. Tampouco era a primeira vez que dizia aquilo com tanta reverência.

— Não entendo.

Apesar da fraqueza que sentia, ela conseguiu dar outro de seus doces sorrisos.

— Somos dois.

Fogos de artifício explodiram na sua corrente sanguínea. Aquele sorriso tão radiante, tão adorável, o aquecia, o provocava, o enchia de tanto alívio que quase se sentia inebriado. Ele abriu a boca para responder, não que soubesse o que dizer, quando Reyes entrou no quarto com Aeron a seu lado. O cabelo curto deste brilhava à luz.

Ao vê-los, Danika recuou para perto da parede, se deu conta do que havia feito e avançou novamente. Ela empinou o queixo outra vez, fazendo Maddox se lembrar de Ashlyn em melhores momentos.

Ele presumira que Reyes havia deixado a fortaleza e fora até a cidade para pegar a bolsa de Danika, mas suas mãos estavam vazias. Maddox se encheu de raiva, provocando Violência como uma criança que provoca uma fera enjaulada.

Ele franziu os lábios. Esperara não ver mais o maldito demônio naquele dia, pelo menos até a meia-noite.

— Por que ainda está aqui? Vá pegar aquela bolsa — ordenou. Palavras que jamais pensara que diria.

— Vou demorar demais — disse Reyes, evitando olhar para Danika. — Aeron vai acompanhar a mulher até a cidade. Ele disse que está bem agora e que não tem vontade de feri-la.

— Ah, não. Não, não, não. Não quero ir sem minha família — replicou Danika, já arfando em pânico.

Aeron a ignorou e tirou a camisa pela cabeça.

— Vamos resolver isso. — Ele era bronzeado e musculoso, prova de sua alma de guerreiro. Tinha tantas tatuagens que era difícil discernir uma de outra.

Maddox só identificava duas: a borboleta preta que voava sobre as ondas de suas costelas e o demônio que abria suas horrendas asas sobre os contornos do pescoço dele. Só de olhar para ele, qualquer um diria que era um bom homem para se ter ao lado e péssimo para se ter agarrado à garganta.

— Pare. Não há razão para se despir. — Danika sacudiu a cabeça violentamente. — Vista a camisa de volta. Agora mesmo, droga!

Uma sombria determinação emanava de Aeron enquanto ele se aproximava dela. Danika olhou para Reyes, furiosa.

— Não deixe que ele me estupe. Por favor. Reyes, por favor.

— Ele não vai tocar em você desse jeito — disse Reyes, rangendo os dentes. — Dou minha palavra.

Maddox notou que havia algo de muito estranho nele. Seus olhos negros estavam avermelhados, combinando com a borboleta tatuada nas costas de Maddox. Dor, pelo jeito, o estava incitando a um ataque de violência. A Danika?

A garota não se deixou tranquilizar pelas palavras, mas Aeron continuou a se aproximar mesmo assim. Danika se arrastou de um lado a outro da sala, emitindo sons estranhos pela garganta. Pequenos ofegos rasgados, desesperados e bestiais, enquanto a respiração de Reyes subitamente acelerou. Maddox teve certeza de que, a qualquer momento, Dor saltaria para cima de Ira e tentaria matá-lo.

— Pare — disse Ashlyn.

Finalmente, Aeron encurralou a frenética mulher em um canto da parede.

Ela berrava, chutando e socando a esmo, tentando mantê-lo longe.

— Não me toque. Não ouse me tocar!

— Não vou machucá-la — disse Aeron calmamente.

Ela lhe aplicou uma joelhada no local sensível no meio das pernas. Ele arfou, se agarrou um pouco, mas não reagiu além disso.

— Vá se ferrar — ela ralhou como uma gata indomável. — Não vou deixar você me estuprar. Prefiro morrer.

— Nada de estupro. Mas, se for preciso, *irei* deixá-la desacordada. E você não gostará dos meus métodos, isso eu lhe garanto.

Longe de acalmá-la, a ameaça só a enfureceu ainda mais. Ela resistiu com mais força, enfiando o cotovelo no estômago de Aeron e dando-lhe outro chute na virilha. Claramente ficando farto da resistência da garota, Aeron ergueu o punho.

Ashlyn retesou o corpo e gemeu.

— Parem com isso. Não preciso dos comprimidos. Não mesmo.

— Não a machuque — rosnou Reyes.

Aeron não atacou. Por ora. Ele passou a língua nos dentes.

— Ela fez sua escolha.

Se ele batesse nela e Ashlyn presenciasse, Maddox temia que ela voltasse a querer ir embora, voltasse a insistir para que ele a levasse para casa.

— Acalme-se — disse a Danika. — Ele só precisa acompanhá-la até a cidade.

— Mentiroso! — Rosnando, ela usou a perna para acertar o estômago de Aeron.

O guerreiro não saiu do lugar. Claramente aborrecido, ele apertou com força o punho que ainda mantinha erguido.

— Eu avisei.

— Pare — disse Ashlyn com a voz rouca.

Maddox abriu a boca para dar sua própria ordem. Não precisava sequer ter se dado o trabalho. Reyes foi mais rápido. Em um segundo, ele estava em um lado afastado do cômodo, no outro, estava ao lado de Aeron, segurando-lhe o pulso. Os dois se encararam furiosamente por um longo e silencioso momento.

— Nada de bater — disse Reyes, e Maddox jamais ouvira um tom tão letal.

Uma batalha se passou nos olhos de Aeron antes que ele baixasse o braço. Ele havia mentido? Será que o decreto dos deuses já estava se estabelecendo? Ele estaria lutando contra a necessidade de machucar Danika?

— Então, acalme-a, ou *irei* desacordá-la.

Reyes não se mexeu, apenas mudou a direção do olhar. Lágrimas brotaram dos olhos de Danika, fazendo brilhar o terror que neles havia se acumulado.

— Não o deixe fazer isso — ela sussurrou no mesmo tom usado por Ashlyn. — Eu o ajudei como você queria. Não o deixe fazer isso — repetiu.

Quando Reyes se pusera a defendê-la, Maddox já esperava que ele cedesse ao seu apelo. Estava enganado.

— Pare de resistir a ele — ordenou Reyes sem mostrar compaixão. — Precisamos do remédio, e ele é o único que pode levá-la para pegar. Você não irá sequer arranhá-lo, pois não poderá arcar com as consequências de deixá-lo irritado. Fui claro?

A tristeza por se sentir traída ficou evidente nos olhos dela.

— Por que ele não pode ir sozinho à cidade? Por que ele não compra os comprimidos em alguma farmácia?

— Maddox — disse Ashlyn. — Estou melhor. Juro. Eu não...

Ele lhe apertou gentilmente o ombro, mas não respondeu. Interromper o trio só aumentaria a tensão. E ele sabia que Ashlyn estava mentindo. Seus olhos ainda brilhavam fortemente de dor.

— Aeron a levará até a cidade — continuou Reyes. — Ele não irá estuprá-la. Você tem minha palavra. — Um músculo se contraiu abaixo de seu olho esquerdo. — Sozinho, ele não saberia o que comprar; você precisa ir.

Tremendo em silêncio, Danika observou o rosto dele por entre o campo aguado de seus cílios. À procura da verdade? Ou de conforto? Finalmente, ela assentiu com um movimento único e quase imperceptível de cabeça. Endireitou-se e deu um passo vacilante na direção de Aeron.

Sem nada dizer, Aeron lhe agarrou o pulso e seguiu em direção à única janela do recinto, que dava para um amplo terraço. Danika não reclamou, mesmo quando ele abriu a janela com força usando a outra mão; a vedação que Maddox usara mais cedo não era nada para sua força superior. O ar frio adentrou de imediato, e virginais flocos de neve rodopiaram pelo ambiente. Ele soltou o pulso dela para lhe agarrar a cintura e levantá-la, colocando-a no peitoril.

— Impeça-o — disse Ashlyn com a voz rouca quando Danika olhou para baixo e soltou uma risada amarga, um pouco histérica.

— O que vocês vão fazer? — a loura perguntou. — Vão me jogar daqui? Seus mentirosos! Tomara que vocês todos apodreçam no inferno.

— Já estamos no inferno — disse Reyes, inabalável.

Aeron agarrou Danika pelos ombros e a fez virar para olhar para ele.

— Segure firme em mim.

Outra risada amarga.

— Por quê?

— Para que você sobreviva. — Grandes asas subitamente se abriram em suas costas. Eram compridas, negras, e pareciam macias como teias de aranha, mas as extremidades tinham pontas afiadas como facas.

Ashlyn arfou, chocada.

— Já estou melhor. Juro que já estou melhor.

Maddox lhe acariciou o rosto na esperança de fazê-la relaxar.

— Shhh. Tudo vai dar certo.

— Pare! — Danika arregalou os olhos de modo anormal e tentou se soltar de Aeron, procurou correr de volta para dentro do quarto, mas ele segurou firme. Ela se voltou para Reyes. — Não posso fazer isto. Não posso! Não deixe que ele me leve, Reyes. Por favor!

Com uma expressão atormentada no rosto, Reyes deu um passo em direção a ela... um esgar... deixou que os braços pendessem ao lado do corpo.

— Reyes!

— Vá! — gritou Reyes.

Sem dizer mais nada, Aeron pulou, sumindo de vista e levando Danika consigo. Ela gritou, mas o grito logo virou um ofego, e o ofego, um gemido. Então, os dois foram novamente avistados, singrando o ar com Aeron batendo as asas graciosa e ritmicamente.

— Impeça-o — sussurrou Ashlyn. — Por favor.

— Não posso. E, mesmo se pudesse, não faria isso. Não se preocupe com ela. As asas de Ira são fortes, podem muito bem aguentar o peso leve de Danika. — Ele procurou por Reyes, que estava andando para um lado e para outro. Segurava um punhal pela lâmina, em vez de pelo cabo, e pingava sangue de sua mão.

— Precisamos de água e de café — disse Maddox a ele, lembrando-se das instruções de Danika.

Reyes parou de andar e apertou bem as pálpebras, como se estivesse lutando para se controlar. Como se estivesse a ponto de explodir.

— Eu mesmo deveria tê-la levado, mas andar demoraria demais. Viu como ela estava amedrontada?

— Vi. — Maddox não sabia mais o que dizer. O medo de Danika não era nada para ele quando comparado à dor de Ashlyn.

— Água? Café, você disse? — Reyes esfregou o maxilar com a mão, deixando um rastro vermelho na pele.

— Sim.

Parecendo agradecido pelo descanso, Reyes saiu do quarto. Não restava dúvida de que Maddox não era o único na fortaleza que, de repente, tinha problemas com mulheres.

Pouco depois, Reyes voltou com os itens que lhe haviam sido solicitados e pôs a bandeja na beira da cama. Depois, saiu novamente. Maddox duvidou que fosse voltar. Balançando a cabeça penalizado, pois, se Reyes sentia por Danika metade do que ele sentia por Ashlyn, estava destinado a sofrer muito, e não era um sofrimento do tipo que ele gostava, Maddox se aproximou de Ashlyn e pegou o copo de água morna. Passou uma das mãos debaixo do pescoço dela, levantou-lhe a cabeça e levou a borda do copo aos lábios dela.

— Beba — disse ele.

Teimosa, ela apertou os lábios e balançou a cabeça de leve.

— Beba — ele insistiu.

— Não. Vai machucar meu...

Ele despejou o conteúdo em sua boca. Ela cuspiu e tossiu, mas engoliu quase tudo. Várias gotículas lhe desceram pelo queixo. Ele jogou no chão o copo vazio e ouviu um baque surdo. Ashlyn fez cara feia para ele, os olhos cor de âmbar transbordando acusações.

— Eu disse que estava melhor, mas isso não quer dizer que me sinta ótima. Meu estômago ainda está sensível.

Ele franziu os lábios. Cuidar de uma humana era difícil, certamente. Mas não pediu desculpas por forçá-la a beber. Ela teria tudo de que precisasse. Querendo ou não. Ele pegou a caneca de café e

franziu a expressão ainda mais ao se dar conta de que já estava fria. Que estivesse. Teria que servir assim mesmo.

— Beba — ordenou ele. Por alguma razão que ele não estava pronto para analisar, ela era importante para ele. Ele se importava com ela.

Não fugiria dele. Nem com a morte ou de qualquer outra forma.

Ashlyn não deu sinal de ter escutado o que ele disse e, com certeza, não deu indicação de suas intenções. Num piscar de olhos, ela deu um tapa na mão dele, jogando a caneca longe. Foi um movimento fraco, mas a caneca de cerâmica atingiu o chão e se espatifou, derramando um rio preto de caféina.

— Não — disse ela, corando e saboreando a única sílaba da palavra.

— Não havia motivo para isto — ele ralhrou, afastando mechas de cabelos molhados da têmpora dela, regozijando ao toque daquela pele aveludada.

— Não me importo.

— Certo. Nada de café. — Ele olhou para aquela mulher que havia virado o seu mundo de cabeça para baixo. — Ainda deseja que eu a deixe partir? — A pergunta lhe saiu dos lábios antes que ele pudesse impedir. Ele não tivera intenção de perguntar, pois pretendia mantê-la por perto de um jeito ou de outro, mas havia uma necessidade dentro dele, uma necessidade tola, de dar a ela qualquer coisa que desejasse.

Ela desviou o olhar do dele, olhou por cima de seu ombro, para além da parede, com uma peculiar intensidade no rosto. Vários minutos se passaram em silêncio. Torturantes minutos.

Ele socou o travesseiro.

— Responda sim ou não, Ashlyn.

— Não sei, está bem? — disse ela suavemente. — Eu amo o silêncio, e estou começando a gostar de você. Sou-lhe grata por cuidar de mim. — Ela fez uma pausa. — Mas...

Mas ela ainda estava com medo.

— Eu lhe disse que sou imortal — ele falou. — E disse que estou possuído por um demônio. A única outra coisa que você precisa saber é que vou protegê-la enquanto estiver aqui. — Até dele próprio.

Que mudança lhe ocorrera nas últimas horas. No dia anterior, mesmo naquela manhã, ele pensara em tomar-lhe o corpo, interrogá-la e, em seguida, matá-la. Mas, na verdade, fizera de tudo para lhe salvar a vida. E já não sabia mais que perguntas queria fazer.

— Vai proteger a outra mulher? — perguntou ela. — A que me ajudou?

A não ser que alguém arrumasse um jeito de desafiar os Titãs, ele duvidava que qualquer pessoa pudesse proteger a curandeira. Nem mesmo Reyes. Mas ele apertou o ombro de Ashlyn gentilmente e disse:

— Não se preocupe com isso. Aeron vai cuidar dela. — Não era mentira.

Ashlyn assentiu com gratidão, e ele sentiu um pouco de culpa. Alguns minutos se passaram em silêncio. Ele a observou, feliz ao notar que sua cor estava voltando progressivamente e a expressão de dor se desfazia em seu rosto. Ela também o observou com uma expressão indecifrável.

— Como demônios conseguem fazer o bem? — ela perguntou afinal. — Quero dizer, além do que fez por mim, fez coisas maravilhosas pela cidade com suas doações e sua filantropia. As pessoas acham que aqui moram anjos. Têm acreditado nisso há séculos.

— Como pode saber que eles têm acreditado nisso há tanto tempo?

Ela estremeceu e olhou para outro lado.

— Eu... eu simplesmente sei.

Não, havia algum segredo nela, algo que ela não queria que ele soubesse. Ele segurou-lhe o maxilar, forçando-a a encará-lo.

— Já desconfio que você seja Isca, Ashlyn. Pode me dizer a verdade.

Ela enrugou as sobrancelhas de tom dourado escuro, unindo-as.

— Você não para de me chamar assim, como se fosse algo ofensivo e nojento, mas não faço ideia do que seja uma Isca.

Havia sincera confusão na voz dela. Inocente ou atriz?

— Não vou matá-la, mas espero honestidade total de sua parte daqui em diante. Entendido? Você não mentirá para mim.

— Não estou mentindo — disse ela, franzindo o cenho.

Lentamente, o sangue dele começou a esquentar, o espírito novamente manifestando sua presença. Ele tratou de mudar de assunto. Ouvir mais mentiras ia fazê-lo perder o controle, ferir. Isca ou não, ele se recusava a deixar que as coisas chegassem àquele ponto.

— Vamos falar de outra coisa.

Ela assentiu, parecendo disposta a obedecer.

— Vamos falar de você. Aqueles homens o apunhalaram ontem à noite, e você morreu. Percebi que voltou à vida porque é um guerreiro demônio imortal... ou algo assim. Só não sei ainda por que fizeram isso.

— Você tem seus segredos, eu tenho os meus. — Ele pretendia mantê-la viva, e, por isso, não discutiria sua maldição mortal. Ela já o temia. Se soubesse da verdade, iria desprezá-lo também. Já era ruim o suficiente *ele* saber o que fizera para merecer aquele castigo.

Mais do que isso, se corresse os boatos sobre o que acontecia com ele toda noite, as pessoas iam começar a se esquecer de sua reputação de anjo. Alguém poderia raptar seu corpo, levá-lo embora, atear fogo nele ou cortar sua cabeça, e ele não ia poder fazer nada. Podia desejar aquela mulher mais do que jamais desejara qualquer outra, mas não confiava nela. Parte de seu cérebro, ao menos, ainda estava na cabeça de cima, não na de baixo.

— Você pediu para que o matassem para poder voltar ao inferno e visitar seus amigos lá ou algo assim?

— Não tenho amigos no inferno — disse ele, ofendido.

— Então...

— Então, nada. — Ela abriu a boca para falar, mas ele lhe apertou a lateral do tronco. — É minha vez de fazer perguntas. Você não é húngara. Então, de onde é?

Ela se aconchegou com um suspiro e aninhou o corpo junto ao dele. O fato de se sentir confortável a ponto de ficar tão junto dele daquele jeito foi algo que o deliciou totalmente.

— Sou dos Estados Unidos. Carolina do Norte, para ser exata, apesar de passar a maior parte do meu tempo viajando com o Instituto Mundial de Parapsicologia.

Ele espalmou a mão sobre a barriga dela e massageou gentilmente enquanto procurava em sua mente por alguma referência ao tal Instituto.

— E eles são...

— Pessoas interessadas no sobrenatural. No inexplicável. Em criaturas de todo tipo — respondeu com um suspiro de satisfação. — Eles estudam, observam e procuram manter a paz entre as diferentes raças.

Ele parou. Ela havia acabado de admitir que trabalhava para Caçadores? As ações cheias de ódio deles sempre haviam sido supostamente em nome da paz para a humanidade. Franziu o cenho, confuso. Uma coisa estranha para ele, certamente algo que lhe acontecia pela primeira vez.

— O que faz para eles?

Ela hesitou.

— Eu ouço para ajudar a encontrar criaturas e qualquer outro assunto de interesse. — Ela se remexeu desconfortavelmente sobre o colchão, demonstrando já não estar tão contente.

— O que acontece quando você encontra estas coisas?

— Já disse. Elas são estudadas.

Ao ver que ela não daria detalhes, ele começou a olhar para o teto. Ficou mais confuso ainda. Estudadas no sentido de assassinadas? Seria aquilo alguma espécie de aviso secreto, o jeito dela dar a entender que realmente trabalhava para Caçadores? Será que ela trabalhava para eles e *não* sabia? Ou o tal Instituto era inofensivo e realmente tinha a paz como objetivo?

— As pessoas com quem você trabalha têm tatuagens nos pulsos? Um símbolo do infinito?

— Não que eu saiba — disse ela, balançando a cabeça.

Verdade? Mentira? Ele não a conhecia o suficiente para saber. Todo Caçador fanático que atacara os Senhores na Grécia, e até aqueles que estavam na floresta no dia anterior, tinha uma tatuagem.

— Você disse que ouve. O que exatamente você ouve?

Mais uma pausa de hesitação.

— Conversas — ela sussurrou. — Olhe, pensei que fosse capaz de falar sobre isso, achei que *quisesse* falar sobre isso, mas não estou pronta. Tudo bem?

Violência se irritou com aquilo, e Maddox lutou para conter o demônio. O que ela estaria escondendo?

— Não importa se você está pronta ou não para falar a respeito. Você me dirá o que quero saber. Agora.

— Não vou, não — disse ela, novamente teimosa.

— Ashlyn.

— Não!

Faltava pouco para ele partir para cima dela, prendê-la à cama e arrancar as respostas à força. Porém, conteve-se ao pensar que ainda estava fraco. Mas ele *conseguiria* a resposta, de um jeito ou de outro.

— Linda, só estou perguntando por querer conhecê-la melhor. Conte *alguma coisa* sobre seu trabalho. Por favor.

Ela foi relaxando aos poucos.

— As pessoas que trabalham para o Instituto aprendem a guardar segredo sobre seus trabalhos. Poucos civis acreditariam no que fazemos. A maioria nos consideraria loucos.

— Não pensarei que você é louca. Como posso?

Ela suspirou.

— Tudo bem. Vou lhe falar de uma das minhas missões. Mas de qual, de qual... — ela murmurou e, então, estalou a língua. — Já sei! Você talvez goste dessa. Alguns anos atrás eu... hã, *o Instituto*, descobriu um anjo. Ele estava com as asas quebradas em diversos pontos. Enquanto cuidávamos dele, ele nos ensinou sobre as diferentes dimensões e portais. Esta é a melhor parte do meu trabalho: a cada nova descoberta, nós aprendemos que o mundo é um lugar maior do que qualquer um de nós imaginava.

Interessante.

— E o que o Instituto faz com demônios?

— Estuda-os, como eu disse. Se for preciso, eles evitam que machuquem humanos.

Parte do que ela dissera se harmonizava com os objetivos dos Caçadores com os quais ele vinha

lidando havia tanto tempo, para não falar daqueles que encontrara no dia anterior. O resto... Bem, o resto, não.

— Seu pessoal não acredita que o melhor a se fazer é destruir aquilo que não compreende?

Ela riu.

— Não.

Caçadores pensavam daquela forma. Ou haviam pensado. Pelo menos era o que ele achava. Tantos anos haviam passado desde que lutara naquela guerra que, às vezes, se esquecia de determinados detalhes. Houve uma época em que pensara ter entendido por que os Caçadores queriam que ele e os demais morressem: eles tinham feito muitas coisas más, suas habilidades lhes davam a força e a longevidade para continuar fazendo eternamente se não fossem detidos. Mas, então, os Caçadores haviam matado Baden e a compreensão dele evaporara, pois a morte de Desconfiança havia dividido os guerreiros. Metade passou a buscar paz, absolvição e refúgio, se mudando discretamente para Budapeste. Os demais buscaram vingança e permaneceram na Grécia para lutar.

Ele costumava se perguntar se a disputa sangüinária ainda existia e se os Senhores que haviam ficado na Grécia tinham sobrevivido a tantos séculos.

Maddox afastou uma mecha de cabelo da têmpora de Ashlyn.

— O que mais você pode me dizer sobre esse Instituto?

Franzindo o cenho, ela virou a cabeça e olhou para ele.

— Não acredito que esteja admitindo isso, mas acho que você é o próximo que eles pretendem estudar.

Aquilo não era surpresa para ele. O que quer que fosse o Instituto e o que quisesse, estaria interessado nos demônios. Mas com os sensores e câmeras de Torin, jamais conseguiriam subir a colina, e aqueles que ousassem tentar seriam tratados como Caçadores, fossem ou não.

— Eles podem *tentar* nos estudar, mas descobrirão que não será fácil — disse a Ashlyn.

Ela estava tão perto dele, aquela fragrância em seu nariz, que ele foi catapultado mais e mais fundo em um estado de alerta erótico. A cada segundo que passava, ficava mais excitado. Ela era doce e suave. Estava viva, sentindo-se melhor a cada segundo que passava. E era dele.

De repente, ele se flagrou ávido por esquecer o Instituto, não por saber mais sobre ele.

— Quero você — ele admitiu. — Muito mesmo.

Os adoráveis olhos dela se arregalaram.

— É mesmo? — perguntou ela com voz estridente.

— Você é linda. Todos os homens certamente a querem. — Ele fez uma careta logo após terminar de pronunciar as palavras. Se outro homem tentasse tocá-la, morreria. Dolorosa e lentamente.

Violência rosnou, concordando.

Ashlyn corou de novo, e ele se lembrou das rosas que ele às vezes espiava crescendo atrás da fortaleza.

— Sou esquisita demais — disse ela, balançando a cabeça.

Ela falou com tamanha certeza que ele franziu as sobrancelhas.

— Como assim?

— Deixe para lá — ela disse, desviando o olhar. — Esqueça que eu disse alguma coisa.

— Não consigo. — Ele passou o polegar pelo contorno do maxilar dela.

Ela sentiu um calafrio lhe atravessar o corpo, logo seguido por um arrepio. Ela se contorceu junto a ele. A excitação subitamente perfumou o ar, e as narinas dele se incendiaram ao sorver o aroma.

— Você também me quer — disse ele num tom grave e trovejante de satisfação, esquecendo sua pergunta e a recusa de Ashlyn em responder.

— Eu... Eu...

— Não pode negar — ele terminou por ela. — Então, agora, vou perguntar novamente. Ainda quer que eu a leve para casa?

Ela engoliu em seco.

— Pensei que quisesse. Poucas horas atrás, achei que estivesse louca para fugir. Mas... nem sei explicar, eu mesma não entendo, mas quero ficar aqui. Quero ficar aqui com você. Pelo menos por enquanto.

Sua satisfação aumentou, invadindo-o, potente, intensa. Se ela respondera como Isca ou simplesmente como mulher, no momento, não importava para ele. *Ela ainda será minha.*

Ela será nossa, corrigiu Violência, assustando Maddox com o fervor de seu tom. *Ela será nossa.*

Capítulo Dez

QUANDO AERON e Danika voltaram à fortaleza voando janela adentro e pousando no chão do quarto de Maddox com apenas um leve barulho, Ashlyn ficou impressionada. Demais. Ela não havia imaginado isso. Aquele homem tinha mesmo asas negras brilhantes.

Você queria conhecer outros como você, Darrow. Bem, adivinhe só. Desejo realizado.

Imortal, Maddox lhe dissera. Possuído. Ela desconfiara de que fossem demônios e, por isso, não ficou realmente surpresa ao ver que era exatamente o que eles eram. Mas asas? Enquanto subia a colina, ela ouvira falar de um homem que voava. Não dera muita atenção àquilo; estava ocupada demais tentando bloquear as vozes. *Deveria ter imaginado.* Será que aquilo também significava que um dos homens era capaz de penetrar no mundo dos espíritos? Que outro seria capaz de hipnotizar só com um olhar?

Ela suspirou. Maddox *de fato* a hipnotizara só de olhar. Ela fora fisgada por ele desde o começo; aquela luxúria incessante que estava sentindo era tão estranha para ela quanto sua decisão insensata de permanecer ali.

— Aqui está o Tylenol — disse Danika com voz trêmula. — Bem, é a versão genérica. — Sua pele estava verde e ela cambaleou. Enfiou a mão numa bolsa cor de esmeralda e pegou uma garrafa vermelha e branca.

Ao lado dela, Aeron aprumou os ombros. Suas asas se fecharam, encolhendo-se às suas costas e, então, desapareceram de todo. Ele se abaixou, pegou a camisa do chão e enfiou pela cabeça de uma vez, cobrindo as ameaçadoras tatuagens que decoravam seu torso. Foi até a janela e a fechou antes de se voltar para Danika com os braços cruzados sobre o peito forte. Ele ficou em silêncio, observando.

— Obrigada — disse Ashlyn. — Sinto muito pelo trabalho que você teve para conseguir isso.

Sem dizer nada, Danika lhe deu dois comprimidos, que Ashlyn aceitou com gratidão. Ela ainda estava sentindo uma pontada aqui, outra ali, e seu estômago travava uma batalha contra a náusea, mas nada tão ruim quanto antes.

Maddox tomou os comprimidos da mão dela antes que pudesse colocá-los na boca. Ele os observou e franziu o cenho.

— São mágicos? — perguntou com genuína curiosidade.

— Não — disse ela.

— Então, como duas pedrinhas destas vão curar a dor?

Ashlyn e Danika trocaram um olhar confuso. Não havia como escapar da interação com humanos ao longo dos anos. Como poderiam não saber nada sobre a medicina contemporânea?

A única explicação que Ashlyn conseguia imaginar seria eles nunca terem prestado atenção a algum humano adoentado antes. Além disso, apenas um dos homens, Paris, era visto na cidade com certa frequência. Ela se lembrava de ter ouvido isto das vozes.

Sendo assim, será que Maddox ficava trancado naquele castelo? Ashlyn, de repente, desconfiou de que sim, e isto a fez pensar... ele já se sentira esquecido? Abandonado, desprezado? A não ser pela bondade que recebia de McIntosh, ela mesma costumava se sentir assim em relação ao Instituto, onde ela só valia pelo dom que tinha. *O que está ouvindo, Ashlyn? Não disseram mais nada, Ashlyn? Eles deram detalhes, Ashlyn?*

Ashlyn percebeu que queria entender Maddox. Queria aprender sobre ele, consolá-lo assim como

ele a consolara. Maddox não podia saber disto, e ela não ia dizer, mas toda vez que ele lhe massageava a barriga e dizia aquelas doces palavras de estímulo ao pé do ouvido, ela se apaixonava um pouco por ele. Era algo tolo e errado, mas inevitável.

Ela devia lhe contar sobre seu dom, mas resolvera não fazê-lo no momento em que ele mostrara aquele interesse tão agressivo. Ela se perguntara: se Maddox já estava com raiva sem saber a extensão das suas habilidades, surtaria se soubesse da verdade?

A maioria das pessoas do Instituto ficava desconfortável perto dela, sabendo que podia adivinhar sobre o que estavam falando só de entrar no recinto. Como havia decidido ficar naquele lugar esquisito, não queria lidar com esse tipo de desconforto. Pelo menos dessa vez, queria parecer normal. Um pouquinho só.

Em meio a demônios, não devia ser algo muito difícil.

Ela diria a verdade em breve. Dentro de poucos dias, provavelmente. E talvez então conseguisse aprender a manter as vozes acudadas, mesmo sem Maddox estar por perto. Enquanto isso, tinha que dar um jeito de ligar para McIntosh. Ele merecia saber o que havia acontecido com ela e que estava bem. Ashlyn não queria que ficasse preocupado.

Com sorte, ele estaria estudando a fortaleza, como ela suspeitava, e veria que ela estava feliz. Com sorte, aos olhos dele, a felicidade dela seria mais importante que o trabalho.

— Tome-os — disse Maddox, invadindo seus pensamentos. — Ele colocou os comprimidos na palma da mão dela. — Se eles a fizerem piorar — acrescentou, lançando um olhar severo para Danika —, não me responsabilizo por minhas ações.

— Não a ameace — disse Ashlyn, negando com a cabeça. — Já tomei este tipo de medicamento antes. Não vai ter problema nenhum.

— Ela...

— Não fez nada de errado. — Ashlyn não sabia de onde estava tirando coragem. Só sabia que não estava com medo e nem disposta a deixar Maddox intimidá-la com sua petulância.

Ele não iria machucá-la, já sabia disso, o que ainda não conseguia entender. Além do milagre de fazer calar as vozes, aquele homem hostil cuidara das suas necessidades com ternura. Ele não se afastara quando ela vomitara, como qualquer um teria feito. Ficara com ela, cuidara dela, a tomara nos braços, como se fosse algo precioso.

Mas, por mais maravilhosamente que a tivesse tratado, Ashlyn não sabia o que ele era capaz de fazer a outras pessoas. Sabia do que ele *parecia* capaz de fazer: qualquer maldade das mais sinistras. Mas ela não o deixaria fazer mal a Danika, que também a ajudara.

— Ashlyn — disse ele, suspirando.

— Maddox.

Os dedos dele pararam, abertos sobre seu ventre. Felizmente, ele não se afastou. Ela podia ficar em seus braços para sempre. De fato, ninguém, nem mesmo McIntosh, jamais a fizera se sentir tão especial.

Tinha apenas uma vaga lembrança dos pais. Eles também jamais a haviam mimado daquele jeito. A bem da verdade, haviam ficado felicíssimos de se verem livres daquela garotinha histérica que não parava de chorar. Uma garotinha que vivia implorando para que as vozes parassem e nunca deixava ninguém dormir, trabalhar ou relaxar com ela por perto.

Ela soubera disso no dia em que haviam decidido abrir mão dela, apesar de, na época, não ter entendido. Ela entrara no quarto deles, e a conversa inteira se desdobrara em sua mente.

Não consigo mais cuidar dela. É demais para mim. Não consigo comer, não consigo dormir, não consigo pensar.

Não podemos simplesmente abandoná-la, mas, droga! Eu também não aguento mais. Ela nunca para de chorar.

Quero voltar a ter uma vida normal, sabe? Como eu tinha antes dela nascer. Pausa. Eu pesquisei e encontrei um lugar onde podem ajudá-la. Eu... liguei para eles. Eles querem conhecê-la. Talvez, sei lá, talvez consigam lhe dar aquilo que nós não conseguimos.

Eles a haviam mandado para o Instituto no dia seguinte ao seu aniversário de cinco anos. Lá, ela ficaria conhecida como “indivíduo”. Agulhas, eletrodos e monitores haviam se tornado suas companhias diárias, para não falar do medo, da solidão e da dor. O dia em que se tornara “Ashlyn” aos olhos da equipe chegara três anos mais tarde, quando haviam aprendido a usar a habilidade dela em proveito próprio.

Fora naquele dia que McIntosh entrara em sua vida.

Ele era um jovem e ambicioso parapsicólogo, em franca ascensão na carreira graças à sua visão, iniciativa e enorme paixão pelo trabalho. Ele a acompanhava a todos os locais aonde as vozes a levavam, chegava até a ficar ao seu lado enquanto as ouvia, anotando tudo o que ela dizia.

Depois, pesquisava o que ela ouvira e lhe contava os resultados, como da vez em que ela ouvira algo sobre um vampiro que pretendia sugar o sangue de uma cidade inteira. O Instituto conseguira encontrá-lo e detê-lo, e, por fim, estudando-o. Em momentos como aquele, ela se sentira *mesmo* especial, superdotada, como os personagens sobre os quais ele lia toda noite.

— Ashlyn — repetiu Maddox. Eles se fitaram, e os olhos dele se acenderam numa chama violeta. — Diga meu nome de novo.

— Maddox.

Ele fechou os olhos por uma fração de segundo, e, durante aquele momento fugaz, sua expressão foi de total entrega.

— Gosto de ouvir você dizê-lo .

Ela gostava de ver como ele conseguia ficar feliz com uma coisa tão simples. Um arrepio lhe percorreu a espinha. Mas, em seguida, passado aquele momento tão fugaz, o semblante dele voltou ao normal. Aquele toque de prazer lhe desapareceu do rosto, como se ele não confiasse em si próprio com aquela emoção.

— Danika vai...

— Trazer um pouco de água — Ashlyn terminou por ele. — Para os comprimidos.

— Sim. Vou pegar. — Danika pegou o copo vazio do chão e entrou no banheiro trocando passos. O som da água correndo encheu os ouvidos de Ashlyn, e, então, Danika parou novamente ao seu lado, estendendo o copo para ela.

Mais uma vez, Maddox confiscou. Ele olhou com desconfiança para Danika, depois levantou a cabeça de Ashlyn e levou-lhe o copo aos lábios. Ela pôs os comprimidos na língua e os engoliu com um gole do refrescante e gelado líquido. Desceu tudo por sua receptiva garganta, que estava apenas levemente sensível.

— Obrigada — ela disse.

— Está feito, então. Vou levar a garota de volta para Lucien — disse Aeron enfim, com uma voz tão hostil que quase deixou os tímpanos dela em carne viva.

— “A garota” tem nome — rebateu Danika.

— E qual é? Insolente? — murmurou ele, puxando-a para fora da sala pelo braço e arrastando-a. Claramente, aquele homem não tinha a menor educação e não fazia ideia de como se tratar uma mulher.

Se Ashlyn realmente quisesse ficar ali, tinha que dar um jeito nisso.

— Espere! — gritou ela.

Eles não esperaram.

— Ela vai ficar bem?

Houve uma leve hesitação.

— Sim — disse Maddox.

— Ótimo — replicou ela, a voz ecoando pelas paredes. Foi naquele momento que ela percebeu que estava a sós com Maddox. Claro, também foi naquele momento que ela se deu conta do gosto terrível na boca. Deus, ela devia estar mais derrubada que um animal atropelado na estrada, e fedendo ainda mais. Corou de vergonha.

— Eu... hã... preciso usar o banheiro.

— Vou ajudá-la. — Ele a tomou nos braços como se fosse um saco de plumas e se levantou. Ela se pendurou no pescoço de Maddox, sentindo sua força e calor lhe aquecendo até os ossos.

Ele atravessou a porta com ela e parou no meio do banheiro. Ao perceber que ele pretendia ficar lá dentro, ela balançou a cabeça, resistindo à tontura que voltara a sentir.

— Eu posso me virar sozinha.

— Você pode cair.

Podia mesmo, mas ela não ia deixar que ele a ficasse observando de jeito nenhum.

— Estou bem.

— Se precisar de mim, chame — disse ele com uma expressão duvidosa no rosto. — Estarei esperando do lado de fora da porta. — Ele foi lentamente soltando as pernas dela, até os pés tocarem o chão e seus joelhos quase falharem.

Eu não vou cair, não vou cair, droga. Ela esticou o braço para se agarrar a uma maçaneta e se equilibrar.

— Vá para trás, por favor — disse ela.

Ele foi, mas de má vontade. Quando já estava parado do lado de fora, ela fechou a grossa porta de madeira polida.

— Cinco minutos — disse.

Ela trancou, murmurando:

— Vou levar o tempo que for preciso.

— Não, não vai. Em cinco minutos, entrarei, tenha você terminado ou não. A tranca não significa nada.

— Teimoso.

— Preocupado.

Que doce. Com um meio sorriso, ela se lavou da melhor maneira que pôde e usou uma das escovas de dente que encontrou no armário. Por duas vezes, ela quase caiu. Usou as instalações, desembaraçou os cabelos e, decidiu, depois de observar atentamente seu pálido reflexo no espelho, que a única coisa que daria jeito em sua aparência seria uma mistura de cimento.

Faltando ainda um minuto, ela destrancou a porta e chamou Maddox. A voz dela estava fraca, mas ele abriu a porta como se ela tivesse dado um berro. Tinha uma expressão tensa no rosto. Ela fechou os olhos ao sentir uma crescente tontura.

— Você se esforçou demais. — Ele fez *um muxoxo*. E a tomou nos braços mais uma vez. Ele a levou para a cama e a deitou no colchão macio, deitando-se em seguida ao seu lado.

Ela o fitou com olhos entreabertos. Mais do que cuidar bem dela, Maddox era o primeiro homem a deitar ao seu lado na cama. O primeiro homem a desejá-la de verdade.

Ela tentara a sorte com encontros, ocasionalmente, mas as vozes a haviam bombardeado em todas

as vezes. Para calá-las, ela tentara a técnica de respirar fundo e meditar que aprendera. Os homens sempre achavam que ela os estava ignorando, sofrendo de hiperventilação ou tendo um ataque de pânico e não queriam mais nada com ela.

Uma vez, chegara a sair com um colega do Instituto, achando que, mesmo se ele não entendesse o que acontecia com ela, iria ao menos compreender sua situação. No dia seguinte, ela o ouvira conversar aos sussurros com outro colega. *Doida*, ele a chamara. *Essa não abre as pernas nem com pé de cabra*.

Depois daquilo, ela desistira de vez.

— Sente-se melhor? — perguntou Maddox. Ele a aninhou junto ao seu corpo, exatamente onde ela queria estar.

Aquele calor delicioso a envolveu por completo, e ela soltou um suspiro de satisfação. Procurara durante a vida inteira, mas fora preciso encontrar um imortal possuído por um demônio para conhecer enfim aquele paraíso luxuriante na Terra.

— Melhor? — repetiu ele.

— Muito melhor. — Ela bocejou. Aquecida, segura e limpa, quase não sentindo mais dor nenhuma, sentiu a exaustão se abater sobre si, chamando-a para dormir. Suas pálpebras se fecharam. Ela as abriu com dificuldade. Não estava pronta para ficar sem o alívio que Maddox lhe proporcionava.

— Temos muito mais a discutir — disse ele.

Ele soava distante, e ela se esforçou para despertar da lassidão entorpecida que a envolveu dos pés à cabeça.

— Eu sei.

Se ele respondeu, ela não ouviu; afundava cada vez mais. Ele lhe beijou o rosto com delicadeza. Seus lábios eram firmes, mas suaves, e o contato daqueles lábios no rosto dela produziu faíscas. *Abra os olhos, Darrow. Talvez ele vá lhe dar um beijo na boca*. Ela tentou, de verdade. Mas apesar de a mente querer, o corpo estava fraco.

— Nós conversaremos mais tarde — disse Maddox suavemente. — Agora, durma.

— Você vai ficar? — *Como posso precisar assim dele? Não faz nem um dia que o conheci*.

— Sim. Agora, durma, por mim.

Ela não pôde fazer outra coisa senão obedecer.

— EU OS VI — Aeron falou sombriamente para os demais. — Maddox não matou todos eles, e Paris e Reyes certamente não os viram quando saíram para patrulhar. Há mais Caçadores e eles estão reunidos na cidade neste exato instante. Acho que ouvi um deles dizer as palavras *hoje à noite*, mas eu estava voando alto demais para ter certeza.

Pela segunda vez em dois dias, Aeron estava sentado no sofá da sala de entretenimento, cercado por guerreiros. Ele raramente aparecia por lá, pois preferia buscar entretenimento fora de casa. Dos arredores da cidade e da segurança das sombras, ele observava em segredo a interação entre os mortais e ficava imaginando por que eles não se preocupavam mais com as próprias fraquezas.

Naquele momento, ele não parecia disposto a sair do aposento.

Paris havia voltado e estava assistindo a outro filme. Reyes socava o saco de areia, Torin estava recostado a um canto do outro lado do quarto, e Lucien jogava sinuca após fazer uma barricada na porta de seu quarto com madeira e pregos para poder se livrar da função de guarda. Apenas Maddox se achava ausente, mas Aeron ficou feliz por isso.

O homem estava imprevisível demais naquele dia, para não falar que não desgrudava de sua humana. Aeron deu uma risada irônica. Ele, não. Ele, nunca. Apesar de gostar de estudar aquela raça

tola, jamais se juntara a eles. Nem mesmo aquela bela loura representava uma tentação para ele. Os humanos eram fracos demais, e seu demônio o impelia constantemente a destruí-los de maneiras que espelhassem os pecados dos próprios humanos.

Um estuprador perdia o membro. Homens que batiam nas esposas ficavam sem mãos. Aeron gostava cada vez mais do que fazia, gostava de distribuir sua forma peculiar de vingança. Razão pela qual estava por um triz.

Mas a garota...

Quando eles haviam voltado da cidade, ele a deixara no quarto de Lucien. As curvas dela estavam gravadas em sua mente, mas seu corpo não fora afetado em absoluto. Ela não representava nada para ele. Nenhum daqueles humanos insignificantes representava coisa nenhuma. Eles eram fáceis de amedrontar e destruir. Fáceis de afastar dos entes queridos. Mas, mesmo assim, ele não queria machucá-la.

— Como você sabe que eles são Caçadores? — perguntou Lucien a ele. Suas feições estavam tensas, e seu muro de calma dava sinais de estar prestes a ruir quando enfiou a bola oito na caçapa da mesa de sinuca.

— Eles tinham armas e facas presas aos corpos, e vi a marca do infinito em um de seus pulsos. — Para ele, o fato de se marcarem era algo tolo. O mesmo que botar uma placa de néon no pescoço com os dizeres *Atire aqui*.

— Quantos?

— Seis.

— É, isso é ruim. — Paris deixou a cabeça pender entre as mãos. Estava usando calça jeans desabotoada e nada mais. Aeron o vira na cidade, partindo com tudo para cima de uma mulher no canto escuro de um edifício, e dissera a ele para terminar logo e correr para casa. Luxúria devia ter se dedicado ao pedido.

— Onde tem seis, tem mais seis, e onde tem mais seis... e assim por diante.

— Malditos Caçadores — resmungou Reyes, socando o saco com mais força.

Dor estava de péssimo humor. Pior do que de hábito, Aeron percebeu.

— Desta vez, não quero me mudar daqui. Este é nosso lar. Não fizemos nada de errado. — Ainda. — Se eles vieram para lutar, digo que devemos lutar contra eles.

— Eles não nos desafiaram. — Lucien esfregou o maxilar com dois dedos, um hábito que tinha. — Por quê?

— Eles subiram o morro. É um desafio suficiente. E a garota de Maddox? Os Caçadores podem estar esperando por um sinal dela.

— Mais do que nunca, ela é um problema — murmurou Torin. — Ainda imagino onde está o dedo dos deuses nisso tudo.

Aeron brincava com a argola de prata em sua sobancelha.

— Teremos que contar a Maddox.

Torin balançou a cabeça.

— Não fará diferença para ele. Você viu o jeito dele com ela.

— Sim. — E ele ainda estava revoltado com o que vira. Que tipo de guerreiro dava as costas aos amigos por causa de uma mulher que, no fim, iria traí-lo?

Lucien baixou o taco de sinuca e jogou a bola para cima. Pegou. Jogou. Pegou.

— Vamos ficar de guarda e deixar os Caçadores subirem a colina desta vez. Não quero que inocentes morram durante a batalha.

Reyes deu um golpe irado de direita no saco de areia.

— Não quero Caçadores aqui. Não em nosso lar. Vamos exhibir a humana de Maddox pela cidade, usando a Isca *deles* como *nossa* Isca. Eles vão nos seguir, na intenção de salvá-la e atacar. Nós os atrairemos para uma armadilha, longe do povo da cidade, e os destruiremos.

Todos o fitaram de modo incisivo.

— Se formos vistos — disse Aeron —, a cidade vai se voltar contra nós. Será novamente como na Grécia.

— Eles não vão nos ver — insistiu Reyes. — Torin pode monitorar a área com suas câmeras e nos avisar por rádio assim que alguém se aproximar.

Aeron pensou e manifestou sua aprovação. Os Caçadores ficariam distraídos ao tentar salvar Ashlyn, permitindo que os guerreiros os emboscassem, um a um. Mais importante, Aeron não teria que limpar o sangue das paredes.

Ele olhou de relance para Lucien, que parecia bastante resignado.

— Muito bem. Usaremos a garota.

Paris coçou a nuca e Aeron achou que ele fosse protestar. Para sua surpresa, não o fez.

— Acho que, agora, só precisamos pensar num jeito de evitar que Maddox nos dê uma surra quando descobrir.

DANIKA FICOU OLHANDO para a mãe, a irmã e a avó. Aqueles rostos familiares a fitavam com esperança e curiosidade, com pavor e medo. Ela era a caçula, mas, de alguma forma, se tornara a líder delas.

— O que aconteceu? — A mãe apertou com força as mãos uma na outra. — O que fizeram com você?

O que devia contar a elas? Danika duvidava que fossem acreditar na verdade: que ela realizara ressuscitação cardiopulmonar, ajudara a salvar a vida de uma mulher e, depois, saíra voando, *voando!*, pela janela com um homem alado que a levava para a cidade, onde ela pegara sua bolsa, ouvira Aeron ordenar que outro guerreiro, o qual estivera mantendo uma mulher de seus quarenta e poucos anos presa contra uma parede e fazendo amor selvagemmente com ela, fosse para casa e, em seguida, voltara para lá. Tudo isso em cerca de meia hora. E, para completar, havia aquela voz que surgira misteriosamente em sua cabeça naquela manhã, mas ela não queria nem *pensar* naquilo.

Havia passado por tudo isso, mas, mesmo assim, era inacreditável até mesmo para ela. Além disso, elas ficariam assustadas se soubessem a verdade. E já estavam suficientemente assustadas.

— Acho que eles vão nos soltar daqui a pouco — ela mentiu.

Vovó Mallory começou a chorar, soluçando muito de tão aliviada que ficou. Ginger, irmã mais velha de Danika, desmoronou na cama, agradecendo a Deus com um sussurro. Apenas a mãe continuou imóvel.

— Eles lhe fizeram mal, meu bem? — Lágrimas brotaram em seus olhos. — Tudo bem, pode me dizer. Eu aguento.

— Não fizeram, não — respondeu sinceramente.

— Você ainda precisa nos contar o que aconteceu. — A mãe segurou as mãos da filha e as apertou com força. — Certo? Tudo bem? Eu fiquei louca, imaginando todo tipo de coisa!

Ao se dar conta de que ficariam ainda mais preocupadas se não soubessem de nada, ela finalmente contou o que acontecera. Ficara apavorada, sim, com os guerreiros. Inclusive, havia um de olhos negros que, Deus, ela odiava ter de admitir, despertava alguma coisa dentro de si com aquele seu olhar intenso que a levava a lhe pedir ajuda.

Pedido que o desgraçado ignorara.

Mas tinha de reconhecer que aqueles homens a haviam surpreendido tanto quanto amedrontado. Afinal, o homem de cabelos negros com estranhos olhos púrpura tratava Ashlyn, a mulher que estava doente, como se ela fosse um tesouro. Ele a segurava gentilmente. Não parecera se importar com o vômito na tigela e com o mau cheiro no quarto. Sua única preocupação era Ashlyn.

Ah, se *ela* tivesse um homem que a tratasse daquele jeito...

Não conseguia imaginar Reyes, durão como era, amaciando os modos tanto assim. Nem a acariciando tão gentilmente, mesmo ao fazer amor. No mesmo instante, lhe veio à mente a imagem dele nu e excitado. Danika sentiu um calafrio e se esforçou para apagar a imagem da cabeça. Ela estendera a mão implorando por ajuda, e ele negara. Ela jamais se esqueceria de que Reyes não era alguém com quem pudesse contar.

— E se esses... essas *coisas* não nos deixarem ir embora? — perguntou a mãe, contendo um soluço agoniado. — E se resolverem nos matar como estavam dizendo que iam fazer?

Seja forte. Não deixe que elas vejam estes mesmos medos refletidos em você.

— Eles prometeram nos deixar viver se eu ajudasse a curar aquela mulher, e ajudei.

— Os homens mentem o tempo todo — a irmã dela disse, sentando-se. Ginger tinha 29 anos de idade e era professora de aeróbica. Costumava ser calada e reservada. Nenhuma delas jamais estivera numa situação parecida, e nenhuma realmente sabia como lidar com aquilo.

Até então, vinham levando vidas normais, levantando de manhã para trabalhar, tranquilas e despreocupadas, levadas a acreditar que nada de ruim lhes aconteceria. Antes daquilo, a pior coisa com que Danika tivera que lidar fora a morte do avô, dois meses antes. Ele fora um homem adorável e cheio de vida, e ela sentira sua perda profundamente. Todas elas haviam sentido. *Ainda sentiam.*

Elas haviam pensado, esperado, que passar férias naquele local fosse ajudar a aliviar a dor e fazer com que todas se sentissem mais próximas de um homem que elas nunca mais veriam outra vez. Vovô adorara Budapeste, sempre falara nas duas semanas mágicas que passara na cidade antes de se casar com vovó.

Ele nunca dissera nada sobre um grupo de guerreiros homicidas com asas.

— Procuramos pelo quarto inteiro, várias vezes — disse a avó. Seu rosto parecia mais enrugado que o normal. — As únicas saídas são a porta da frente e a janela, e não conseguimos abrir nenhuma das duas.

— Por que eles querem nos fazer mal? — choramingou Ginger. Seus olhos azuis estavam molhados, e os cabelos louros ao redor do rosto estavam empapados de tantas lágrimas. Manchas vermelhas se espalhavam de sua testa até o queixo.

Quando elas choravam, não era algo bonito de se ver.

— Eles não disseram. — Danika suspirou. Deus, mas que pesadelo! Logo antes de serem capturadas, ela e a família haviam feito uma excursão pelo distrito do castelo. Ela jamais vira nada mais lindo do que aquelas luzinhas multicoloridas brilhando nas construções de arquitetura majestosa e centenária. Ansiava por suas tintas e telas, querendo capturar aquela visão.

E fora exatamente o que ela planejava fazer no hotel. Pintar.

Mas, no momento em que entrara em seu quarto, um homem grande, moreno, marcado por uma cicatriz e, por estranho que parecesse, de olhos coloridos, a interpelara. Ele cheirava a flor, ela recordava, e aquele cheiro a acalmara no meio da maior crise de pânico de sua vida. O homem alado também estava lá, mas com as asas ocultas debaixo da camiseta.

Para eles, fora muito fácil dominá-las. Ela sentia vergonha só de lembrar. Quatro mulheres contra dois homens e, ainda assim, elas haviam perdido, mal conseguindo oferecer resistência. Tinham sido desacordadas e carregadas para ali, acordando exatamente naquele quarto.

— E se tentássemos seduzir um deles para conseguir a chave? — Ginger sussurrou para ela.

O guerreiro moreno de olhos negros imediatamente veio à mente de Danika. Toda vez em que ela o via, ele estivera sangrando. Desastrado? Não lhe parecera, mas... Talvez ela devesse ter se oferecido para tratar de seus ferimentos. Talvez ele tivesse sido mais simpático com ela. Talvez a tivesse ajudado quando ela pedira.

Talvez ele a tivesse beijado.

Droga, aquela ideia por si só já a deixava excitada.

— Mulher nenhuma deve entregar o próprio corpo para fugir da prisão — ela disse, com raiva de si mesma. A imagem de Reyes nadou perante seus olhos novamente, e se flagrou acrescentando: — Mas vou pensar no caso.

Capítulo Onze

MADDOX FICOU ABRAÇADO a Ashlyn por várias horas, enquanto ela cochilava, torcendo para que estivesse recuperando as forças plenamente. O tempo estava contra ele, a meia-noite em seus calcanhares, mas ele não a acordou. Nem mesmo quando tirou os sapatos e o suéter dela, expondo os pés delicados e a camiseta colada aos seios redondos, e sentindo seu sangue arder de desejo.

Já havia passado bastante da hora do almoço. Ele estava com fome, mas o desejo por Ashlyn era mais forte. Segurá-la... ouvir seus melodiosos suspiros adormecidos... o paraíso.

Seus seios, apertados contra a lateral do tronco de Maddox, eram inacreditavelmente macios. Ela estava com um dos braços dobrados sobre a barriga dele, aninhando-se a ele como se temesse, mesmo em sonho, que a abandonasse.

Mais em paz do que jamais se sentira em séculos, ele não se surpreendeu quando suas pálpebras começaram a pesar e a mente começou a vagar.

Desperte, guerreiro. Eu retornei, disse uma voz em sua mente. Uma voz familiar demais. *Aquilo*, sim, o surpreendeu.

Maddox enrijeceu os músculos e abriu as pálpebras ao sentir a injeção de fúria, afastando por completo o sono. Ele imediatamente perscrutou o quarto com olhos atentos. Não viu ninguém à espreita, nenhuma sombra suspeita. Preferia lidar com um intruso, um Caçador, do que com aquele Titã que prometera ajudar Ashlyn e, depois, a abandonara. O ser tentaria arrancá-la de seus braços agora?

Não me agradece, guerreiro?

Ele sentiu uma poderosa vibração no ar, que ficou mais pesado e pulsante. Ashlyn soltou um sonoro suspiro, e ele fez um esforço para relaxar. Queria acordá-la, mas só depois que aquele deus tivesse ido embora. Se ela provocasse a ira daquele ser, mesmo sem querer, podia acabar se machucando.

— Quem é você? — ele sussurrou.

Eu não deveria precisar lhe responder, foi a impaciente resposta.

Maddox estalou o maxilar, fazendo de tudo para continuar em paz. Sem violência, sem raiva. Quanta crueldade do Titã de obrigá-lo a adivinhar.

— O que quer de mim... grandioso?

Você me prometeu qualquer coisa. Tudo.

— Eu lhe prometi qualquer coisa que quisesse se salvasse a garota. Você não a salvou — disse ele, apesar de sua mente gritar *Não provoque o deus!* — Fomos nós.

Ainda assim, ela está viva.

— Mas você não fez nada. — Ele apertou os lábios.

Confrontar um deus não era boa ideia. Mas Maddox tinha medo do que ele lhe pediria se concordasse, sabendo que seria um pagamento por uma ajuda não prestada.

Tem certeza? A voz se tornou sedosa, desafiando-o a contradizê-la.

Ele tinha certeza? Danika ajudara com suas estranhas batidas no peito de Ashlyn e, depois, soprando a vida em seus pulmões. Reyes e Aeron também haviam feito sua parte. Maddox a tomara nos braços, a limpou e lhe dera assistência.

O que aquela criatura poderia ter feito? *Isso importa?*, ele pensou, então.

— O que quer que eu faça? — perguntou, resignado.

Ouviu-se um ronronar de satisfação. *Mande seus amigos visitarem o cemitério Kerepesi à meia-noite. Não devem levar armas. Não devem contar a ninguém o que estão fazendo. Devem ir sozinhos, e irei até eles. Eu lhes mostrarei exatamente quem sou.*

— À meia-noite, estaremos ocupados com outra questão.

Sua maldição mortal. Sim, eu sei. Lucien e Reyes têm minha permissão para chegar mais tarde.

— Mas...

Nada de mas. Meia-noite. Desarmados.

Maddox piscou os olhos. Aquilo não fazia sentido. Por que exigir que os homens fossem desarmados? Um bom deus poderia esmagá-los por mais armados que estivessem.

Dirá a eles?

Ele estreitou os olhos. Ou aquilo não era um deus, ou o ser planejava fazê-los cair numa emboscada. Ele já considerava os Titãs cruéis, e não duvidaria que eles fossem capazes de tal ato. Mas, de um jeito ou de outro, ele estava condenado. Se aquilo *fosse* um deus, Maddox seria castigado, pois não podia pedir a seus amigos que se expusessem desarmados a uma situação potencialmente perigosa. E, se aquilo *não fosse* um deus, significaria que outra pessoa... outra *coisa* tinha o poder de se infiltrar em seus pensamentos.

Ao seu lado, Ashlyn estalou os lábios e trocou de posição, virando de costas. Uma das mãos estava dobrada sobre a fronte, e a outra, junto ao ventre. Estava quase acordando, ele se deu conta, mas resistindo.

Dirá a eles?, a voz perguntou novamente com tom autoritário, ávida demais, incerta demais.

Naquele momento, Maddox soube. Aquilo não era um deus. Não poderia ser. Um ser todo-poderoso poderia simplesmente fazer os Senhores sumirem e aparecerem no cemitério. Um ser todo-poderoso não deixaria escapar o menor sinal de dúvida. Ele trincou os dentes.

Não me faça perguntar novamente.

— É claro que direi a eles — ele disse, e não estava mentindo. Diria a eles, mas não o que a criatura queria que dissesse.

Até a noite, então, a voz disse, praticamente cantarolando de satisfação.

Até a hora da verdade. Claro, Maddox não disse isso em voz alta. Quando não houve resposta, nenhuma reação, ele sorriu lentamente. O ser era capaz de empurrar palavras para dentro da mente dele, mas não conseguia ouvir seus pensamentos. Ótimo. Muito, muito bom.

A corrente de poder, repentinamente, desapareceu do ar.

Probabilidades giraram na mente de Maddox. Talvez aquele ser fosse capaz de ouvir diálogos à distância. Talvez, como Maddox e os demais, quem estivesse falando fosse algum imortal com habilidades especiais.

Um Caçador imortal?

Tomando cuidado para não incomodar Ashlyn, Maddox saiu da cama e foi pela pela fortaleza até encontrar Lucien. O guerreiro estava sentado no sofá da sala de entretenimento, sozinho, em silêncio, com um copo de uísque na mão.

Maddox contou ao amigo o que havia acontecido, e Lucien ficou pálido, até suas cicatrizes pareceram empalidecer.

— Caçadores. Titãs. Mulheres. Agora, seres sem nome com poderes não identificados? Quando isso terá um fim?

Ele passou a mão nos cabelos.

— A cada minuto que passa, parece que surge algo novo. — E pensar que, no dia anterior, Maddox

reclamara da monotonia da vida.

— Pelo menos temos várias horas para decidir o que fazer em relação a isto. Preciso pensar antes de contarmos aos outros. Coisas demais acontecendo ao mesmo tempo, mudanças demais.

Maddox assentiu.

— Sabe onde me encontrar quando precisar de mim. — Ele voltou para seu quarto, contente pelo adiamento. Não estava pronto para deixar Ashlyn.

Ela estava deitada, exatamente do jeito como ele a deixara, uma visão em seu desprovido cubículo. Ele foi para o lado dela na cama, acidentalmente empurrando o colchão.

— Maddox — ela murmurou.

A palavra saiu carregada de sonolência, um gemido mal articulado que lhe incendiou o sangue como se fosse uma carícia daqueles dedos delicados. Com seu desejo renovado, Violência voltou a se fazer presente, seu humor sombrio e faminto. Precisando... de alguma coisa. Sangue? Dor? Gritos? Ele não sabia, não conseguia saber. *Vou me controlar. Não machucarei esta mulher.*

Ashlyn esfregou a bochecha nele e ronronou como uma gatinha feliz.

— Maddox?

Violência ronronou em resposta.

Ele agarrou os lençóis, o frio tecido se rasgando sob seu toque. O que Violência estava tentando forçá-lo a fazer? Seus desejos eram obscuros. Gotículas de suor brotaram na pele de Maddox. Ele trincou o maxilar com tanta força que sentiu os tendões do pescoço enrijecerem.

— Maddox? — repetiu Ashlyn. Desta vez, ela soou preocupada. Ela se espreguiçou e seus gloriosos cachos cor de mel lhe caíram em cascata sobre os ombros. Raios de sol entravam pela janela, banhando-a em um luminoso halo âmbar. Os olhos dela o percorreram. — O que houve?

Ele não conseguia responder, não conseguia vencer aquele nó na garganta.

Visivelmente mais preocupada, ela se debruçou sobre ele e espalmou as mãos sobre seu peito nu debaixo da camisa. O toque era delicioso, intenso. Sempre havia aquela energia entre eles. Ele jamais sentira algo assim.

Mas se deu conta de que o espírito também gostou. Ele rugiu; não com fúria, mas excitado. *Mais...* Os desejos obscuros de antes estavam retornando, finalmente se fazendo notar. Prazer e paixão. Êxtase e um maravilhoso desejo.

— Como está se sentindo? — Maddox perguntou, o nó na garganta cedendo. Era impressionante a sensação de ansiar por algo, por alguém, sem sentir um ímpeto profundo de ferir.

— Melhor.

— Fico feliz. — Ele permaneceu no mesmo lugar por um bom tempo, deixando Ashlyn lhe acariciar o peito e se deliciando com a sensação. Era um sonho erótico doce e delicado que ele não queria que terminasse jamais. Ele vibrava, ou talvez fosse o espírito. *Perigoso.* Ele ia despi-la e possuí-la em questão de minutos se não a fizesse parar com aquilo.

— Seu rosto parece melhor — disse ela. — Não está mais tão machucado.

— Eu me recupero rápido. Venha. — Ele saiu da cama e estendeu uma das mãos.

O olhar castanho-dourado dela foi descendo do rosto dele para as mãos, depois, voltou para o rosto, procurando algum tipo de resposta.

— Você muda de humor mais rápido do que qualquer pessoa que já conheci na vida — resmungou ela, mas aproximou a mão hesitante, parecendo incapaz de se controlar. Os dedos deles se entrelaçaram.

Outro calafrio.

Ela arfou de imediato, evidenciando sentir o mesmo.

Trêmulo de vontade de possuí-la, ele a fez ficar de pé. Ela cambaleou e o agarrou com mais força.

— Aonde vamos?

Ao Paraíso, se dependesse dele.

— Banho. — Ele não esperou pela resposta dela, mas a levou até o banheiro.

Para surpresa dele, ela não reclamou.

— Devo estar horrorosa. — Ela passou a mão nos cabelos e fez uma careta. — Eca. Cara amassada.

— Você jamais conseguiria ficar horrorosa.

As bochechas dela ganharam um tom rosado.

— Conseguiria, sim. Só... sei lá. Não olhe para mim enquanto eu não der um jeito de me arrumar um pouco.

— Tentei manter meu olhar afastado de você. Acredite. — Mas os olhos dela sempre a procuravam espontaneamente, atraídos por um magnetismo mais forte do que ele.

Chegaram ao banheiro e ele a soltou. Maddox foi tomado por uma aguda sensação de perda. *Quase na hora. Só mais um pouco.*

De costas para Ashlyn, ele abriu as torneiras da banheira. A água brotou gelada de início, mas foi esquentando gradualmente. O banheiro não demorou a ficar embaçado pelo vapor que se acumulava no teto, condensado, para, em seguida, cair como pequenos pingos de chuva.

Procurando manter a compostura, ele encarou Ashlyn.

— Sinto muito pelo seu quarto. Eu vou... hã... limpar depois — disse ela, olhando para os próprios pés descalços. As unhas não estavam feitas, mas os dedos eram encantadores, com as pontas quadradas.

— Eu limparei — ele disse com voz rouca.

O olhar dela encontrou o dele.

— Não. Prefiro que você não faça isso. Já passei vergonha demais. Quero dizer, vomitei na sua frente. Várias vezes. Talvez até em cima de você. Qualquer coisa que... ah, meu Deus, estou morrendo de vergonha. Qualquer coisa que tenha caído no chão é responsabilidade minha.

— Minha culpa. Meu quarto. Eu limparei. — Ele não gostava de imaginá-la fazendo trabalhos físicos. Ele a queria na cama, descansando. E nua. Sim, nua. Talvez não descansando, mas lambendo-o e mordendo-o.

Seu membro logo se manifestou.

— Tire a roupa. — Sua voz saiu mais rascante do que ele pretendia.

Ela piscou para ele, os cílios fazendo sombra sobre suas bochechas.

— O-o quê?

— Tire a roupa.

— Agora? — disse com uma voz histérica.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Costuma tomar banho vestida?

— Não, mas costumo tomar banho sozinha.

— Hoje, não. — Parecia que ele tinha esperado a vida inteira por aquele momento. Ashlyn. Nua. Toda dele, com aquelas curvas que pediam para ser descobertas.

— Por que não? — perguntou ela de um jeito inseguro e hesitante.

— Porque não. — Irredutível, ele cruzou os braços sobre o peito.

— Maddox...

— Ashlyn. Tire a roupa. Está suja.

Atrás dele, a água continuava a bater no azulejo branco. Na frente, Ashlyn continuava olhando para ele, como se confusa.

— Não — ela disse. E foi recuando para perto da porta. Um passo, dois.

Ele se inclinou à frente, aproximando o nariz do dela. Mas não a beijou. Não tocou nela. Simplesmente esticou o braço por trás e trancou a porta, impedindo-a de escapar.

O suave *clique* ecoou pelas paredes do banheiro e Ashlyn engoliu em seco. Empalideceu.

Maddox suspirou. Ele não a queria amedrontada; ele a queria excitada.

— Não tenha medo.

— Na-não estou com medo.

Ele não acreditou nela, não sabia o que estava lhe passando pela cabeça. Não sabia por que ela resistia a algo que parecia querer poucos minutos antes.

— Como se sente? — perguntou. — Mentiu quando me disse que estava melhor?

Mentir ou não mentir, Ashlyn pensou. Se ela dissesse a ele que ainda estava doente, ele a deixaria tomar banho sozinha. Se dissesse que estava mesmo curada, ele insistiria em vê-la tirar a roupa. Coisa que ela jamais fizera com homem nenhum, muito menos com um estranho. E, ainda por cima, um imortal.

Ele não é mais um estranho. Ele abraçou você, dormiu ao seu lado, cuidou de você e a limpou. Tudo verdade, mas ela não sabia detalhes sobre ele. Do que gostava, do que não gostava, dos relacionamentos anteriores, que deviam ter sido muitos, pela idade dele. Ela não sabia se ele só queria ficar com ela naquele momento ou se queria algo além.

Tantas vezes, em dezenas de idiomas, ela ouvira os homens dizendo às mulheres aquilo que elas queriam ouvir para, depois, abandoná-las. Ela os vira trair sem se preocupar com as companheiras que esperavam em casa. Ouvira mentiras açucaradas e pura agressividade.

Como Maddox, um demônio autoproclamado, trataria o corpo dela? Como a trataria depois que tivessem feito amor?

No entanto, por mais assustadora que fosse a ideia de estar com Maddox, tinha de reconhecer que também era excitante. Emocionante. Havia um desejo intenso nos olhos dele, um fogo violeta tão incisivo quanto quente.

Ninguém jamais olhara para ela daquele jeito.

Ela sempre fora a garota esquisita, a aberração. A louca que não conseguia conversar normalmente porque estava ocupada demais ouvindo outras pessoas falarem. *Arrisque, Darrow. Ouse viver pelo menos uma vez. Você sabe que quer.*

Ela olhou para Maddox. O vapor espiralava ao redor dele, concedendo-lhe uma aura onírica e fantasmagórica. Ele tinha um rosto ríspido, porém, sensual, emoldurado por aqueles cachos negros que iam até a altura do queixo. Ela sempre quisera ter um homem, um relacionamento. Sempre tivera curiosidade sobre a tal paixão da qual tanto ouvia falar. Mas também sempre quisera um homem que a amasse, que não a abandonasse depois que se extinguísse o fogo da paixão.

— Como se sente, Ashlyn? — repetiu ele.

Todos os nervos do corpo dela pediam por ele, clamavam por sua atenção.

— Bem — ela finalmente admitiu. — Estou bem. Não menti.

— Então, por que está aí parada? Tire a roupa.

— *Não* me dê ordens. — Se ela permitisse que ele a dominasse naquele momento, ele iria sempre dominá-la. *Sempre? Por quanto tempo você vai ficar?*

Ele fez silêncio por um instante.

— Por favor.

Você vai mesmo fazer isso?

Sim. Ela ia. Ele não a amava, e ela não tinha certeza de como ele a trataria depois, mas ela iria fazer aquilo, sim. Sentira desejo por ele desde o primeiro momento.

Ela procurou o zíper do casaco rosa com mãos trêmulas. Então, percebeu que não estava mais de casaco. Nem de suéter. Ele devia ter tirado enquanto ela dormia. Sentindo o rosto esquentar de vergonha, ela puxou a blusa pela cabeça e jogou de lado, ficando apenas com a camiseta branca de baixo, sutiã e calça jeans.

Maddox assentiu, aprovando.

— Tantas camadas. Tire mais. Por favor.

Ela pousou as mãos na barra da camiseta. Fez uma pausa.

— Estou nervosa — confessou.

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas e inclinou a cabeça para o lado.

— Por quê?

— E se... E se você não gostar do que vai ver?

— Eu gostarei — disse ele com a voz carregada.

Aquele tom primitivo... Ela estremeceu. Aquilo a assustara quando estava na floresta. E, naquele momento, ventilava as chamas de seu desejo.

— Como pode ter certeza?

Seus olhos quentes percorreram sem pressa o corpo de Ashlyn.

— Gosto do que vejo agora. O que há por baixo será ainda melhor.

Ashlyn não tinha tanta certeza daquilo. Ela não frequentava a academia, nem fazia dieta. Nunca precisara de verdade. Quando ela não estava viajando com o Instituto, gostava de ficar em casa, assistindo à TV, lendo revistas e brincando na Internet. Não exatamente coisas que davam a uma mulher o tipo de corpo que os homens diziam desejar.

Suas coxas eram um pouco mais largas do que a maioria dos homens dizia gostar, e sua barriga, um pouquinho mais arredondada. A que tipo de mulher Maddox estava acostumado? Ele era imortal, afinal de contas, e provavelmente já estivera com centenas de lindas mulheres.

Ela cerrou os punhos. Por mais irracional que fosse, pensar nele com outra realmente a tirava do sério.

— Ashlyn — disse Maddox, despertando-a de suas lucubrações.

— O quê?

— Concentre-se no que está fazendo — disse secamente.

Ela sorriu.

— Desculpe. Eu me distraí. — Ela teria que aprender a controlar os próprios pensamentos agora que o silêncio fazia parte de sua vida.

— Deixe-me ajudá-la. Por favor.

Toda vez que ele pedia *por favor*, Ashlyn se derretia, louca para lhe dar tudo que ele desejava, e ainda mais. Ela fez que sim com a cabeça.

As mãos dele se fecharam sobre as dela, e houve aquele choque que sempre se seguia ao seu toque. Desta vez, ela já estava esperando, mas continuava despreparada para o efeito em cascata que ele provocava. Mamilos enrijecidos, a palpitação quente entre as pernas.

Ele não esperou pela permissão, simplesmente puxou a camiseta para cima.

— Espere — ela disse.

Ele parou no mesmo instante.

— Eu preciso avisar. — Ele estava prestes a ver sua calcinha, outro assunto constrangedor. Ela

usava uma de algodão branco. *Apetrecho da vovó*, uma vez ouviu de um homem. Ela nunca usava roupas sensuais, nem mesmo roupas de baixo, quando estava no trabalho. Não era prático. — Eu tenho calcinhas sensuais, juro, mas não estou usando agora.

— E devo ficar horrorizado com isso? — perguntou Maddox, soando sinceramente confuso. — Com o fato de você não estar usando uma calcinha sensual?

— Sei lá. — Ela mordeu o lábio inferior. — Talvez. Você não fica?

— Ashlyn, o que quer que você esteja vestindo não importará para mim. Não continuará usando por muito mais tempo. Está pronta agora? — perguntou ele.

Ela engoliu em seco e fez que sim.

Ele puxou a camiseta pela cabeça dela e jogou no chão ao lado da blusa. Ela estremeceu.

— E-então?

— Então?

— Feia? — perguntou.

— Linda — replicou Maddox. Ele sugou o ar, com reverência, talvez?, Ashlyn sentiu o sangue se incendiar. Ele esticou o braço e passou a mão trêmula no algodão liso que lhe cobria os mamilos. Apesar de já estarem duros, ficaram ainda mais empinados com o toque.

Ashlyn gemeu de excitação.

Ele passou os dedos no ventre dela e puxou a cintura da calça jeans. Com uma virada de pulso, abriu a calça. Ela sentiu nos ossos o calor que emanava da pele dele.

Ele foi baixando a calça pela cintura, pelos joelhos, até chegar ao chão.

— Levante os pés.

Com as pernas tremendo, ela obedeceu. Ele parou o olhar na calcinha branca de algodão. Ela conteve o ímpeto de se cobrir e lamentou novamente não ter nenhuma peça sensual para mostrar a ele.

— Eu sei que os homens gostam dessas fantasias — disse a ele, tentando, nervosamente, preencher o silêncio. Quantas vezes ela os ouvira se gabando para os amigos? — Em casa, tenho uniforme de policial, roupa de odalisca e de coelhinha da *Playboy*. — Não que já tivesse usado algo daquilo. Mas ela adorava tê-las, só por precaução.

— Que ótimo. — Maddox não pareceu nada impressionado.

— Talvez eu possa, sei lá, lhe mostrar um dia desses.

— Tire o sutiã e a calcinha. — Ela ficou frustrada ao ver a expressão neutra no rosto de Maddox.

Talvez ele não se importasse mesmo com o que ela estava vestindo.

Enquanto esperava que ela obedecesse, ele tirou a camiseta pela cabeça. Ela arfou de surpresa, encantada, e se esqueceu da calcinha horrorosa que estava usando, mas, ainda assim, não a tirou. Nem o sutiã. Estava ocupada demais admirando o que via.

Maddox era absolutamente magnífico. As cicatrizes já haviam desaparecido, deixando apenas linhas vermelhas desbotadas. Fileira após fileira de músculos bronzeados se oferecia em banquete aos olhos de Ashlyn. Maddox tinha umbigo bem feito e uma pelugem negra que descia da cintura para dentro da calça.

Sem tirar os olhos dos dela, ele abriu e abaixou a calça, tirando as longas e fortes pernas uma por vez e deixando a calça embolada aos seus pés.

Ele não estava usando nada por baixo.

Ela arregalou os olhos e sua boca secou. Era enorme. Comprido, grosso e sublimemente ereto. Ela já vira o órgão masculino em livros, em sites da Internet que não devia ter visitado e em filmes que não devia ter assistido, mas nunca pessoalmente. Nunca daquele jeito. Seus testículos pareciam

firmes, cercados por pelos pretos.

— Creio que tenha lhe passado uma tarefa bastante específica — ele disse, olhando para o meio das pernas dela de um jeito que a fez estremecer deliciosamente.

Ashlyn foi inundada pelo desejo, mais intenso do que nunca. Foi consumida pela necessidade de tocar e ser tocada, de provar e ser provada. Uma dor aguda a percorria ferozmente.

— Vamos mesmo fazer sexo? — perguntou, sem fôlego.

— Ah, sim — ele replicou, dirigindo-se a ela. — Ah, sim, linda, vamos mesmo.

Capítulo Doze

MADDOX SEGUROU ASHLYN por baixo dos braços e a levantou do chão. Ele rasgou o centro do sutiã dela com os dentes. O suave tecido se desfez facilmente e se abriu, revelando o mais sensual par de seios que ele já vira.

Eram pouco maiores do que cabia na mão e tinham mamilos rosados que pediam para ser provados. Ele não aguentava esperar nem mais um instante. Tudo dentro dele estalava, precisando daquele contato. Já estava além do desespero.

Ele abocanhou e sugou um dos mamilos rijos, envolvendo-o com a mais pura e quente intensidade. Ashlyn gemeu. Ela jogou a cabeça para trás, oferecendo-lhe o corpo e pedindo mais. Ele deixou a língua se aventurar, lambendo em cima e embaixo. Depois, experimentou o outro, dando-lhe o mesmo tratamento.

O sangue dele ardeu, queria mais, mas ele a pôs de pé outra vez e a empurrou em direção à pia. Em breve. Sem uma palavra, entregou a escova de dentes que adquirira para ela e pegou a sua própria. Ele queria estar perfeito para ela.

Ashlyn ficou olhando-o com uma expressão confusa e atordoada. Foi ficando lentamente corada de vergonha. Por quê? Eles escovaram e enxaguaram os dentes em silêncio. Depois, Ashlyn ficou de pé em frente ao espelho, segurando-se na pia como se não soubesse o que fazer em seguida e estivesse com medo de perguntar.

— Tire — disse ele, puxando a calcinha. — Por favor.

Ela pareceu nervosa ao baixar e tirar a calcinha.

Deuses. Ele quase se prostrou no chão em agradecimento. Um pequeno triângulo de pelos cor de mel, coxas deliciosamente arredondadas. Inflando as narinas ao assimilar-lhe a beleza, Maddox a ergueu novamente. Desta vez, contudo, a colocou dentro da banheira e puxou a cortina ao redor deles. Ela arfou quando a água a atingiu e então gemeu de êxtase sentindo o líquido quente lhe batendo gentilmente na pele. Desejou que tivesse sido ele o causador daquele gemido.

Em breve, ele prometeu a si mesmo outra vez. Em breve.

Ele entrou na banheira atrás dela, que já estava ensopada, com os cabelos colados à elegante curva de suas costas. As nádegas eram perfeitamente arredondadas, fartas o suficiente para sobrar em suas mãos. Ele gostava disso, ficava satisfeito por ela não ser apenas pele e osso.

— Tão linda — disse, mas foi subitamente tomado pela dúvida. Será que ele deveria virar-lhe o corpo ou continuaria abraçando-a daquele jeito? Deveria fazê-la se deitar na banheira ou ficar de pé? Era a primeira vez que tomava banho com uma mulher e não sabia ao certo qual seria a melhor maneira de conduzir as coisas.

Minha. Faça... tudo.

Enquanto o instinto e centenas de anos de fantasias tomavam conta de tudo, ele diminuiu a distância entre eles e esfregou a manifestação de seu prazer na fresta do traseiro dela. Ashlyn arfou e estremeceu. Ele esticou o braço e pegou um sabonete com aroma de pinho que usava todas as manhãs para lavar as reminiscências de suas provações da meia-noite.

Ela tentou se virar para fitá-lo, mas ele a manteve no lugar apoiando o queixo no alto de sua cabeça. De início, ela ficou tensa. Gradualmente, contudo, foi relaxando. Ele já estava no limite e não queria ir longe demais. Ainda. Ele mal conseguia controlar o espírito no estado em que estava,

ele parecia prestes a saltar de seu corpo para tocá-la pessoalmente.

— Você foi feita para o sexo, não foi? — rugiu ele em sua orelha. Ele lavou a delicada concha com a língua.

— Acho que vamos descobrir — respondeu ela com um suspiro trêmulo.

Ela realmente tinha sido feita para ele. Não poderia ter sido escolhida Isca mais perfeita. Se ela estava lá para distraí-lo, estava conseguindo. Se estivesse lá para conseguir informações sobre ele e seus amigos, bem, ela também estava conseguindo. Ele já lhe dissera mais do que jamais dissera a qualquer pessoa.

Se ela estava lá para castigá-lo, bem, já conseguira isso também. Ele não poderia estar mais envergonhado de si mesmo. Deveria estar em qualquer lugar, menos onde estava naquele momento; e devia estar fazendo outra coisa. Mas *lá* estava ele. *Faria* amor com Ashlyn. E não se importava com as consequências.

Com os braços ainda envolvendo os ombros dela, ele esfregou as mãos para fazer espuma. Colocou o sabonete de volta na saboneteira e começou o lento, realmente lento, processo de limpá-la da cabeça aos pés. Seus dedos ensaboados serpentearam ao redor dos mamilos dela, desceram pelas graciosas curvas da cintura e alcançaram o doce contorno de sua barriga.

Ela soltou outro daqueles gemidos, um som ávido e todo para ele desta vez. A cabeça dela caiu sobre o ombro dele em aberto convite, um gesto que dizia *Faça comigo o que desejar*.

— Você gosta que alguém a limpe? — perguntou ele.

— Sim.

— Ainda está suja?

— Estou.

— Onde?

— Em todos os lugares — foi a rouca resposta.

Ele quase sorriu. Quase. O desejo que sentia era sombrio demais para se achar graça. Mas, junto às trevas, havia encantamento e estupor.

Ele a tocou com mais brusquidão do que pretendia ao lhe ensaboar os braços. Mas ela não pareceu se importar. Ele a viu fechar os olhos e morder o lábio inferior, soltando pequenos gemidos a cada segundo.

— Já tomou banho com um homem antes? — Com o sabonete na mão, ele desceu até os joelhos dela.

Ela parou. Sussurrou:

— Não.

Ele ficou feliz por aquilo. Descobririam juntos aqueles prazeres. Mesmo antes de o demônio ter se tornado parte dele, Maddox não demonstrara tanta ternura por uma mulher. Mesmo então ele as possuía rapidamente. Elas representavam agradáveis conveniências, nada mais. Algo que ele queria, mas do qual não precisava.

Depois da maldição, a afeição se tornara uma coisa ainda mais impensável. Ele sempre temera que o espírito fosse se mostrar se ele se demorasse demais com uma mulher. Fora só então que se dera conta de como o tempo era uma coisa preciosa, de como ele deveria ter aproveitado mais a vida quando tivera chance.

Ele nunca tivera tanto medo do espírito quanto naquele instante, mas desta vez não deixaria que esse medo o fizesse se apressar, que evitasse que ele saboreasse. Aproveitasse. Ele era severo demais, rude demais para a maioria das mulheres, mas jurou que não seria assim com Ashlyn.

Eu me controlarei, custe o que custar. Controlarei o espírito. Ele beijou a curva da parte de

baixo das costas de Ashlyn e, depois, foi lambendo coluna acima.

— Hummm — ela arfou. — Eu... Eu gosto disso.

Ele também gostava.

Gostava de tudo nela.

Depois de ensaboar-lhe as panturrilhas e coxas, mordendo a parte interna da boca para não acabar por *mordê-la*, ele lavou o sabão das mãos. Incapaz de resistir um momento mais que fosse, ele inseriu dois dedos no calor vital de Ashlyn.

— Ah. Ah! — Ela se afastou de um pulo daquele toque erótico, mas logo se recostou a ele de novo, abrindo mais as pernas, silenciosamente pedindo por mais.

A espuma estivera escorregadia e, naquele momento, ela também estava. Ele a acariciou, gentilmente apertando seu âmago intumescido. Ela foi sacudida por um calafrio.

— Ainda gosta? — ele perguntou. A tensão pulsava nele. *Possua-a. Agora.*

— Adoro. Eu adoro — ela entouou.

Ele fez pressão bem no fundo, o mais fundo que podia. Ela arfou seu nome.

— Apertada — disse ele entre dentes. Ele quase achou que estava sentindo... Não, com certeza não. — Quente.

— Bom. Isso é bom.

Ele sentiu que estava prestes a ser consumido pelas chamas a qualquer momento, por chamas mais quentes do que as que enfrentava no inferno. Tremia mais do que antes. Estava rijo, dolorosamente rijo. Estava preparado para o ataque.

Se ele teve reação tão forte só de preenchê-la com os dedos, o que faria quando a preenchesse com seu membro?

Não pare. Não pode parar. Rangendo os dentes, ele colocou mais um dedo dentro dela, alargando-a... e foi então que percebeu que não podia mais ignorar a barreira que a marcava como uma virgem. Seus lábios se contorceram num esgar. Sua cabeça pendeu para o lado e ele se viu olhando para o meio das pernas dela, confuso.

Virgem? Certamente, não. Ela era uma mulher adulta. Mas não havia como negar a barreira.

Ele tirou os dedos de dentro dela e se levantou. Não a tocou outra vez, apenas a olhou de cima a baixo. Como ele, ela estava tremendo.

Mil pensamentos lhe passaram pela mente agitada. Como podia uma mulher tão linda ser virgem ainda? E por que os Caçadores enviariam uma mulher inexperiente para tentá-lo?

Ela não saberia como fazer isso.

Por que os deuses enviariam uma virgem para castigá-lo? Aquilo não seria simplesmente castigar a virgem?

Nitidamente confusa com a súbita interrupção, Ashlyn virou o pescoço até seus olhos depararem com os dele. Prazer e dor disputavam o domínio de suas belas feições.

— Eu fiz algo de errado?

Ele balançou a cabeça, ainda sem conseguir dizer nada. O desejo de possuí-la gritava em cada célula de seu corpo. Homem nenhum jamais a penetrara antes. Homem nenhum jamais provara de seu sumo mais doce.

— Então, por que parou? — Ashlyn ficou de frente para Maddox, e ele notou que seus mamilos estavam rijos, rosados e molhados. Eles apontavam para ele, implorando... implorando...

Ele estava prestes a lhe tirar a virgindade sem sequer jamais tê-la beijado, percebeu. Mulher nenhuma, mesmo que fosse uma Isca ou um castigo divino, merecia uma coisa dessas. E, no momento, ele não acreditava que ela fosse nem uma coisa, nem outra.

Mas ela estivera naquela floresta na noite anterior, e quatro Caçadores a seguiam. As duas situações estavam relacionadas, ele tinha certeza, mas já começava a se perguntar se não teria sido *Ashlyn* o alvo deles.

E, se fosse esse o caso, por quê? Ela não tinha um demônio dentro de si; ele o teria sentido. Não teria? Já não sabia mais. Já não sabia de mais nada, apenas que queria aquela mulher com todas as forças de seu ser. Desde o momento em que a vira. Havia algo nela que o afetava profundamente. Afetava até o espírito.

— Maddox?

Ele queria loucamente tirar sua virgindade, mas não o faria. Não naquele dia. Afinal, poucos momentos antes, ela estivera se sentindo mal. Ele não sabia ao certo qual seria sua reação ao estar dentro dela... e ao ser o primeiro. Ela também representaria uma primeira vez para ele. Maddox jamais tivera uma virgem antes. Ele tinha de descobrir a melhor maneira de proceder, e a melhor maneira de manter Violência sob controle. O espírito adoraria causar nem que fosse um pouco de dor em *Ashlyn*. Não adoraria? Ele talvez tivesse que se acorrentar.

Mas, por ora...

Ela a imprensou contra os azulejos gelados. Ela arregalou os olhos, aqueles lindos e grandes olhos castanhos. Apesar de os lábios de Maddox ainda não terem sarado totalmente, ele a beijou. Ela abriu a boca, surpresa, depois, abriu mais ainda, recebendo a língua dele. Ele a introduziu, virando a cabeça para ir mais fundo, para ter mais, para dar-lhe o quanto ela precisasse. O gosto dela era hipnótico, tão mentolado, tão feminino.

Outra fagulha se acendeu entre eles.

Ela arfou, e ele engoliu o som. Apertou seu peito contra os seios dela, e os mamilos estavam tão duros que pareciam lhe apunhalar a pele. Ele sentiu-lhe a batida descompassada do coração.

Ele dobrou os joelhos e voltou a subir, esfregando sua ereção nela. Ela arfou de novo. Tremeu. Mergulhou as mãos nos cabelos dele, puxando-o para si. Seus dentes se esbarraram, e o beijo continuou... sem parar... durando uma eternidade... um beijo de magia, sonho e fogo.

Sim, fogo. Havia tanto fogo. Incandescente. Ardente. Havia um inferno dentro dele. Ele lhe mordiscou o lábio inferior, não conseguiria parar mesmo se quisesse, e também já não queria mais. Uma gota de sangue lhe alcançou a língua. Ele saboreou o gosto metálico.

Bom, tão bom.

Ela gemeu e o mordeu também, correspondendo àquela paixão abissal com um fervor que o surpreendeu. *Gentil, com calma*. Ele segurou suas bochechas e empurrou-lhe gentilmente, calmamente, a cabeça para o lado. Foi lambendo e esfregando o nariz pelo maxilar, pela clavícula, e isto quase foi sua perdição. A pele de *Ashlyn* era como uma droga que o deixou viciado logo na primeira vez, levando-o a querer mais. A querer tudo.

Ela se curvou sobre ele, arfando. Recuou, ainda arfando. Curvou-se sobre ele de novo. A ereção de Maddox explorava entre as pernas delas, desesperada para entrar.

Não, ainda não. *Inocente, lembra? Ela é inocente*.

Ela cravou os dentes na clavícula dele, e ele quase atingiu o clímax. Quase se derramou ali mesmo, naquele instante. Ela estava selvagem, frenética pela liberação. Apertou as costas dele, massageou. Suas unhas lhe desceram pelas costas.

Ele achou que ela não estava ciente do que fazer. Jogava a cabeça para os lados, de olhos fechados.

— Vou levá-la ao ápice — disse, se esforçando para manter o controle de si mesmo.

— Sim. Venha. — Ela soltou Maddox e segurou os próprios seios, apertando os mamilos entre os

dedos.

Ele nunca tinha visto nada mais erótico.

— Apenas toque em mim — ordenou ela ríspidamente. — Não pare de me tocar.

— Farei isso. Preciso... de um momento. — Ele fechou os dedos sobre o membro ereto, sabendo que, se não o fizesse, abriria as pernas dela e a possuiria. Ele pressionou uma vez, duas. Soltoou o ar sibilando.

— Maddox, ande logo!

— Com as mãos ou com a boca? — perguntou ele, as palavras quase inaudíveis. A água estava batendo nela, descendo pela barriga, incitando-o a beber.

— O-o quê? — Ela abriu os olhos, olhando para ele e para si mesma. Quando se deu conta do que estava fazendo com as mãos, soltoou os braços nas laterais do corpo e corou.

— Devo tocá-la com as mãos ou com a boca? — Ele continuou a pressionar o membro com a mão, mas desejando que aquela fosse a mão *dela*. Ou sua boca. Seu corpo.

— Mãos?

Ele não sabia muito sobre as humanas, mas reconhecia o desejo genuíno que ela estava sentindo. Ela queria que a boca dele a levasse até o fim. Ele também queria. Aquela necessidade provavelmente a deixava envergonhada; bem, ele venceria aquilo em breve.

Ele se ajoelhou pela segunda vez.

— O que está fazendo? — ela sussurrou, escandalizada. Contudo, sua voz deixou escapar um toque de excitação.

Em vez de responder, ele a lambeu onde ela mais precisava. Era algo que ele quisera fazer durante muitos anos, porém jamais ousara arriscar, temeroso da reação de Violência. Naquele momento, estava entretido demais para sentir medo, e, subitamente, sentiu-se feliz por ter esperado. Ashlyn tinha gosto de mulher pura e inocente. Tinha gosto de mel. De paixão e de calor. Inebriante, viciante. *Dele*.

— Boca — ela arfou. — Boca. Mudei de ideia.

Ele a lambeu de novo e o ventre de Ashlyn estremeceu. Ela espalmou as mãos nos azulejos ao seu lado, se mantendo de pé. Arqueou o quadril à frente, querendo mais daquela língua. E ele deu. Abrindo-a com uma das mãos e tocando em sua ereção com a outra, sugou-lhe o âmagu quente. Ela gemeu, se revirou, se contorceu.

— Mais? — perguntou ele.

— Mais. Sim. Por favor.

Ela estava perto, bem perto. Ele sentiu que ela rumava rapidamente em direção à liberação, conseguia sentir a fãrtura com que fluía seu doce líquido. *Morda*. O ímpeto o amedrontou. Ele parou de se mexer. Ela gritou de frustração, e ele trincou o maxilar de dor e desejo.

Gotículas de água pingavam de seus cílios para o queixo. Ele quis enxugá-las para ver com mais nitidez, mas não queria mexer nenhuma das mãos. O ar queimou em sua garganta e pulmões.

— Diga que me quer. — *Enquanto eu me acalmo*.

— Eu quero você — Ashlyn quase gritou. Ela baixou os olhos para ele, como se não conseguisse acreditar que estavam tendo aquela conversa ali, naquele momento.

— Diga que precisa de mim.

— Preciso de você.

— Diga que nunca me trairá.

— Nunca trairei você.

Ao menos ela não hesitara. Algo dentro dele se amaciou, se derreteu.

— Onde você quer estar? — perguntou ele, as palavras soando quase como um apelo. *Precise de mim tanto quanto eu preciso de você.*

Talvez fosse a água. Talvez fosse o vapor. Os olhos dela pareceram cobertos por uma névoa, uma cortina de vulnerabilidade lhe caiu sobre o rosto.

— Com você — respondeu. — Só com você.

Tanto o homem quanto o espírito ficaram assustados com a magia das palavras. Humildes. Maddox enfiou o rosto de novo entre as pernas dela, a língua indo ainda mais fundo. Ela suspirou de êxtase e enganchou-lhe a parte de cima das costas com uma das pernas. Cravou o calcanhar no ombro de Maddox, mas ele não se importou. Até gostou.

O desejo fluiu quando ele a mordiscou. Ele já não conseguia mais se conter. Era incapaz de controlar as próprias ações. Ele não queria machucá-la; o espírito, também não. Pelo menos desta vez estavam de acordo e só queriam dar prazer a Ashlyn.

Ela chegou ao limite. Caiu. O orgasmo lhe abalou o corpo inteiro. As paredes internas dela se apertaram contra a língua dele, mantendo-o cativo naquele portal do paraíso. E, quando ela gritou seu nome, *ele* atingiu o orgasmo. Ejetou sua semente cálida na banheira. Seu corpo se contraiu, os músculos lhe apertaram os ossos com força de ferro. Nada jamais parecera tão certo antes. Nada parecera tão perfeito.

Segundos... minutos? Horas?... se passaram. Naquela eternidade atemporal, ele se tornou Prazer. Não estava sendo dominado por Violência. Ele era simplesmente um homem louco por aquela mulher. Um homem que vivia num mundo onde a luz sempre eliminava a escuridão e o bem sempre venciam o mal.

Antes fosse...

Quando ele abriu os olhos, voltou a ser Maddox. Novamente um homem dominado pelas trevas, vivendo num mundo onde a meia-noite sempre triunfava e o mal ria do bem.

Ainda estava ajoelhado. Ashlyn ainda estava na frente dele. Ele ouvia seus ofegos roucos e se deu conta de que ele também estava ofegante. Ele se levantou, desconcertado ao ver que suas pernas não haviam parado de tremer.

Nem as de Ashlyn. Suas pálpebras estavam fechadas, os cílios, úmidos e afiados. Havia uma aura de encantamento e satisfação cercanda-a, mas ele não conseguia afastar o súbito pensamento de que fora rude demais, que poderia ter sido mais gentil. Poderia ter se esforçado mais.

— Por favor, olhe para mim — disse ele.

Como asas de borboleta, os cílios dela se ergueram. Aquelas esferas de âmbar se voltaram para ele e ela mordiscou o lábio inferior com uma expressão incerta no rosto.

— Sim?

— Eu a machuquei? — Pior: — Está arrependida?

— Não e não. — Ela abriu aquele sorriso radiante, como um sol nos confins da noite.

— Como pode ainda ser virgem? — perguntou, perplexo.

Lentamente, o sorriso dela desapareceu. O constrangimento lhe embaçou o olhar, e o âmbar de seus olhos escureceu como um céu de tempestade.

— Não quero falar sobre isso.

— Por favor.

Ela olhou para os próprios pés, escondendo a emoção, a tempestade.

— Eu jamais deveria ter lhe dito para pedir ao invés de mandar. É irresistível!

Ele precisaria se lembrar daquilo.

— Talvez eu devesse ter lhe dito antes de nós... Mas...

Ele sentiu um aperto no peito. Será que ele queria ouvir sua confissão, fosse qual fosse? Sim. Queria mesmo? Não. Não naquele momento. Ele fechou a torneira e a comprimiu contra a parede de azulejos. Não podia prever a reação do espírito se ouvisse que aquela linda criatura havia conspirado contra ele.

— Ashlyn...

— Não — disse ela balançando a cabeça. — Ouça. Só prometa que não vai ficar com ódio de mim, tudo bem? E tente entender que não consigo evitar. — Pausa. Suspiro trêmulo. — É o seguinte. Você não é o único possuído por algo que não consegue controlar. Eu ouço vozes. Quando estou em um lugar onde aconteceu uma conversa, consigo ouvir cada palavra que foi dita, não importa quanto tempo já tenha se passado. — Enquanto ela falava, olhava para todos os lados, menos para ele.

Maddox ouviu, profundamente chocado. Ela não assumira que fazia parte de um plano dos Caçadores, nem de uma vingança dos deuses, mas que ouvia vozes. No fundo, ele sabia que ela não estava mentindo. O que dizia era complicado demais, além de ser fácil de desmascarar; uma verdadeira Isca optaria por algo mais irrefutável. E mais, o que ela descrevera fazia sentido esse encaixava perfeitamente no quebra-cabeça da noite anterior.

Isto significava que ela *havia* tentado protegê-lo antes. Não por motivos escusos, mas porque quisera. Maddox foi tomado pela mais completa perplexidade. Perplexidade, alívio e alegria.

Finalmente entendia por que ela não ficara tão abalada quando admitira ter matado aqueles homens. Sequer devia conhecê-los. Como ele suspeitava, eles podiam estar querendo capturá-la para se aproveitar de sua habilidade.

Seus dedos estavam coçando, queriam uma faca; tinha vontade de matá-los todos mais uma vez. *Acalme-se*. Eles talvez trabalhassem para o Instituto mesmo, e ela simplesmente não sabia. Não, não podia ser isso. Eles acabariam se fazendo notar por ela, pois, de onde estavam, podiam vê-la e ouvi-la.

— Por que receia que eu a odeie? — perguntou ele.

— Eu ouço segredos — ela sussurrou. — É difícil fazer amigos, sabe? As pessoas que sabem o que consigo fazer não querem se aproximar de mim, e as pessoas que ignoram isso, por sua vez, não sabem como lidar comigo.

A solidão em seu tom de voz o afetou profundamente. Ele entendia. Mas mesmo ele não gostava da ideia de ela saber, ouvir as coisas violentas que fizera ao longo dos anos.

— Que segredos meus você ouviu? — Ele tentou manter a voz leve, mas não obteve muito sucesso.

— Nenhum. Juro. — Ela o fitou com olhos arregalados. — Quando estou perto de você, o mundo fica silencioso.

Ela já dissera aquilo antes. Ele se lembrou da expressão em seu rosto quando ele se aproximara pela primeira vez. Total felicidade. Ela estivera saboreando o silêncio, exatamente como alegava naquele instante. Maddox se sentiu mortificado e desnorteado ao se dar conta disso, apesar de haver também orgulho inabalável sob estas duas emoções. Ele a ajudara. Ele, que não conseguia se libertar do próprio tormento, havia ajudado Ashlyn a se libertar do dela.

— Você disse que ouve segredos. O que ouviu sobre nós?

— Já lhe disse. A maioria do povo acha que vocês são anjos. Outros acham que são demônios. Mas todos os respeitam.

— Não há planos de ataque?

— Não que eu tenha ouvido.

— Ótimo. — Ele colocou as mãos na cintura de Ashlyn, levantou-a e tirou-a de dentro da banheira. Ele saiu também, parou ao lado dela e pegou uma toalha do armário. Depois de enrolar a

toalha nos ombros dela para aquecê-la, pegou uma para si.

— *Ótimo?* É tudo o que tem a me dizer? — perguntou ela.

— Sim.

Ela ficou boquiaberta de surpresa.

— Bem, agora que contei a você, gostaria de ligar para meu chefe e avisar que estou bem.

Maddox balançou a cabeça.

— Infelizmente, essa não é uma opção. Ninguém pode saber que você está aqui. Para sua segurança, e para a nossa.

— Mas...

— Isto não está aberto a discussão. A resposta, agora e sempre, é não.

Ela começou a abrir a boca de novo, como se fosse discutir. Mas disse apenas:

— Tudo bem.

Pelo tom de voz dela, ele percebeu que não estava. Ela provavelmente pretendia correr atrás de um telefone no momento em que ele virasse as costas. Mulheres. Pela primeira vez, ele entendeu o que Paris queria dizer quando dizia aquela palavra como quem profere um palavrão. Ele suspirou.

— Eu juro, Ashlyn, que isto é o melhor para todos os envolvidos.

Ela lhe deu as costas e secou os braços. Seus gestos estavam um pouco lentos demais, muito calculados, como se a mente estivesse bem longe.

— O que há de errado?

— Um monte de coisas. Preciso ligar para o meu chefe e, assim que conseguir um telefone, vou ligar. Você não pode me impedir.

— Isto é...

Desta vez, foi *ela* quem o interrompeu.

— E até você, que é imortal, deve me achar esquisita depois do que acabei de lhe dizer, não sei por que está negando.

Ele esfregou a toalha nos cabelos para tirar a umidade e, depois, no pescoço.

— Você não é esquisita. Eu a acho bonita, corajosa e, mais importante, deliciosa.

Ela enrolou a toalha no torso, bloqueando a visão dele.

— É mesmo?

Uma insegurança daquelas não poderia ser algo natural. Um esgar surgiu no rosto dele, determinado a matar quem tivesse causado aquilo a ela.

— Mesmo. — Com as mãos nos ombros dela, ele a fez virar o corpo. Seus olhares se encontraram.

— Se você soubesse metade das coisas que acontecem aqui, você... — Ele apertou os lábios. Maldição, ele não devia ter dito aquilo.

— Quer dizer que há mais, além de esfaqueamentos e ressurreições? — ela perguntou secamente.

Muito mais.

— Então, o que vamos fazer agora? — Ela abriu os braços.

Apesar de ele querer passar o resto do dia com ela, sabia que não podia. Ainda tinha deveres, ainda era um guerreiro cujo lar precisava ser defendido, naquele instante, mais do que nunca. Depois de levá-la para o quarto, ele se vestiu, pegou uma camiseta, cueca, calça de moletom e jogou para ela.

— Vista.

Ela não conseguiu pegar nenhuma peça e teve que se abaixar para catá-las. A cada movimento, a toalha branca lhe subia pelas coxas. Ele ficou excitado. De novo. Devia estar cansado, mas não. Não com Ashlyn. Ela o excitava, apesar de... bem, apesar de tudo.

— Há algumas coisas que preciso fazer — ele disse, mais para lembrar a si mesmo do que respondendo à pergunta dela.

— E vai me levar junto? — ela perguntou, segurando a toalha com mais força.

— Sim e não.

— Como assim?

Não fazia sentido mentir, ele pensou. Ela acabaria descobrindo mais cedo ou mais tarde.

— Vou trancá-la com Danika enquanto cuido de alguns... afazeres. Assim, você terá companhia e haverá alguém para cuidar de você e me chamar se você voltar a ficar doente.

A princípio, um olhar de pânico tomou conta do rosto dela. Depois, de raiva. Ela arqueou as sobrancelhas e a ponta de sua língua traçou a borda dos lábios dele.

— Primeiro, não há necessidade de me trancar. Eu disse que ia ficar. Segundo, você disse que Danika está trancada? Ela é prisioneira? — A última palavra saiu quase como um grito.

— Sim. — Perversamente, ele esperou que a afirmação fosse deixá-la com mais raiva; ele queria ver aquela língua de novo.

— Mas, Maddox, você me disse que eu era a primeira mulher que você...

— Não fui *eu* quem a trancou. Também não menti para você. Agora, nem mais uma palavra. *Por favor.* — Se ela lhe pedisse para soltar Danika, ele iria querer soltar. Iria querer se voltar contra os outros e atender seu pedido. — Vista-se, ou vou levá-la nua.

Em silêncio, ela o observou. Em silêncio, implorou a ele para que... o quê? Ele não sabia dizer. Ele não disse nada. Não pôde. O tempo estava contra ele.

— Como será? Vestida ou nua?

Ela fez cara feia para ele, sua primeira demonstração real de estar perdendo a paciência, e lhe deu as costas. Com movimentos duros e tensos, ela deixou a toalha cair no chão. Costas elegantemente curvadas... nádegas arredondadas... Ele ficou com água na boca.

— Eu devia resistir, mas não vou. Sabe por quê? — Ela não lhe deu tempo de resposta. — Não porque você mandou, mas porque quero ver como está Danika.

Ela se vestiu rapidamente, e ele devia ter ficado feliz por aquelas curvas luxuriantes estarem enfim cobertas. Ninguém mais poderia vê-la; ninguém mais teria a oportunidade de aproveitar aquela visão. Mas isto também implicava que ele não veria, e *ele* não teria essa oportunidade.

— São grandes demais — ela disse, encarando-o.

Ela estava certa. As roupas estavam enormes nela, mas, para Maddox, ela estava uma delícia. Ele sabia o que havia debaixo do tecido. Sabia o que aguardava seu toque, só o dele.

— Só tenho essas. Por enquanto, terão de servir.

Uma ideia surgiu. Paris sempre pegava encomendas em uma caixa postal para Torin. Talvez Maddox pudesse pedir para ele encomendar uns vestidos como aqueles que vira em um dos filmes bobos a que assistira na TV com Paris. Vestidos curtos. Talvez uns saltos altos também, e joias. E talvez aquela peça sensual que Ashlyn havia pedido. Como era mesmo que Paris chamava? Lingerie.

— Conversaremos mais tarde — disse ela, pisando forte ao lado dele. Não tinha sido uma pergunta, ele reparou, mas uma ordem.

— Sim. — Ele tentou não sorrir. — Conversaremos.

— Você vai responder a todas as minhas perguntas. Sem evasivas. — Ela olhou para ele com hostilidade.

Talvez.

— É melhor você se comportar durante a minha ausência. Lembra-se de quando eu disse que era perigoso me deixar com raiva?

— O que foi, vai me dar palmadas se eu for uma garota malcriada?

Ele ficou surpreso com a provocação. Deuses, de onde havia saído aquela espoletazinha? Ele a vira com medo, chocada, doente, excitada, mas não irascível daquele jeito. Por mais incrível que fosse, o espírito não explodiu com o desafio dela. Não se sentiu compelido a sair. Ele pensou que talvez... Não. Impossível.

O espírito de Violência *não* sorria.

— Você não iria gostar de saber o que eu faria — disse ele quando sua voz voltou à garganta. — Portanto, não me provoque.

Ashlyn ficou nas pontas dos pés, e ele sentiu na orelha o hálito quente dela. As pontas dos mamilos roçavam em seu peito. Ele esperou, incapaz de respirar enquanto aguardava para ver o que ela faria então. Ele podia não saber de onde surgira a espoleta, mas sabia que ela o animava.

— Talvez eu goste de provocar você — sussurrou ela. Mordeu um dos lóbulos da orelha de Maddox. — Pense nisso enquanto eu estiver trancada.

Ele pensaria. Ah, sim. Pensaria.

Capítulo Treze

ASHLYN OLHOU PARA a porta rachada que Maddox acabara de lhe fechar na cara, aprisionando-a em outro quarto. Outra prisão. Ah! Aquele homem a tirava do sério. Ele lhe dera prazer de um jeito ao mesmo tempo terno e selvagem, e ela devia ter ficado constrangida, e ficara, pelo menos até sentir aquela língua quente. Então, ele se tornara um guerreiro de novo, severo, hostil e determinado.

Mas, ainda assim, ela o desejava.

Ele ameaçara trancá-la junto com outra inocente, uma mulher que ele *já* havia aprisionado. Comportamento vergonhoso, sem dúvida.

Mesmo assim, o desejava. Chegara a lhe morder a orelha e tentar provocá-lo a terminar o que havia começado no chuveiro. Mas ele resistira e a largara naquele quarto, onde a dispensara sem sequer um beijo ou uma palavra.

E, mesmo assim, ela tolamente o desejava.

Queria que ele a abraçasse como ela sempre sonhara ser abraçada por alguém. Queria que ele conversasse com ela, que a conhecesse melhor. E queria que ele fizesse amor com ela! Até o fim dessa vez. Sem se conter.

Seu desejo por ele era forte demais, e ela não entendia. Ele era implacável, enigmático e temperamental. Viera direto do próprio inferno. Mas também era gentil, carinhoso e a melhor coisa que acontecera ao corpo dela. Ah, sim. E ele trazia o silêncio. Como se ela pudesse se esquecer disso. Droga!

— Quem é você? — uma voz feminina perguntou de repente.

Ashlyn despertou de seus devaneios e se virou rapidamente. Danika e mais três mulheres, entre 70 e 20 e poucos anos, olhavam para ela com olhares igualmente preocupados e receosos. Santo Deus. Maddox havia trancafiado *quatro* mulheres? A ideia era formar um harém para imortais?

Bem, a fantasia você já tem.

Danika se aproximou.

— Era ela quem estava doente. A que eu... — ela tossiu — curei.

— Obrigada por isso — falou Ashlyn suavemente, sem saber direito o que dizer àquela estranha que não era uma estranha.

Danika balançou a cabeça.

— Você parece melhor. — Ela olhou bem para Ashlyn antes de apertar os olhos com desconfiança.

— Milagrosamente melhor, para ser honesta.

— Bem que eu queria poder explicar, mas não posso. Depois que a náusea passou, minha força voltou. Parece que as *pedrinhas* fizeram efeito afinal. — Ashlyn também a observou. — Você também parece melhor. Perdeu aquele lindo tom esverdeado.

— Bem, foi a primeira vez que pilotei um homem para pegar analgésicos. — Danika pôs as mãos na cintura. — Então, o que a trouxe ao Castelo Sinistro? Você também foi sequestrada?

Ashlyn não teve tempo de responder.

— Quem são essas pessoas? — perguntou uma versão ligeiramente mais velha de Danika. — *O que eles são?* Danika disse que um deles tem asas.

Se elas ainda não sabiam, não seria Ashlyn quem revelaria tudo.

— Você conhece alguma saída? — perguntou a mais velha do grupo, sem permitir que se fizesse

uma pausa.

Todas as mulheres se aproximavam dela enquanto falavam, cercando-a. Olhavam-na com esperança, como se ela tivesse todas as respostas e pudesse salvá-las do pior dos destinos.

Ela levantou a mão.

— Vamos com calma. — *Sequestrada*, Danika dissera. Por que Maddox faria algo assim? — Alguma de vocês é Caçadora ou Isca? Todas as vezes em que Maddox dizia essas palavras, parecia enojado.

— Tipo caçadoras de tesouros? Isca de pescaria? — O rosto de Danika se franziu, confuso, mas havia um brilho severo em seus olhos verdes.

— Tipo não faço a menor ideia. Minha esperança era de que uma de vocês soubesse. — Vozes do passado começaram a se aproximar de sua mente. Uma conversa depois da outra. — Não. Não, de novo, não. — Ela sentiu que estava ficando pálida, o calor começou a evaporar de sua pele, deixando apenas uma concha fria e trêmula. *Respire. É só respirar.*

— Acho que ela está ficando doente de novo — disse Danika, preocupada.

— Consegue chegar até a cama? — perguntou a Ashlyn.

— N-não. Só quero me sentar.

De repente, ela sentiu um par de mãos em seus ombros, ajudando-a a se abaixar até o chão. Ashlyn desceu de boa vontade, as pernas estavam ficando fracas demais para sustentá-la. Tremendo, ela inspirou ar para os pulmões.

Eles vão nos matar.

Temos que fugir.

Como? Risadas histéricas.

Se tivermos que pular pela janela, então, vamos pular. Eles querem nos infectar com algum tipo de doença.

Se pularmos, vamos morrer.

Se ficarmos, vamos morrer.

As vozes pertenciam àquelas mulheres, Ashlyn se deu conta. Ela ia escutar agora cada palavra que elas tinham dito dentro daquele quarto. Droga, ela já havia se acostumado ao silêncio. Pensara que teria paz enquanto ficasse longe da masmorra. Com sorte, o tempo que elas haviam passado ali talvez não tivesse sido suficiente para que tivessem conversado muito.

Sinto saudade do vovô. Ele saberia o que fazer.

Mas ele não está aqui, está? Temos que dar um jeito sozinhas.

Um rolinho amanteigado e um copo de suco de maçã foram enfiados debaixo do nariz dela.

— Tome — disse Danika gentilmente. — Isto deve ajudar.

Quem está falando? Quem disse isso?

Com quem você está falando, Dani?

Hã... ninguém.

Ashlyn aceitou a comida e a bebida com mãos trêmulas. A conversa delas continuou aos tropeços. Às vezes, como acontecera na masmorra, elas pareciam unilaterais. Ela não conseguia ouvir com quem as mulheres conversavam; só sabia que *estavam* conversando com alguém, e não entre si mesmas.

Ela ouviu Danika dizer: *Se... se eu for uma curandeira, você jura que vai poupar minha mãe, minha irmã e minha avó? Elas não fizeram nada de errado. Nós viemos a Budapeste para nos despedirmos de meu avô. Nós...*

Mas não ouviu o que fora dito antes. Nem depois. Por quê? Aqueles homens eram imortais, mas

ela já ouvira criaturas imortais falando antes. Vampiros, duendes, até metamorfos. Por que não os demônios dali? Só podia ter sido com eles que Danika estivera falando.

Ashlyn beliscou o pão e bebericou o suco, tentando desligar a mente de cada nova conversa. Cantarolou. Meditou. As mulheres tentaram chamar sua atenção, mas ela simplesmente não respondia. Havia vozes demais na disputa.

Uma por uma, as mulheres desistiram. Quantos minutos ou horas se passaram depois disso, ela não sabia. Por várias vezes, quase chamou Maddox, mas se conteve, mordendo a língua até sentir gosto de sangue. Ele tinha coisas a fazer, dissera. E ela não queria ser um fardo. Um incômodo.

Foi para isso que você veio aqui, ela procurou se lembrar. Para exigir que estes homens lhe ensinem a controlar seus poderes, mesmo que, para isso, você se torne um incômodo para eles.

Mas aquilo fora antes de Maddox entrar de verdade em sua vida. Agora, queria que ele fosse um amante (se ele quisesse, aquele idiota), não uma babá. De novo.

Você ouve uma... uma... voz? Em sua mente?

Sim.

E não é sua própria voz?

Talvez, provavelmente. Não sei.

Felizmente, os murmúrios pararam, terminando no momento em que Ashlyn entrara. Por mais aliviada que estivesse, tinha de admitir que conseguira várias informações. A primeira e mais significativa: Danika havia *de fato* ouvido falar de caçadores; ela falara com a família sobre eles.

— Caçadores — disse Ashlyn, levantando os olhos. Danika estava olhando pela única janela do cômodo, que nenhuma das mulheres conseguira abrir. Ashlyn as ouvira tentar sem sucesso. — O que eles são? Não minta para mim dessa vez. Por favor.

Assustada, Danika quase pulou e deu meia-volta, a mão no coração.

— Melhorou, hein? Que razão teríamos para confiar em você? Pode estar trabalhando para aqueles homens. Eles pode ter mandado você para cá a fim de conseguir alguma informação de nós, e quando conseguir, eles vão entrar e nos matar.

— Verdade. — Afinal, aquelas mulheres só sabiam que ela estivera doente e ficara aconchegada nos braços do inimigo delas. — Mas você me salvou. Por que eu iria querer lhe fazer mal?

Danika olhou para ela, mas não disse nada.

— Vocês só precisam acreditar que não estou aqui para mandá-las para uma armadilha ou machucá-las. Estamos na mesma situação, vocês e eu.

— Mas e aquele nervosinho? Maddox. Você está namorando ele.

Namorando não era exatamente a palavra que usaria. Ashlyn tentou imaginar Maddox sentado em frente a ela em algum restaurante à luz de velas, bebendo vinho e ouvindo música suave. Seus lábios se ergueram num sorriso. — Talvez. E daí?

— Então, isso torna você um deles.

— Não sou — insistiu ela. — Acabei de chegar aqui. Ontem, na verdade.

Danika arregalou os olhos, e os cílios dourados bateram nas sobrancelhas igualmente douradas.

— Agora, sei que está mentindo. Ele gosta de você, isto é evidente. Homem nenhum demonstra tanta compaixão por uma mulher que acabou de conhecer.

Sim, ele fora muito atencioso. Sim, fora gentil. Terno. Extremamente doce. O homem mais incisivo que ela conhecera na vida lhe esfregara a testa e lhe limpou o rosto.

— Novamente, não sei explicar. Não estou mentindo.

Um minuto se passou em silêncio.

— Certo. — Danika levantou os ombros de um jeito falsamente casual. — Se você quer saber dos

Caçadores, vou lhe contar. Também não é nenhuma informação crucial mesmo. — Ela inspirou e expirou. — Quando o homem alado, Aeron, me levou para a cidade, ele avistou um grupo de homens. Estavam armados como soldados, e se esgueirando por becos como se não quisessem ser vistos.

Até ali, aquilo não lhe dizia nada.

— Aeron murmurou *Caçadores* entredentes e pegou um punhal. — O tom suave de Danika começou a ficar raivoso. A lembrança com certeza não lhe era das mais agradáveis. — Ele os teria combatido se não estivesse me carregando. Ele mesmo disse. E disse também que aqueles homens tinham vindo para matá-lo e matar seus amigos também. — Ela falou com um tom sinistro e ameaçador, imitando Aeron. Ashlyn quase sorriu ao ouvir aquele tom macabro. — Eu quis que eles lutassem, que se distraíssem e eu pudesse fugir. Mas eles não fizeram isso. Não nos viram.

Ashlyn franziu o cenho. Caçadores dos imortais. Não era basicamente isso que ela fazia para o Instituto? Ouvia as conversas para descobrir, caçar, aqueles que não eram exatamente humanos. *Pode parar. O Instituto estuda, observa, presta ajuda quando necessário e só age de modo extremo em caso de ameaça.*

Aquilo a tranquilizou. Os funcionários eram inteiramente científicos ao lidar com as criaturas que encontravam, não tinham comportamento predatório.

Mas nem sempre eram tão conscienciosos com ela.

A primeira vez em que haviam tentado algo contra ela fora por ela ter escutado uma conversa recente entre um colega de trabalho e uma criança. Ele ludibriara aquela doce e inocente garotinha... a ameaçara... fizera coisas horríveis. Enojada, Ashlyn o entregara. Ele retaliara, tentando atirar nela. McIntosh, sempre ao seu lado, a empurrara para o chão, salvando sua vida.

Na segunda vez, ela quase fora apunhalada nas costas, literalmente, por uma mulher que queria manter seu amante em segredo. McIntosh novamente agira como guarda-costas: ao protegê-la, acabara levando a facada em seu lugar.

Na terceira e última vez, cerca de 11 meses antes, ela fora envenenada. A sorte estivera do seu lado. Ela conseguira vomitar a maior parte. Ah, doces memórias. Até aquele dia ainda não sabia por que, não sabia que segredo ela descobrira, o qual alguém estivera disposto a matar para preservar.

McIntosh fazia tudo o que podia para protegê-la. Mas nem sempre isto bastava, de modo que ela aprendera a confiar apenas em si mesma e não acreditar em mais ninguém, o que tornava ainda mais estranha aquela avidez por depender de Maddox.

— Aeron... hã... também falou mal de você — disse Danika, interrompendo seus pensamentos.

— De mim? Por quê? — Ashlyn piscou os olhos, surpresa.

— Disse que você era Isca, seja lá o que isso signifique.

Os ombros dela desabaram enquanto disse:

— Maddox também me chama de Isca. Ainda não sei o que isso significa. — Como ela podia se defender de uma acusação que não compreendia? A não ser que... espere. Se ela estivesse certa a respeito dos caçadores perseguirem imortais, isto significaria que a Isca seria o chamariz. Bastava exibi-la a um imortal, e um caçador poderia emboscá-lo.

Ora, aquele... aquele... canalha! Ela fora ali para conseguir ajudar, não para atraí-lo para fora de seu lar para que fosse morto.

— Idiota! — bufou.

— Não me xingue — rebateu Danika.

— Não estava falando de você. Estava falando de *mim*. — Ela deixara Maddox beijá-la, deixara que ele colocasse os dedos e a língua dentro de si, chegara até a querer mais. E, enquanto isso, ele a considerava capaz de uma falsidade, de uma traição daquelas. Provavelmente, também achava que

era uma mulher fácil, daí sua surpresa ao descobrir que ainda era virgem.

Lágrimas de vergonha lhe arderam nos olhos.

— Eles enganaram você, não foi? — perguntou Danika gentilmente.

Ela fez que sim com a cabeça. Será que Maddox a desejara, ainda que apenas um pouquinho, ou simplesmente quisera seduzi-la para extrair informações sobre seu plano obviamente nefasto? Ela suspeitava de que fosse a segunda opção, e isso a magoou. Doeu fundo. Quantas vezes ele a acusara ou a questionara com desconfiança nos olhos?

Então, fora por isso que ele resistira tão facilmente à sua desajeitada tentativa de convencê-lo a terminar o que haviam começado. Por isso que ele a trancara naquele quarto. *Idiota!*, pensou de novo. Sim, era o que ela era. Sua única desculpa era não ter muita experiência prática com homens. *Exatamente por coisas assim!* Eram todos uns desgraçados. Usavam e seduziam as mulheres.

— Fale sobre a voz que você está ouvindo — pediu a Danika. Tudo para parar de pensar em Maddox antes que começasse a chorar de decepção e mágoa.

Danika a encarou com frieza.

— Não mencionei voz nenhuma para você. Eles ficaram nos espiando, não foi? Tem alguma câmera escondida ou algo assim?

— Não sei. — Ashlyn levantou os joelhos e encaixou a ponta do queixo entre eles. — Talvez haja câmera, talvez não. Do jeito que eles ficaram confusos com o Tylenol, tenho minhas dúvidas se saberiam usar uma. De qualquer forma, não foi assim que descobri sobre a voz.

Será que Danika tinha uma habilidade semelhante à de Ashlyn? Ashlyn jamais conhecera alguém como ela própria, mas já estava começando a esperar o inesperado naquele lugar.

— Conte o resto. Por favor. Estamos nisso juntas. Uma pode ajudar a outra.

— Não há nada a se dizer. — Danika andou pelo quarto e tateou as paredes. — Estou ficando maluca. Pronto, era isso que você queria que eu admitisse? Um cara começou a falar dentro da minha cabeça hoje de manhã. Tivemos umas conversas bastante estimulantes.

Uma voz. De homem. Não muitas vozes, de homem e de mulher. Não era a mesma habilidade de Ashlyn, então.

— Diga — ela incitou de novo. Seu estômago escolheu aquele momento para roncar, um verdadeiro concerto trovejante que precedeu um desconfortável silêncio. — O que ele lhe disse?

Danika fez cara feia e pegou um pedaço de queijo da bandeja dentro do armário debaixo da pia. Ela jogou o queijo para Ashlyn antes de dizer à família para ajudar a procurar câmeras no quarto. Só para garantir.

— Ele pediu a ficha completa dos nossos captores.

— Como assim?

— A rotina deles, que armas possuem e o tipo de sistema de segurança da fortaleza. — Ela riu, mas não achando graça. — Acho que foi o jeito que a minha mente deu de lidar com tudo o que aconteceu.

Ashlyn achava que não era nada daquilo. As perguntas eram invasivas e específicas demais, o tipo de informação que um soldado iria querer saber sobre o inimigo.

Então... se não era Danika quem queria informações sobre os homens, quem seria? E quem teria o poder de perguntar sem usar o corpo?

— ESTOU CANSADO DESSA droga — resmungou Paris. — Pelo menos uma vez hoje eu gostaria de ficar na cidade e relaxar depois de transar, ao invés de voltar correndo para cá. *Hello*, não me teletransporto igual a Lucien. — Ele se jogou no sofá em frente à TV e ligou seu jogo favorito de

Xbox. Luta na lama, sem roupa. Ele já não estava mais pálido e a tensão havia desaparecido de suas feições. — Qual é a razão da reunião desta vez? E, para seu governo, não vi Caçador nenhum.

— Isto é porque tudo o que você vê são potenciais parceiras de cama — replicou Aeron.

— E há um lado ruim nisso? — perguntou Paris, imperturbável.

— Parem de discutir — disse Lucien. — Temos problemas a resolver, e acho que ninguém gostará do que será dito.

Maddox se recostou no sofá e esfregou a mão no rosto. Violência pulsava dentro dele, quente e soturno. Mais quente que o normal. Mais soturno que o normal. Quase incontido. Ele não gostava de ficar longe de Ashlyn. A mulher que tentara levá-lo para a cama. A mulher que ele rejeitara. Que tipo de idiota rejeitaria uma mulher como ela?

Ela o desejara, pelo amor dos deuses.

E ele a desejara com a mesma intensidade. Ainda desejava. Queria sentir o corpo macio dela junto ao seu, queria sua boca na dele. Ou em seu membro. Ele não era exigente. Queria que ela gemesse de entrega em seus ouvidos, queria sentir seu gosto doce na boca.

Ele deveria tê-la possuído quanto tivera a oportunidade. Em vez disso, ele a trancara no quarto de Lucien depois de afastar a barricada, algo exagerado, se lhe perguntassem a opinião, já que havia uma tranca em perfeitas condições na porta, e limpara o próprio quarto. Então, fora chamado à sala de entretenimento, onde, pelo jeito, só havia más notícias para ouvir.

— Conte a eles, Aeron — disse Lucien, suspirando.

Pausa. Então:

— Senti as primeiras manifestações de Ira. Nada drástico. Ainda. — Ele se apoiou contra a parede do outro lado. Deu um soco na pedra atrás de si, como se quisesse reafirmar o que acabara de confessar. — É controlável, mas não sei bem quanto tempo vai durar.

— Ele consegue farejar os humanos agora, e o cheiro não lhe sai do nariz — disse Reyes.

Maddox ficou pensando no tom furioso do amigo.

Paris empalideceu.

— Caramba. Foi rápido.

— Ninguém sabe disso melhor do que eu — replicou Aeron.

Maddox se segurou para não reclamar. O que mais ele e os demais seriam forçados a suportar? Ele acabara de ficar sabendo que havia outros Caçadores por lá, escondidos na cidade. Segundo Aeron, pareciam ainda mais fortes e mais capazes do que os anteriores.

Por causa do que Ashlyn revelara sobre sua habilidade, Maddox teve que se perguntar se eles não estariam atrás *dela* também. Sem dúvida, uma mulher cujo trabalho era ouvir coisas sobre criaturas não humanas podia ser considerada um instrumento valioso. A mera ideia enfurecia seu demônio, despertava em ambos o desejo de torturar, mutilar, *matar*.

— Não sei quanto tempo aguentarei sem machucá-las. — Aeron esfregou a nuca com a mão. — Já até vejo seus corpos ensanguentados em minha mente, e gosto. — Mas, no final da frase, sua voz falhou. Uma leve mudança, mas perceptível mesmo assim.

— Ninguém tem nenhuma ideia? — Reyes jogou sua faca para cima, agarrou no ar e jogou de novo. — Algo que possa salvá-las?

Silêncio.

— Não adianta falar sobre isso — disse Torin, enfim. — Nós ficamos atormentados, tentando arrumar uma solução que não existe. Não podemos procurar os Titãs; eles vão acabar nos rogando outra maldição. Não podemos soltar as mulheres e lhes dizer que se escondam. Isso só forçará Aeron a segui-las. Então, penso que devemos deixá-lo fazer isso logo.

Reyes o fuzilou com o olhar.

— Isso é um tanto cruel, mesmo para você, Doença.

O que ele faria se Aeron recebesse ordens de matar Ashlyn?, pensou Maddox. Do jeito que ele percebia como aqueles deuses eram cruéis, desconfiava de que eles dariam a ordem sem hesitar. Ele se levantou dando um urro e enfiou o punho na parede.

A conversa parou.

Foi bom fazer aquilo, então ele fez de novo. E de novo. Suas mãos ainda não haviam sarado totalmente da briga com Aeron, o que não ajudava em nada. O espírito também devia realmente se sentir ligado a Ashlyn, pois até ele ficava com vontade de matar alguém só de pensar na ideia de perdê-la. *Vá pegá-la. Ela é nossa. Pertence a nós.*

Em quase todas as ocasiões anteriores, ele e o espírito haviam discordado. Homem e fera, um contra o outro. Compartilhar o mesmo desejo era um choque. Ele socou a parede de novo, e farelos de pedra caíram no chão.

— A mulherzinha não está nos acalmando, pelo que vejo — disse Torin, dando uma risada curta.

Maddox deu-lhe as costas a tempo de ver Aeron trocando um olhar carregado com Lucien.

— O quê? — perguntou a ambos.

Lucien levantou as mãos, em total inocência.

— Nada — disse Aeron. — Só... nada.

— Quantas vezes isso precisará ser dito a você? Ela é Isca. — Reyes jogou a adaga uma última vez, girando pelo ar, e ela se cravou logo acima do ombro de Maddox. — Certamente, você já sabe disso a esta altura.

— Se não souber, é um idiota — disse Aeron, mantendo o tom de conversa amena. — Talvez eu mate sua preciosa Ashlyn quando matar as outras, acabando de uma vez por todas com o feitiço dela sobre você.

E, assim, o espírito surgiu totalmente, dominando-o, consumindo-o. *Ninguém ameaça nossa mulher.* Ninguém. Sua visão foi tomada por pontos pretos que rapidamente ficaram vermelhos.

— Ah, inferno — disse Lucien. — Olhe o rosto dele. Você sabia que não devia ter feito isso, Aeron.

Maddox saiu chutando mesas e cadeiras até chegar perto de Aeron. Ele deixou um rastro de destruição atrás de si, pegando até mesmo a TV de plasma e jogando-a no chão, estilhaçando-a.

— Ei! — Paris reclamou ao ver o jogo desaparecer. — Eu estava ganhando.

Só havia uma palavra na mente dele: *matar*. *Matar, matar, matar, matar.* Pobre daquele que fosse tolo o suficiente de ficar no caminho dele. Quando ele alcançou Aeron, o homem já tinha desembainhado dois punhais. Maddox não se deu ao trabalho de usar uma arma; esfolaria o desgraçado com as próprias mãos. Queria ver sangue pingando dos seus dedos, queria ossos espalhados pelo... De repente, o rosto de Ashlyn lhe veio à mente.

Ela estava com a cabeça jogada para trás, os cabelos dourados molhados e caídos nas costas. Gotículas de água lhe desciam pelo ventre e paravam no umbigo. Ela tremia de prazer.

Reyes e Lucien saltaram para cima dele, arrastando-o e tirando Ashlyn de sua cabeça. Ele rugiu, um uivo tão alto que achou que os vidros fossem se quebrar. Punhos voaram; dele, dos outros, ele não sabia. Alguém lhe atingiu o estômago com uma joelhada, tirando o ar de seus pulmões, mas ele não se deteve.

Matar. Matar.

Se ele tivesse presas, morderia, de tanto que ansiava pelo gosto do sangue. Teria sido capaz de drenar alguém até que ficasse totalmente seco. Como não as tinha, ergueu o pé e chutou o rosto de

alguém. Grunhiu de satisfação ao ouvir um uivo.

— Segurem as malditas pernas dele.

— Não posso. Estou segurando os braços.

— Ponha-o a nocaute, Paris.

— Claro. Não quer que eu solte diamantes pelo traseiro enquanto isso?

Um punho colidiu com seu queixo. Ele sentiu o impacto dos dentes uns nos outros e o gosto de sangue que tanto desejava.

— Isto é por arruinar meu jogo. — Paris. — Bunny estava prestes a passar óleo em Electra.

— Vou matar vocês. Eu vou... — A imagem inundada de prazer de Ashlyn lhe voltou à mente. Os olhos dela brilhavam de paixão. Tinha a cabeça jogada para trás enquanto desfrutava dos lábios dele em seu âmagô, sorvendo cada gota de sua feminilidade.

Ele parou ao se dar conta. O que estava fazendo? Que diabos estava fazendo? Não queria sangue e morte em suas mãos. Não queria. Ele não era um monstro. Ele não era Violência.

Subitamente, ficou com vergonha de suas ações. Deveria ter se contido mais. Sabia o que aconteceria.

Arfando, tentou se sentar. Os homens o seguraram com mais força. Ele relaxou, não forçou nada. *Chega, jurou. Chega de atacar meus amigos.*

Temos que proteger Ashlyn, rosnou Violência.

Desejo de proteger? Vindo do demônio?

Vamos fazer isso, mas não desse jeito. Não assim. Quanto mais ele cedia ao espírito, mais ele se tornava Violência. Quando havia parado de resistir com tanto fervor?

Às vezes, quando estava sozinho, gostava de pensar que, se tivesse nascido humano, destruir seria a última coisa a lhe passar pela cabeça. Teria se casado com uma esposa amorosa e tido filhos alegres, que brincariam ao lado dele enquanto fazia seu trabalho de carpintaria. Cômodas, penteadeiras, camas; houve uma época em que tinham sido um prazer para ele.

Como ele destruíra tudo o que criara, desistira do hobby.

— Ele parou de se mexer — disse Reyes, surpreso.

— Não consigo mais ver o espírito — disse Aeron. Confuso.

— Ei. Nem precisamos acorrentá-lo — falou Paris.

— Primeira vez — Torin completou. Ainda rindo.

Eles o soltaram e se afastaram ao mesmo tempo. Maddox balançou a cabeça, tentando clarear as ideias e concatenar tudo o que havia acontecido. Estivera tomado por Violência, mas não assassinara ninguém em seu caminho. E seus amigos não haviam sido forçados a amarrá-lo para impedi-lo.

Cautelosamente, ele se sentou e olhou ao redor do recinto. Foi saudado pela destruição total. Farpas de madeira, estofados rasgados, cacos pretos da TV. Sim, ele fora tomado.

Confuso, ele franziu as sobrancelhas. Normalmente, tinha de ser nocauteado e acorrentado. Ou tinha de apanhar tanto que só conseguia ficar na cama esperando a chegada de Dor e Morte. Mas pensar em Ashlyn o acalmara por completo.

Como?

— Está bem agora? — perguntou Reyes.

— Sim. — A palavra soou crua e rouca. Alguém provavelmente o estrangulara.

Ele se levantou e cambaleou até o sofá. Não havia almofadas, não mais, mas ele não se importou. Deixou o corpo cair sobre a armação dura, que rangeu sob seu peso.

— Que bom que Torin sabe investir — disse Paris, olhando à volta enquanto se sentava ao lado de Maddox. — Parece que está na hora de torrar dinheiro com móveis novos.

— Onde estávamos? — perguntou Lucien, voltando ao assunto em questão. Havia um corte em sua testa, e não estivera lá minutos antes.

Uma onda de culpa atravessou Maddox.

— Sinto muito — disse ele.

Lucien piscou os olhos, surpreso, mas assentiu.

— As mulheres — resmungou Reyes, acomodando-se do outro lado de Maddox. — Acho que devemos dar mais um tempo. Ao contrário de alguns de nós — ele olhou enfaticamente para Maddox —, Aeron tem o espírito sob controle no momento, ainda que esteja irrequieto.

— Concordo. — Lucien caminhou até a mesa de sinuca virada, emanando seu odor de rosas.

Era um cheiro bom, mas não tão bom quanto o de Ashlyn, que lembrava mel temperado com segredos e luar. Ashlyn... Pensar nela de novo fez o corpo dele enrijecer, ficar preparado. Deveria tê-la possuído quando tivera a oportunidade, pensou de novo. Deveria ter penetrado aquele abrigo apertado e úmido.

— Hã... Estou feliz de sentar ao seu lado e tudo mais, mas não sabia que *você* gostava tanto assim — resmungou Paris.

Pela primeira vez em centenas de anos, Maddox corou.

— Não é por sua causa.

— Graças aos deuses — foi a resposta do amigo.

— Falando nos deuses, Maddox, agora talvez seja uma boa hora para você contar aos outros sobre a voz que ouviu — sugeriu Lucien.

Maddox não queria sobrecarregá-los, mas sabia que não havia escolha.

— Muito bem. Alguém me procurou, em minha mente, e me deu ordens de mandar vocês todos irem ao cemitério à meia-noite de hoje, desarmados.

Lucien gesticulou para Aeron.

— Você conhece esses novos deuses melhor do que qualquer um de nós. O que pensa disso? Parece algo que os Titãs fariam?

— Não sou especialista neles, mas creio que não. Não haveria motivo para que se preocupassem com nossas armas. Por mais que sejam úteis para combater Caçadores, seriam um estorno em uma guerra com os deuses.

Paris fez *uhu*, e todos o encararam com surpresa. Ele deu de ombros.

— Consegui recuperar meu jogo na minitevê que deixei de reserva caso acontecesse algo assim.

Maddox revirou os olhos.

— Vamos considerar, por enquanto, que a voz pertença a um Caçador — disse Lucien, voltando ao assunto principal. De novo. — Isto significa que, agora, estamos lidando com um Caçador que tem uma habilidade formidável. E como é pouco provável que ele esteja agindo sozinho, temos que pensar se os amigos dele teriam poderes semelhantes.

Aeron disse:

— Somos mais fortes do que meros mortais, com ou sem poderes especiais. Podemos sobrepujá-los.

— Sim, se formos mais perspicazes do que eles. Lembram-se da Grécia? Os Caçadores não eram tão fortes quanto nós, mas conseguiram nos ferir repetidas vezes. Agora, é quase certo que haja uma armadilha montada no cemitério. — Maddox olhou para cada um deles. — Não poderei ir, estarei morto, mas todos vocês poderão. Podem usar a armadilha deles contra eles próprios e *matá-los*.

Lucien balançou a cabeça.

— À meia-noite, Reyes e eu estaremos aqui, com você. Restarão Paris e Aeron, já que Torin

também não pode sair. Não podemos mandar os dois para uma batalha sem sabermos nossas chances.

— Então, vamos agora — disse Maddox. Ele odiava ter de sair da fortaleza, mas faria isso. Para proteger Ashlyn, ele faria qualquer coisa. Se aquela nova linhagem de Caçadores tivesse intenção de fazer mal a ela... — Faltam sete horas para a meia-noite. Tempo de sobra para que eu lute e volte.

Todos olharam para ele, supresos e em silêncio. Ele jamais se prontificara para ir à cidade antes.

— Alguém tem de ficar aqui e proteger as mulheres — disse Reyes por fim.

— Concordo. — Ele não poderia, não queria deixar Ashlyn sozinha, indefesa. E se ela ficasse doente de novo? E se os Caçadores conseguissem entrar na fortaleza e a machucassem?

— Bem, eu *não* concordo. — Lucien sorriu para eles como quem pede desculpas. — Matar os Caçadores é mais importante do que tomar conta das mulheres.

Já que, em breve, elas vão morrer mesmo. Ele não teve que dizer isto, pois todos estavam pensando a mesma coisa. Reyes fechou os punhos. Maddox rangeu os dentes.

— Alguém ficará aqui de guarda — disse ele —, ou vocês lutarão sem mim. — Aeron podia ser Ira, e Lucien podia ser Morte, mas ninguém lutava como Violência. Levá-lo à batalha era praticamente uma garantia de vitória.

— Iremos sem você — disse Lucien, encerrando o assunto.

Que fosse. Ele não deixaria Ashlyn desprotegida. A fortaleza era bem fortificada, sim, mas não era capaz de apunhalar um oponente, neutralizando-o. A fortaleza não poderia tirá-la de perigo e tomá-la nos braços em segurança.

— Então, me digam o que pretendem fazer para garantir a vitória.

Uma pausa. Lucien e Aeron trocaram um olhar tenso. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Lucien se abaixou e pegou um papel comprido enrolado que havia caído no chão durante o surto de Maddox. Ele foi para perto do sofá e desenrolou o papel, apoiando-o na beira do sofá.

— Teria sido melhor fazer isto na mesinha de centro — ele resmungou. — Até na mesa de sinuca. Mas, como você é eficiente, virou e rachou as duas.

— Já me desculpei — disse Maddox, sentindo aumentar sua culpa. — E, amanhã, eu as consertarei.

— Ótimo. — Lucien apontou para o papel. — Como podem ver, este é o mapa da cidade. Hoje cedo, quando estávamos planejando e vocês estavam ocupados com outras coisas, decidimos montar uma emboscada nesta área abandonada. — Ele circulou com o dedo um pedaço esburacado de terra ao sul. — Aqui tem colinas e não há casas, o que torna o lugar perfeito para um ataque. Vamos esperar lá e deixar que os Caçadores venham até nós.

— Só isso? É esse seu plano?

— Bem, é isso e, depois, matá-los. — A fragrância de rosas ficou mais forte e os olhos de Lucien brilharam ameaçadoramente. — É um bom plano.

— Talvez eles não venham. Podem estar no cemitério.

— Eles virão — insistiu Lucien.

— Como você sabe?

Ele fez uma pausa, olhou de relance para Aeron mais uma vez.

— Tenho um pressentimento.

— Seu pressentimento pode estar errado — disse Maddox, dando uma risada irônica. — Devemos, pelo menos, garantir a segurança da colina antes de vocês irem, para que ninguém entre quando não estiverem aqui e eu estiver morto.

— Certo — disse Lucien, suspirando. — Ao trabalho.

Capítulo Catorze

Hotel Taverna, Budapeste

SABIN, GUARDIÃO DA dúvida, estava deitado em sua cama, olhando para o teto imaculadamente branco de sua suíte. Ele viajara de Nova York a Budapeste com um objetivo: encontrar a caixa de Pandora e destruí-la. Certo, dois objetivos. Até então, a sorte não lhe sorrira. Mas ele *havia* encontrado os guerreiros que o haviam abandonado milhares de anos antes. Homens ao lado dos quais ele já havia lutado. Homens que ele amara.

Homens que, agora, o odiavam.

Ele suspirou. Desde sua chegada, três dias atrás, vira de relance Paris aqui e ali, mas não revelara sua presença, pois não sabia como seria recebido. Seria imediatamente atacado ou o receberiam como o filho pródigo?

Maldição, ele quase tinha medo de descobrir. Chegara perto de decapitar Aeron quando o guerreiro tentara impedi-lo de incendiar Atenas para fazer os Caçadores responsáveis pela morte de seu amigo Baden aparecerem.

Desde sua chegada, Sabin tentara se infiltrar entre eles e ficar sabendo o máximo sobre aqueles guerreiros que ele um dia considerara irmãos e que agora eram estranhos para ele. Eles não revelaram nada. Então, ele voltara sua atenção para as humanas ao redor deles. Apenas uma o ouvira. Uma mulher. Ela também não lhe dera qualquer informação nova.

Tudo o que ele sabia era que os seis guerreiros estavam bastante vivos dentro daquela gigantesca fortaleza na colina, e armados até os dentes.

Isso ele já ficara sabendo por um Caçador que interrogara no mês anterior. O mesmo Caçador que lhe dissera, relutando muito, sobre a busca pela caixa de Pandora. Sobre como encontrar a caixa significaria o fim dos Senhores do Mundo Subterrâneo, pois os demônios seriam sugados para dentro de suas paredes, e os guerreiros não conseguiriam sobreviver sem eles.

Aparentemente, os Caçadores vinham planejando havia semanas a invasão à fortaleza e a captura dos guerreiros lá dentro, mas ainda não haviam conseguido encontrar um jeito de entrar. O fato de quererem capturar, em vez de destruí-los atormentava a mente de Sabin com perguntas. Os guerreiros sabiam onde a caixa estava? Eles se importavam? O que pensavam dos Caçadores atualmente? Eles haviam fugido da luta uma vez. Fariam o mesmo novamente?

Soltou outro suspiro. Teria tempo para pensar nisso mais tarde. No momento, tinha outro mistério a resolver. A troca da guarda, por assim dizer. Dos gregos, alheios a tudo, para os Titãs, obcecados pelo controle; uma preocupação com a qual ele não estivera contando.

Não conhecia aqueles novos deuses, mas já achava que não gostava deles. Houvera murmúrios de guerra e dominação pelos céus quando eles o haviam convocado, forçando-o a ficar no centro de um círculo de rostos desconhecidos e responder às perguntas que lhe eram feitas.

Qual é seu objetivo principal?

O que está disposto a fazer para alcançá-lo?

Você tem medo de morrer?

Por que ele fora convocado e não os outros, não sabia. Na verdade, não sabia de nada. Não mais. Sequer tinha certeza se Maddox diria aos demais para que fossem ao cemitério.

Ele esperava que fossem. Havia chegado a hora de anunciar sua presença; ele simplesmente queria estar em posição vantajosa quanto isto acontecesse.

Se ao menos eu pudesse mentir... Isso teria tornado as coisas muito mais fáceis.

Mas Sabin *não podia* mentir; se tentasse, o demônio ficaria louco e Sabin desmaiaria. Estranha forma de reagir à maldade, mas ele não podia fazer nada. O que *podia* fazer era projetar seus pensamentos na mente de outras pessoas, enchendo-as de confusão e preocupação enquanto tecia uma teia de dúvida através de suas perguntas e observações.

Afinal, perguntas e observações não poderiam ser consideradas mentiras, poderiam?

Como o demônio captava dúvidas, Sabin ouvira Maddox rezando pela garota humana e entrara nos pensamentos dele para criar ainda mais dúvidas sobre se ela seria capaz de sobreviver sem a ajuda de um deus. O fato de ela *ter* sobrevivido funcionara a favor de Sabin e lhe permitira exigir um pagamento.

Para o caso remoto de os guerreiros chegarem, e ele tinha certeza de que estariam armados, apesar de sua ordem, Sabin e seus homens estariam lá, aguardando. Com esperanças. Como reagiriam àquele inesperado reencontro?

Muito provavelmente, com ódio.

— Cale essa maldita boca — ele disse ao espírito. Não se importava de usá-lo contra os outros, mas odiava quando o desgraçado tentava fazer com que *ele* fosse enfraquecido.

A porta de sua suíte se abriu.

Ele agarrou a lâmina que ficava presa à nuca, preparando-se para atacar. Ao avistar seus convidados, relaxou.

— Que tipo de boas-vindas são essas? — perguntou Kane.

Cameo, Amun e Gideon estavam ao lado dele. Havia estado juntos desde a morte de Baden, quando tinha se entregado a seus demônios. Tudo para ajudar a punir aqueles que lhes haviam tomado um dos seus.

A destruição que eles tinham causado, as pessoas que haviam machucado... Sabin estremeceu ao lembrar. Havia precisado de muito tempo para conseguirem se encontrar de novo, mas já era tarde demais. Jamais conseguiriam se incluir totalmente na sociedade, jamais conseguiriam ser outra coisa que não guerreiros.

Os Caçadores não deixariam que fossem.

Mais do que destruir Baden, eles haviam assassinado todos os humanos com quem os guerreiros tivessem simpatizado e destruído qualquer lar que houvessem construído. Por isto, Sabin os combateria durante todos os dias que lhe restassem. Ou seja, pela eternidade. Até que o último deles tombasse, derrotado, ele lutaria.

Sabin se sentou e apoiou o peso nos cotovelos, recostando-se à cabeceira.

— Alguma coisa?

— Várias — disse Gideon.

— Nada — desmentiu Kane, revirando os olhos.

Gideon era possuído pelo espírito das Mentiras. Ao contrário de Sabin, o homem não conseguia dizer uma única verdade. Todos ali sabiam que deveriam entender o oposto do que ele dissesse.

Sabin olhou para Gideon como quem diz “se for para dizer besteira, é melhor ficar de bico calado”. O outro deu de ombros, como quem diz “faço o que quero, quando quero”. Sem concessões. Gideon fazia mesmo o que queria. Sempre fizera. A rebeldia estava em seu sangue.

Ele era alto, um guerreiro como Sabin, mas as semelhanças terminavam aí. Enquanto Sabin tinha cabelos e olhos castanhos e o rosto de traços brutos, Gideon era o típico punk, adotando totalmente

um visual gótico moderno com um toque *grunge*; tudo misturado a um estilo de astro de cinema.

Ele tingira os cabelos de azul-claro metálico. Dissera ter feito isto para que seus olhos se destacassem. Uma mentira, claro. Ele provavelmente adotara aquele visual como um aviso aos humanos. *Aproxime-se por sua conta e risco.*

Ele tinha piercings e tatuagens pelo corpo inteiro. Só usava roupas pretas e nunca saía de casa sem um verdadeiro arsenal preso ao corpo.

Bem, na verdade, todos eles faziam isso.

— Onde está Strider? — perguntou Sabin.

Gideon abriu a boca para responder, com uma mentira, mas Kane, detentor do Desastre, interrompeu:

— Ele não conseguiu aceitar a derrota. Ainda está à procura.

Claro. Sabin já devia ter imaginado. Como Strider trazia Derrota dentro de si, tinha de vencer, não importava no que fosse, guerra, baralho, pingue-pongue, se não, sofria fisicamente, impossibilitado de sair da cama por dias.

Sabin dissera à sua equipe para conversar com o povo local com o objetivo de se informar sobre os Senhores ou sobre a caixa. Sendo assim, Strider só voltaria depois de conseguir alguma coisa.

Cameo, a única mulher do amaldiçoado grupo, desabou sobre o divã felpudo em frente a ele. Ela também já tinha sido uma guerreira imortal a serviço dos deuses. Como os demais guerreiros, se sentira ofendida quando Pandora fora escolhida para guardar *dimOuniak*. Mas, ao contrário deles, não se ressentia do fato de ter sido escolhida uma guardiã, apenas de não ter sido ela própria a mulher escolhida. Ele ainda se lembrava do enorme sorriso dela no dia em que haviam decidido derrubar Pandora. Fora o último sorriso que Sabin vira no rosto dela.

— O povo local não quer nos dar nenhuma informação — disse ela. — Por alguma razão, eles consideram os guerreiros, vejam só, *anjos*, e não querem traí-los.

Para Sabin, era difícil ouvi-la. Ela era a tristeza encarnada.

Ah, não que fosse feia. Longe disso. Ela era pequena e delicada, com seus cabelos pretos e impressionantes olhos prateados. Mas trazia dentro de si o espírito da Infelicidade, de modo que risadas, alegria e bom humor não faziam parte de sua vida.

Sabin passara centenas de anos tentando animá-la. Mas não importava o que fizesse ou dissesse, ela sempre parecia à beira do suicídio. De fato, toda a tristeza do mundo nadava naqueles olhos prateados e se superpunha em sua voz. Ele sempre se perguntava como ela conseguira perseverar sem enlouquecer.

Ele esfregou o maxilar enquanto seus olhos buscaram Amun.

— E *você*, conseguiu alguma informação?

Amun se recostou à parede do outro lado, um talho negro em contraste com o branco impecável do ambiente. Pele escura, olhos escuros, tudo escuro, Amun conseguia desvendar segredos, dos mais profundos, daqueles de quem ficava próximo.

Devia ser mesmo um fardo saber os mais terríveis segredos de todos ao seu redor.

Talvez fosse por isso que Amun raramente falava. Por medo de deixar escapar verdades impensáveis. Por medo de causar pânico generalizado.

— Nada para ajudar nossa causa — Cameo respondeu por ele naquele seu tom mortiço. — Tirando as mulheres que dormiram com Paris e Maddox e só sabem do tamanho de seus respectivos membros, os habitantes da cidade sempre mantiveram distância dos guerreiros e, por isso, não sabem o suficiente para que Amun possa desvendar seus segredos.

Certo, sério mesmo. Ela o fazia ter vontade de enfiar uma faca no coração dela, ali mesmo,

exatamente naquele instante, em vez de esperar que ela própria fizesse isso. Qualquer coisa para acabar com aquela tristeza.

Antes que ele pudesse responder, a porta se abriu uma segunda vez e Strider entrou, chamando a atenção de todos.

Seus cabelos claros caíam em mechas em torno do rosto, os olhos azuis brilhavam. As maçãs do rosto estavam sujas e havia respingos de sangue no queixo. Mas seus passos eram suaves, despreocupados, o que levou Sabin a concluir que o homem havia descoberto alguma coisa.

Sabin se empertigou abruptamente.

— Conte-nos.

Strider parou no meio do quarto e sorriu.

— Como suspeitávamos, já há Caçadores aqui.

Cameo se virou com um movimento totalmente gracioso e elegante que em nada combinava com sua expressão suicida.

— Vamos capturá-los e interrogá-los, e descobrir se eles sabem mais do que nós.

— Não é necessário — disse Strider. — Já detive um.

— E? — perguntou Sabin, animado.

— Confirmando o que aquele Caçador lhe disse no mês passado, eles estão aqui para capturar os Senhores na colina. Eles têm uma pessoa infiltrada lá.

— Que maravilha ouvir isto — disse Gideon.

Strider o ignorou. Todos fizeram o mesmo.

— Nada sobre a caixa? — perguntou Kane. Quando ele falou, uma lâmpada queimou na luminária atrás dele, espalhando fagulhas para todo lado.

— Nada.

A luminária pendeu e bateu na cabeça de Kane.

Sabin balançou a cabeça. O homem era um desastre ambulante. Literalmente. Sempre que Kane entrava em algum ambiente, as coisas se transformavam rapidamente num inferno. Sabin esperava que o teto ruísse a qualquer momento. Sim, isso já havia acontecido antes.

Kane apagou as pequeninas chamas dos cabelos e massageou a têmpora sem transparecer emoção nos olhos cor de avelã. Sem dizer uma palavra, ele se afastou da luminária e se sentou no chão, o mais longe possível de todos.

Sabin deu uma olhada para fora das portas duplas que davam para uma confortável varanda com uma romântica vista da cidade. Não que houvesse espaço para romance em sua vida. As mulheres costumavam fugir dele aos berros, se ele não fugisse aos berros primeiro.

Não era sua intenção, mas ele as fazia questionar a si mesmas de todas as formas imagináveis. Suas escolhas de vida, suas aparências; tudo. Elas choravam. Sempre. Às vezes, tentavam se matar. E ele simplesmente não aguentava mais. Não suportava a culpa que vinha com suas inevitáveis ações. Por isso, passara a manter distância. Uma boa distância.

Sabin sufocou uma onda de arrependimento que o atingiu. A noite havia caído, e ele viu o brilho das luzes da cidade. A lua estava cheia, clara e luminosa. Um farol dourado em meio ao veludo negro do céu. O ar frio entrava, fazendo as branquíssimas cortinas dançarem contra a parede.

Uma noite perfeita para os amantes.

Ou para a morte.

— Onde os Caçadores estão agora? — perguntou.

— Reunidos em um clube, de acordo com a minha fonte. Já verifiquei, fica a cerca de cinco minutos daqui — disse Strider.

Sabin pretendia ir ao cemitério, mas, no momento, queria ir ao clube. Infelizmente, não podia estar nos dois lugares ao mesmo tempo. Em um eco da escolha que tivera de fazer séculos atrás, novamente se viu dividido entre os Caçadores e seus velhos amigos.

Deu uma nova inspecionada no ambiente, como se a resposta estivesse se escondendo em algum canto, em meio às sombras.

— Preciso que um de vocês vá ao cemitério hoje à noite. Totalmente armado. Fiz o melhor que pude para atrair os guerreiros para lá. Poderá decidir o que fazer se os vir. Os outros vão visitar o clube comigo.

— Eu fico com o cemitério — disse Kane. Ele não parecia animado. Na verdade, parecia resignado. — O clube pode desabar se eu for.

Verdade.

Um pedaço de reboco escolheu aquele exato momento para se soltar da parede e cair na cabeça de Kane. Por sorte, o homem tinha uma grossa juba malhada para amortecer a pancada. Por isso, ele fez apenas uma careta de dor.

Sabin suspirou.

— Se tudo correr bem, podemos obter as respostas pelas quais esperamos tanto tempo e finalmente, de uma vez por todas, conseguir destruir a caixa de Pandora. — *Antes que os Caçadores a encontrem e suguem nossos demônios de volta lá para dentro, nos matando.* — Agora, vamos.

Capítulo Quinze

MALDIÇÃO, MALDIÇÃO, MALDIÇÃO.

Ele havia perdido a noção do tempo. Maddox ficara completamente absorto ao instalar as armadilhas pela colina: buracos nos quais cair, fios ocultos para ativação, redes. Deveria ter feito aquilo muito tempo atrás, mas eles não queriam ferir nenhum dos entregadores que levavam os suprimentos, nem as mulheres que iam até ali em busca de Paris.

Toda vez que Maddox pensara ter acabado, Lucien lhe passara outra tarefa.

Já eram 23h30, e não haveria tempo de ver Ashlyn. Não poderia beijá-la nem abraçá-la. Isso *se* ele resolvesse revê-la, pensou de modo ameaçador. Após o surto daquele dia, seria tolice tentar se aproximar de novo de uma inocente. Mesmo assim, queria estar perto dela. Ansiava por isto. Com certeza, havia um jeito. Até o momento, ele havia conseguido manter o controle quando ela estava por perto.

Mas o que aconteceria quando ela o fizesse perder o bom-senso? *Quando*, não *se*. O que ele faria quando o espírito irrompesse, o que inevitavelmente aconteceria?

— Que os deuses sorriam para nós nesta noite — murmurou Lucien.

Maddox, Reyes e Lucien correram pelos intrincados corredores da fortaleza em direção ao quarto de Maddox. Era sempre melhor acorrentá-lo mais cedo. Havia uma chance menor de destruição assim. Seu abdômen já doía.

Reyes já pegara a espada, a mesma que Maddox havia usado para matar Pandora tantos anos antes. Estava pendurada na cintura do guerreiro, cintilando ao luar que entrava pelas janelas e provocava Maddox.

Ele passou pelo quarto de Lucien e esfregou as pontas dos dedos na porta. Ashlyn estava lá dentro. O que estaria fazendo? Estaria pensando nele?

Dobram uma esquina, chegando mais perto... mais perto... *Não estou pronto*, o espírito choramingou. Primeira vez, já que a sede de sangue sempre o saciava. Maddox também não estava pronto para morrer. Não desta vez.

Os passos ecoaram como um nefasto tambor de guerra.

Ele passou pela última janela no corredor, a maior delas. Dava vista para a colina, com as árvores lá embaixo cobertas de neve. O que ele não daria para correr em meio àquelas árvores, sentir a neve na pele. O que não daria para possuir Ashlyn ali mesmo e fazer amor com ela no chão frio e duro, onde ela seria banhada pelo luar, como uma ninfa da floresta. Sem violência. Somente paixão.

— Talvez possamos convencer os Titãs a libertá-lo desta maldição — disse Lucien, despertando-o de seus devaneios.

Pela primeira vez em centenas de anos, ele sentiu uma ponta de esperança. Talvez, apesar de tudo, os Titãs *realmente* o libertassem se ele pedisse. No passado, haviam buscado paz e harmonia para o mundo. Com certeza, eles... *Você sabe que não é assim*. Veja o que estão forçando Aeron a fazer.

A esperança de Maddox caiu dele em pedacinhos como folhas de uma árvore no inverno. Os Titãs já haviam se mostrado mais cruéis do que os gregos jamais tinham sido.

— Acho que não quero arriscar.

— Talvez haja uma alternativa aos deuses — disse Reyes.

Se fosse o caso, eles já teriam descoberto àquela altura, mas ele não disse em voz alta. Poucos

segundos depois, o trio entrou no quarto dele empurrando a grossa porta de madeira. O terror fez o sangue de Maddox esquentar enquanto subia na cama. Ele se deitou. Os lençóis de algodão recém-trocados estavam frios, sem cheiro, sem vestígio de Ashlyn. Mesmo assim, ele tinha a lembrança.

Da última vez em que se deitara ali, ele a tomara nos braços, confortando-a. Sentindo seu cheiro. Pensara em fazer amor com ela. Sentira seu gosto na boca.

O terror aumentou quando Reyes lhe acorrentou os pulsos e Lucien, os tornozelos.

— Quando isto acabar — disse —, vá ver como Ashlyn está. Se ela estiver bem, deixe-a no quarto com as outras mulheres. Se não, tranque-a em outro quarto, e cuidarei dela de manhã. Mas chega de masmorras. Chega de crueldade. Alimentem-na, mas não deem vinho a ela. Entenderam?

Os dois homens trocaram outro olhar tenso e se afastaram da cama, fora do alcance de cusparadas.

— Reyes — disse Maddox em tom de aviso. — Lucien — acrescentou, como se fosse um xingamento. — O que está havendo?

— Sobre a mulher — começou Lucien, recusando-se a encará-lo. Houve uma pausa letal.

— Estou tentando permanecer calmo — ele disse, apesar de uma névoa negra ter começado a lhe turvar a vista. — Digam que não fizeram nada com ela.

— Não fizemos.

Ele soltou o ar dos pulmões, e sua vista voltou ao normal.

— Não fizemos nada com ela — continuou Lucien —, mas vamos fazer.

A promessa atingiu os ouvidos de Maddox, mas sua mente levou um instante para registrar. Ele se arqueou contra as correntes.

— Soltem-me. Já!

— Ela é uma Isca, Maddox — disse Reyes calmamente.

— Não. Não é. — Começando a entrar em pânico como se estivesse preso num pesadelo do qual não conseguia acordar, ele lhes contou sobre a habilidade de Ashlyn e disse que desconfiava de que ela fora seguida sem que soubesse. — Ela é amaldiçoada, como nós. Condenada a ouvir conversas antigas.

Lucien balançou a cabeça.

— Você está envolvido demais com ela para admitir a verdade. O fato de ela ter uma habilidade estranha só aumenta minha crença de que é uma Isca, exatamente como a voz que você ouviu em sua cabeça hoje. Que forma melhor de se informar sobre nós? Que forma melhor de descobrir como nos derrotar?

Maddox esticou o pescoço, quase rasgando os tendões.

— Se a machucarem, matarei vocês. Isto não é uma ameaça, é uma promessa. Passarei o resto dos meus dias cuidando para que vocês sofram e, por fim, morram.

Reyes passou a mão nos cabelos e as mechas negras se levantaram, espetadas.

— Não está pensando com clareza agora, mas, algum dia, nos agradecerá por isto. Vamos levá-la para a cidade. Usá-la para atrair os Caçadores. Esta é a parte do plano que não lhe contamos.

Desgraçados. Traidores. Ele jamais suspeitara que seus amigos, os mesmos guerreiros que compartilhavam de seu sofrimento, fossem capazes daquilo.

— Por que estão me dizendo isso agora? Por que estão fazendo isso?

Reyes desviou o olhar, mas não respondeu.

— Faremos o melhor que pudermos para trazê-la de volta nas mesmas condições em que sair daqui.

Maddox se contorceu violentamente mais uma vez, puxando as grossas correntes, usando toda a sua força. Ele não rompeu os elos impossivelmente fortes, os próprios deuses haviam feito aquelas

correntes, mas entortou a cabeceira de metal. A fúria explodiu nele, tão fervorosa e sinistra que ele não conseguia ver, não conseguia respirar. Precisava chegar até Ashlyn. Precisava protegê-la. Ela era inocente, frágil, jamais sobreviveria se explodisse um conflito.

E, se o inimigo a capturasse...

Ele se contorceu e rugiu, e se contorceu de novo.

— Ashlyn! — gritou. — Ashlyn!

— Não entendo como ele pode ficar tão enfurecido por causa de uma mulher — ele ouviu vagamente Lucien dizer.

— Esta devoção toda é perigosa — replicou Reyes.

Ele bloqueou o som da conversa deles.

— Ashlyn! — Se ela o ouvisse, poderia correr até ele, soltá-lo, e ele a protegeria. Ele poderia... não. Ela estava presa no quarto de Lucien, e ele a colocara lá. Ele se certificara de que ela não escaparia. E, mesmo se ela conseguisse chegar até ali, os dois homens que ele um dia considerara amigos a atacariam?

Apertou os lábios e mordeu a língua. Por horas, minutos?, segundos?, ele lutou em silêncio, mas não conseguiu se libertar. Lucien e Reyes observavam sem dar uma palavra nem demonstrar compaixão. Ele os amaldiçoou com os olhos, jurando vingança.

Ajude Ashlyn a se esconder, ele rezou. Que ela fique escondida até eu voltar para ela.

Uma dor lancinante atingiu seu flanco

A meia-noite havia finalmente chegado.

Ele grunhiu. O espírito se agitava dentro dele, como uma agressiva tempestade de granizo, uma série de relâmpagos, uma tempestade de destruição. Homem e demônio unidos com um objetivo em comum. Sobreviver àquilo, para que pudessem defender sua mulher.

Mas Reyes assomou acima dele, a espada em punho. Seu rosto não transmitia nenhuma emoção.

— Sinto muito — sussurrou.

Quando a lâmina entrou na barriga de Maddox, cortando pele, órgão e osso, ele não conseguiu mais conter seus gritos.

A PORTA DO quarto se abriu lentamente, e todas, menos Ashlyn e Danika, se encolheram no canto mais longe possível. Elas seguraram as mãos umas das outras. Ashlyn havia passado a noite inteira louca de vontade de confrontar Maddox. Danika quisera confrontar Reyes. Mas, em vez disso, haviam acabado por contar suas histórias de vida uma à outra.

Em vez de assustar Danika, o passado de Ashlyn parecera arrefecer a desconfiança da garota. Por sua vez, Ashlyn ficara revoltada com o sequestro de Danika. Como era estranho pensar que, naquele lugar de morte e medo, Ashlyn havia descoberto não só seu primeiro homem, mas também sua primeira amiga de verdade.

Um anjo entrou no quarto.

Seus cabelos prateados formavam um halo ao redor da cabeça; seus olhos verdes brilhavam como esmeraldas. Um demônio não deveria ser tão belo. Mas ele estava todo de preto, como Ashlyn esperava, de camisa preta, calça preta e luvas pretas. Pior ainda, empunhava uma arma.

Ela já o vira antes, no quarto de Maddox. Na noite anterior — fazia tão pouco tempo assim? —, quando Maddox fora apunhalado. Aquele homem não havia participado, mas tinha assistido. E não tentara ajudar.

— Ashlyn — disse ele, procurando-a com os olhos.

Ela sentiu um medo que lhe fechou a garganta. Ele sabia seu nome? Por que Maddox não tinha

vindo? Teria resolvido deixá-la de lado já? Agora, ele queria que ela morresse?

Tentando não demonstrar fraqueza, ela empurrou Danika para trás de si.

— Estou aqui — conseguiu dizer. Parte dela esperou levar um tiro naquele exato momento.

Mas não levou.

O homem permaneceu no mesmo lugar, mas seus olhos vasculharam pelo quarto, passaram pela cama e pela cômoda até se depararem com os dela.

— Venha comigo.

Ela se sentiu presa ao chão, congelada.

— Por quê?

Ele lançou um olhar incomodado por cima do ombro.

— Explicarei no caminho. Agora, ande logo. Se eles a virem, não poderei salvá-la.

Danika de repente pulou na frente dela, furiosa.

— Ela não vai com você. Podem apontar quantas armas quiserem, ninguém aqui vai com vocês. Vão se ferrar, vocês e seus comparsas.

— Talvez mais tarde — replicou ele secamente, sem tirar os olhos de Ashlyn. — Por favor. Não temos muito tempo. Quer ver Maddox de novo ou não?

Maddox. Só de ouvir o nome dele, seu coração acelerava loucamente. *Eu devo ser a garota mais idiota do mundo.* Ela abraçou Danika e sussurrou:

— Vou ficar bem. — Ela esperava.

— Mas...

— Confie em mim. — Ela soltou o braço que a garota estava segurando e avançou. O anjo de cabelos brancos recuou para longe dela, como se ela fosse uma banana de dinamite.

— Ninguém mais se mexa — disse ele, praticamente pulando na ânsia de manter distância delas.

— Vou atirar primeiro e perguntar depois. — Ainda observando-a, ele parou no corredor.

Quando Ashlyn parou na frente dele, acrescentou:

— Não me toque. Coisas ruins acontecem quando as pessoas tocam em mim. Sequer fique perto o suficiente para cair em cima de mim se tropeçar. — Seu tom era mortalmente sério, e os olhos estavam vazios.

— Certo — disse ela, confusa. Mesmo assim, pôs as mãos para trás, para o caso de esquecer, e esperou que ele fosse na frente.

Ele fez uma volta larga ao redor dela, mantendo a arma apontada diretamente à frente, fechou e trancou a porta. Ashlyn não tentou apressá-lo. Ficou novamente paralisada de medo.

— Que coisas ruins? — Ela não resistiu à pergunta quando ele se voltou para ela.

Ele começou a andar, falando por cima do ombro:

— Doença. Agonia. Morte. — Ele guardou a arma na cintura da calça. — Minha pele não pode tocar em outro ser vivo, sem causar uma peste.

Santo Deus. Verdade ou não, aquilo já bastava para mantê-la longe dele. Mas achava que ele estava dizendo a verdade. Sempre que o vira, ele estivera fazendo de tudo para ficar longe dos outros. Não eram ações de um homem maldoso, mas de um homem que se importava mais com os outros do que consigo mesmo. O coração dela logo amoleceu. *Idiota burra.*

— Qual é o seu nome?

— Torin — disse ele, parecendo surpreso pelo interesse dela.

— Você não planeja me matar, planeja, Torin?

Ele deu uma risada irônica.

— Dificilmente. Se eu fizesse isso, Maddox arrancaria meu coração e o fritaria para o café da

manhã.

— Certo, foi um pouco de informação a mais do que eu tinha pedido — disse ela, apesar de não conseguir conter a felicidade tola que sentiu por dentro, como se fosse uma colegial. Sendo assim, Maddox gostava dela? Um pouquinho que fosse? Se gostava, onde estava? Por que *ele* não fora buscá-la?

Torin a levou pelos corredores em silêncio, até seus passos eram abafados. Por algumas vezes, ele parou e escutou, gesticulando em seguida para que ela se escondesse nas sombras.

— Fale baixo — disse ele quando ela abriu a boca para fazer uma pergunta.

— Quando você estiver pronto para falar, *eu* estou pronta para ouvir o que está acontecendo — sussurrou ela.

Ele a ignorou.

— Estamos quase lá.

— Onde? — Quanto mais ela andava, mais achava que ouvia... o que *era* aquilo?

Um segundo depois, ela descobriu.

Sentiu um aperto no estômago quando o barulho ficou evidente. Gritos. Berros de agonia e dor. Ela só ouvira aquilo uma vez antes e já fora demais.

— Maddox — ela arfou. De novo, não!

Ela agora estava tão perto que conseguia discernir o timbre profundo da voz de Maddox, além de uma segunda voz que, às vezes, se misturava à dele, ambas roucas e arrasadas. Ela sentiu vontade de vomitar. Foi um ímpeto urgente. Ela quase saiu correndo e tomando a dianteira de seu guia, mas se segurou, receando que ele tentasse segurá-la.

— Rápido, Torin. Por favor, rápido. Tenho que ajudá-lo. Temos que detê-los.

— Aqui dentro — ele disse, abrindo uma porta e saindo do caminho. Ela entrou correndo, já procurando Maddox. Viu uma arca antiga, um tapete de pele de urso, uma cama com cobertura, mas nada de Maddox. Confusa, cada vez mais preocupada, ela deu meia-volta.

— Onde ele está? — Ela precisava chegar até ele. Não interessava o que ele havia feito com ela ou o que sentia por ela.

Ele não deveria ter que sofrer daquele jeito.

— Não se preocupe com Maddox. Sabe que ele ficará bem. Preocupe-se consigo mesma. Eles iam levá-la para a cidade, e eu não podia deixar que fizessem isso. Maddox ia nos matar quando estivéssemos dormindo. Por isto, pelo bem da minha vida, se não da sua, fique quieta. Eles não têm muito tempo para procurar por você. Comporte-se e talvez sobreviva. — Ele bateu a porta, que esbarrou no rosto dela de raspão.

Ouviu-se um *clique* ecoar quando ele trancou a porta.

Medo, pavor e incerteza lutavam pelo domínio dentro dela. Ela não sabia se Torin lhe dissera a verdade, e não se importava. Precisava chegar até Maddox. Outro de seus gritos furou o ar, pareceu até atravessar os rebocos e pedras para envolvê-la.

Lágrimas lhe açoitaram os olhos. Ela correu até a porta, tentando girar a maçaneta com a mão trêmula. Ela não saiu do lugar. Droga! Ela ficaria quieta, mas *não* permaneceria naquele quarto.

Ashlyn deu meia-volta e avaliou o local novamente, tentando enxergar pelos olhos de um ladrão. Estava tudo coberto de poeira, como se o quarto estivesse abandonado havia anos. Também não havia nenhum adereço ou utensílio com o qual ela pudesse tentar abrir a fechadura.

Ela foi até a janela e abriu as cortinas, deparando com a montanha branca e majestosa. Uma sacada que levava... ela olhou e se engasgou. Bem, bem lá para baixo. *Só se você cair*. Felizmente, a porta dupla de vidro se abriu com facilidade. Ignorando a súbita rajada de ar frio, ela olhou para os lados.

Alguns metros do outro lado, havia outra sacada.

Maddox soltou um urro longo e profundo.

Com as palmas molhadas de suor, ela correu até a cama com uma ideia se formando na mente. Uma ideia perigosa. Uma ideia idiota.

— Mas é a única — murmurou, puxando os cobertores e lençóis com um movimento rápido do pulso.

A poeira lhe entrou pelo nariz e pela boca, e ela tossiu, mas não reduziu o ritmo. Amarrou a ponta de um lençol na ponta de um edredom.

— Já vi fazerem nos filmes. Vai dar certo. — Talvez. Atores tinham redes de proteção e dublês. Ela não tinha nenhuma das duas coisas.

Outro urro.

Seu estômago se revirou enquanto voltava para as janelas. A camiseta e a calça de moletom vários números acima que ela estava usando não a protegiam muito contra os elementos, mas ela saiu para a sacada sem qualquer hesitação e inspirou de forma sibilante. A pedra sob seus pés descalços estava gelada, e o vento era terrível.

Com dedos trêmulos, respirando com dificuldade, ela amarrou a ponta da corda improvisada no parapeito da sacada. Deu dois nós. Três. Puxou.

Estava firme.

Mas aguentaria seu peso? Depois de vomitar até as tripas mais cedo, ela devia estar alguns quilos mais leve, o que era um ponto a seu favor.

Tremendo mais violentamente, ela subiu nas barras de metal. Suas roupas ficaram manchadas pela ferrugem. Ela manteve o olhar paralelo ao chão.

— Você não tem com que se preocupar. Não há um abismo de mil quilômetros aqui embaixo.

Ela foi descendo pelo cobertor. Um rangido. Uma chacoalhada. Seu coração quase parou.

— Maddox precisa de você. Talvez até se importe com você. Ou pode achar que você é uma assassina mentirosa e maldosa, pode nem gostar de você e ter tentado seduzi-la para conseguir respostas. Mas, de um jeito ou de outro, ele não merece isso. Você é a única nesse lugar que pensa assim, então, é a única esperança dele.

Deus. Estou parecendo a princesa de Guerra nas estrelas.

Mas ela estava desesperada para preencher o silêncio que tanto valorizava. Se não, pensaria em cair e em morrer, ou, pior ainda, em fracassar.

— Você está indo bem. Continue assim.

Ela perdeu a voz ao ver que estava pendurada, sem nada embaixo. Um nó se formou em sua garganta. *Por favor, Senhor. Não me deixe cair. Não deixe minhas mãos suarem mais ainda.*

Ela se inclinou, balançando o lençol... pouco mais de dois centímetros. Droga. Ela se inclinou para trás. Dois centímetros. Para a frente, para trás. Para a frente, para trás. Logo ela já estava se balançando bastante. Mas o lençol escorregou um pouco, ou talvez ela tivesse escorregado, e ela gritou.

Só um pouquinho mais. Eu consigo. Ela ganhou impulso e continuou balançando para a frente e para trás. Finalmente, estava perto o bastante da segunda sacada para esticar o braço e conseguir agarrar... droga! Não conseguiu.

Tentou de novo no embalo seguinte. Seus dedos alcançaram o parapeito, mas não conseguiram segurar. Ela voltou para trás, escorregando um pouco mais.

Concentre-se, Darrow. Ela esticou o braço de novo e, desta vez, conseguiu segurar bem, sem soltar, nem mesmo quando a corda tentou impulsioná-la para trás. Com um grunhido, ela lançou todo

o próprio peso à frente, agarrando a barra com a outra mão e soltando o lençol. Então, cometeu o erro de olhar para baixo.

A metade inferior de seu corpo estava pendurada 15m acima de pontiagudas montanhas.

Ela não conseguiu conter o uivo de medo.

Durante vários instantes de coração disparado, ela jogou as pernas para cima, tentando enroscá-las na barra, como fizera com os dedos. Escorregando... escorregando... Finalmente, conseguiu enganchar o joelho.

Seus músculos arderam e se forçaram ao máximo enquanto ela se içava para a sacada. Estava frio lá fora, sim, mas ela suave. Suas pernas tremiam enquanto tentava abrir a janela que levava ao novo quarto. Ela não cedia. Após vários minutos batendo e chutando, acabou conseguindo. Ela entrou e quase desmaiou de alívio.

O quarto estava escuro e empoeirado, como o outro, mas ela voltou a ouvir Maddox gemendo e se debatendo.

Por favor, que eu não chegue tarde demais. Já estava mais perto... tão perto...

Na ponta dos pés, foi até a porta e a entreabriu. Ninguém no corredor. De repente, a voz de Maddox se calou. Demais. Ela cobriu a boca com a mão para evitar gritar. Ouviu resmungos...

— ...não devia ter contado a ele.

— Ele precisava de tempo para se acalmar. Agora, o tem.

— Talvez ele nunca se acalme.

— Não importa. Era o que tinha de ser feito. — Uma pausa. Um suspiro. — Estou ansioso para acabar com isso e tirar pelo menos um fardo de nossas vidas. Vamos pegar a garota e sair.

Tremendo, ela se encostou bem rente à parede e procurou ficar na sombra. Passos ecoaram. Uma porta se abriu, rangendo, e se fechou. Mais passos, estes na direção oposta a ela.

Ashlyn entrou em ação. Saiu em disparada pelo corredor, chegou a ver de relance dois homens dobrando uma esquina e abriu a porta do quarto de Maddox.

Ela quase vomitou.

Ele estava deitado na cama, a mesma cama onde a abraçara com tanta ternura poucas horas antes, e o sangue se acumulava em volta dele. Seu peito estava nu e ela conseguiu ver seis ferimentos abertos, onde uma espada o cortara. Conseguia ver dentro do corpo dele. Ah, Deus. Ela cobriu a boca com as mãos.

Numa espécie de transe estupefato, ela viu que estava caminhando em direção a ele. *De novo, não,* pensou. *De novo, não!* A brutalidade era de impressionar.

Por que aqueles desgraçados continuavam fazendo aquilo com ele? Maddox era um demônio, eles eram demônios, mas isso não era motivo suficiente.

— Nenhum motivo seria suficiente — ela soluçou. Cruéis e desalmados, era isso que eles eram.

Ela esticou o braço lentamente e passou a mão na testa de Maddox. Seus olhos estavam fechados; o rosto, coberto de sangue, sujo em um padrão aleatório. Não, não aleatório. Ashlyn pensou ter visto o formato de uma borboleta, com todos os ângulos e curvas.

Saía sangue até dos seus pulsos e tornozelos acorrentados, de tanto que ele se debatera, tentando se soltar.

Outro suspiro borbulhou em sua garganta e escapou. Seus joelhos cederam, e ela logo estava ajoelhada ao lado dele.

— Maddox — sussurrou com a voz embargada. — Estou aqui. Não vou abandonar você. — Ela olhou ao redor à procura de uma chave para soltá-lo, mas não encontrou nada.

Esticou os braços e segurou a mão sem vida dele. Ele era imortal. Despertara daquilo uma vez.

Poderia fazê-lo novamente. Certo?

AS CHAMAS o lambiam. Queimavam como ácido. Tão quentes. Derretendo-o, destruindo-o pouco a pouco. O ar pesava, negro e denso, enquanto seu corpo se desintegrava. Tanta dor.

— Maddox.

Ele ouviu aquela voz doce e familiar e parou de se contorcer, subitamente esquecendo o calor.

— Ashlyn? — Ele rastreou as profundezas do inferno ao qual retornara, mas não viu nada além de chamas e mais chamas. Ouviu apenas gemidos e gritos. Será que Ashlyn havia morrido? Fora enviada para aquele lugar para sofrer também?

Aquilo só podia significar que Lucien e Reyes a haviam matado.

— Desgraçados! — uivou Maddox. Eles a haviam matado, e agora ele teria que matá-los. *Com prazer*, rosnou o espírito.

— Estou aqui — disse ela. — Não vou abandoná-lo. — E soluçou.

— Ashlyn — chamou. Ele faria uma barganha com aqueles cruéis novos deuses. Ele a tiraria dali. De qualquer jeito. Até aceitaria ficar ali para sempre. Tudo para libertá-la.

— Não vou soltá-lo. Estarei aqui quando você acordar. *Se* você acordar. Ah, meu Deus.

Ele franziu o cenho, confuso, antes de voltar a derreter. Sua voz não era um eco de dentro do inferno. Era um eco dentro de sua mente. Mas aquilo não fazia sentido. Não era possível.

— Como eles tiveram coragem de fazer isso com você? Como?

Será que ela estava... com o corpo dele? Sim, ele se deu conta pouco depois. Sim, estava. Ele podia quase sentir a mão de Ashlyn agarrando a dele, suas lágrimas quentes pingando em seu peito aberto. Quase sentiu seu doce cheiro de mel.

Enquanto sua pele queimava e se reconstituía, queimava e se reconstituía, ela sussurrava para ele, confortando-o.

— Acorde de novo, Maddox. Acorde por mim. Você tem muita coisa para explicar e não vou deixá-lo partir sem me dizer a verdade.

Ele queria obedecer e lutou para escapar do poço profundo em que se encontrava, fazendo tudo que podia para projetar seu espírito de volta ao corpo. Ele queria vê-la, abraçá-la, protegê-la. Mas o fogo o envolveu num abraço abrasador, aprisionando-o. Ele trincou os dentes, lutou, se debateu, e resistiu sem parar. Lutaria a noite inteira, se fosse preciso. Lutaria até que Lucien fosse buscá-lo.

Ele se encontraria com Ashlyn novamente.

Sua ligação com ela era forte demais, profunda demais, arraigada demais para ser ignorada ou negada. Ela se tornara o centro do universo dele em tão pouco tempo. Sua única razão de viver. Era como se pertencesse a ele. Como se tivesse nascido só para ele.

Agora que a encontrara, nada impediria que ficassem juntos.

— Vou ficar aqui a noite inteira — disse ela. — Não vou soltá-lo.

Ele sorria quando as chamas voltaram a consumi-lo.

Capítulo Dezesseis

HAVIA CHEGADO A hora da guerra.

Aeron estava contente. Ansiava pelo confronto, pela carnificina. Talvez, se ele mutilasse alguns Caçadores, parasse de ficar imaginando sua lâmina cortando o pescoço de Danika e, logo em seguida, o da irmã... da mãe... e, por fim, o da avó.

Ele não havia contado aos outros, mas a necessidade de matar já se tornara maior do que aquela vibração ignóbil dentro de si. Estava começando a colorir seus pensamentos e a enlouquecê-lo. Os deuses não haviam exagerado. A fera dentro dele estava ansiosa para cumprir a ordem que ele recebera.

Pior ainda, a cada hora que se passava, mais a fera ameaçava se insurgir.

E ele sabia que a tendência era piorar. O impulso cresceria, cresceria e cresceria, até que ele finalmente destruísse aquelas quatro mulheres inocentes.

Ele trincou o maxilar. Com sorte, conseguiria conter a sede de sangue, ao menos por algum tempo. *Sou um monstro, tão mau quanto o espírito dentro de mim.* Se os guerreiros não conseguissem pensar num jeito de salvar aquelas mulheres, Aeron sabia que teria de dizer adeus ao que restava do homem que fora um dia. Ele se transformaria em um demônio.

E você já não é um?

— Você acha que a mulher de Maddox está aqui? — perguntou Paris, interrompendo seus pensamentos sombrios.

— Pode estar. — Eles não haviam conseguido encontrá-la e logo haviam desistido de procurar, indo para a cidade assim mesmo. Ele estava furioso ao pensar que a Isca poderia estar à solta àquela altura.

Será que os Caçadores já haviam sido avisados da chegada dos Senhores?

Lucien se teletransportara primeiro ao cemitério, mas não vira nada de suspeito. Mesmo assim, haviam mandado Torin em seguida, para esperar, observar e tirar fotos de vigilância com alguns de seus brinquedos tecnológicos. Mandá-lo para lá tinha sido a última cartada. Ele reclamara, mas, no fim, concordara em ir. Pelo menos os habitantes do cemitério já estavam mortos e, assim, Doença se tornava um demônio inofensivo.

Naquele instante, Aeron e os outros seguiam rapidamente pelas ruas de paralelepípedos de Budapeste. Sem Ashlyn, eles precisariam atrair os Caçadores de outro jeito. E haviam resolvido ser eles mesmos as Iscas.

A meia-noite chegara e se fora, mas a cidade estava longe de estar pronta para dormir. As pessoas estavam sentadas às mesas iluminadas, jogando xadrez inocentemente, e dentre elas as mais cansadas aproveitavam as últimas horas de diversão. Havia edifícios altos de ambos os lados, uma sinfonia de curvas e pontas. Poucos carros circulavam nas ruas.

Os humanos saíam do caminho dos guerreiros, fofocando e comentando ao luar. *Os anjos desceram de sua montanha... acho que estão atrás daqueles homens que estavam perguntando sobre eles, aqueles no Club Destiny...*

— Havia homens perguntando sobre nós — disse Aeron, os dentes cerrados. Enquanto ele falava, uma mulher atravessou a rua para cumprimentá-los, olhando para Paris com olhos vidrados.

— Um beijo — implorou ela.

— Sempre. — Paris sorriu e baixou a cabeça para atender o pedido.

Aeron interveio:

— Depois. Leve-nos ao tal Club Destiny. — Se Luxúria começasse a beijar, só pararia depois que as roupas fossem tiradas e os gritos de paixão estivessem ressoando.

— Fica para a próxima — disse Paris à mulher como que se desculpando e seguiu em frente, guiando-os até o clube.

— Promete? — gritou ela. Mas acordou de sua onda de desejo quando Lucien passou por ela, que ficou pálida ao ver a cicatriz no rosto dele.

Poucos minutos depois, os guerreiros estavam parados logo depois da entrada do clube, observando o ambiente. Uma multidão de humanos dançava ao som de um ritmo veloz e repetitivo, iluminados por luzes multicoloridas pulsantes. Aqueles que os viam ficavam boquiabertos. A maioria se afastava; anjos, de fato. Poucos eram mais corajosos e tolos a ponto de se aproximar.

Ali, Aeron sentiu... algo. Uma leve ressonância de poder, talvez. Franziu o cenho.

— Vocês os veem? — perguntou Reyes, varrendo o lugar com os olhos. Sua postura estava tensa. Dor parecia mais nervoso do que nunca naquela noite. Suas mãos estavam inchadas, como se tivesse seguido o exemplo de Maddox e quebrado um quarto inteiro.

— Ainda não, mas sei que estão aqui. — Aeron tocou o punhal escondido ao lado do corpo. *Onde está você? Quem é você?*

— Olá, paraíso. Vejam só que coisinhas deliciosas — disse Paris com a voz rouca de desejo.

— Pare de prestar atenção ao que está dentro das calças delas — rebateu Reyes.

Aeron desejou que aquela fosse *sua* única preocupação. Precisar de sexo. As humanas tinham medo dele, como a loura que quase ficara histérica só de pensar em ser tocada por ele. E ele ficava feliz com isso. *Deviam* ter medo dele. Ele não queria fazer isso, mas poderia mastigá-los e cuspi-los em uma única mordida.

— Cinco minutos — disse Paris, as palavras densas de prazer. — É só disso que preciso.

— Depois.

— Agora.

— Você é alguma criança? Seu membro não é um brinquedo, portanto, pare de brincar com ele ao menos por uma maldita noite.

— Deuses. Não pode ser — subitamente Lucien disse, encerrando o bate-boca com seu tom de perplexidade. Ele indicou a parte dos fundos do clube com um sombrio movimento do queixo. — Olhem.

Os olhares seguiram o dele até um grupo que estava nos fundos do clube, os observando.

Aeron sibilou e tocou um de seus punhais. Parecia que o dia ainda reservava algumas surpresas.

— Sabin. — Ele achou que nunca mais veria Dúvida de novo. O homem que ele um dia considerara amigo e que havia lhe cortado a garganta com uma faca, um corte dos mais fundos. — O que ele está fazendo aqui? Por que agora... — Ele parou de falar quando a resposta o atingiu. — Ele ainda está em guerra com os Caçadores. *Ele* provavelmente os levou à nossa porta.

— Só há um jeito de descobrir — disse Lucien, mas nenhum deles avançou.

Aeron sabia por que seus pés haviam se transformado em chumbo. Aquela sombria e fátidica noite estava acontecendo mais uma vez em sua mente.

— Temos que matá-los — gritara Sabin. — Vejam o que fizeram com Baden.

— Já matamos demais — replicara Lucien com aquele seu jeito calmo. — Nós causamos a eles e a seus entes queridos muito mais dor do que eles jamais nos trouxeram.

O rosto de Sabin fora tomado por uma expressão de ódio frio.

— Quer dizer que Baden não significa nada para você?

— Eu o amava tanto quanto você, porém mais destruição não o trará de volta — Aeron disparara, dando-lhe as costas, incapaz de suportar a dor que via nos olhos de Sabin. Dor que nele se refletia.

— Não suporto muito mais, pois meu coração fica mais sombrio a cada dia. Preciso de paz. Refúgio.

— Prefiro morrer a permitir que um único Caçador sobreviva.

— Nós matamos o homem que arrancou a cabeça dele. Deixe que isso seja suficiente.

— Suficiente? Eu segurei o corpo sem vida de Baden em meus braços, com o sangue dele

pingando até na minha alma, e você quer que eu dê as costas e vá embora? Você é pior do que os Caçadores. — Sabin atacara então, cravando a lâmina antes mesmo de Aeron pressentir que faria aquilo.

Ele poderia ter perdoado uma luta justa. Um ataque pelas costas? De jeito nenhum.

Depois que Aeron o rechaçara, tudo o que ele quisera era ir embora. Abandonar a Grécia, a guerra, aquelas detestáveis lembranças. Mas Sabin e alguns outros ainda queriam mais sangue.

Fora naquele momento que os Senhores haviam se dividido. Irreversivelmente.

Ele os analisava naquele instante, aqueles guerreiros que ele conhecia sem conhecer. Pareciam os mesmos, porém seu jeito de se vestir mudara com o tempo. Gideon tinha cabelos azuis, um brilho profano nos olhos azuis elétricos, um brilho além do animalesco, além do predatório. O que fez Aeron se lembrar de Lucien na primeira e última vez em que perdera a paciência e nada nem ninguém conseguira segurá-lo.

Cameo ainda era a mulher mais linda que já vira, mas ele sentia vontade de apunhalar o próprio coração só de olhar para ela. Strider ainda era belo, apesar de os anos terem deixado suas implacáveis marcas no rosto dele. Amun deixara de lado seus robes para usar camisa preta e jeans.

Onde estava Kane? Os Caçadores o haviam pegado também?

Sabin e os outros começaram uma aproximação lenta e cautelosa. Ele manteve os olhos neles enquanto, junto com os outros dois, finalmente começou a se aproximar também. Os dois grupos se encontraram no meio da pista de dança, os humanos saindo apressadamente do caminho deles.

— O que está fazendo aqui? — Lucien perguntou de modo imponente. Aeron reparou que ele falou em inglês, provavelmente para não ser entendido pelos humanos que dançavam.

— Posso lhe perguntar a mesma coisa — devolveu Sabin no mesmo idioma.

— Veio apunhalar alguém pelas costas, Dúvida? — perguntou Aeron.

Sabin estalou o maxilar.

— Já faz mais uns dois mil anos, Ira. Já ouviu falar em uma coisa chamada perdão?

— Engraçado ouvir isso logo de você.

Um músculo se contraiu abaixo do olho direito do guerreiro.

— Não viemos aqui lutar com vocês. Viemos lutar contra Caçadores. Eles estão na cidade, caso não tenham ouvido falar.

Aeron deu uma risada irônica.

— Ouvimos. Você os trouxe para cá?

— Longe disso. — Sabin passou a língua nos dentes. — Eles descobriram vocês *antes* de nós.

— Como?

— Não sei — Sabin deu de ombros.

— Tenho sérias dúvidas de que você tenha viajado até Budapeste para lutar. Para isso, você poderia ter ficado na Grécia — disse Lucien com um tom levemente mordaz.

— Certo. Quer a verdade? — Strider abriu os braços, mostrando que estava desarmado. — Precisamos de sua ajuda.

— De jeito nenhum. — Paris balançou a cabeça. — Nem precisamos ouvir como nem por que, pois a resposta não vai mudar.

Você não acha mesmo que consegue derrotar esses homens, acha? A dúvida nada peculiar penetrou a mente de Aeron sinuosamente, solidificando-se e sondando seus pensamentos com garras afiadas.

— Não somos os mesmos guerreiros que costumávamos ser — disse Cameo, atraindo as atenções para seus olhos tristes. — Ouça-nos, pelo menos.

Todos recuaram. Ela falava como se toda a tristeza do mundo estivesse sobre seus delicados ombros. Provavelmente, estava. Ao ouvi-la, Aeron sentiu vontade de chorar como um bebê humano.

— Precisamos *mesmo* de sua ajuda. Estamos procurando *dimOuniak*. A caixa de Pandora. Sabem onde está? — perguntou Sabin severamente.

— Depois de todos esses anos, você quer a caixa? — Lucien pareceu perplexo. — Por quê?

Se atacá-los, poderá morrer. Ou ser mutilado. Por que não dar a eles o que querem e voltar à vida normal? Aeron cerrou os punhos. Maldição. Ele era forte e capaz. Não havia razão para uma dúvida daquele tipo. *Dúvida...*

Um rugido se formou no fundo da garganta dele ao se lembrar do dom do antigo amigo.

— Saia da minha cabeça, Sabin.

— Desculpe — disse o guerreiro com um sorriso fraco. — Força do hábito.

Ele devia ter lançado sua adaga ali mesmo, naquele momento.

— Então, foi você quem tentou nos atrair desarmados ao cemitério. — Não foi uma pergunta. — Pensei que não quisesse lutar contra nós — acrescentou secamente.

O sorriso de Sabin ficou encabulado.

— Não sabia como seria recebido e não queria atizar o Destino. E, como não consegui fazer com que fossem para lá, Kane vai passar uma noite entediante com os cadáveres. O que estão fazendo aqui, aliás? Ouviram falar que os Caçadores estariam aqui também?

— Enviamos Torin ao cemitério, portanto, a noite de Kane será tudo, menos entediante — Lucien disse a ele, perscrutando o clube com o olhar. — E sim, rastreamos os Caçadores até aqui, apesar não os vermos.

— Doença está com Kane? — Franzindo o cenho, Sabin tirou uma caixa preta do bolso. Quando ele fez isso, Reyes logo lhe apontou uma faca para o pescoço, obviamente achando que o homem pegaria alguma arma. Quando Reyes percebeu que era um walkie-talkie, baixou a lâmina.

Franzindo ainda mais o cenho, Sabin levou o rádio à boca e disse:

— Kane. Descansar. Fogo amigo.

— Entendido. Eu sei — foi a resposta cheia de estática.

Sabin pôs o rádio de volta no bolso.

— Estamos acertados agora?

— Nem perto disso — Aeron rebateu.

Strider ficou tremendo de raiva, com seu olhar furioso abarcando toda a área. Várias pessoas haviam começado a dançar novamente, roçando-se umas às outras embriagadas de álcool e desejo.

— Você sabe sobre os Titãs?

Lucien olhou para Aeron antes de assentir.

— Sim.

Cameo mordeu o lábio.

— Faz alguma ideia do que eles querem de nós?

Deuses, como Aeron queria que aquela mulher ficasse de boca fechada!

— Não — respondeu antes que alguém pudesse responder em seu lugar. Não queria que ninguém mais soubesse o que haviam ordenado que ele fizesse.

— Ouçam, velhos amigos, sei que vocês nos odeiam — disse Sabin. — Sei que queremos coisas diferentes. Mas algo que temos em comum é a vontade de viver. Cerca de um mês atrás, ficamos sabendo que os Caçadores estão atrás da caixa de Pandora. Se a encontrarem, nossos demônios estarão correndo perigo de ser sugados para dentro dela. Isto significa que corremos risco de morrer.

— Como sabe se ela já não foi destruída? — perguntou Reyes, franzindo a testa.

Um momento se passou, e tudo que se ouviu foi a pulsação irregular.

— Não sei, mas não estou disposto a arriscar acreditando que *talvez* ela tenha desaparecido para sempre.

Ao longo de todos aqueles anos, Aeron pouco se importara com a caixa. Seu demônio estivera preso dentro dela, não estava mais, e ele aceitara as consequências de suas ações; ponto final.

Agora, voltava a pensar na fatídica noite em que seu demônio fora libertado, tentando se lembrar do que acontecera. Ele ajudara a rechaçar os guardas de Pandora enquanto Lucien abria a caixa. Os demônios haviam saltado para fora, aparentemente indomáveis enquanto voavam para cima dos guardas, devorando-lhes a carne.

O odor de sangue e morte empesteara o ar junto com os gritos. Aeron sentira algo lhe envolver o pescoço, um demônio, ele sabia agora, e perdera o fôlego. Caíra de joelhos, incapaz de suportar o próprio peso, e se arrastara por todo o aposento em busca da caixa, desesperado para encontrá-la. Mas jamais a encontrara. Ela desaparecera como se nunca tivesse existido.

Lucien passou a mão pelos cabelos de meia-noite.

— Não sabemos onde está. Entendeu?

Uma mulher de repente se jogou em cima de Paris e lhe lambeu o pescoço. Paris fechou os olhos e Reyes balançou a cabeça.

— Seria melhor continuarmos essa conversa em outro lugar.

— Vamos para sua fortaleza — sugeriu Sabin. — Talvez juntos possamos nos lembrar de *alguma coisa* sobre como a caixa foi levada.

— Não — disseram Aeron e Reyes ao mesmo tempo.

— Bem, eu adoraria ficar aqui a noite inteira — disse Gideon, obviamente irritado.

Aeron esquecera como as mentiras de Gideon tinham a capacidade de tirá-lo do sério.

— Sua fortaleza? — Sabin estimulou. — Estou pronto para ir quando vocês quiserem.

— Não — repetiu Aeron.

— Ótimo. Ficaremos aqui. Apenas me dê um momento para mandar todos para casa. — Sabin fechou os olhos, a expressão crescendo em intensidade.

Aeron o observou cautelosamente, com a mão na adaga, sem saber o que esperar. A música cessou abruptamente; as pessoas que estavam dançando pararam. A incerteza recaiu sobre as feições de cada uma delas enquanto começavam a murmurar e caminhar em direção às portas. Em questão de minutos, o lugar estava vazio.

Sabin relaxou os ombros e soltou o ar dos pulmões, exausto. Ele abriu as pálpebras.

— Pronto. Estamos sozinhos.

Amun, que passara o tempo todo sem dizer uma palavra sequer, virou a cabeça e olhou para Aeron atentamente, como se os seus olhos fossem um raio laser lhe penetrando bem na testa. O rosto de Amun era indecifrável, e aquilo deixava Aeron desconfortável. Por ser aquele guerreiro possuído por Segredos, será que ele poderia adivinhar o que Aeron guardava no fundo da alma?

O olhar de Amun de repente encontrou o dele, e houve arrependimento e compreensão em seus

olhos escuros. Aeron ficou tenso. Ah, sim. Ele conseguia adivinhar.

Sabin inflou o peito enquanto nitidamente lutava para manter a paciência.

— Por que não fazemos um acordo? Nós cuidamos dos Caçadores que invadiram sua cidade se vocês nos ajudarem a encontrar a caixa. É uma troca justa. Faz muitos anos que lutamos contra eles e sabemos exatamente como atacar.

— Eu encontrei um hoje e o interoguei — disse Strider. — Foi assim que chegamos ao clube, mas até agora não vimos nem sombra dos outros.

Aeron percebeu um relance de movimento nas sombras ao longe e franziu o cenho.

— Alguém ficou para trás — murmurou.

Todos ficaram tensos.

Foi quando Aeron viu a silhueta de mais quatro humanos, todos homens e bastante musculosos, o que se podia perceber apenas pelos contornos de seus corpos. Seu cenho se franziu ainda mais quando sentiu o cheiro de pólvora.

— Caçadores — rosnou. — Feliz ao ver a sombra deles agora?

Apesar de terem matado Baden, Aeron estivera preparado para deixá-los em paz. Ele também lhes infligira dor equivalente séculos atrás, afinal de contas. Mas haviam sido eles a ir até ali. Começariam uma nova guerra se tivessem oportunidade.

Percebendo que haviam sido vistos, um dos humanos deu um passo à frente.

A luz estroboscópica ainda girava, projetando raios de luz para todo lado. Eles dançavam sobre o determinado rosto do jovem mortal. Ele estava sorrindo. Esfregou o pulso direito com o polegar esquerdo e, em meio à luz enlouquecida, Aeron percebeu o símbolo do infinito que ele traçou.

— Quem diria que todo o mal do mundo estaria reunido no mesmo recinto ao mesmo tempo? — O homem levantou uma caixinha preta com dois fios pendurados nas laterais. — Sério mesmo, é Natal?

Vários dos guerreiros rosnaram. Alguns sacaram armas de fogo, alguns preferiram adagas afiadas. Todos estavam prontos para a batalha. Aeron não esperou; descobriu que não conseguia, não queria, estava *ávido* para agir. Ira já havia julgado aquele homem e o considerado culpado pelo assassinato de inocentes em meio à sua cruzada para matar os Senhores.

Aeron lançou suas lâminas, que foram girando pelo ar, e ambas cravaram até o punho no peito do homem.

Os olhos dele se arregalaram e aquele sorriso esbranquiçado congelou em seu rosto. Ele não morreu de imediato, como teria sido o caso em um dos filmes de Paris. Caiu de joelhos, arfando de dor. Ainda viveria por mais algum tempo, mas não havia nada que se pudesse fazer para salvá-lo.

— Vão rezar para morrer quando terminarmos com vocês — ele arfou.

— Queime no inferno, demônio! — gritou outro dos mortais, e também atirou uma adaga.

Um dos guerreiros disparou sua arma quando a lâmina perfurou o peito de Aeron. Ele franziu o cenho. Olhou para o cabo de pérola cintilando à luz. Seu coração continuava a bombear sangue, se cortando ainda mais a cada batida. Eles tinham reflexos rápidos. Ele teria que se lembrar disso.

Lucien e os outros se lançaram à frente.

O Caçador não recuou.

— Espero que vocês gostem do fogo — ele disse, pegando a caixa preta que seu amigo tombado deixara cair. *Bum!*

Uma explosão balançou toda a estrutura, atravessando pedra e metal. Aeron perdeu o chão e foi atirado ao ar como se fosse um saco de plumas.

Derrotado por humanos. Inacreditável.

Foi o último pensamento a lhe passar pela mente antes de seu mundo escurecer.

Capítulo Dezessete

SUBITAMENTE, MADDUX TOMOU ciência de onde estava. Em um instante, estava morto; no seguinte, totalmente consciente. Ashlyn dormia aninhada em seus braços, com o corpo flexível enroscado ao seu redor.

Ele baixou os olhos para examinar o próprio corpo. Ela certamente o limpara e até conseguira trocar os lençóis, mesmo estando ele acorrentado, pois não havia mais sangue. Seus ferimentos em processo de cicatrização estavam de volta, do abdômen às costelas.

Os cabelos de Ashlyn, suaves e cor de mel, lhe roçavam o queixo; sua respiração cálida lhe ventilava a pele. Ela estava viva e presente. Com ele. Maddox jamais imaginara aquilo. *Diretamente do inferno para o paraíso.*

Ao amanhecer, ele costumava sentir a necessidade de destruir alguma coisa. De lutar. Esquecer as chamas e a dor cedendo ao embotamento e à escuridão do espírito. Mas não naquele momento.

Ele se sentia — ousaria acreditar? — em paz.

Ashlyn parecia tão relaxada que ele detestava ter de acordá-la. Não, não relaxada, ele se deu conta ao ver mais de perto. Havia lágrimas secas em suas bochechas, e marcas de dentes maculavam a fatura dos lábios, como se ela os tivesse mordido com força, repetidas vezes.

Ele ansiava por passar os dedos na curva do rosto dela, mas não conseguia. Malditas correntes.

— Ashlyn. Linda. Acorde por mim.

Aqueles lábios foram entreabertos para passar um gemido suave.

A luz do sol a acariciava, o que ele estava louco para fazer; ela lhe banhava a pele luminosa, honrando-a em tributo absoluto. Seus cílios fartos ainda estavam molhados de lágrimas, como se fossem fitas cobertas de orvalho.

Ela chorara por causa do sofrimento dele. Quando fora a última vez em que alguém chorara por ele?

— Ashlyn.

Ela gemeu.

Ele baixou a cabeça e beijou a ponta do nariz dela. Como sempre, foi atingido por faíscas de eletricidade bem no fundo de seu ser. Ela devia ter sentido a mesma coisa, pois arfou o nome dele e se levantou de súbito. A coberta lhe caiu até a cintura, revelando a camisa folgada que estava usando. A camisa *dele*. Ele gostava de vê-la com suas roupas, gostava de saber que o mesmo pano que o cobrira a cobria naquele instante. Mechas de cabelos lhe caíram sobre os ombros e as costas.

Quando ela o fitou, soltou um soluço trêmulo e se jogou nos seus braços abertos.

— Você está vivo. Voltou do mundo dos mortos outra vez.

— Liberte-me, linda.

— Não tenho a chave.

— Está debaixo do colchão. — Lucien havia parado de levar a chave consigo anos antes, quando Maddox conseguira tirá-la da corrente ao redor de seu pescoço. — Por que eles não levaram você?

— Torin me escondeu. Oh. — Ela pôs a mão apressadamente por baixo das molas do colchão, encontrou a chave e o soltou. Deitou-se ao lado dele, e o cheiro da pele dela o distraiu de imaginar por que Torin teria feito algo daquele tipo. — Que bom que você voltou para mim.

Ele a abraçou pela cintura, esfregando as costas dela para cima e para baixo, acalmando-a,

tranquilizando-a. Suas articulações doíam, mas ele não parou.

— Voltei. Sempre voltarei.

— Não entendo — ela disse com voz abalada e sussurrante. Seu corpo tremia. — Por que eles ficam fazendo isso com você?

— Outra maldição. — A voz dele ficou embargada de emoção. — Matei uma mulher, e agora preciso morrer como ela morreu. — Ele não queria que Ashlyn soubesse o que ele havia feito, mas não era justo esconder aquilo quando ela lhe revelara todos os seus segredos.

Ashlyn o agarrou com força.

— Quem era ela? Por que a matou?

— A mulher sobre quem lhe falei. A guerreira que recebeu a missão que eu queria para mim. Pandora.

Ela arregalou os olhos.

— A Pandora?

— Sim.

— Foi *essa* a caixa que você abriu? Santo Deus, não sei por que não deduzi isso antes. Por que os deuses simplesmente não colocaram os demônios de volta dentro da caixa?

— Castigo. Porém, mais do que isto, a caixa havia desaparecido, e não havia como recriá-la.

— Como você matou...

— Meu demônio tinha assumido o comando e... — Novamente, ele ouviu o tormento na própria voz e se perguntou o que Ashlyn estaria pensando. — Perdi o controle, me transformei completamente em Violência, e minha espada a feriu mortalmente. Desde então, me arrependo do que fiz, não tenha dúvida.

— Mas imortais não morrem para sempre. Não é? Quero dizer, você é prova disso.

— A maioria *pode* morrer. Não com facilidade, mas é possível.

— Bem, todo mundo erra, e você já pagou pelo seu erro — disse ela, surpreendendo-o com sua postura compreensiva. Aquecendo-o. Sentindo-o.

— Queria que você tivesse matado aqueles deuses que o amaldiçoaram também, pois eles são maus, repulsivos...

Fazendo uma cara de dor, ele lhe tapou a boca com a mão, interrompendo-a.

— Ela não quis dizer isso — falou, olhando para cima. — Aceitarei de bom grado qualquer castigo no lugar dela.

Eles não foram atingidos por um raio. A terra não tremeu. Não surgiu um enxame de gafanhotos para devorá-los vivos. Maddox foi relaxando aos poucos.

— Jamais fale mal dos deuses. Eles ouvem tudo. — Infelizmente.

Ela assentiu com relutância, e ele tirou a mão.

— Não sou Isca — disse ela.

— Eu sei.

— Mesmo? — ela perguntou cheia de esperança. Inclinou a cabeça, olhando para ele.

— Mesmo.

Suas feições ficaram mais relaxadas; ela até sorriu.

— O que o convenceu?

— Você. — Ele olhou maravilhado para ela, pois aquilo ainda era uma surpresa para ele. — Sua doçura, sua habilidade. Sua virgindade.

— Então você... me desejava? — perguntou, já sem saber direito. — Não por querer extrair respostas de mim, mas porque...

— Porque você faz meu corpo arder — afirmou ele.

Os olhos dela brilharam de felicidade, como raios de sol extinguindo a noite. Ela se aconchegou mais junto a ele, apertando os seios contra seu peito.

— Que bom que o Instituto me trouxe a Budapeste.

O corpo dele havia começado a se manifestar, a ficar pronto, a querer mais. Até ouvir a menção ao Instituto. Violência rosnou.

— Você não vai voltar para eles.

— Você e suas ordens. — Sem perceber seu súbito tremor, ela continuou alegremente: — Sabe, ouvi falar umas coisinhas sobre a caixa de Pandora por aí. Já lhe disse que o Instituto está sempre interessado em procurar relíquias sobrenaturais mencionadas como mitos e lendas ao longo da história?

Ele ficou tenso.

— Pode me dizer o que ouviu falar sobre a caixa?

— Vejamos... — Ela coçou o queixo. — Ouvi falar que a caixa está escondida. Onde, não sei. Mas ela estaria supostamente guardada por Argus, e nem os deuses poderiam chegar perto dela.

Maddox absorveu a novidade com uma sensação de choque. Argus era uma fera imensa, com mais de cem olhos que lhe permitiam ver tudo que acontecia o tempo todo. Dizia a lenda que Hermes o matara, mas, muitas vezes, as lendas eram mentiras espalhadas pelos deuses para enganar os mortais.

— Também ouvi falar de uma história diferente — continuou Ashlyn —, que dizia que a caixa estava guardada pela Hidra, não por Argus. O denominador comum em ambas as histórias, contudo, era que o... — Ela arfou novamente.

— O quê?

— Se a caixa reaparecesse, os demônios seriam sugados de volta para dentro dela. Isto é bom, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Para o mundo, talvez, mas não para mim. Sem o demônio, morrerei.

— Como pode saber disso? Quero dizer...

— Eu sei — ele interrompeu, pensando no que ela dissera. Hidra. Uma serpente venenosa com várias cabeças. Se aquilo fosse verdade, a caixa estaria enterrada no fundo do oceano. Mas em que história ele deveria acreditar? Em uma, nas duas, ou em nenhuma? Se fosse acreditar no resto do que ela ouvira falar, que os demônios poderiam ser sugados para dentro da caixa se ela fosse encontrada...

— Eu podia, sei lá, fazer uma busca mais intensa pela caixa. Transformar em prioridade máxima.

— Não! — Aquilo significava que ela teria de sair da fortaleza e se arriscar. — Sei que lhe disse para me contar tudo, mas agora precisamos escolher um assunto mais concreto.

Violência estava vagando pela mente dele, mais agitado a cada palavra. Apesar de Maddox acreditar, naquele momento, que o demônio não desejava machucar Ashlyn, não estava disposto a arriscar. Ele falaria de flores e do luar, fez uma cara feia ao pensar naquilo, se fosse para manter sua deliciosa paz interior.

— Existe alguma forma de quebrar sua maldição mortal? — perguntou Ashlyn. Nada de flores e luar.

— Não. — Maddox balançou a cabeça. — Não há como.

— Mas...

— Não. — Ele não permitiria que ela tentasse fazer nenhum tipo de acordo com os deuses para salvá-lo. Ele não tinha salvação. Mais do que isso, não era digno de nenhuma tentativa de salvação.

Ele era mais monstro do que homem, ainda que, por vezes, tentasse se convencer do contrário. — Será melhor esquecermos este assunto também.

Ela desceu o dedo pelo osso esterno dele, e Maddox sentiu a brisa deliciosamente quente de seu hálito.

— Então, sobre o que *podemos* falar?

Ele segurou o traseiro dela e deu um apertão.

— Você ouviu mais alguma voz desde que chegou aqui?

— Infelizmente. — Ela arqueou o corpo levemente, um gesto quase imperceptível na intenção de chegar mais perto dele. — Ouvi tudo o que disseram aquelas quatro mulheres, que, aliás, deviam ser libertadas imediatamente.

— Elas ficarão.

— Por quê?

— Não posso lhe dizer.

Ela tamborilou as pontas dos dedos.

— Pelo menos me diga o que pretende fazer com elas. Elas são boas pessoas. São inocentes. Estão com medo.

— Eu sei, linda. Eu sei.

— Então, você não vai lhes fazer mal? — insistiu ela.

— Não. *Eu*, não.

Ela pôs as mãos sobre o coração dele, pressionando-as levemente.

— Isso significa que alguém vai?

O sangue dele esquentou de desejo erótico, queimando-lhe as veias.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para me certificar de que ninguém faça. Está bem?

Ela apertou os lábios no pescoço dele e tocou a veia pulsante com a língua.

— Tudo bem, mas vou fazer tudo que estiver ao *meu* alcance para me certificar disso também.

Ele odiava lhe dizer não, então, segurou-lhe o queixo, forçando-a a olhar para ele e deu o que podia dar.

— Sinto muito por você ter de ouvir as conversas delas. Nunca mais vou colocá-la em uma sala onde humanos tenham estado.

— Dessa vez, não foi tão ruim. — Ela lhe envolveu o pulso com dedos suaves e gentis. — E não ouço nada quando você está por perto, não interessa quem tenha falado.

— Eu me pergunto por quê. Não estou reclamando. Fico contente, mas curioso.

— Talvez as vozes tenham medo de você.

Ele quase sorriu.

— Na verdade, *eu* fico me perguntando por que não ouço as conversas passadas de seus amigos. Afinal, sempre ouvi conversas de outros seres sobrenaturais.

— Talvez porque estejamos num plano de existência mais elevado.

Ela sorriu.

— Mesmo assim, procurarei estar sempre perto de você — disse ele, com prazer. — Assim, as vozes jamais voltarão a importuná-la. — *E quando você estiver morto?* Ele ficou tenso só de pensar. Neste caso, não haveria ninguém para tomar conta dela. Ninguém para protegê-la.

Sentindo que ele estava com raiva, ela franziu o cenho.

— O que houve?

— Nada. — Ele não ia pensar em sua futura morte naquele instante. Tinha Ashlyn nos braços e aproveitaria, saborearia aquele pouco tempo que tinham juntos. — Chega de falar das mulheres e de

maldições.

— Bem, agora você eliminou quase tudo o que temos em comum. — Ela baixou os olhos, detendo-se nos lábios dele. Estremeceu. — Viajei pelo mundo inteiro para o Instituto, mas jamais sonhei que conheceria alguém como você.

— Forte?

Uma risadinha lhe escapou dos lábios.

— Sim.

— Bonito?

— É claro.

— Perspicaz e hábil com a espada?

— Totalmente. — Outra risada. — Mas quero dizer um homem... amigo... um cara. Ah, não sei do que chamar você!

Ele apreciou seu bom humor e palavras sinceras.

— Basta me chamar de seu. É tudo que quero ser.

Tudo nela ficou mais suave.

— Conte algo sobre você. — Ela afastou o rosto das mãos dele e novamente se aninhou junto ao seu corpo. Não tirou as mãos dos pulsos dele, mas as fez descer pelo braço e pescoço, como se tivesse medo de deixá-lo partir, por um segundo que fosse. Ele também tinha esse medo. Ele a desejava desesperadamente. E a teria, jurava que teria, depois que tomassem banho e tirassem todos os rastros de sangue e de morte. — Algo que você nunca tenha dito a mais ninguém.

Ele podia dizer que gostava mais de música clássica do que do rock pesado preferido por seus amigos, mas esta informação carecia do tom profundamente pessoal que ela obviamente tanto queria. E Maddox descobriu que queria que ela o conhecesse melhor do que qualquer pessoa no mundo inteiro.

Sua sensação de paz, paz verdadeira, se aprofundou. Tudo porque ela estava ali com ele. Porque havia chorado por ele e lhe dedicado carinho. Porque ela não julgara seus erros do passado nem o ofendera. Porque ela quisera saber de sua vida também. Porque apenas fazia cessar o tormento que ela vivia.

Porque, quando ela o fitava, não via Violência. Ele achava que ela via o homem. O homem *dela*. Um pensamento inebriante. Entorpecente. Chocante. O suficiente para angariar sua eterna devoção.

— Poucas vezes ao longo dos anos desejei ser humano. E ter uma esposa e... — engoliu em seco, confessando — filhos. — Ele jamais dissera aquilo aos amigos, que teriam rido. *Ele* mesmo devia rir do quanto aquilo era ridículo.

Violência? Perto de crianças?

Mas Ashlyn não riu nem o repreendeu.

— Que lindo sonho — disse, com uma voz especialmente pensativa e melancólica. — Você será um pai maravilhoso. Incisivo e protetor.

Envergonhado por ouvir aquilo, e sabendo que jamais teria a chance de provar o que ela dizia, ele traçou círculos em cada uma das vértebras dela.

— Conte-me um dos seus segredos agora.

Tremendo, ela passou o dedo no mamilo rijo dele. Em resposta, seu membro deu um pulo e o sangue borbulhou. Não apenas esquentou, mas borbulhou de modo infernal. Mesmo assim, ele não a beijou, não rolou para cima de Ashlyn. Por mais que seu corpo doesse de desejo, aquela era hora de conversar.

— Só aprendia a ler no ano passado — admitiu, constrangida. — Até então, eu passava meus

relatórios verbalmente ao invés de digitá-los, e todos sabiam por quê. Eu simplesmente não conseguia me concentrar o suficiente para aprender as palavras. As vozes estavam sempre lá, me perturbando. Quando era criança, meu chefe lia histórias para mim, contos de fadas tão mágicos que eu quase conseguia bloquear os sussurros. Foi quando decidi aprender sozinha. Mas levei um bom tempo para conseguir.

Ele não se importava se ela sabia ler ou não. Mas ela se importava. Então, procurou confortá-la.

— Você ter aprendido por si só já é algo digno de elogio.

Ela o presenteou com um sorriso radiante.

— Obrigada.

— Só aprendi a ler centenas de anos depois de ter sido possuído, e apenas porque não gostava que os outros soubessem de coisas que eu não sabia. Viu? Você já está em vantagem sobre mim.

Ela riu, relaxando ainda mais.

— Depois que aprendi, entrei na Internet e encomendei todos os livros românticos que consegui encontrar. São contos de fadas para adultos. Eles foram entregues na porta da minha casa, e os devorei o mais rápido possível.

— Farei com que Paris compre alguns para você na cidade. Uma caixa inteira.

— Seria maravilhoso. Obrigada — disse de novo, dando outro daqueles sorrisos.

Ele sentiu uma dor no peito ao beijar o alto de sua cabeça.

— Já vi alguns livros de romance. — Paris deixara alguns espalhados pela fortaleza e Maddox havia talvez, quem sabe, ele jamais admitira isto em voz alta, dado uma olhada. — Se eu os tivesse lido... cof, cof... provavelmente os teria achado... — sensuais, divertidos, instrutivos... — interessantes.

A gratidão dela se transformou em pura malícia.

— Talvez... talvez possamos ler um deles juntos ou algo assim.

— Eu gostaria.

Por maior que fosse o desejo que ele sentisse por ela, Maddox sentiu um prazer enorme em apenas conversarem. Ashlyn lhe contou da infância, boa parte da qual passada em laboratórios, sendo testada, às vezes dolorosamente, o que significava que ele agora tinha uma lista de cientistas para matar, e como ela ainda passava muito tempo sozinha só para escapar do barulho. Ela nunca fizera parte de uma família. Apenas um homem a tratara melhor do que a um animal, e Maddox viu que tinha uma dívida para com aquele humano.

Mas Maddox fervia com a necessidade de afastar aquelas lembranças e substituí-las por outras melhores, mais felizes. Mais do que isso, ele fervia com a necessidade de vingá-la.

— Você merecia algo melhor — disse ele, Violência finalmente acordando, se espreguiçando e bocejando.

— Não ligo para a criação que recebi — replicou ela. — Quer dizer, no geral. Eu estava sempre ouvindo coisas, de modo que a solidão, na verdade, era bem-vinda.

Mas ela sentia falta de brincar, de ser tocada, amada. Ele sentiu isso em sua voz, uma necessidade que ela não conseguia esconder. *Você a conhece tão bem, não é?* Sim, ele pensou. Conhecia. Uma parte dele, uma parte enterrada tão fundo que ele sequer sabia que existia antes de Ashlyn ter se materializado em sua vida, a conhecera desde o começo. Ela era dele. Sua mulher. Sua... tudo.

Ele acariciou-lhe o braço e sentiu uma pequena e rígida protuberância. Franziu o cenho e baixou os olhos.

— O que é isso?

— Controle de natalidade — disse ela, as bochechas corando. — Procedimento padrão da

empresa. Há algum tempo, uma mulher foi estuprada no trabalho por um duende violento. Ela engravidou e a criança... não era normal. Agora, o Instituto nos ensina autodefesa e dá a todas as funcionárias a opção de ter um implante.

Violência arqueou as costas e abriu os olhos, acordando ainda mais. Ele pensou naquela delicada beleza sendo possuída à força, e tanto seu lado homem quanto seu lado espírito foram tomados pela revolta. Ela era virgem, mas isto não queria dizer que houvesse sido deixada completamente em paz.

— Já lhe fizeram mal antes?

— Não — assegurou ela. — Mas eu sabia que, se as vozes tomassem conta de mim, eu não conseguiria me defender.

Violência não relaxou.

— Conte sobre a *sua* infância — disse ela. O dedo dela lhe roçou o mamilo novamente. Ela se esfregou nele, mas depois se conteve e parou.

A pele de Maddox entrou em estado de alerta. A dela também, ele sentiu. Desde o começo, ele sempre parecia saber quando ela estava excitada. E, no momento, aquela mulher estava, sem dúvida, excitada.

— Não tive infância. Fui criado já como homem, já um soldado.

— Sinto muito — disse ela suavemente. — Tinha esquecido.

Eu a desejo tanto. Da última vez, ele se contivera por ela ser virgem. Ele era o mesmo homem do dia anterior; jamais possuíra uma virgem e não sabia ao certo como agir, mas nada disso importava naquele instante. Ele quase a perdera. Ela quase lhe fora tomada.

Ele não esperaria nem mais um momento.

Seria o mais gentil possível com ela. E, se o espírito quisesse se intrometer, bem, ele permitiria que Ashlyn o acorrentasse.

— Quero fazer amor com você, Ashlyn.

Ela ficou sem fôlego enquanto passava os dedos nos músculos do abdômen dele. Parou um pouco nas cicatrizes, depois no umbigo, deu voltas. Desceu mais um pouco. Parou de novo.

— Quer?

Quero-a, desejo-a, quero, desejo. Logo... agora... Maddox pensou que talvez ela quisesse tocar mais para baixo de seu corpo, segurar seu membro, mas ainda não reunira coragem para tanto. *Sim, sim.* Ele teria sorrido, mas ele e o demônio estavam inebriados demais.

Quanto mais ela o tocava, mais ele... *elas* a desejavam. O cheiro doce dela estava em seu nariz, incendiando-lhe o sangue ainda mais. Esta doçura lhe penetrou o corpo até os ossos, instigando todo tipo de necessidades.

— Ah, sim.

— Eu também desejo você — ela sussurrou tremulamente. — Mas...

Chega de esperar. Preciso tê-la, preciso tê-la, preciso tê-la. Ele foi invadido por uma sensação feroz. *Nossa*, o espírito disse. *Minha*, Maddox corrigiu.

— Quero estar dentro de você. Chega de esperar.

Ela ficou imóvel; a respiração, ofegante.

— Quero que entenda que ficarei com você. Vai ficar aqui comigo e eu a protegerei. Aprenderemos juntos como fazer para parar as vozes de uma vez.

— Ma-Maddox. — Ela ia dizer algo, mas prendeu as palavras dentro dos lábios cerrados.

Sim. Preciso mantê-la aqui.

— Não vou lhe fazer mal — disse ele, mais para si e para o espírito do que para ela.

— Sei que você não vai me fazer mal. Mas tenho minha vida, tenho um emprego.

Mantê-la!

— Vou ficar o tempo que quiser, mas preciso que você jure que não vai me deixar presa de novo. Quando seus amigos vierem... — ela engoliu em seco — matar você, quero estar ao seu lado. Juro que não vou atacá-los, apesar de sentir vontade, mas preciso segurar sua mão. Não suporto a ideia de você morrer sozinho.

Naquele momento, Maddox ficou completamente, absolutamente, irrevogavelmente apaixonado por ela.

Minha, minha, minha. Ela era mais importante do que respirar, mais necessária do que comida, água ou abrigo. Em milhares de anos de guerra, violência e ódio, ela lhe oferecia bondade. Serenidade. Compaixão. Confiança. Pobre daquele, mesmo que fossem Senhores do Mundo Subterrâneo, até deuses, que tentasse machucá-la. Ele já havia pensado nisto antes, mas, naquele instante, se tornou um juramento de sangue. Qualquer um que tentasse fazer mal a ela daquele momento em diante, morreria aos pés de Maddox.

Lucien e Reyes não a haviam levado na noite anterior, como tinham dito que fariam, e aquilo lhes salvara a pele miserável. Por pouco. Mas eles pagariam. Ah, pagariam. Violência precisaria de algum tipo de restituição antes de esquecer.

— Não quero que você tenha de presenciar isso. Não estarei sozinho, doçura. Dor e Morte estarão comigo.

— É, mas eles não vão abraçar você.

Ele conteve o riso.

— Você é minha, mulher, e sou seu. Até você chegar, minha vida era desolada. Eu existia, mas não vivia de verdade. Agora vivo, até em minha morte. — Maddox tinha certeza de que aquelas palavras eram o mais próximo que ele chegaria dos votos de casamento. Ela seria sempre dele, e ele seria sempre dela.

Lágrimas se acumularam nos olhos cor de âmbar de Ashlyn.

— É a coisa mais linda que já ouvi.

— A única coisa que quero que você faça é que pense no que está pedindo. — Se *ele* tivesse de presenciá-la morrendo repetidas vezes... Ele sentiu um enjoo no estômago. — O sangue, todo o horror...

— Eu sei — ela disse, determinada. — Mesmo assim, quero ficar com você.

Mais uma vez, o desejo foi mais forte que tudo.

— Você tomará um banho. Paris diz que as humanas adoram banhos, que eles ajudam a relaxar e acalmar. — Ele se sentou, puxando-a com ele. *Finalmente, finalmente.*

Não, ainda não. Em breve. Ele faria da primeira vez de Ashlyn uma ocasião especial, nem que tivesse de morrer para isso.

Ela enrolou as pontas dos cabelos com o dedo.

— Você vai vir comigo de novo?

Maddox se forçou a balançar a cabeça, e o espírito rugiu de fúria. *Por que não agora?*

— Se tomar banho com você, irei possuí-la. Total e completamente.

O olhar de Ashlyn se concentrou nele, quente, tão quente que ele sentiu sua força vibrar através de si.

— Como já disse, sei o que estou pedindo — sussurrou.

Deuses, ele queria beijá-la. Mas, se a beijasse, só ia parar quando estivesse dentro dela, investindo com força, penetrando-a.

— Tem algo que preciso fazer primeiro.

— Depois... — Ela não terminou a frase, mas nem precisou.

— Depois — ele prometeu. Ah, sim. Depois.

Lentamente, o espírito sorriu. Pela segunda vez em dois dias, homem e demônio estavam de pleno acordo.

Capítulo Dezoito

ASHLYN TOMOU BANHO apressadamente, imaginando o que Maddox tinha a fazer. A água estava quente, relaxante, e lavou as provações daquela noite. Não a odiosa lembrança do corpo ensanguentado do amado em seus braços, mas os efeitos físicos. A fadiga, a sensação quase incapacitante de desespero, a raiva pelo que tinham feito com o homem que ela começava a amar.

O homem que podia vir a corresponder a seu amor.

O sentimento pode ter surgido rapidamente, mas faria sentido. Ela queria tanto estar com Maddox. Queria demais abraçá-lo e tocá-lo, dar e receber prazer. Aquecer-se neste sentimento. Ele não a considerava mais uma Isca, e queria que ficasse com ele. Naquele momento e sempre. Lentamente, ela abriu um sorriso radiante.

Como vou quebrar sua maldição mortal?

O pensamento pairava em sua mente, superpondo-se a tudo mais. O sorriso desapareceu. Com certeza, haveria alguma coisa que ela pudesse fazer para salvá-lo de uma eternidade de mortes e ressurreições contínuas e ininterruptas. Ninguém merecia uma tortura assim.

Ashlyn apoiou a testa nos azulejos brancos. Com certeza, em alguma parte do mundo, em alguma época, algum humano teria falado sobre os deuses e como quebrar suas maldições idiotas e injustas. Ela provavelmente ouvira algo ao longo dos anos, mas, se ouvira, se misturara a todas as outras vozes.

Agora, pelo menos, sabia ao que tinha de ficar atenta para ouvir.

Maddox não queria que ela soubesse da fortaleza para isto, tinha certeza, então, teria de ir escondida. Além do mais, não conseguia ouvir as vozes quando ele estava por perto.

Até encontrar você, minha vida era desolada. Eu existia, mas não vivia de verdade. Agora vivo, até em minha morte. Protetor feroz como era, ele considerava seu próprio sofrimento um preço pequeno a pagar para mantê-la em segurança. Isso ela já sabia sobre ele.

Ela sairia à noite, quando ele não pudesse fazer nada para detê-la, e voltaria sorrateiramente pela manhã.

Não pense nisso agora. Haverá tempo suficiente para brincar de espiã mais tarde. Faltava muito pouco para ela fazer amor com um homem. Com Maddox. Suas mãos grandes e fortes iam lhe acariciar o corpo inteiro. Sua boca ia prová-la. Seu membro deslizaria para bem dentro dela.

Ela estremeceu. *Antes, desesperada para ir; agora, desesperada para ficar.* Daria um jeito de entrar em contato com McIntosh e avisar que estava bem. Mas não naquele momento. Depois. Depois que experimentasse o mais íntimo dos atos e soubesse como era ser uma só com outra pessoa.

Sim, era egoísmo da parte dela. Mas não se deixaria deter por nada.

Sem dúvida, desta vez, Maddox terminaria o que haviam começado. A tensão de seus músculos quando ele a abraçara na cama deixara no ar uma promessa. E o olhar incandescente que ele lhe lançara antes de sair do quarto apenas confirmara tudo.

Ela não mais ficaria preocupada com a possibilidade de ser abandonada depois, como tantos homens já haviam feito com tantas mulheres ao longo dos séculos. Maddox era intenso, passional e diferente. Ele não precisava mentir nem fazer falsas promessas para conseguir o que queria. Bastava tomar para si.

Mesmo assim, ele escolhera não fazê-lo. Queria que ela se entregasse.

A água quente logo ficou fria. Ashlyn girou as torneiras, interrompendo o fluxo. *Ping, ping.* Quase na hora, ela pensou, e a umidade instantaneamente se acumulou entre suas pernas. Seus mamilos estavam duros como rochas.

Pingos escorreram pela pele, deixando-a com frio. Ela imaginou Maddox lambendo-os, arrepiou-se novamente e quase gemeu. Pegou uma toalha e se secou o melhor que pôde antes de enrolar o corpo, dos seios aos joelhos, com o felpudo pano branco. Ávida, saiu do banheiro em uma nuvem de vapor.

Maddox não estava no quarto.

Ela franziu o cenho... até que seus dedos do pé roçaram em algo macio e ela olhou para baixo. Mantas violetas de seda formavam uma trilha sinuosa do quarto em que estava até o quarto ao lado. Ao chegar à porta, ficou boquiaberta de surpresa e deleite.

Ela já estivera naquele quarto antes, quando escalara a varanda e entrara pela janela, mas não estivera como agora. Daquela vez, estava tudo coberto de poeira. Até os lençóis. Agora, era um quarto feito para o prazer. Havia candeeiros nas paredes, luz dourada brilhando sobre a cama de lençóis de seda preta. Maddox havia limpado tudo. Para ela. Seu coração inchou no peito, batendo loucamente.

Onde ele estava?

As portas da sacada estavam abertas, convidando o ar frio e renovado a entrar. Ela se aproximou, indiferente à temperatura gelada devido ao sangue aquecido. Maddox estava de costas para ela, segurando o parapeito da sacada, os cabelos, molhados e bagunçados. Seus ombros largos e bronzeados estavam nus.

Ela jamais o vira com as costas nuas.

Havia uma enorme tatuagem de borboleta que ia do alto dos ombros até logo abaixo da cintura da calça. Era vermelha, quase como néon, e parecia raivosa. Má. Como se pudesse saltar das costas dele e cortá-la ao meio. Estranho, pensou. Borboletas eram criaturas tão delicadas que jamais teria imaginado que uma pudesse ser tão ameaçadora. Ou que um homem tão... bem, másculo como Maddox tivesse um desenho daqueles tatuado em seu corpo.

— Maddox — sussurrou, sem fôlego.

Ele se virou de repente, como se ela tivesse gritado. Seus lábios sensuais estavam franzidos. Naquele momento, ele não era o amante que a deixara tomar banho e se preparar para horas de prazer. Era o guerreiro que tentara deixá-la sozinha na floresta.

— Tudo bem?

— Há um cobertor amarrado àquela sacada. — Ele apontou para a direita, mas sem parar de fitá-la. — Sabe algo a respeito disso?

Exceto pela noite na floresta, ele raramente olhava para ela com raiva. Geralmente, este era o tipo de sentimento que ele direcionava para outros. Por isso, sentir aqueles olhos cor de violeta, agora emoldurados pelo mesmo vermelho-néon da tatuagem, voltados para ela como se fossem um dedo em riste, era um tanto desconcertante.

A boa notícia? Com raiva ele podia estar, mas aquela bizarra máscara esquelética não lhe cobrira as feições. Sentindo-se mais forte devido a isso, Ashlyn empinou o queixo e se aproximou dele.

— Sim. Sei algo a respeito disso.

— Se você fosse qualquer outra pessoa — disse ele severamente —, eu pensaria que amarrou a coberta ao parapeito para que Caçadores pudessem subir e entrar na fortaleza.

— Mas você não pensa isto de mim, não é? — Se a pergunta tivesse dentes, ele teria sido mordido. Com força.

— Não — disse, e ela relaxou. Ligeiramente. — Então, me diga — ele continuou —, para que usou isso?

Hora de confessar.

— Eu lhe disse que Torin me escondeu, certo? Bem, ele me trancou para que seus outros amigos não me achassem, o que, até agora, eu mesma não entendi. Então, não me pergunte. Ouvi seus gritos e fiz o que foi preciso para chegar até você.

Ele deu um passo ameaçador em direção a ela e depois se deteve, como se temesse chegar perto demais dela naquele momento.

— Podia ter caído e morrido — ele disse em voz baixa.

— Mas não caí.

— Ficou pendurada no ar, Ashlyn.

Não recue. Não durante aquele momento crítico. Eles haviam acabado de deixar claro que se gostavam e que estavam dispostos a levar o relacionamento ao próximo estágio. Qualquer coisa que acontecesse naquele momento seria a base para brigas futuras. E haveria brigas. Ele era teimoso demais, e ela, determinada demais.

— Sim — concordou. — Fiquei.

— Nunca, nunca mais faça isto outra vez! — Diminuiu ainda mais a distância entre eles e se curvou, eliminando o espaço pessoal de Ashlyn. — Entendeu?

O coração dela atingiu uma velocidade supersônica.

— Diga a seus amigos para não me trancarem, e, *então*, juro que não faço.

Ele arregalou os olhos, perplexo. Será que ele esperava que ela pedisse desculpas em prantos?

— Vou matá-los — rosnou, para a surpresa dela. — Você poderia ter morrido.

Enquanto passava por ela, Ashlyn viu a morte em seus olhos. Ah, não, não, não. Nada de abandoná-la. Nada de espancar os amigos. Não naquele momento. Ashlyn se aproximou sem hesitação, sem medo, e segurou seu largo e sólido bíceps. Rosnando, ele deu meia-volta e olhou para ela.

— O dia de hoje não será arruinado por mais dor — ela lhe disse.

— Ashlyn.

— Maddox.

Ele poderia tê-la empurrado para longe. Podia tê-la rejeitado, amaldiçoado. Batido nela. Em vez disso, redirecionou o foco de suas emoções.

— Você poderia ter morrido. — Com um grunhido grave e animalesco, ele uniu os seus lábios aos dela. Sua língua lhe adentrou a boca, passou pelos dentes, introduzindo-se com força.

Finalmente. Obrigada, Senhor, finalmente. Ela sentiu o sabor da mistura de paixão e calor, e foi o gosto mais sensual que ela já sentira na vida. Inebriante. Seu sangue instantaneamente faiscou.

— Não quero... machucar... você — ele rosnou, falando entre um beijo e outro.

— Não posso.

— Machucar...

— Não vou.

Ele virou a cabeça para o lado enquanto intensificava o beijo, servindo-se ainda mais daquela boca, saciando-lhe a fome que vivia dentro dela. Ela adorou, se entregou. Maddox era pura paixão, paixão de tirar o fôlego, e ele se entregava e a sorvia com ferocidade. Como ela queria; como ela precisava.

— Vou lhe dar o que você deseja, e juro pelos deuses que não vou machucá-la — ele disse.

— Eu quero você e tudo que tem para dar. Tudo.

Ele lhe agarrou o traseiro e a puxou para junto de si, tirando o ar de seus pulmões. Sem fôlego, ela envolveu a cintura dele com as pernas. Ele a imprensou contra a parede. Ela sentiu a pedra fria nas costas nuas, mas não se importou.

A loucura jamais fizera parte da sua vida. Casa, trabalho, casa, trabalho. Era tudo a que se resumia sua vida. Ela dissera a Maddox que gostava da solidão, mas a verdade era que havia momentos em que ficava sedenta por um toque. Qualquer toque.

Aquilo era mais do que ela jamais sonhara.

O membro ereto pressionou entre as coxas abertas dela, sem entrar, ainda não, mas rígida e quente através do tecido da calça, através da toalha, atingindo-a exatamente onde ela mais precisava. Um gemido lhe escapou. Ela o agarrou e cravou-lhe as unhas no peito. Os mamilos dele estavam tão duros que chegavam a arranhar a pele.

— Isto é bom — disse ele, abrindo a mão sobre um dos seios dela. O toque não era delicado, mas também não era rude, oferecendo o equilíbrio perfeito entre prazer e dor. Ele tremia, como se estivesse se segurando por um único fio de autocontrole.

— Sim. — *Sim.* Ela sentiu o ventre tremer, emitindo deliciosas ondas de calor ao resto de seu corpo. Curvou-se para a frente, para trás, para a frente, esfregando-se contra o membro rijo. Nunca ficara tão molhada antes. Nunca se sentira tão necessitada, dolorida. Nunca quisera se afogar, morrer, viver, voar, tudo ao mesmo tempo; mas, naquele momento, sim.

— Quer que seja... como nos livros que você lê? — Ele mordiscou-lhe o queixo e foi descendo pelo pescoço.

— Já disse. Quero você. Só você. — As mordidas doíam um pouco, mas ele as lambia até passar o incômodo, acendendo-lhe o desejo. Ele puxou a toalha para baixo e segurou os mamilos dela entre os dedos de um jeito ainda mais brusco que com os dentes. O peito dele ressoava um som primitivo de desejo que espelhava o dela própria.

— Toalha. Tire. — Ele não esperou pela resposta e deu um puxão, tirando o pano dela e jogando sobre o próprio ombro.

Ela sentiu na pele o beijo do ar gelado. Em vez de tomá-la nos braços e aquecê-la, ele a empurrou e a observou. Apenas observou, de cima a baixo, lentamente, demorando, saboreando. De alguma forma, o olhar dele era mais quente do que um toque, obstruindo o frio.

Quando ele olhava para ela daquele jeito, Ashlyn se sentia uma deusa. Uma sereia. Uma rainha.

— Linda — disse ele. — Tão linda. — Suas mãos seguiram o mesmo caminho traçado pelos olhos. Ele tocou o corpo dela por inteiro, sem deixar nenhum pedaço inexplorado.

— Sua.

— Minha. — Ele lambeu e sugou a base do pescoço, deixando um rastro flamejante. — Você é a coisa mais perfeita que já contemplei. — Ele segurou os seios novamente. — Mamilos rosados perfeitos, feitos para minha boca.

— Prove-os.

Ele lambeu um dos mamilos com aquela língua malvada, depois, voltou sua atenção para o outro. Então, a fez recuar até o meio do quarto e se ajoelhou.

Ela fechou os olhos em completa entrega. Coisas impressionantes aconteciam quando aquele homem ficava de joelhos. Coisas sensuais. Ele levou uma das mãos ao âmaguço de Ashlyn e a abraçou bem junto a si. E, enquanto seguia lambendo, ele acariciava as coxas dela com a mão livre.

Toque aí... aí mesmo... Oh! Toda vez que os dedos dele lhe roçavam o clitóris, se afastavam antes de explorá-lo totalmente. Frustrada, ela quase caiu. Ele a segurou de pé, os dentes lhe roçando a carne.

— Preciso de mais — disse ela.

— Em breve.

— Maddox — ela disse, desesperada. Bastaria que ele lhe introduzisse o dedo, e ela atingiria o ápice. No entanto, mais do que aquilo, ela queria explorar o corpo dele também. Tocá-lo também. Ela estava arfando, mal conseguindo articular as palavras.

Ele se levantou antes que ela pudesse piscar, fitando-a com os olhos em chamas, uma mistura de vermelho, preto e púrpura. Sem nada dizer, ele a levantou e a jogou na cama. Ela sentiu a seda fria na pele quente. Então, ele estava em cima, imobilizando-a. Seu peso era surpreendentemente delicioso e mais sensual do que ela jamais poderia ter previsto.

A luz dourada o banhava, criando um halo. Ele era mesmo um anjo naquele momento. O anjo *dela*. Seu salvador e seu amante.

— Tire a calça — ordenou ela. O peito nu dele ardeu deliciosamente nela, e Ashlyn mal podia esperar para sentir-lhe as pernas nuas... o membro rijo e inchado, sem nada para atrapalhar.

Ele não obedeceu. Tremendo, ela levou a mão à cintura da calça para puxá-la para baixo. Ele balançou a cabeça, contendo-a.

— Quando a calça sair, ficarei dentro de você. — A voz dele estava densa e grave.

— Ótimo. Quero você dentro de mim.

— Não acabei de degustar. — Ele a soltou um pouco e passou os dedos sobre o ventre.

Ah, Deus.

— Sim, deguste mais. Eu quero... Preciso... — Mais de tudo. Se ele não a deixasse tirar a calça, ela daria um outro jeito. Enfiou a mão por dentro da calça e o segurou.

Ele inspirou, sibilante. Seu olhos se fecharam brevemente.

— Ashlyn.

Ele era tão grande que ela não conseguia fechar a mão. Grosso, pleno, impressionante. Enquanto ela movimentava a mão para cima e para baixo, como o vira fazer no chuveiro, tão bom, sem parar, ele finalmente, *finalmente*, conseguiu penetrá-la com um dedo. Ela arfou com a sensação alucinante.

Ele parou.

— Bom?

— Bom — disse ela com um gemido.

Voltando à ação, ele fez o dedo entrar e sair. Primeiro, lentamente... e mais rápido... mais rápido... Ela se curvou e tensionou os músculos, tentando mantê-lo lá dentro.

— Mais?

— Mais — ela sussurrou.

Ele introduziu outro dedo, abrindo-a mais. Ela apertou as coxas dele com os joelhos, rendendo-se à sua vontade. Seus olhares se encontraram. O suor pontilhava o rosto dele e a tensão lhe circundava a boca.

— Quente — ele disse. — Molhada.

— Grande — ela disse, apertando-o. — Duro.

— Todo seu.

— Meu — ela concordou. *Eu o quero para sempre. Agora e sempre.* — Mais.

Ele a penetrou com o terceiro dedo e houve uma leve ardência. Ela adorou, amou o milagre de ser preenchida por ele.

— Minha — ele disse. Seu membro pulsava na mão dela. — Pronta, linda?

— Sim. Ah, sim. Tão pronta. — Mais do que pronta. Jamais quisera algo de forma mais intensa. Ela daria a vida de bom grado para sentir o que estava sentindo. — Sim. Por favor.

Ela massageou-lhe as costas e arranhou a pele enquanto ele empurrava a calça até os tornozelos e chutava a peça de roupa para longe. Sem cueca. Ele estava finalmente, total abençoadamente nu.

— Olhe para mim.

Ela olhou, seus olhares tão entrelaçados quanto os corpos. A ponta dura do pênis fez pressão entre as pernas dela, mas não entrou por completo. Ela arqueou o quadril, instando-o a entrar. Ele não se mexeu. Apesar de ter afirmado que ficaria dentro dela no momento em que tirasse as roupas, ele resistiu.

— Preciso de um momento... para manter o espírito... sob controle — ele disse. — Não quero sair. Não quero me afastar. Mas os impulsos...

— Humm, impulsos. Sim.

— Não. Sombrios. Violentos. Rudes.

— Não estou com medo. — Não, ela estava excitada, disposta a ter Maddox e o espírito. Fazia parte dele, então, ela também o amaria.

— Devia estar. — O suor da têmpora dele pingou no rosto dela, e o ar gelado em nada ajudou a diminuir a temperatura entre eles. — Faz centenas de anos que não faço desse jeito. Olhando para uma mulher enquanto...

Ele não terminou, mas ela imaginava o que ele não havia conseguido dizer. Ele não olhava para uma mulher enquanto fazia amor com ela. Ashlyn o encarou de novo, todo o amor que sentia por ele reluzindo brilhantemente. Ela não tentou e nem conseguiria esconder.

— Não quero mais esperar.

— Precisa.

Ela ergueu os joelhos tentando puxá-lo para a frente, mas ele apoiou a mão aberta na cabeceira da cama, recusando-se a ceder. Grrr! Ela não queria que ele tivesse medo de machucá-la.

— Faça com força. Morda.

— Não. Não com você.

— Faça com força e me morda. Não vou quebrar.

— Não vou machucá-la. — Ele balançou a cabeça, recusando-se a olhar para ela. — Não vou machucá-la. Eu prometi.

Faça-o perder o controle. Prove a ele que, faça o que fizer, não vai conseguir machucar você. Sim, pensou, segurando-lhe o rosto e forçando-o a olhar para baixo, para ela. Se ele se segurasse desta vez, se continuasse a temer as coisas que queria fazer com ela, acabaria parando totalmente de tocá-la. Ele a abandonaria.

— Quero tudo o que você tem. Quero que me dê tudo agora — ela disse num gemido, mais uma vez tentando fazê-lo deslizar para dentro de si. — Estou tão molhada que já está até doendo.

Os gemidos curtos dele lhe enchiam os ouvidos.

— Apenas mais alguns minutos. Vou apenas abraçá-la e, então, terei que ir embora.

Não, nada feito.

Ela foi descendo as costas dele com as pontas dos dedos, adorando a sensação aveludada sobre sua eletricidade. A tatuagem dele parecera tão real que ela esperava que fosse em relevo, mas não era. Ela lisa e quente, como todo o resto nele.

— Se você não quer me possuir... — Ela tentou parecer inocente enquanto lhe massageava as nádegas. Os músculos se contraíram ao contato. — Eu vou possuir você.

Sem qualquer outro aviso, ela apertou forte e se contorceu no mesmo instante em que se curvou à frente. O braço de Maddox se dobrou e ele a penetrou violentamente. Ela soltou um grito de dor e prazer simultâneos.

Maddox perdeu totalmente o controle.

Ele rugiu alto, longamente, recuando e investindo com força repetidas vezes. Ela arfou, sentindo-o tão profundamente que jamais conseguiria voltar a pensar em si mesma como sendo simplesmente Ashlyn. Ela, agora, era a mulher de Maddox.

Ele mordeu-lhe o pescoço, e ela estremeceu. Continuava a deslizar para trás e investindo com força à frente. A cama se sacudia por inteiro, as pernas de metal rangendo contra o chão. Ele lhe segurou um dos joelhos, ancorando-o na curva do braço, abrindo-lhe bem as pernas e penetrando mais fundo.

— Sinto muito — ele ficou repetindo. — Sinto muito.

— Não se desculpe. Sim, sim! — ela gritou.

Ele aumentou o ritmo, e suas investidas ficaram mais fortes.

— Ashlyn — ele arfou. — Ashlyn.

Ela estava pegando fogo, queimando de dentro para fora. Seus pontos de pulsação martelavam em sintonia com as investidas dele. Ela jogava a cabeça para frente e para trás, esquecendo-se de tudo a não ser do prazer.

Ele beliscou os mamilos, o que a deixou mais excitada.

Roçou os dentes na parte da frente do pescoço dela, e aquilo a deixou mais molhada.

Ele apertou com força as coxas, o que aumentou o seu desejo.

— Sinto muito — repetiu. — Sinto tanto. Queria ser delicado.

— Eu gosto com força. Quero mais forte. — A delicadeza poderia ficar para mais tarde, depois que ela fosse saciada. Depois que ele percebesse que ela poderia, e adoraria, receber tudo o que ele tivesse para dar. — Perto. Tão perto. — Quase lá. Só precisava...

Ele entrelaçou a mão nos cabelos dela e puxou seu rosto para junto do dele, investindo com a língua para dentro de sua boca. Aquele sabor delicioso a invadiu como se fosse uma droga, uma dose de heroína. Naquele instante, ela entrou em erupção. Explodiu. Flamas de êxtase a consumiram.

Seu corpo inteiro tremeu e gritou. Um berro lhe foi arrancado da garganta enquanto luzes e sombras se mesclavam em sua mente. Ela estava morrendo lentamente, morrendo rapidamente. Apenas... morrendo. Voando para o paraíso.

— Ashlyn! — Maddox gritou enquanto irrompia também. A semente quente foi derramada dentro dela, pulsando fundo... tão fundo... Os músculos dele ficaram tensos. — Minha. — Ele mordeu seu pescoço de novo, como se não conseguisse se conter.

Desta vez, ele extraiu sangue.

Devia ter doído, e doera, tão bom, tão bom, mas aquilo a fez alcançar o clímax mais uma vez. Tremeu e se contorceu contra ela, gritando de felicidade. Ela nunca pensara que prazer e dor pudessem se misturar de modo tão potente. Jamais teria imaginado que um pudesse desencadear o outro. Mas podiam. E ela estava feliz.

Ele caiu sobre ela, arfando de novo:

— Desculpe. Sinto muito. Não quis...

— Nada de desculpas. Estou contente. — A satisfação zumbia dentro de si enquanto recebia o peso dele. Satisfação e verdadeira felicidade.

— Sempre quis que fosse assim.

Ele rolou, apoiando-se nas costas, levando-a consigo. Com o corpo mole, ela deitou no peito dele. Ele a abraçou e começou a lhe alisar as costas.

— Você teria gostado mais de algo delicado. Especialmente sendo sua primeira vez.

Lentamente, ela sorriu.

— Duvido, mas estou disposta a deixar que você tente me convencer disto.
Ele a olhou com perplexidade uma fração de segundo antes dela montar sobre ele.
— Será um prazer.

Capítulo Dezenove

NUNCA, EM TODA sua vida, Maddox se sentira tão saciado. Em nenhum momento de seus milhares de anos.

Fizera amor três vezes com Ashlyn e, naquele instante, ela dormia ao seu lado, aninhada junto a ele, respirando sobre suas costelas. Depois de fazerem com força e rápido e, em seguida, devagar e delicadamente, ela alegara que precisava se lembrar de como era fazer com força e rápido antes de decidir de qual forma gostava mais.

Ele ficara chocado, perplexo e envergonhado por suas palavras, pois ele lhe mostrara o pior, a fera, a parte de si que ele mais desprezava, porém ela não fugira gritando. Não chorara. Não, ela pedira mais.

Ele sorriu ao lembrar. Um sorriso amplo e irrestrito, ele pensou, impressionado. Quando o espírito exigira que Maddox a marcasse, ele não fora capaz de fazer nada que não obedecer. Assim, ele a mordera e tirara sangue. Tudo o que havia de virtuoso dentro dele gritara em protesto, com vergonha. Mas ela gostara; realmente não se importara, e até o mordera em retribuição. E ele se sentia livre. Não precisava temer suas reações com ela. *Não precisava temer.*

Ela era tudo do que ele jamais imaginara precisar, todas as coisas sem as quais jamais conseguiria viver. Ela o havia... domado. Encantara o espírito. Ele contara a ela seu plano de mantê-la ali, e falara sério. O lugar dela era ao lado dele, naquele momento e para sempre.

Lentamente, ele passou o dedo sobre a coluna dela. Ashlyn murmurou, adormecida, e se aconchegou mais perto ainda. Emanava calor através do seio pressionado ao braço dele. Que tesouro ela era! Ele fora à floresta procurando um monstro, mas encontrara a própria salvação.

Com Ashlyn, Violência não era realmente violento. Em vez disso, o espírito era transformado em algo belo. Sombrio, sim. Sempre sombrio. Mas com sensualidade. Não mau, mas carente. Não destrutivo, mas possessivo. Dois dias atrás, ele não diria que algo assim seria possível.

Ashlyn. A domadora de demônios. Ele riu suavemente, com cuidado para não acordá-la. Após os excessos que haviam cometido, ela precisava conservar sua energia. Ele tinha planos para...

Abaixo deles, uma porta bateu. Um homem soltou um palavrão. Maddox reconheceu o rouco barítono instantaneamente. Reyes estava de volta.

O humor de Maddox instantaneamente passou de contentamento a raiva. Tinham contas a ajustar, ele e Reyes. Um aviso precisava ser transmitido. Algo que mostrasse ao guerreiro que qualquer tentativa de machucar Ashlyn teria consequências.

Maddox se levantou da cama, parando para se certificar de que não incomodara sua mulher. Os olhos dela permaneciam fechados, os cílios fazendo sombra sobre as bochechas rosadas.

Ele se vestiu calmamente. Camisa, calça, botas. Adagas. *Ela é nossa. Ninguém a machucará.* O espírito também queria vingança e estava fervilhando sob sua pele, em seu sangue, espalhando chamas, queimando... derretendo... mas Maddox não perdeu o controle.

Estou furioso e, ainda assim, comandando minhas próprias ações, ele pensou, desnortado. *Eu decido.* Era estranho. Maravilhoso e revigorante. E ele devia este controle recém-descoberto a Ashlyn.

Com uma olhada para trás, para ela, que dormia, ele saiu do quarto. O humor do espírito se enegrecia a cada passo para longe dela, mas, mesmo assim, não dominou a situação.

Maddox encontrou Reyes no vestíbulo, mas o guerreiro não estava sozinho. Os demais Senhores também se achavam lá, todos cortados e sangrando, e cobertos de fuligem. Havia também homens que Maddox não reconhecia...

Não, certamente não, ele pensou, confuso.

— Sabin?

Ninguém lhe deu a menor atenção. Sabin, santos deuses, estava ocupado demais tirando a camisa e observando a profunda fenda na lateral de seu corpo. Lucien estava com o braço ao redor de... Strider. Cameo estava sentada no chão com os joelhos junto ao peito. As pontas de seus cabelos escuros estavam chamuscadas, e o lado esquerdo de seu rosto, queimado. Gideon e Amun estavam encostados na parede, como se não conseguissem se manter de pé por conta própria.

Ver os guerreiros depois de tantos anos foi como um soco no estômago. O que estavam fazendo ali? Por que haviam ido até eles?

Paris grunhiu, chamando-lhe a atenção. O antebraço do guerreiro estava quebrado, um ferimento tão feio que o osso saía pela pele. Aeron estava... Maddox franziu o cenho. Aeron estava acorrentado ao corrimão e berrando palavrões. Pingava sangue de sua testa, um rio escarlate.

— Matar. Preciso matar — ele dizia com uma voz pesada e carregada de maldade. — Preciso do sangue delas. Humm, sangue...

Como haviam prometido os Titãs, Ira provavelmente assumira o controle. Isto significava que a necessidade de matar aquelas quatro mulheres o consumia naquele instante. Ele teria de ficar acorrentado até os Senhores encontrarem um meio de salvá-las... ou até que estivessem mortas?

Ao pensar nisto, Maddox foi tomado pelo ódio. Ódio dos Titãs, por fazerem o amigo dele chegar àquele ponto. Ódio dos gregos pela maldição inicial. Ódio dos Caçadores, por sua perseguição implacável; e, acima de tudo, de si mesmo quando jovem, por ter aberto a caixa naquela noite desastrosa.

— O que está havendo? — Maddox perguntou em tom autoritário. O fato de simplesmente não atacar provou o quanto Ashlyn o transformara. — Vocês acionaram uma de nossas armadilhas na colina?

Alguns dos guerreiros olharam para ele, contudo, a maioria o ignorou.

— Não — murmurou Sabin. — Essas nós evitamos.

— Bomba — disse Reyes, sem se dar ao trabalho de olhar. Ele tirava as botas, que estavam praticamente derretidas em seus pés. E estava sorrindo.

— Uma das nossas? — Maddox insistiu, sem acreditar em nenhuma palavra que saía da boca de Sabin.

— Difícilmente. Tenho perfeita noção de que não devo explodir a mim mesmo. — Reyes suspirou, finalmente dignando-se a olhar para ele. Havia confusão em seus olhos. — Por que vocês não estão me cercando?

Rápido como um estalar de dedos, Maddox desembainhou uma adaga e a lançou girando na direção do guerreiro. Num piscar de olhos, já havia desembainhado a outra e a atirou em Lucien. As lâminas passaram por cima do ombro esquerdo de cada um dos homens e se alojaram na parede atrás deles.

— Não tenham dúvidas de que, se tentarem algo do tipo outra vez, *irei* matá-los.

O olhar de Lucien estava vazio. Ele parecia calmo, mas, ainda assim, Maddox sentiu alguma coisa borbulhando sob aquela superfície serena. Suas feições estavam tensas, como se ele fosse um bloco de gelo que tivesse levado marteladas demais. Estaria prestes a rachar?

— Você deveria estar feliz por não termos conseguido encontrá-la. Eu estou. Os Caçadores

brincaram conosco como se fôssemos marionetes, nos atraindo para um local específico e nos saudando com bombas.

Bombas. Uma nova guerra realmente começara, então. Maddox desceu os degraus que faltavam, trincando os dentes. Ele se aproximou de Aeron e levou um soco na coxa pelo seu esforço. Era melhor do que ser apunhalado, imaginou.

— Então, por que Sabin está aqui? — Ele não encarou o homem em questão. — *Ele* trouxe os Caçadores?

— Aparentemente, os Caçadores já estavam aqui. Sabin os seguiu e, agora, quer que ajudemos a encontrar *dimOuniak*. — Reyes jogou as botas destruídas de lado. Seus pés estavam em carne viva, cobertos por bolhas.

— Desculpe por soltar nossos velhos amigos em você. — Agarrando o braço quebrado, Paris o bateu contra a parede, colocando o osso no lugar. Ele fez uma careta e empalideceu. — Mas são impressionantes as decisões que uma pessoa toma quando seu cérebro está espalhado pela pista de dança de uma boate.

Lucien apoiou a mão aberta na parede e se debruçou, fazendo uma careta.

— Na hora em que conseguimos recuperar a consciência, os Caçadores já tinham ido embora. Não deixaram rastro, e não sabíamos se estariam à espera no hotel de Sabin. Aqui, pelo menos, sabíamos que estaríamos em segurança, já que Torin tem tudo sob vigilância.

— Eles sabiam o que estavam fazendo e, obviamente, vinham se preparando fazia muito, muito tempo — disse Reyes. — O que quero saber é por que eles não ficaram lá e cortaram nossas cabeças enquanto estávamos incapacitados.

— Estão planejando outra coisa. — Paris deu de ombros. — Só pode ser.

Todos se voltaram para Sabin. Ele deu de ombros.

— Eles querem sangue. Esperem qualquer coisa.

Reyes assentiu.

— Devemos nos equipar e encontrá-los antes que tentem outra coisa.

Sabin limpou o rosto na camiseta, dizendo:

— Eu me lembro de uma época em que vocês teriam preferido romper com os amigos a atacar Caçadores.

— Não — disse Lucien a ele. — Nós rompemos com amigos que queriam destruir a cidade inteira com todo mundo dentro. Nós rompemos com amigos que atacaram um dos nossos.

Com olhos desolados, Sabin lhe deu as costas.

Maddox olhou pelo vestíbulo, observando o grupo, um a um.

— Onde está Torin?

Lucien foi tomado por uma imobilidade letal.

— Ele não voltou do cemitério?

Cemitério? Torin havia saído da fortaleza? O que mais Maddox perdera enquanto estivera morto?

— Acho que não. Não o ouvi entrar, mas eu estava... ocupado.

Franzindo o cenho, Sabin pegou um walkie-talkie.

— Kane. Na escuta?

Nada.

— Kane.

Novamente, nada. Já um pouco em pânico, Sabin repetiu:

— Kane. Responda.

Nada.

Todos se entreolharam.

Lucien passou a mão no maxilar, e suas feições transmitiram um esgotamento ainda maior.

— Temos que encontrar Torin antes que alguém o faça. Maddox, pegue ataduras e nos encontre lá em cima. Quero estar à caminho daqui a dez minutos.

Um soluço feminino subitamente soou em seus ouvidos. Maddox deu meia-volta e viu Ashlyn parada no alto da escadaria. Aqueles cachos longos que ele tanto amava lhe emolduravam os flancos, e ela estava de olhos arregalados, preocupados. Usava uma de suas camisas e aquela folgada calça de moletom.

Em segundos, ele já estava ao lado dela e puxando-a para trás de si para que não fosse vista. Não sabia se podia confiar nos novos membros da “família”. Não de verdade. Não mais. Já se passara tempo demais para que sentisse qualquer tipo de ligação familiar com eles.

— Acho que nem preciso perguntar a quem a humana pertence — disse Sabin secamente.

— O que aconteceu com eles? — perguntou Ashlyn, horrorizada. — Ela deu uma olhada por sobre o ombro de Maddox. — Eles estão tão ensanguentados! E quem são as pessoas novas?

— Foi um ataque a bomba. Os homens são... como nós.

— Cinco minutos e uma faca — gritou Aeron, puxando seus grilhões. — É só disso que preciso.

Pálida, Ashlyn agarrou o braço de Maddox. Reyes foi para perto do prisioneiro, que não parava de praguejar, e socou-lhe o rosto. Uma, duas, três vezes. Socou até Aeron cair no chão. Maddox pensou ter ouvido Aeron agradecer, mas não tinha certeza.

Enquanto os guerreiros se arrastavam para o andar de cima, Maddox manteve Ashlyn atrás de si. Quando já estavam a sós, ele se voltou para ela e passou-lhe o dedo levemente pelo maxilar.

— Volte para meu quarto. Por favor — acrescentou. — Estarei lá assim que possível.

Determinada, ela o fitou por debaixo do grosso leque de cílios.

— Eu posso ajudá-los, e as outras mulheres, também. Danika me ajudou quando eu estava doente, lembra? Ela é boa em tempos difíceis. E eu também sou.

Ele balançou a cabeça levemente.

— Não quero você perto deles.

— Se vou ficar aqui, tenho o direito de conhecer seus amigos.

— Nem todos aqueles homens são meus amigos. Você poderá conhecer os que são em um outro dia. Agora, precisa descansar.

— Não preciso, não. — Ela apoiou os punhos nos quadris. — Eu me recuso a ficar deitada na cama o dia inteiro quando posso fazer algo de produtivo.

— O descanso é produtivo.

— Não é, não.

— Não conheço alguns daqueles homens, Ashlyn. Não mais. Se um deles tentasse lhe fazer mal... — Só de dizer aquelas palavras, uma fúria se avivou dentro dele.

— Quero ajudar. Nunca fiz parte de uma família antes. — De repente, ela lhe pareceu mais vulnerável do que nunca, olhando para as próprias mãos, que estavam torcendo o tecido da camisa. — Tudo que sempre fiz foi ficar escutando, deixada de lado, e tudo que sempre quis foi fazer parte de alguma coisa. Deixe-me ajudar sua família, Maddox.

Ele sentiu um nó lhe apertando o peito. Não conseguia negar nada àquela mulher. Nem mesmo aquilo. Ele observaria atentamente os homens, ficaria o tempo todo atrás dela, se necessário, mas não a impediria de ajudar.

— Vá para o meu quarto e pegue todas as toalhas que conseguir carregar. — Ele sempre tinha um abundante estoque. — Sabe onde fica a sala de entretenimento?

Ela balançou a cabeça, e ele explicou. Ao terminar, um sorriso de felicidade iluminou o rosto de Ashlyn.

— Obrigada. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou-lhe os lábios de leve.

Ele não deveria ter feito isso, mas imediatamente aprofundou o beijo, imprensando-a contra a parede. Ela o fazia esquecer tudo que não fosse o desejo. Ele foi inundado pelo sabor de Ashlyn, aquela droga peculiar da qual ele nunca se fartava. Ela levantou uma das pernas e envolveu-lhe a cintura.

Com a mesma velocidade, a paixão se pôs a tremer dentro dele. Seu membro latejava, e a mão tremia com a necessidade de rasgar as roupas dela e redescobrir aquelas curvas nuas. Mergulhar no corpo de Ashlyn, sentindo a língua dela em sua boca, quente e molhada, correspondendo a cada investida com outra. Ela gemeu. Ele engoliu aquele som. Delicioso.

— Maddox! — gritou Reyes do corredor abaixo. — É para hoje.

Maddox se afastou de Ashlyn, lamentando, interrompendo o contato. Era mais seguro assim. Outro toque levaria a outro beijo. Outro beijo, e ele a levaria de volta para o quarto, esquecendo-se dos amigos... e dos inimigos.

— Isso foi... gostoso — disse ela, abanando-se.

Maddox a observou com pálpebras pesadas. Os lábios estavam vermelhos, inchados e úmidos, e ela passou a língua por eles como se estivesse saboreando o gosto de Maddox. Ele teve de desviar o olhar, mas seus olhos foram atraídos novamente no instante seguinte. Os olhos dela estavam luminosos, dourados, ardentes. Por ele.

Ela sentiu uma pulsação lhe martelando a nuca. Ele se viu prestes a tocar o ponto latejante, mas se conteve a tempo. Nada disso. Não agora.

— Maddox — chamou Lucien.

— Você vem ou não vem? — gritou Reyes.

— Toalhas — ele disse para Ashlyn e deu meia-volta antes que convencesse a si próprio a ficar.

AQUELE HOMEM ME incendeia, pensou Ashlyn, observando Maddox descer o corredor. Ele dobrou a esquina às pressas, sumindo de vista. O coração dela ainda batia freneticamente.

Sorrindo de forma sonhadora, ela passou as pontas dos dedos nos lábios, que ainda estavam formigando. Fora bom que Maddox tivesse se afastado. Mais alguns segundos daquele beijo devastador, e ela teria permitido... ou melhor, *implorado* para que ele a possuísse ali mesmo, à vista de todos.

Ela ouviu um homem resmungar, outro gritar palavrões, e recobrou a atenção. Não havia tempo para ficar tendo delírios com Maddox. Ela entrou em ação. O ar estava gelado, um pouco úmido, mas revigorante. Ela adorava aquelas janelas de vitrais do castelo e as pedras brilhantes que transmitiam durabilidade e passagem do tempo.

Ela gostaria de visitar o lugar onde haviam detonado a bomba e ouvir as conversas que haviam acontecido por lá. *Gostaria? Darrow, você vai.* Em geral, ela odiava seu dom. Não havia real propósito para ele, nem um trabalho relevante o suficiente para justificar seu sofrimento constante. Para Maddox, contudo, ela ficaria feliz e ávida por ouvir as vozes repetidamente, sem parar. Não gostava de saber que havia homens à espreita, esperando para matá-lo.

Quando ela lá fora ouvir, procurando maneiras de quebrar a maldição que fora lançada sobre Maddox, o que ela pretendia fazer naquela noite, procuraria também ouvir onde acontecera o ataque a bomba e ir até o local. Se tivesse sorte, ela ficaria sabendo onde os caçadores estavam escondidos e como salvar Maddox da morte.

Provavelmente, estava sendo otimista demais, mas esperança era a última que morria.

Ela reparou numa trilha de sangue e ficou boquiaberta, horrorizada. Só relaxou ao perceber que os guerreiros feridos deviam ter passado por ali.

...em algum lugar. Certo?

O pequenino fragmento de conversa surgiu de repente em sua mente, surpreendendo-a. O pessoal novo? Ashlyn parou com um pé suspenso no ar. Aguçou os ouvidos, mas nada mais lhe veio. Estranho. Era uma voz de homem, a qual não estava lá pouco antes.

Ela deu outro passo. Nada. Mudou de direção, deu outro passo.

Sim. Aposto que sim.

Pronto. Captara novamente. Ela engoliu em seco e continuou naquela direção...

Vamos, por aqui... onde eles estão... com sorte, ainda lá fora... já perdemos muitos com aquelas malditas armadilhas... tempo demais para limpar toda a sujeira... será que eles sabem... lutar...

...e ela logo se viu em frente à porta que privava Danika e sua família da liberdade.

Ah, inferno. Alguém, vários “alguéns”, na verdade, havia entrado. Não era o pessoal novo, então. Será que ainda estavam lá? Havia ferido as mulheres? A mão de Ashlyn tremia quando segurou a maçaneta. Espere. Talvez ela devesse correr e contar a Maddox.

Os intrusos poderiam ser Caçadores.

Ela engoliu em seco, sentindo um nó na garganta. Se fossem os mesmos homens que haviam plantado aquela bomba, podiam estar plantando outra naquele exato momento. Ela recuou, decidida a alertar Maddox. *Você não pode deixar Danika e as outras aqui, Darrow.*

— Elas vão ficar bem — sussurrou ela. De acordo com Maddox, os caçadores só queriam fazer mal aos imortais. Certo? Certo. Ela deu mais um passo para trás. Contar a Maddox era a coisa mais inteligente a fazer. Ele poderia detê-los, ela, não.

Mais outro passo e a conversa voltou a lhe atingir a mente.

Onde ela está?

Juro por Deus que queria saber.

Acha que eles... a mataram?

É possível. Inferno, até algo pior é possível. Eles são demônios. Pausa, suspiro. *Droga, eu devia ter posto mais guardas tomando conta dela.*

Seu chefe, ela se deu conta. O dr. McIntosh estava ali. Ela devia ter ficado aliviada ao ouvi-lo, feliz por ele se importar a ponto de ir atrás dela. Mas... ele colocara homens tomando conta dela? Como ele havia se infiltrado na fortaleza?

Ashlyn, meu bem. Se você estiver ouvindo, encontre-nos no Gerbeaud às...

E se ela estiver trancada? Não vai conseguir sair sozinha.

Shh. Ouço alguém se aproximando.

Depois, silêncio.

Ela esfregou os dedos na testa, tentando fazer brotar alguma ideia inteligente. Será que ainda estavam ali? O que Maddox faria se os encontrasse? O que eles fariam a Maddox? Sentiu uma onda de pânico tomar seu corpo. *Está bem, está bem. Pense, Darrow. Pense.*

No final, ela não teve que decidir nada.

A porta à sua frente se abriu, e McIntosh deu uma olhada no corredor. Arregalou os olhos ao vê-la. Seu rosto conhecido a tranquilizou, mas, pela primeira vez, também a deixou desconfortável.

— Ashlyn! Você está viva!

— McIntosh, eu... eu...

— Shh, aqui, não. — Ele esgueirou o braço para fora e puxou para dentro do quarto, fechando a

porta suavemente. A primeira coisa na qual ela reparou foi que Danika e a família estavam desmaiadas no chão.

— Ah, meu Deus. — Tentou se aproximar delas, mas seu chefe a segurou com mais força, mantendo-a no lugar. Vários outros homens estavam observando o quarto, procurando por... ela não sabia o quê. Tampouco os reconheceu. Jamais os vira no Instituto.

Um dos homens tossiu e engasgou de um jeito repugnante, atraindo o olhar de Ashlyn. Havia sangue em suas mãos. Jesus amado. Ele tossiu novamente, curvando-se. Estava alarmantemente pálido, e havia hematomas em seus olhos. Outra tosse.

— Quietos — sussurrou McIntosh ferozmente.

— Desculpe. A garganta dói.

— Cinco minutos atrás não doía.

— Agora — tosse —, dói.

Ashlyn soltou o braço que seu chefe estava segurando e correu para perto de Danika, agachando-se ao lado dela.

— Ela está... — Ela procurou sentir o pulso. *Tum, tum.* Graças a Deus.

— Apenas dormindo — assegurou McIntosh.

Os ombros dela relaxaram de alívio.

— Por que fez uma coisa dessas? Por que as deixou desacordadas? — Enquanto ela falava, trechos da conversa deles passavam por sua mente.

Quem é você?, Danika exigira saber. *O que faz aqui?*

Eu faço as perguntas. Quem são vocês?, o chefe dela perguntara.

Prisioneiras.

Também estavam à procura da caixa?

Ashlyn sentiu um aperto no coração ao ouvir aquela pergunta.

Caixa? A confusão de Danika estava clara em seu tom de voz.

Eles lhe disseram onde está? O entusiasmo de McIntosh era nítido.

Ele provavelmente a agarrara, pois ela gritara. *Solte-me!*

Disseram?

Reyes! Reyes, socorro!

Cale a boca, ou serei forçado a silenciá-la à força.

Reyes!

Devia ter havido luta, pois Ashlyn a ouvia bufar, esforçando-se, ouvia a família de Danika arfando, depois, chorando e, em seguida, um súbito silêncio. Mais conversa sobre drogar as mulheres e usá-las como Iscas depois, se necessário.

Caçadores, ela se deu conta e fechou os olhos, horrorizada. Suspeitara disso no dia anterior ao falar com Danika, mas descartara prontamente a ideia, lembrando-se de como o Instituto era bondoso e nobre. Para ser honesta, uma parte de si presumira que ninguém conseguiria *lhe* ocultar um segredo daqueles. Mas aqueles homens *eram* caçadores. Já não havia como negar. Ela abriu os olhos e os fixou no chefe.

A náusea revirava seu estômago. Ele sempre soubera da caixa. Estivera procurando por ela, mas não lhe dissera nada. Ah, Deus.

Ele havia mentido para ela. Ela dedicara a vida inteira a uma causa inexistente. McIntosh lera contos de fada para ela todos aqueles anos antes, lhe dissera que ela era especial, que tinha um destino maior. Ela pensara estar ajudando a tornar o mundo um lugar melhor. Em vez disso, ela o ajudara a destruir pessoas, talvez inocentes. Ela foi invadida por uma sensação de traição, tão forte

que quase a fez cair de joelhos.

— Você não estuda as criaturas que encontro para você, não é? — ela perguntou suavemente. — Caçador.

— É claro que sim — disse ele, ofendido. — Sou cientista, afinal. Nem todo funcionário do Instituto é Caçador, Ashlyn. Vide você mesma. Noventa por cento de nosso trabalho é mera observação. Mas, quando descobrimos o mal, nós o destruímos. Sem piedade.

— Que direito tem você de fazer isso?

— A moralidade. O bem maior. Ao contrário dos demônios daqui, não sou um monstro. Tudo que faço é pela segurança da humanidade.

— Como eu fiquei sem saber? — ela arfou. — Como não ouvi nada?

Ele empinou o queixo, pedindo-lhe com os olhos que entendesse.

— São poucos os que fazem o trabalho sujo em si. E jamais falamos sobre isso no local de trabalho. E não deixávamos você entrar nos lugares em que havíamos estado.

— Todos esses anos. — Ela balançou a cabeça, perplexa. — Não me admira que você mal permitisse que eu ficasse onde você não pudesse me ver. Não queria que eu deparasse com nenhuma informação que não devesse saber.

— Quer informação? Posso lhe mostrar fotos do que esses demônios fizeram. Coisas que a farão vomitar. Coisas que vão fazê-la querer arrancar os próprios olhos, para nunca mais ter de ver uma imagem daquelas de novo.

Ela abraçou o ventre.

— Devia ter me contado a verdade.

— Eu queria que você ficasse o mais afastada possível disso. Realmente me importo com você, Ashlyn. Sabíamos que havia dois grupos de demônios. Faz anos que lutamos contra um deles, sempre procurando o outro. Então, uma de nossas agentes descobriu Luxúria. Trouxemos você a Budapeste para ouvir e descobrir tudo que pudesse sobre estes novos inimigos. Não era para você ter se aproximado deles.

O trabalho de sua vida havia se transformado em algo malicioso e doentio. *Fui tão tola.*

— Você veio matar esses homens, mas eles não tratam o povo de Budapeste com nada além de bondade. Doam dinheiro como se fosse água e mantêm os níveis de crimes sempre baixos. Ficam isolados e raramente saem. *Você* explodiu uma boate.

McIntosh se aproximou dela com uma expressão determinada.

— Não viemos para matá-los. Não podemos. Ainda não. Anos atrás, descobriu-se que matar um Senhor implicava a liberação de seu demônio no mundo; um demônio que não passa de um instrumento doentio de destruição, desfigurado por ser mantido em cativeiro. Não, estamos aqui para capturar os guerreiros. Quando encontrarmos a caixa de Pandora, poderemos prender os demônios e nos livrar dos homens que os abrigam. *Você* descobriu isto para nós, lembra? — Ele esticou o braço e lhe agarrou os ombros. — Você sabe onde está? Eles lhe disseram?

— Não.

— Você deve ter ouvido alguma coisa. Pense, Ashlyn.

— Já disse. Não sei onde está.

— Não quer viver em um mundo livre do mal? Livre de mentiras, tristeza e violência? Você ouve mais destas coisas em um dia do que a maioria das pessoas escutam a vida inteira. — Ele a observou longamente, franzindo o cenho. — Cultivei seu talento durante anos. Dei a você um lugar onde ficar, o que comer e uma vida tão tranquila quanto possível. Tudo o que pedi em troca foi que usasse seu dom para encontrar as criaturas que vivem entre nós.

— E eu sempre fiz isso. Mas não ouvi nada de novo sobre a caixa — insistiu ela, enojada.

O cenho dele ficou ainda mais franzido.

— Tem de ter ouvido. Você não era uma prisioneira como estas mulheres. Podia andar livremente pelos corredores. — Ao falar, ele arregalou os olhos, como se suas próprias palavras lhe houvessem oferecido uma assustadora revelação. Ele a soltou e enfiou a mão no bolso para pegar uma seringa cheia de um líquido claro. — Você trabalha para os monstros agora, Ashlyn? É isso o que está havendo? Esteve do lado deles o tempo todo? — O tom de traição na voz dele teria sido risível se ela já não estivesse tão amedrontada.

Ela deu um passo para trás, e outro. Bateu com as costas numa parede de tijolos e tentou se afastar. Braços fortes a envolveram, segurando-a onde estava. Não era uma parede de tijolos, afinal. Era um homem. Um Caçador. Ela lutou para se libertar.

— Onde está a caixa, Ashlyn? — o doutor exigiu saber. — É tudo o que quero. Diga onde ela está, e a libertarei.

Acalme-se. Enrole-o. Distraia-o. Quando ela não aparecesse com as toalhas, Maddox iria procurá-la.

— Você é um Caçador, mas não tem tatuagem no pulso. — Maddox não dissera algo sobre tatuagens? — Por quê?

Ele levantou o braço e puxou a manga da camisa para baixo. Ela viu uma intrincada imagem preta de um número oito deitado.

— Apenas me certifiquei de que você jamais a percebesse. Meu pai me levou para fazê-la no meu aniversário de 18 anos, quando jurei dar prosseguimento ao legado da família.

Como ela nunca soubera? Ela se sentiu tão burra. A mulher que pensara ser imune a mentiras havia sido enganada durante anos. Vergonha e culpa se uniram aos sentimentos de traição e medo.

Apenas o mantenha falando.

— Por que o símbolo do infinito? — perguntou ela, mal conseguindo falar.

— Nosso propósito é uma eternidade sem mal. Que símbolo melhor?

— Mas os homens daqui não são maus. Não são mesmo. Eles cuidaram de mim, me ajudaram. Se os conhecesse, você...

O rosto dele foi coberto por uma cortina de ódio.

— Conhecer um demônio? — Ele trincou o maxilar. Chegou mais perto. — Aquelas criaturas do submundo precisam ser destruídas, Ashlyn. Foram *elas* que derrubaram Atenas. As pessoas que eles mataram, a dor que causaram...

— Mas, se feri-los, você será tão mau quanto diz que eles são. Você já não matou gente para chegar até eles?

Sem aviso, ele fez um movimento rápido com o braço e enfiou a seringa no pescoço de Ashlyn. Uma dor aguda, uma onda de calor. Ela tentou se afastar. Tarde demais. Subitamente, ela sentiu a cabeça tão fraca que mal conseguiu se mexer. Uma estranha letargia tomava conta de seu corpo, tecendo fraqueza e sombras em seu sangue, em sua mente zonzas.

— Durma — disse McIntosh.

E ela dormiu.

Capítulo Vinte

MADDOX NÃO CONSEGUIA acreditar no que via. Alucinação? Pesadelo? Havia deixado os guerreiros feridos para verificar o quarto de Torin e ver se havia algum sinal do retorno do homem. Alarmado, encontrara sangue espalhado por todos os corredores. Agora, estava ali parado, em pé, à porta de Torin, e viu que este havia de fato retornado. Jazia no chão numa poça de sangue espesso e escuro. Tão escuro que parecia negro. Até mesmo seus cabelos prateados estavam manchados com aquele líquido vermelho-negro letal.

A garganta retalhada com um corte profundo.

Alguém havia tentado decapitá-lo e fracassara, ou abrira um corte nele para fazer com que se retardasse e obtivera sucesso. Os olhos de Torin estavam fechados, mas seu peito se elevava a cada intervalo de poucos segundos. Ele ainda estava vivo. Mas por quanto tempo?

A bile subiu até a garganta de Maddox; bile, fúria e determinação. Torin havia rastejado do cemitério até em casa depois que aquilo acontecera? Ou alguém havia se infiltrado na fortaleza, atacando-o pelas costas no salão? Fora Kane quem fizera aquilo? Ou um Caçador? Maddox perscrutou a sala, com o temor aumentando. Nenhum sinal de Caçadores, nem de Kane.

Ele gritou, chamando os amigos, enquanto considerava suas opções. Torin era como um irmão para ele; não poderia deixá-lo sofrendo daquele jeito. Mas não podia tocar nele também. Embora o próprio Maddox não fosse adoecer, sem sombra de dúvida, passaria a doença para Ashlyn.

Ashlyn. O culpado havia chegado até ela também? Não. Não! *Ajude Torin e encontre-a!*

Ele chamou os guerreiros novamente.

Não poderia se arriscar a ter contato físico com Torin. Teria de usar luvas. Movido pela urgência, Maddox disparou até o armário e retirou de lá um dos inúmeros pares de luvas pretas que Torin guardava. Puxou-as rapidamente da embalagem lacrada e as colocou nas mãos, antes de enrolar uma camiseta preta no pescoço, protegendo a pele do local.

Ele se curvou e pegou o homem ferido nos braços. Carregou-o até a cama e enrolou uma camiseta no pescoço dele, que sangrava, aplicando pressão para estancar o sangramento. Era estranho estar tão próximo dele depois de séculos de distância.

Os cílios de Torin se abriram lentamente, e Maddox se flagrou encarando olhos verdes cheios de dor. Violência já se preparava para a batalha, afiando suas garras, exigindo ação.

— Caçadores — gorgolejou Torin. Mal se ouviu a palavra. — Na colina. Vindo aqui . Querem caixa. Tocaram mim. Pegaram Kane. — E desmaiou, com o braço pendendo frouxo ao chão.

Maldição. Tendo feito tudo que podia, Maddox saiu correndo da sala, determinado a encontrar Ashlyn e os outros. *Fique calmo. Ela está bem.* Mas, só de pensar nela ferida ou algo pior...

— Ashlyn! — Se os Caçadores a tivessem pego depois de encostarem em Torin, ela certamente poderia morrer da doença.

Uma névoa negra bastante familiar cobriu-lhe a visão.

Ela não estava no quarto dele, e não parecia que sequer havia estado lá. As toalhas estavam como ele as deixara. Ela também não estava no quarto das mulheres. Na verdade, nenhuma delas estava lá. Não. *Não!*

Com o canto do olho, ele viu o brilho prateado. Caminhou até a sacada, quase quebrando as portas de vidro até chegar lá. Uma corda de rapel estava enganchada ao parapeito e pendurada até o chão.

Homem e espírito urraram em uníssono. Não havia nenhum sinal dos Caçadores na colina, o que significava que já haviam aberto uma boa distância. Bons deuses, os Caçadores a tinham! Os Caçadores haviam tocado em Torin e, depois, em Ashlyn!

Nauseado, disparou até a sala de entretenimento. Tirou as luvas e a camiseta extra no meio do caminho, deixando-as cair a esmo no chão.

— Toalhas? — perguntou Lucien quando o avistou. Obviamente, ele não ouvira os gritos de Maddox pedindo ajuda. Mas viu a expressão no rosto do amigo e franziu o cenho.

Maddox contou ao grupo o que havia descoberto, a confissão arrasada e em pânico sendo feita às pressas. Todos voltaram a atenção e vociferavam em torno dele. Todos empalideceram.

— Eles passaram por nossas muralhas? — perguntou Paris.

— Sim. — Maddox se voltou para Sabin, rosnando. — Você os ajudou?

O homem levantou as mãos com uma expressão de inocente ofendido.

— Eu estava sendo explodido em pedacinhos também, lembra? E meu objetivo sempre foi a destruição deles!

— E Danika? — perguntou Reyes rapidamente.

— Desapareceu.

As pálpebras de Reyes se fecharam com força.

— Torin precisa de cuidados médicos — disse Paris. — Como vamos conseguir isso?

— Ele terá de se curar sozinho. Pelos Deuses, haverá uma peste — disse Lucien, sombrio. — Não conseguiremos impedir isso agora.

Maddox cerrou os punhos.

— Não me importa se haverá uma peste ou não. Minha mulher está lá fora. Farei o que for necessário para salvá-la.

Strider deu um passo à frente:

— Kane estava naquele cemitério com Torin. Ele pode tê-lo seguido de volta para cá. Você o viu?

— Torin disse que houve uma batalha na colina. Capturaram Kane.

— Inferno! — rosnou Sabin, batendo com o punho cerrado na parede.

Como um dia tão promissor poderia ter sido tão rapidamente arruinado?

— Irei até a cidade com você — disse Reyes a ele. Ele havia limpado um pouco da fuligem no rosto, mas seus pés ainda estavam queimados e descalços.

— Vou fazer uma busca no restante da fortaleza. — Havia uma chama ardente nos olhos de diferentes cores de Lucien. Aeron uma vez dissera que Lucien tinha um temperamento mais sombrio do que a mais violenta das tempestades. Maddox não acreditara na época. Mas já acreditava. — Vou me certificar de que não estejam aqui ainda, escondidos.

Depois de ver a corda de rapel, Maddox duvidava daquilo.

— Cinco minutos — disse a Reyes antes de correr até seu quarto e se armar da cabeça aos pés. Facas, armas de fogo, *shurikens*.

Caçadores sangrariam naquela noite.

REYES OBSERVOU MADDUX em choque.

Eles espreitaram nas ruas de Budapeste até finalmente depararem com um grupo de quatro Caçadores. Estavam, naquele instante, na floresta, cercados por árvores e livres dos olhares curiosos dos humanos. A noite havia caído e o luar da cor do linheiro deslizava da mesma forma sobre natureza, fera e humano.

Maddox atacara sem avisar.

Vestia o véu de Violência, que não era mais uma mera sombra. Havia tomado conta de seu rosto por completo, uma visão de um esqueleto saída direto dos pesadelos. Rapidamente, ele... aquilo matou dois dos Caçadores com um simples golpe de sua lâmina, os pescoços cortados, tal como haviam feito com Torin. Caíram no chão, instantaneamente mortos.

Reyes permaneceu onde estava. Não sabia ao certo se Maddox tinha noção do que estava à volta dele, menos ainda de com quem lutava. E, se Reyes interferisse, também seria retalhado.

Sua própria fúria era tão feroz quanto a de Maddox. Por algum motivo, ele se sentia responsável por Danika e estava enfurecido por ela ter sido levada enquanto estava sob seus cuidados. E daí que ela já estava marcada para morrer?

— Onde está o seu líder? — perguntou Maddox calmamente, andando ao redor dos dois Caçadores que ainda respiravam.

— N-não sei — disse um deles, choramingando.

— Onde estão as mulheres?

— Não sei! — gritou o outro. — Por favor. Por favor, não nos machuque.

Maddox não demonstrou misericórdia. Passou o dedo pela ponta sangrenta de sua lâmina, enquanto corria a língua pelos dentes. O sangue espalhado sobre aquele rosto esquelético deixava tudo ainda mais macabro.

— Para onde foram levadas?

— N...

— Diga, ou cortarei sua língua! E você ficará assistindo enquanto a como — avisou Maddox.

Reyes não reconhecia aquela voz. Era mais grave e mais áspera do que Maddox jamais soara. Ele era plenamente fera, sem traço algum de homem.

— Quero saber onde elas estão!

— Eu n...

O homem não teve chance de terminar a frase. Maddox virou-se na direção dele, erguendo o braço. E cortou de cima para baixo. Num instante, o homem estava vivo. No seguinte, morto, com o sangue escorrendo do pescoço.

Foi quando o único sobrevivente choramingou. Tossiu.

— Vou perguntar apenas mais uma vez — disse Maddox, e o Caçador tossiu novamente. — Para onde foram levadas?

— McIntosh não nos contou — foi a resposta trêmula. — Só disse que deveríamos observar a cidade e comunicar pelo rádio se víssemos um dos Senhores. A não ser pela srta. Darrow, não deveria haver nenhuma mulher dentro da fortaleza. Por favor. Eles só querem a garota e a caixa. Planejavam entrar escondidos, pegá-la e procurar a caixa. Isso é tudo!

Reyes tropeçou e pegou o rádio que estava afivelado a um dos cadáveres. Prendeu-o à parte de trás de seu cinto, planejando ouvir e ver o que conseguiria descobrir. Naquele instante, havia apenas silêncio.

Maddox olhou para ele, e Reyes assentiu. Sem nenhuma palavra de aviso, Maddox esticou os braços e quebrou o pescoço do homem, deixando-o cair em uma pilha, junto com seus amigos. Não podiam ter permitido que vivesse. Era um Caçador. Estava infectado. E tinha participado do desaparecimento de Ashlyn.

— O que devemos fazer agora? — Reyes olhou para os céus, uma parte de si com esperanças de que a resposta caísse das estrelas.

— Não sei. — Maddox sentiu-se quase louco de preocupação ao repetir as palavras infelizes dos Caçadores. Violência assumira o controle e o governava totalmente, mas, no fundo de sua mente,

Maddox estava consciente. Se não encontrasse Ashlyn logo, teria de esperar até de manhã, quando voltasse do mundo dos mortos. E, se tivesse de esperar... se Ashlyn tivesse de passar a noite com Caçadores...

Ele queria matar todos eles.

— Vamos procurar na cidade mais uma vez. Tem de haver um rastro — disse Reyes. — Temos de ter deixado algo passar.

Lado a lado, caminharam a passos largos de volta à cidade. Não havia muitas pessoas na rua, mas aqueles que lá estavam ficavam longe deles. As bombas provavelmente haviam arruinado a ilusão de que eram anjos. Isso e o fato de que havia sangue nas mãos e no rosto de Maddox.

Quando ele e Reyes chegaram a um beco, um local sujo e com cheiro de urina que se fechava sobre ele como um caixão, parou e olhou na direção dos céus aveludados como Reyes havia feito. Foi bombardeado por uma sensação de desamparo, uma triste companhia para a fúria e os desejos sombrios que ele já sentia.

Ashlyn era o motivo pelo qual ele vivia.

Ele a amava. Soubera disso antes, mas tinha certeza agora. Ela era a delicadeza, ela era a luz. Era paixão, era tranquilidade. Esperança e vida. Inocência e... tudo. Ela era tudo para ele.

Agora, que ele a encontrara, não conseguia imaginar sua vida sem ela. Era como se ela fosse o elo que faltava, o elemento final da criação dele, a única coisa que o completava.

Ele prometera a ela que sempre a protegeria.

Falhara.

Rugindo, ele socou a parede a seu lado. Sentia-se triturado por dentro.

Um jornal dançava nos tornozelos de Reyes, e o guerreiro se curvou, o pegou e o amassou em uma bola, antes de jogá-lo para o lado.

— Estamos ficando sem tempo.

— Eu sei! — *Pense!* — Os Caçadores não levariam as mulheres para fora da cidade. Estarão concentrando suas energias na busca pela caixa, e devem achar que a temos para terem entrado na fortaleza como fizeram.

— Sim.

— Muito provavelmente, ainda estão na cidade. Escondendo-se.

— Eu não duvidaria que eles tivessem esperanças de usar as mulheres como moeda de troca pela caixa — disse Reyes. — Deveríamos providenciar uma!

Pelo tom dele, Maddox sabia que ele não sugerido uma troca justa. Pegariam as mulheres e deixariam apenas sangue derramado para trás.

— Como?

Reyes ergueu o walkie-talkie. Ficaram na escuta por longos e agoniantes momentos, mas nada saía dele além de estática, mesmo quando pediram para ser ouvidos.

— Para o inferno com isso! Não quero voltar à fortaleza de mãos vazias, mas não sei mais o que fazer! — Reyes soava atormentado por aquele pensamento. — A meia-noite se aproxima.

Tudo que Maddox sabia era que precisava de Ashlyn a salvo e inteira em seus braços. Ainda olhando fixamente para os céus, ele ergueu os braços em súplica.

— Ajudem-nos — gritaram ele e o espírito como se fossem apenas um. — Ajudem-nos. Por favor.

Nada. Os céus não se abriram, nem a chuva caiu. Nenhum relâmpago caiu à terra. Tudo permanecia como estava. As estrelas cintilavam de seus poleiros escuros. Os olhos dele se estreitaram. Quando aquilo acabasse, ele e aqueles deuses negligentes e egoístas teriam um acerto de contas. O que quer que tivesse sido feito a Ashlyn, ele faria com os deuses. Mil vezes pior.

— Vamos circundar a área pela última vez.

Reyes assentiu.

Quinze minutos depois, Reyes e Maddox estavam saindo de uma capela na qual haviam realizado uma busca silenciosa quando avistaram um velho do outro lado da rua. Ele estava sujo, maltrapilho, vestindo apenas um casaco fino, infestado de buracos. E estava tossindo. Uma tosse profunda, de expelir o pulmão.

Maddox se lembrou da noite em que Torin fora àquela mesma cidade, uma cidade muito diferente da que era naquele dia. Cabanas em vez de prédios. Ruas de barro em vez de pedras de cantaria. Todavia, as pessoas eram iguais. Frágeis, fracas, inocentes.

Torin tirara sua luva e acariciara a face de uma mulher que implorava para ser tocada. Uma mulher que ele desejara a distância durante anos. A resistência dele desmoronara, e tivera esperanças de que, ao menos uma vez, alguém sobrevivesse. Aquele amor conquistaria tudo.

Uma hora depois, a mulher começara a tossir. Exatamente como o velho tossia naquele momento.

Uma hora depois daquilo, o restante do vilarejo começara a fazer o mesmo. Nos dias que se haviam seguido, a maioria das pessoas da cidade haviam morrido de formas horríveis, com suas peles cheias de marcas de varíola e sangrando por cada orifício do corpo.

Maddox praguejou em voz baixa. Ashlyn estava em algum lugar, com os mesmos Caçadores que haviam causado aquela nova epidemia; pois seria o que aquilo se tornaria. Uma epidemia.

Violência afundou totalmente nas sombras da mente dele, como se respeitasse o fato de que Maddox precisava assumir o controle. Ele e Reyes atravessaram a rua com passos pesados, diminuindo a distância entre eles e o velho.

A maior parte da área ainda estava deserta, com as pessoas seguras, aconchegadas dentro de suas casas. No dia seguinte, não estariam seguras nem mesmo nelas.

— Preciso falar com você — disse Maddox ao velho, chamando-o.

Tossindo, ele parou. Seus olhos estavam febris quando ergueu o olhar para Maddox. Quando viu o guerreiro, começou:

— Você é um deles. — Ele se curvou com mais uma tossida. — Os *angyals*. Meus pais me contavam histórias sobre vocês na hora de dormir. Durante toda a minha vida, quis encontrá-los.

Maddox mal o ouvia.

— Você talvez tenha entrado em contato com um grupo de homens. Estranhos na cidade. Eles provavelmente estavam com pressa e tinham tatuagens nos pulsos. É possível que tivessem cinco mulheres com eles. — Ele tentou abrandar a voz, para manter sua fúria, sua preocupação e seu desespero num nível mínimo. Não seria útil assustar o velho e fazê-lo ter um ataque do coração.

Embora isso talvez fosse piedoso. A morte que logo o chamaria não seria algo bondoso. Sim, Lucien estava para se tornar um homem ocupado.

Reyes descreveu os Caçadores que eles haviam visto no clube e, depois, as mulheres.

— Vi a loura de que estão falando — disse o homem. Tosse. — Havia três mulheres com ela, mas não me lembro da aparência.

Danika, então. No entanto, quem estivera com ela? Sua família, muito provavelmente. Isso queria dizer que Ashlyn estava... não. Não! Ela estava viva. Estava bem.

— Para onde foram? — ele falou entre dentes, incapaz de amenizar sua reação desta vez. A necessidade de saber urgia em seu âmago. — Diga-me, por favor.

Uma expressão de confusão passou rapidamente pelo rosto envelhecido do homem e ele cambaleou, quase caindo. Tossiu.

— Estavam descendo correndo aquela rua, perseguidas por alguém alto. Um homem. — Ele

apontou e tossiu. — Quase me derrubaram.

— Que direção tomaram? — quis saber Reyes.

— Norte.

— Obrigado — disse Reyes. — Obrigado.

O velho tossiu e caiu ao chão. Embora avesso a perder mais tempo, Maddox agachou-se ao lado dele.

— Durma. Nós... abençoamos você.

O humano morreu com um sorriso no rosto, como Maddox jamais fizera. *Ashlyn*, ele chamou em silêncio. *Estou indo buscá-la.*

Capítulo Vinte e Um

ASHLYN ACORDOU ARFANDO, com água fria como gelo escorrendo de seu rosto. Um momento se passou, sua respiração áspera, o único som, antes que ela se orientasse. Sua saia estava grudada à pele, quase congelada. Seu olhar molhado estava nebuloso a princípio, mas logo conseguiu ver a sala. Paredes de pedra, escuras, desgastadas. Grades em um dos lados, que dava para um estreito corredor de pedra. Havia correntes penduradas no canto mais distante.

Não entre em pânico, não entre em pânico. Em seguida, ela viu um rosto familiar, marcado por rugas finas. Houve uma época em que ver McIntosh teria sido uma visão bem-vinda. No momento, ela sentiu o ódio transbordando de si.

Jogando o balde, agora vazio, de lado, ele se sentou num banco de madeira na frente dela. Ela estava algemada a uma cadeira, com os braços esticados atrás de si, percebeu, e tentou libertar-se. O metal frio pressionou sua pele, mas as algemas não se abriram.

— Onde estou? — exigiu saber.

— Halal Foghaz. — A voz dele estava mais áspera do que o normal. Arranhada.

Prisão dos Mortos.

— Alguns dos piores criminosos na história de Budapeste eram mantidos aqui, até que se revoltaram e massacraram os guardas. O lugar foi fechado. Até algumas semanas atrás.

Os olhos dela se estreitaram até se tornarem pequeninos riscos.

— Relaxe — ele disse. Estava pálido, com os olhos vermelhos. Tossiu. — Não sou o dragão do qual você sempre teve medo quando eu lia aqueles contos de fadas para você.

A lembrança dos anos que haviam passado juntos não a amoleceram.

— Deixe-me ir. Por favor. — Gotículas de água escorriam para dentro de sua boca, gotículas que se fundiam com sujeira e ela não queria nem pensar em com o que mais. Grãos arranhavam suas gengivas. — O que você fez aos homens, aos guerreiros? Onde estão as outras mulheres?

— Responderei a suas perguntas no seu devido tempo, Ashlyn. Por ora, quero que responda à minha. Certo? — Ele tossiu novamente. Pelo menos, soava razoável. Não como o louco fanático que ela encontrara na fortaleza.

Ela tremia de frio.

— Certo. — Mas não conseguiu dizer mais nada, com as vozes invadindo sua mente. Ela ficou tensa.

Pensou ter ouvido McIntosh suspirar, pensou tê-lo ouvido sussurrar:

— Vejo que não está em condições de responder a pergunta nenhuma agora. Voltarei quando as vozes se aquietarem. — Pensou ter ouvido pegadas, as barras sendo fechadas. E, depois, ouviu somente as vozes.

Havia tantas, tantas. Prisioneiros, matadores, assassinos, ladrões. Estupradores. Ah, Deus! Um homem estava estuprando outro homem, e a vítima gritava de dor e humilhação.

— Maddox — choramingou ela. Suas mãos estavam presas juntas por aqueles elos de metal frio, de forma que não conseguia nem cobrir os ouvidos. Tão alto, tão alto, tão alto. — Maddox. — A imagem dele se formou em sua mente, forte, determinado. Os olhos cor de violeta eram ternos, seus lábios, macios de beijá-la. Cabelos escuros lhe caindo sobre a testa.

Estou aqui, ele balbuciou. *Estou aqui. E sempre a protegerei.*

Instantaneamente, as vozes ficaram mais lentas, aquietaram-se. Não desapareceram por completo, porém não mais a debilitavam. Ela piscou, surpresa. Como? Aquilo nunca havia acontecido antes. Maddox estava por perto?

O rosto dele cintilou, desapareceu à medida que a esperança crescia dentro do peito dela. Quando a imagem dele desapareceu, no entanto, as vozes ficaram mais altas. Mais altas. Com os olhos arregalados, ela novamente o visualizou. Novamente, as vozes diminuíram. Novamente, se tornaram suportáveis.

Se a situação não fosse tão horrível, ela teria sorrido. *Consigo controlá-las sozinha. Consigo controlá-las!* Saber daquilo era impressionante. Incrível. Maravilhoso. Chega de se esconder. Chega de evitar áreas altamente populosas. Chega!

Hã, Darrow. Detesto estragar a festa, mas você está presa. Com um Caçador. Lembra?

Como se estivesse ouvindo seu diálogo interno, uma voz soltou uma risada alegre. *Sei como escapar. Quer saber como, ou quer continuar neste pulgueiro? Tudo o que precisamos fazer é cavar um pouco.*

O homem do passado não estava falando com ela, mas com outro prisioneiro. A conversa deles lhe chamou a atenção, fazendo com que suas orelhas latejassem. Jamais abandonando a imagem de Maddox, ela ouviu as instruções sobre aonde ir exatamente. Logo *estava* sorrindo.

— Obrigada — ela sussurrou quando as vozes pararam com a conversa.

— Sim, sim. De nada — disse uma nova voz. Do presente, não do passado.

Com o sorriso sendo desfeito, ela apertou os olhos e procurou pela cela. Estava sozinha, mas, ainda assim, algo... tornava o ar mais espesso. Zumbia com poder e energia.

— Quem está aí?

— Quer saber como quebrar uma maldição ou não? — Uma voz de mulher. Uma declaração, não uma pergunta de verdade — Achei que tivesse ouvido você perguntando sobre isso antes.

Ashlyn sentiu um formigamento de calor de um ombro ao outro, como se alguém tivesse passado a ponta do dedo na sua pele. Então, uma brisa morna dançou à frente. Ela ainda não via nada. Não sabia com o que estava lidando, mas sabia que não era humano. Um imortal? Um dos deuses de Maddox?

— Sim — respondeu ela, a voz trêmula. — Perguntei.

— Legal. Pode crer que ajudo você.

Legal? Pode crer? Vindos de uma deusa em potencial? Onde estavam os *tus* e *teus*?

— Vai me ajudar a escapar também?

— Uma coisa de cada vez, gatinha. — Algo brilhou no canto, então ela conseguiu ver um longo cabelo branco. Em seguida, viu uma mulher alta com um corpo de *top model*, um corpo vestindo um top vermelho e uma saia preta tão curta que mal cobria a linha da calcinha. Alta, botas pretas. Depois, enfim, um rosto se materializou, e Ashlyn se viu contemplando a encarnação da beleza. Com feições tão perfeitas, tão sublimes e majestosas que só poderiam ser as de um deus. — Seu amigo, captor, *sei lá*, mencionou contos de fada, não?

O delírio já havia se estabelecido, ou aquela mulher era real?

— Sim.

— Então, você já tem a resposta. Pense nas histórias. — Ela franziu o cenho. Deu uma lambida em um pirulito cor-de-rosa. — O que elas lhe ensinaram?

Real o bastante para mim, pensou Ashlyn.

— Procurar um príncipe?

— Eca! Errado. Pense, garotinha. Eu quero voltar.

Voltar para onde? Qual era o nome daquele ser? E por que estava ali, ajudando?

— Eu disse para pensar e, docinho, não parece que você esteja pensando. Você está me secando. Quer um pedaço ou algo assim?

Dela?

— Não. Claro que não.

A misteriosa visitante encolheu os ombros.

— Então, sugiro que pense logo.

Certo, certo. Pensando... Era difícil se lembrar dos detalhes da história quando a necessidade de escapar dali pesava tanto, mas, de alguma maneira, ela conseguiu. O príncipe de *A bela adormecida* lutava por entre espinhos e fogo para matar o dragão e salvar sua mulher. Em *A donzela Malvina*, a princesa cavava sua saída através das paredes da torre em que estivera trancada por sete anos, com sua determinação de viver e encontrar seu príncipe para lhe dar força. Em *Os seis cisnes*, a princesa desistia de sua voz por seis anos para libertar seus irmãos de uma terrível maldição.

Ashlyn sempre suspirara ao ouvir aquelas histórias, que guardava no fundo do coração para se lembrar delas quando estivesse sozinha. Ela sempre desejara, em segredo, que um príncipe galopasse Instituto adentro e a levasse consigo em seu cavalo branco, em direção ao pôr do sol para uma terra imaculada por antigas vozes. Ele nunca aparecera. E isso havia acontecido para o bem, pois ela havia aprendido a confiar em si mesma.

— E então?

— Contos de fadas ensinam determinação, perseverança e sacrifício. Bem, sou determinada, persevero, mas o que devo sacrificar? — Ela estremeceu. Teria de sacrificar seu relacionamento com Maddox? Ele era tudo para ela. Para salvá-lo, no entanto... qualquer coisa. Até mesmo... seu estômago se revirou... isso. — Não sou uma princesa e minha vida está longe de ser um conto de fadas.

Uma risadinha.

— E então, não está a fim de que ela seja? — Pausa. — Ah, droga! Seu inimigo se aproxima! Pense no que eu disse e a gente se resolve depois.

— Mas você não disse nada, na verdade!

Passou-se um segundo, e o ar pareceu morrer, com toda a sensação de vida desaparecendo.

— Melhor agora? — perguntou McIntosh de súbito.

As pálpebras de Ashlyn se abriram rapidamente. Quando ela as tinha fechado? McIntosh estava de pé do outro lado das grades. Ele tossia, desta vez com tanta força que se curvou ao fazê-lo. Só conseguia ficar em pé agarrando-se ao metal. Ele parecia mais doente, mais pálido do que da última vez em que o vira.

— Melhor — disse ela suavemente. Teria apenas imaginado aquele encontro com a deusa mais ou menos invisível?

Ele destrancou as grades e entrou cambaleando. Tossindo, ele colocou a chave no bolso. Não chegou até o banquinho, mas caiu na poeira atrás dele. Um minuto se passou, dois. Ele não se movia, não emitia som algum.

— McIntosh? Você está bem?

Finalmente, movimento. Ele balançou a cabeça, como se precisasse afastar um espesso nevoeiro.

— Peguei um resfriado — disse ele. — A maior parte dos homens pegou. — Ele rolou, ficou de costas e se acomodou numa posição sentada, fazendo uma expressão de dor enquanto isso.

Ela franziu o cenho.

— Quanto tempo faz desde que saímos da fortaleza?

— Quase um dia.

Um dia? Tão doente tão rápido?

— Nenhum de vocês parecia doente antes.

— Não estávamos.

Ele tossiu mais uma vez, e agora escorreu sangue pelo lado de sua boca.

— Alguns estão mais doentes do que os outros. Malditos germes de inverno. Pennington acabou morrendo, pobre infeliz. Bem, talvez ele tenha tido sorte. — Ele recuou até se apoiar nas barras.

Morreu? De um simples resfriado?

— Você precisa de um médico.

A fúria iluminou os olhos negros dele, que fez um esforço visível para se recompor.

— Preciso é daquela caixa. Aqueles homens são maus, Ashlyn. Só com a própria presença, eles espalham mentiras e dor, dúvidas e infelicidade. Eles são o motivo da guerra e da fome e da morte.

— Tossindo novamente, ele colocou as mãos no bolso de sua calça e, com fraqueza, jogou várias fotos no colo dela. — Lutamos contra estes desgraçados há milênios. A maldade deles não tem fim.

Ela olhou automaticamente para as fotos. E sentiu vontade de vomitar. Corpos decapitados, mão decepada, sangue jorrando como rios.

— Os homens que você insiste em defender fizeram isso.

Não Maddox, ela pensou, olhando para o outro lado. Ele não teria feito aquilo. Não poderia.

— Os homens que conheci não são a fonte do mal do mundo. — Ela deixou o tom mais gentil. — Eles poderiam ter me ferido, mas não o fizeram. Poderiam ter estuprado ou matado as outras mulheres, mas não o fizeram. Poderiam ter invadido Budapeste e massacrado seu povo, mas também não fizeram isso.

A cabeça dele pendeu para o lado e, por um momento, ela achou que havia dormido... ou morrido. Aquilo não era resfriado. Não poderia ser. Diante dos olhos dela, bolhas vermelhas apareciam no rosto dele.

— McIntosh?

Ele acordou, sobressaltado.

— Desculpe. Estou tonto.

— Solte-me. Deixe-me ajudá-lo. — *Deixe-me escapar.*

— Não. As perguntas primeiro — ele disse fracamente. — Não confio mais em você.

— Solte-me e lhe direi o que você quiser saber.

— Já disse. Não confio em você. Você esteve com aqueles monstros. Eles a corromperam.

— Não, não fizeram isso. Eles me *ajudaram*.

— *Eu* ajudei você. Certifiquei-me de que estivesse protegida contra qualquer mal. Dei a você uma vida que até mesmo seus pais lhe teriam negado.

— Sim, você realmente me ajudou. — Apenas não da forma como ela precisava. Ele a ajudara porque se beneficiaria daquilo. — Agora, tire minhas algemas e me deixe ajudar *você*.

Um suave suspiro escapou dele, mas terminou numa tosse. Quando o ataque terminou, ele disse, ofegante:

— Você deveria ter ido para casa, como lhe falei. Mas me desafiou, e seus guardas não se reportaram a mim. Quando verifiquei onde você estava, era tarde demais. Gostaria de ter chegado a você antes, mas não poderia simplesmente bater na porta. Precisava de um plano.

— Verificou onde eu estava? Que plano?

— A explosão. Distrair as criaturas para pegar você de volta. GPS. No seu braço.

Ah, Deus. Eles haviam detonado aquela bomba por causa *dela*. Lágrimas de culpa ardiam nos

olhos. *Minha culpa*. Eles todos poderiam ter morrido por causa dela.

— Não entendi a história do GPS. — Ela mal conseguia expelir as palavras de sua garganta embotada.

— Não era um método contraceptivo como dissemos a você. Sempre pudemos rastreá-la.

Ela ficou boquiaberta enquanto outra onda de traição a atravessou. Traição e mágoa e fúria, tudo misturado à culpa. Como haviam se atrevido?! Ela jamais se sentira mais violada. Queria chorar; queria gritar. Pela primeira vez na vida, sentiu vontade de matar.

Acho que eu era uma Isca afinal, ela pensou quase histericamente. Ainda que sem intenção, ela levara os caçadores direto até a porta de Maddox.

— Deixamos um de nossos homens ser capturado ontem — ele disse, com os olhos vidrados e distantes. — Ele conduziu os demônios a uma boate. Nós os deixamos lá quando poderíamos tê-los levado. Por você.

Ele deu um sorriso fraco antes de se arquear devido a outro ataque de tosse. Quando se aquietou, ela viu aquela ramificação vermelha saindo dos olhos dele como rios de veneno derretido.

— Solte-me, dr. McIntosh. Por favor. Eu o ajudei durante todos estes anos. Não me deixe aqui para morrer.

Por vários segundos, ele não respondeu. Então, surpreendendo-a, ele levantou-se pesadamente. Foi mancando e ajoelhou-se atrás dela. Com uma pegada fraca, ele soltou as algemas. O metal caiu ao chão com um baque surdo, e ela estava livre.

Ashlyn saiu da cadeira e se agachou ao lado dele. Ele respirava pesadamente, lutando a cada vez que inspirava um pouco de ar. Não parecia que ele sobreviveria por mais uma hora. Apesar da raiva que sentia, apesar de tudo que ele fizera, ela sentia a piedade crescer em seu âmago.

— Onde estão as outras mulheres? — perguntou gentilmente, optando por obter informações em vez de escapar.

Uma pausa. Uma exalação sibilante.

— Devem estar em um avião para Nova York.

— Em que lugar de Nova York?

Ele fechou os olhos, parecendo disperso.

— McIntosh! Fique acordado e fale comigo.

Os cílios dele se abriram e se fecharam, o corpo ficando cada vez mais mole.

— Elas serão... trocadas pela caixa. Você verá, um dia — sussurrou ele. — Lugar melhor sem eles. Ele abriu os olhos novamente e concentrou-se nela. — Algo bonito. Meu pai ficaria orgulhoso. — As frases que ele proferia já não eram mais coerentes, apenas pedaços desarticulados de pensamento fluindo da mente dele sem nenhuma ordem específica. Os olhos se fecharam novamente e, desta vez, permaneceram fechados. — O que há de errado comigo?

— Não sei. — A voz dela estava trêmula. — Você precisa de um hospital.

— Sim. — Mas ele morreu um instante depois, a cabeça pendendo para o lado, o corpo completamente mole.

Ashlyn levou a mão à boca. McIntosh estava morto. Ele a traíra, sim, e uma parte dela o odiava por isso. Mas a garotinha que havia dentro dela ainda ansiava por sua aprovação.

Tremendo, as lágrimas novamente ardendo em seus olhos, ela se levantou. Não tirou a chave da mão dele, agora aberta, porque não precisava dela. Planejava utilizar a mesma rota de fuga que o prisioneiro havia usado.

Mas primeiro... *Vá em frente. Vai doer, mas você tem de fazer isso*. Com a mão tremendo, ela pegou o banquinho em que McIntosh estivera sentado e bateu com ele nas barras de metal até que um

dos pés se soltasse. Ela utilizou a ponta afiada para raspar desesperadamente seu braço. Fez uma expressão de dor, quase gritou. O sangue jorrou de seu braço e ela choramingou com a dor que sentia. Por fim, alcançou o chip do GPS. Arrancou-o e o jogou ao chão, escondendo-o na poeira.

Rápido, Darrow. Rápido. Ela não podia se arriscar a dar de cara com mais nenhum dos funcionários do Instituto que estavam no andar de cima. A maioria deles provavelmente estava doente, como dissera McIntosh, mas isso não significava que os mais saudáveis deixariam que ela simplesmente fosse embora. Trazendo à mente a voz do prisioneiro, ela cambaleou até o único vaso sanitário da cela e girou os parafusos que o prendiam à parede. Alguns não queriam ceder, e ela teve de forçá-los, quase quebrando os dedos enquanto fazia isso. Quando o último caiu na poeira, ela chutou o vaso para o lado.

Deparou com um buraco artificial, um buraco que alguém escavara diretamente até o mundo lá fora. Ela não queria se arrastar pelo espaço negro e apertado, mas, com apenas uma olhada para trás, para o corpo prostrado de McIntosh, ela entrou na abertura. A escuridão total a envolveu.

— Não entre em pânico — disse ela, com a voz do prisioneiro ecoando a dela em sua mente. Suas expirações ricocheteavam das paredes enlameadas. Um rato correu, passando pelos dedos dela.

Ela inspirou, num assovio.

Arrastou-se como que eternamente, as pernas ardendo por causa do esforço. Não teria sido tão ruim, mas era uma subida. Pedacos de terra caíam nela, até mesmo enchiam sua boca, revestiam sua língua. *Continue em frente. Apenas siga em frente.*

Ela se sentia como a princesa de *A donzela Malvina* naquele momento, lutando para se libertar. O pensamento levou sua mente de volta àquela estranha conversa que tivera com a deusa. Ou alucinação. Ashlyn nunca mais desejaria estar dentro de um conto de fadas.

Uma luz surgiu no fim do túnel, pequena, mas visível. O alívio a inundou e ela apressou seus movimentos. Um segundo depois, encontrou uma pequena abertura. Nem mesmo uma criança conseguiria passar por ali.

— Não. Não! — Com as mãos, ela cavou, cavou e cavou.

Depois de uma eternidade, conseguiu ver o céu iluminado pelo luar. Com os braços praticamente pendurados e moles de alívio e de fadiga, ela se içou para o chão frio e duro. Ficou de pé, os joelhos batendo. Árvores cobertas de neve assomavam à volta dela. Ela tremia; as roupas folgadas de Maddox fazendo muito pouco para mantê-la aquecida.

Um homem gritou, um som torturado.

Ela ficou tensa. Maddox. Maddox! A meia-noite deveria ter chegado. Ela olhou ao redor, vendo a fortaleza no horizonte, mas o grito não viera daquela direção. Quando o ouviu novamente, começou a andar, apesar de estar exausta, seguindo o som. Outro grito. Um rugido.

— Estou indo. Estou indo.

Ao correr, Ashlyn começou a tossir.

Capítulo Vinte e Dois

QUANDO MADDUX ACORDOU, o terror já o tomava. Ashlyn precisava dele.

Ele estava... não na floresta, percebeu, mas em sua própria cama, em seu próprio quarto, olhando para cima, para o teto abobadado como fazia toda manhã. Mas não estava acorrentado.

Como? Por quê?

A luz do sol atravessava a janela, aquecendo-o. Ele fracassara em sua tentativa de encontrar Ashlyn, e o momento da morte dele havia chegado, impedindo-o de procurar mais. Reyes, ele pensou então. Reyes provavelmente o arrastara até em casa.

Maddox pulou da cama, determinado a renovar sua busca. Ele a encontraria naquele dia, não importaria o que acontecesse. *Destruiremos o mundo pedaço a pedaço até que eu a tenha recuperado.*

Não haveria descanso até que...

A tosse de uma mulher fez com que parasse no meio do caminho. Ele estivera a ponto de disparar pelo corredor, mas se virou para trás. Ashlyn estava deitada na cama dele. O choque o atingiu com a força de uma espada atravessando-lhe as entranhas.

Ele passou a mão no rosto, temendo acreditar. Ainda assim, a visão permanecia. O alívio o dominou, vencendo o choque, e ele correu de volta à cama. Um largo sorriso lhe esticava o rosto quando caiu de joelhos, agradecendo aos deuses, estendendo os braços para tomar aquela mulher nos braços.

Ela tossiu novamente.

Ele ficou paralisado, finalmente percebendo. Seu sorriso desapareceu. *Não!* Ashlyn, não. Mas ele a observou mais atentamente. Estava pálida, pálida demais, e tinha olheiras. Pequenas manchas róseas marcavam sua bela pele.

Ele poderia ter arrancado o próprio coração.

Ele suspeitara... temera... e, agora, seu pior medo havia se tornado realidade. Os Caçadores a haviam exposto à doença. Provavelmente, eles haviam morrido, um a um, permitindo que ela escapasse e o encontrasse.

Permitindo que ela voltasse para casa para morrer.

— Não! — ele rugiu. Não a deixaria; ela era sua vida. Uma eternidade no fogo do inferno era preferível a um único minuto naquela terra sem ela.

Reyes entrou no quarto a passos pesados, como se tivesse estado esperando por algum sinal de vida. Estava sombrio e raivoso, como uma nuvem de tempestade, pronto para explodir.

— Ela já acordou? — Ele tinha tantos cortes nos braços que era difícil dizer onde começava um e acabava o outro.

— Não — respondeu Maddox, abatido.

O guerreiro a observou.

— Fiquei por perto. Ela tossiu a noite toda. Sinto muito. — Em seguida, em tom reconfortante, ele acrescentou: — A maioria morre algumas horas depois de ficar infectado, mas ela conseguiu continuar viva. Talvez sobreviva.

Talvez não era bom o bastante. Maddox pôs a mão sobre a testa dela, quente demais. As ordens começaram a fluir dele.

— Traga panos frescos. E mais daqueles comprimidos, se ainda estivermos com a bolsa de Danika. Água, também.

Reyes se apressou a obedecer, voltando em pouco tempo com tudo que Maddox queria. Ashlyn se recusava a acordar. Sendo assim, ele esmagou os comprimidos e despejou-lhe o pó na boca. Em seguida, água.

Ela tossiu e engasgou, mas acabou engolindo. Suas pálpebras finalmente se abriram e ela semicerrou os olhos contra a luz.

— Casa — ela disse quando deu uma espiada nele, a voz rouca. — Ferida. Pior que antes.

— Eu sei, linda. — Ele beijou-lhe a têmpora com suavidade. Embora pudesse ser infectado por Torin, não poderia ser infectado por um humano. Não que isso importasse. Ele a teria tocado e abraçado de qualquer forma. — Você vai melhorar desta vez também.

— Chefe... Caçador. Morto.

Ele assentiu, indicando que entendera, não desejando falar o que sentia a respeito da morte do homem. Satisfação.

— E Danika? — perguntou Reyes, dando um passo à frente. — Segui pelo buraco por onde você saiu e encontrei a prisão e os Caçadores mortos, mas Danika não estava lá dentro.

— Pode estar... a caminho de... Nova York — disse Ashlyn, com intervalos entre uma palavra e outra.

Reyes ficou pálido, com a cor sendo drenada de seu rosto como se estivesse sendo sugada pelo aspirador de pó que Aeron sempre reclamava por ter que usar.

— Não disseram mais nada?

— Sinto muito. — Ela tossiu.

Maddox fez uma expressão de dor ao ouvir o terrível e trêmulo som. Ele colocou um dos pedaços de pano frios e umedecidos sobre a testa dela. Ela suspirou, fechou os olhos. Reyes passou a mão pelos próprios cabelos, nitidamente frustrado, precisando caminhar, precisando de dor.

— Vá — Maddox disse a ele. — Encontre-a.

O guerreiro olhou de relance para Ashlyn e depois para Maddox, assentindo em seguida. Foi embora sem dizer mais nada.

Maddox ficou com Ashlyn por horas, secando sua testa, forçando-a a bebericar a água. Lembrava-se de ter visto Torin fazer isso muitos anos antes, depois que tocara a humana e a peste se estabelecera.

Por um tempo, Maddox achou que a vontade de viver de Ashlyn era mais forte do que a doença, pois ela não morrera como os outros. Isso ou talvez alguma coisa, alguém, a estivesse ajudando. Porém, sua tosse começou a surgir acompanhada de sangue, seu corpo muito fraco para permanecer sentado. Sua garganta ficou tão inchada que ela não mais conseguia engolir. Por quanto tempo mais resistiria?

Sem saber mais o que fazer, Maddox a enrolou com uma coberta e a amparou nos braços. Não falou com os amigos ao levá-la para fora da fortaleza. Eles não questionaram suas intenções, talvez temerosos demais de que ele se tornasse violento. Ele teria se tornado. O espírito se revirava dentro dele, preocupado com ela também, querendo destruir, mutilar, matar. Desta vez, por se sentir impotente e frustrado, não por fúria.

Ele correu colina abaixo e entrou na cidade, tendo o luar como um lembrete de seu fracasso em ajudá-la também no dia anterior. *Salvá-la, tenho que salvá-la!* Ela não emitiu som algum, já fraca demais até mesmo para tossir. As ruas estavam desertas, ninguém do lado de fora. *Custe o que custar, salve-a!*

Ele a levou diretamente ao hospital, um lugar que encontrara no dia anterior em sua busca infrutífera por ela. O prédio estava lotado, quase explodindo com centenas de humanos lá dentro, tossindo. Morrendo. Ele não queria deixá-la, tinha medo de confiar-lhes a vida dela. Mas não sabia mais o que fazer.

Num corredor branco e lotado, ele encontrou um homem com máscara e luvas dando ordens.

— Ajude-me — disse ele, interrompendo o discurso do homem. — Ajude-a. Por favor.

Distraído, o homem com o jaleco branco olhou rapidamente para Ashlyn e deixou escapar de sua boca um suspiro de cansaço.

— Todos precisam de ajuda, senhor. Terá que esperar sua vez.

Maddox lançou-lhe um olhar feroz e soube que Violência havia surgido em seu rosto. Soube que seus olhos ardiam com um vermelho brilhante.

— Você é... você é... um deles. Da colina. — O homem engoliu em seco. — Deite-a ali. — Apontou para uma cama com rodinhas no fim do corredor. — Cuidarei dela pessoalmente.

Maddox fez conforme ele instruíra e, então, beijou os lábios macios de Ashlyn. Ainda sem reação.

— Salve-a — ordenou.

— Farei... farei o melhor que puder.

Por favor, faça com que ela sobreviva. Ele queria ficar com ela, protegê-la, cuidar dela. Tomar conta dela. Mais do que tudo, ele a queria a seu lado. Porém, afastou-se dela e saiu pela noite. A meia-noite se aproximava.

Pela manhã, ele voltaria. Pobre do mundo, pobre dos *deuses*, se ela não estivesse ali, viva e bem.

REYES SOLTOU UM palavrão enquanto fazia sua busca no aeroporto e em hotéis próximos. Clínicas médicas. Ele vira mais da cidade em dois dias do que em todos os séculos vivendo ali. Sentia-se como um animal enjaulado, fervendo com uma necessidade de agir e se achando, no entanto, impotente. Danika ainda estava em algum lugar por ali. Talvez doente, como Ashlyn. Talvez morrendo. E ele não conseguia encontrar um único sinal dela.

A noite caíra novamente, e ele ficou surpreso ao perceber que corraera até o mesmo beco que ele e Maddox tinham descoberto na noite anterior. Conseguia ver o local em que Maddox socara a parede com ódio. A pedra estava rachada e amassada.

Reyes estava a um passo de pegar um avião para Nova York, mas sabia que não poderia ficar muito longe de Maddox. Quando os deuses haviam amaldiçoado Maddox para que morresse toda noite, também o haviam amaldiçoado, atando-o ao guerreiro como se tivessem utilizado correntes de ferro. O motivo de ser ele, em vez de Aeron, ele não sabia. Tudo que sabia era que, à meia-noite, seria forçado a voltar à fortaleza. Ele sempre voltaria.

Ele já havia partido várias vezes antes, testando seus limites, testando a reação dos deuses, mas sempre era puxado de volta para Maddox à meia-noite.

— Maldição! — Ele sacou uma de suas adagas e passou a ponta ao longo da coxa. O tecido se rasgou, e o sangue vazou do ferimento. O que ele faria? Havia uma necessidade dentro dele, uma necessidade profunda que jamais sentira antes, de salvar, de resgatar. De proteger. Mas apenas Danika. Apenas para olhar naqueles olhos angelicais novamente e sentir outra centelha de prazer.

Um prazer que nunca deveria vivenciar.

Porém experimentara-o, e agora desejava mais.

Os deuses não teriam ordenado que Aeron a caçasse e matasse se ela pudesse morrer da doença de Torin ou se os Caçadores estivessem destinados a dar o golpe final. O pensamento lhe deu, ao mesmo tempo, conforto e raiva.

Talvez Reyes devesse libertar Aeron, a quem trancara na masmorra antes de deixar a fortaleza, e segui-lo até Danika, pois era certo que Ira seria capaz de farejá-la, para que Reyes pudesse libertá-la dos Caçadores.

Não, ele percebeu. Reyes não seria capaz de segui-lo se Danika não estivesse por perto. E, se Aeron chegasse a ela primeiro, ela morreria, sem dúvida alguma.

Esqueça-a. Ela é uma humana. Há milhares delas. Milhões. Você pode encontrar outra mulher que pareça um anjo.

— Não quero encontrar outra! — ele gritou. Mas não poderia manter Aeron acorrentado para sempre, e sabia disso. — Maldito seja!

Pare de agir como uma criança, disse uma voz feminina em sua mente, surpreendendo-o. *Procure na colina e cale logo essa droga de boca. Está me deixando com uma tremenda dor de cabeça.*

Os ombros ficaram tensos. Ele varreu a área com o olhar, a faca de prontidão. Não viu ninguém.

O que está esperando?, disse a voz novamente. *Depressa!*

Um deus? Um de sua própria espécie? Não poderia ser Dúvida, pois a voz era claramente feminina. Reyes não perdeu mais tempo tentando entender. Começou a correr e, dez minutos depois, chegou ao sopé da colina.

Danika estava lá. Ela e um homem, Kane, percebeu, estavam deitados no chão, ambos gemendo.

A fúria o preencheu ao perceber que ela estava ferida, enquanto o alívio também o invadiu. Para seu choque, parecia que estivera subindo de volta, tentando chegar à fortaleza. Havia rochas espalhadas ao redor da dupla, como se tivessem caído do céu, tendo os dois como alvos.

Reyes a tomou nos braços, não querendo jamais soltá-la, e cutucou Kane com a ponta da bota para acordá-lo. Manteve o punho de sua adaga à mão, apenas por precaução. Não estava inteiramente confortável por ter outros Senhores de volta em sua vida.

Kane grunhiu. Abriu os olhos. Pegou a arma que estava no coldre da cinta. Reyes a chutou da mão dele.

— Vão em frente e matem um ao outro — disse Danika fracamente. Seu cabelo louro estava manchado de sangue. Naquele instante, Reyes achou que estava conhecendo a violência que consumia Maddox toda vez que pensava em Ashlyn sendo ferida.

— Qual a extensão de seus ferimentos? — Se Desastre tivesse...

— Rochas caíram — disse ela, cortando os pensamentos furiosos dele. — De uma montanha, acho. Ele me empurrou para longe, para evitar o pior, e tropecei, bati com a cabeça.

Reyes relaxou, mas apenas ligeiramente.

— Obrigado — disse a Kane.

O homem assentiu com um movimento de cabeça, massageou a têmpora como se estivesse arrependido e se levantou.

— Onde está sua família? — Reyes perguntou a Danika. Ele poderia ter ficado como estava por toda a eternidade.

— Em um voo para um lugar onde você jamais pensará em encontrá-la. — Ela não queria que seus olhares se cruzassem e lutou para se soltar. — Agora, me solte.

Nunca, ele quis dizer.

— Não. Você está muito fraca para andar. — Virando-se para Kane, ele começou a falar em húngaro para que Danika não entendesse. Ele esperava que não. — Como você a salvou? E não responda em inglês. — Apenas rezava para que *Kane* o entendesse.

— Caçadores estavam a caminho da fortaleza quando Torin e eu deparamos com eles — foi a resposta, também em húngaro. É claro que o homem falaria o idioma, Reyes imaginou. Ele não teria

viajado para Budapeste despreparado. — Lutamos, mas eram muitos... Ele foi cortado, e eu capturado. Cometeram o erro de colocá-la na mesma van em que me enfiaram. Os pneus estouraram e o veículo voou para fora da estrada.

— E agora os Caçadores estão...?

— Mortos.

Ótimo. Embora uma parte dele ainda assim tivesse uma imensa vontade de matá-los. Algo doloroso. Algo lento e demorado. Ele travou o olhar em Danika, procurando por qualquer sinal da infecção de Doença. A pele dela brilhava de tão saudável e não havia nenhuma tosse que denunciasse uma possível infecção. Então, ela *permanecera* sem ser afetada. Pelo motivo que ele temia?

— Por que você voltou? — ele perguntou a ela, voltando a falar em inglês.

— *Ele* me obrigou — disse, apontando para Desastre. — Ashlyn está bem? Eu os ouvi falar sobre... — Ela engasgou num repentino soluço — Sobre machucá-la para atrair vocês, para que eles pudessem encontrar uma tal caixa idiota.

— Ashlyn foi encontrada — disse ele, segurando-a mais intensamente. A dor dela era como um açoite quente sendo enfiado no seu peito, e, pela primeira vez, ele não gostou da sensação. — Ela está muito doente.

Danika engoliu em seco.

— Ela vai...?

— Somente o tempo há de dizer. — Reyes acenou para que Kane fosse na frente. O guerreiro assentiu com a cabeça e começou a andar. — A morte aguarda na cidade, Danika. Você ficará na fortaleza até que os Caçadores sejam destruídos e a doença tenha um fim.

— Não. Não ficarei. — Ela tentou se livrar dele, tentou empurrá-lo pelo peito e jogar as pernas para o chão. — Quero ir para casa *agora*!

— Ao se mover assim, você simplesmente pressiona seu corpo contra o meu.

Ela ficou quieta, e ele ficou tanto feliz quanto decepcionado. Ele não mentira. O corpo dela estava quente, exalava uma fragrância de pinho, e toda vez que ela se movia, as terminações nervosas dele se avivavam. Ele começou a caminhar colina acima, tomando um caminho diferente de Desastre. Apenas por precaução. O alívio de Reyes com a volta de Danika sã e salva ainda era tão grande que ele estremeceu.

— Serei sua prisioneira novamente?

— Hóspede, contanto que não vá a lugar algum. — Quando fosse seguro, ele a libertaria, permitindo que vivesse o restante de sua vida como desejasse. Durasse ela o tempo que durasse. — Tivemos que prender Aeron na masmorra. Você não deve descer lá. Nunca. Entendeu? — Ele deixou que toda a raiva, todo o tormento, abandonassem sua voz. — Ele matará você sem pestanejar.

— Mais um motivo para eu querer ir para casa — disse ela, sentindo um calafrio. — Coisas assim não acontecem por lá.

— E onde é sua casa?

— Até parece que vou lhe dizer. *Sequestrador*.

Se ele conseguisse o que queria, ela logo lhe diria tudo o que havia para saber a seu respeito. Passariam aquele breve período juntos, no quarto dele, na cama dele. Seu membro ficou em estado de alerta quando Reyes imaginou todo aquele cabelo angelical esparramado em seu travesseiro... aqueles suculentos seios rosados e maduros... aquelas doces pernas separadas...

Talvez ela jamais quisesse ir embora.

Ah! Mulheres como ela nunca desejariam um homem como ele. Ele cortava a si próprio por prazer, por alívio. Precisava fazê-lo. Por vezes, sentia que morreria se não o fizesse. Se ela soubesse disso,

poderia desprezá-lo. E aquilo seria o melhor a se fazer. Ela ficaria melhor longe dele, longe de Ira. Quando a doença passasse, ele *deixaria* Danika ir embora. Não poderia ir com ela para protegê-la, não que ela fosse querer que ele fizesse isso, e não poderia impedir Aeron de cumprir com seu dever.

Para Reyes, não poderia haver final feliz.

Capítulo Vinte e Três

ASHLYN FLUTUAVA EM um mundo inconsciente. Tudo o que ela percebia eram sombras. Sombras e uma única voz, todas as vozes do passado e do presente recuando em respeito a essa. Uma voz que ela já escutara antes. Etérea, como um fantasma. Um fantasma muito moderno que estava ligeiramente entediado e ainda chupava um pirulito.

— Volteeei. — Risadinha. — Não precisa expressar a sua alegria. Eu sinto o amor. E aí? Pensou nos contos de fadas ou não? — disse aquela voz feminina da cela. A deusa. — Eu tenho tipo uma semana, estourando, até que me descubram. Então, preciso acabar com esse negócio para hoje.

— Eu pensei a respeito — Ashlyn tentou responder, mas as palavras não saíram.

— Ótimo.

Certo, então a deusa a ouvira mesmo assim. *Sacrifício*, ela projetou na mente. *Preciso sacrificar alguma coisa para quebrar a maldição de Maddox.*

— Ding, ding, ding. E o que você precisa sacrificar, menina?

Eu ainda não sei. Ou talvez ainda não quisesse nem pensar. *Qual é o seu nome?* Esse era um assunto bem mais simples.

— Meu nome é... Anya.

Anya. Bonito. Mas houvera uma breve hesitação, como se ela tivesse tido que pensar no que dizer. Havia alguma deusa chamada Anya, ou alguma variação do nome? A mente de Ashlyn permaneceu em branco. *Você é...*

— Hã, falando de sacrifício aqui. Concentre-se. Não estou desobedecendo ordens diretas só para você poder estragar essa adorável revoltinha que armei. Fiz uma pergunta e quero uma resposta direta.

Sacrifício. Certo. Era difícil se concentrar quando a sua mente parecia mingau. Uma coisa que ela sabia com clareza, porém, era que a vida sem Maddox seria intolerável. Mesmo assim, ela *desistiria* dele para salvá-lo.

— Melhor assim — disse Anya, lendo seus pensamentos outra vez. — Mas você não está pensando alto o bastante. Qual é? Você não entendeu a lição mais importante daqueles seus contos de fadas? Agora é a sua chance de provar que aquele chefe inútil lhe ensinou algo de valor, afinal de contas.

Valor. Aquela única palavra a invadiu violentamente e, de súbito, Ashlyn soube. Seu sangue congelou só de pensar. *O melhor tipo de sacrifício é uma vida por uma vida.*

— Pronto. Eu sabia que você tinha a resposta. Isso significa a sua pela dele, queridinha. Você é forte o suficiente?

Por ele? Qualquer coisa. Até dor, até a morte. Salvá-lo era mais importante do que ficar com ele.

— Certinho, então. — Anya bateu palmas. — Vamos começar a festa. Acorde. Ele precisa de você.

A imagem de Maddox surgiu na sua mente, e Ashlyn teve a impressão de sentir a mão dele segurar a sua, transmitindo força para seu corpo. Então... algo, uma presença, um calor, invadiram-lhe o corpo, avassalando-a e curando a irritação nos pulmões, os músculos contundidos nas costelas e quadris.

Ashlyn se forçou a abrir as pálpebras... e deparou com Maddox a observá-la. Ele parecia cansado, mas sorriu ao vê-la, e aquela foi a visão mais linda que Ashlyn já tivera.

Conseguiria mesmo abrir mão dele?

TRÊS DIAS DEPOIS, Ashlyn estava forte o bastante para deixar o hospital. Maddox a carregou de volta para a fortaleza sem uma palavra... nada de carro para o machão... e foi direto para seu quarto. Ela espiou alguns dos guerreiros nos corredores. Alguns pareciam infelizes, outros, furiosos, mas todos a cumprimentaram com um movimento de cabeça, como se já aceitassem a sua presença, mesmo a contragosto.

Logo que trancou a porta do quarto, Maddox a pôs de pé, deixando que o corpo de Ashlyn deslizesse pelo seu. Ele deixou os braços penderem ao lado do corpo, rompendo o contato.

— Descobriu alguma coisa nova sobre as mulheres? — indagou Ashlyn, sem se afastar dele. O calor de Maddox a envolvia, e a sua proximidade era uma tentação.

— Elas foram libertadas. Todas, menos Danika, que está deixando Reyes louco, insultando-o sempre que tem oportunidade. — Ele observou o rosto dela atentamente. — Como está se sentindo?

— Bem — respondeu Ashlyn, e era verdade. Ainda tossia de leve e sentia uma irritação branda no peito, mas estava quase curada. O que significava que estava na hora. Hora de salvá-lo.

Ele precisa de você, dissera a deusa Anya.

Ashlyn não contaria a Maddox sobre Anya. Ele faria perguntas; perguntas que ela não queria responder. Sabia o que tinha de fazer para libertá-lo da maldição, sabia e odiava, mas faria, e não poderia deixar que ele a impedisse. Não poderia deixar que *ela* mesma a impedisse. A ideia de ficar sem ele a enchia de desespero.

Eu não quero dizer adeus.

As lágrimas ameaçaram brotar nos olhos dela. Então, Ashlyn se obrigou a sorrir. Aquele era o conto de fadas *dela*, e ela salvaria seu príncipe. *Apenas... Não diga adeus. Ainda não.* Ela aproveitaria o resto do dia com Maddox, conversando com ele, tocando-o como não pudera fazer enquanto estivera no hospital.

— Quero você — ela lhe disse. — Quero tanto...

— Eu também quero você. — Um brilho malicioso apareceu de repente nos olhos púrpura. — Sinto como se uma eternidade houvesse se passado desde a última vez em que toquei você.

Mas eles apenas se entreolharam, nenhum dos dois buscando o outro ainda.

— Quero que você saiba... — Ashlyn mordeu o lábio e baixou o olhar para as próprias botas. Hora de confessar. — Amo você.

O choque encobriu o rosto de Maddox, sua boca se abriu e se fechou.

— É prematuro demais — disse ela —, nossas vidas são diferentes demais, e sou responsável por grande parte das coisas ruins com que você teve que lidar na semana passada, mas não consigo evitar. Ainda assim, amo você.

Enfim, Maddox estendeu os braços. Segurou-lhe as bochechas com os dedos e gentilmente forçou Ashlyn a encará-lo. A ternura ofuscou o choque.

— Eu também amo você. Muito. Sou um homem violento com emoções violentas, mas não quero que jamais receie que eu me torne violento com você. *Não consigo* machucá-la. Seria pior do que arrancar o meu próprio coração.

A alegria palpitou dentro dela, mais do que ela jamais imaginara ser possível. Lágrimas inundaram seus olhos. Ela se apoiou no peito de Maddox, precisando dele mais do que nunca. Ele baixou a cabeça, lentamente... pura tentação... sem nunca tirar os olhos dos dela. Os lábios roçaram, um beijo doce de beleza e amor.

A língua de Maddox deslizou para dentro da boca de Ashlyn. Incessantemente, eternamente, ele a

beijou, saboreando-a, deleitando-se nela. Ela sentiu o entusiasmo, o deslumbramento dele, ambas emoções espelhadas em seu próprio íntimo.

— Tão linda — sussurrou ele.

— Eu amo você — falou ela novamente.

— Amo você. Preciso de você.

Peça por peça, ele tirou-lhe as roupas e, peça por peça, Ashlyn tirou as dele, maravilhando-se com cada novo centímetro de pele revelada. Ele era tão grande e rígido. Tão... dela. Ashlyn exultava ao tocá-lo, saboreando e memorizando-o. Maddox era todo ferocidade reprimida e a amava.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras dera a Ashlyn uma sublime sensação de paz. Uma vez, depois que ela adoecera da primeira vez, ele chamara aquele lugar de sua casa. Era mesmo, concluiu ela. O único lar que ela realmente conhecera. Tão estranho que um homem violento fosse a pessoa a lhe dar isso. Que ele fosse a pessoa a expulsar a lembrança de quartos acolchoados, ruídos ensandecidos, solidão e a derradeira traição. Que... extraordinário.

— Eu a reverenciarei — disse ele. — Com minha boca, minhas mãos. — Ele se ajoelhou.

— Não. — Ashlyn segurou os ombros de Maddox e o puxou para cima.

Confuso, ele franziu o cenho.

— Minha vez. — Desta vez, *ela* se ajoelhou. *Ela* o reverenciou. Os lábios envolveram toda a volumosa extensão, tão rígida e quente, tomando-a por inteiro até o fundo da garganta. Ela jamais fizera aquilo antes, mas sabia como, pois ouvira a descrição com detalhes sórdidos de inúmeras mulheres.

Maddox segurou-a pelos cabelos, e ela gemeu.

— Ashlyn.

Realizar o ato não era algo do qual ela esperava gostar, mas Ashlyn descobriu que adorava. Adorava o prazer que ele recebia daquilo. Ashlyn o sugava de cima a baixo, deliciando-se com a maneira como Maddox estremecia, passando a língua em círculos sobre a glande arredondada antes de mergulhar até a base. Acariciou os testículos. Dar prazer a Maddox lhe proporcionava mais satisfação do que qualquer outra coisa que já fizera, a deixava molhada e ávida, uma escrava do desejo.

Maddox investiu com força, controlou-se e tentou diminuir o ritmo. Ela aumentou a velocidade, aceitando tudo o que ele tinha para dar. Desejando que Maddox arremettesse, querendo que fosse com força.

— Ashlyn, Ashlyn. — Com um rugido, Maddox jorrou a sua cálida semente na boca de Ashlyn.

Ela engoliu cada gota. Quando o último calafrio de Maddox arrefeceu, ela se levantou, vacilante. As pálpebras dele estavam semicerradas, o lábio inferior, inchado, como se Maddox o tivesse mordido para não gritar de prazer, de agonia. O rosto estava encoberto por aquela máscara de esqueleto, permitindo que ela visse tanto o homem quanto a fera. Ambos a fitavam com amor e ternura, uma necessidade tão profunda que se tornava infinita.

Ele morreria por ela de boa vontade. Ashlyn sabia disso; do fundo da alma, ela sabia. *Não posso fazer menos por ele.*

— Não vou deitá-la na cama — avisou Maddox com voz rouca.

— Q-quê?

— Vou possuí-la contra a parede, calcular cada investida. Profundamente. Não mais dois corpos, mas um só.

Se Maddox não a tivesse segurado, ela desmancharia no chão. Ele provocava aquilo nela, a derrubava com lindas palavras. Ashlyn o enlaçou pelo pescoço, prendendo-os juntos. A eternidade

nos braços dele não teria sido suficiente.

Os lábios dele desceram sobre os dela, e Maddox lhe deu um beijo que foi lento e doce, quente e voraz. Passo a passo, ele a fez recuar até a parede, como prometera. A pedra fria comprimiu as costas nuas, e ela ofegou.

Sem parar, ele continuou a beijá-la, massageando os seios, prestando homenagem aos mamilos. Logo ela estava se contorcendo, arfando, gemendo. Implorando.

— Mais — prometeu Maddox. — Vou lhe dar mais.

Que isso dure para sempre.

— Eu amo você. Eu amo você demais.

Erguendo-a, Maddox tornou a imprensar Ashlyn contra a pedra com os quadris, sem penetrar... oh, por favor, entre, não, saboreie... e ela enlaçou as pernas em torno da cintura dele. Ela o apertou com força, mas Maddox a obrigou a diminuir a pressão e afastar os joelhos, abrindo-se para ele. A brisa fresca beijou-lhe a parte mais íntima.

Dois dedos dele traçaram um caminho ardente descendo pelo abdômen e brincaram com o fino tufo de pelos. De olhos fechados, ela tentou arquear os quadris e guiar aqueles dedos para dentro do seu âmago. Ashlyn exalava desejo.

Ela o desejara nas primeiras (mil) vezes em que haviam ficado juntos, mas isso... isso era desejo verdadeiro, estar com o homem a quem dera o coração. Era mais do que sexo, mais do que prazer. Era destino, uma fusão de almas.

— Toque em mim, Maddox.

— Estou tocando, amor. Estou tocando.

— Mais fundo.

— Assim? — Os dedos desceram mais um centímetro... e mais outro... e pararam na fenda úmida.

— Mais.

— Assim? — Outro centímetro.

— Mais. *Por favor.*

Ele balançou a cabeça, segurou o queixo dela com a mão livre e posicionou Ashlyn de maneira a encarar seu olhar amoroso.

— Você não tem que implorar, Ashlyn. Nunca. É um prazer atender a cada desejo seu. — Finalmente, aqueles dois dedos deslizaram até o lugar certo.

Ela arqueou as costas. Maddox os movia para dentro e para fora, o polegar afagando o clitóris. Oh, Deus.

— Sim! — Era exatamente do que ela precisava, morreria se não recebesse. — Isso, isso. Mais.

Imediatamente, um terceiro dedo entrou na brincadeira, aumentando o prazer, intensificando a sensação.

— Sim. Assim mesmo — sussurrou Ashlyn, mal conseguindo respirar.

— Tão apertada e molhada.

— Para você.

— Só para mim.

Demais... não o bastante... Rápido, demorado. Rápido. Ela arqueou, cavalgando os dedos dele, escorregando e deslizando contra eles. O clitóris estava intumescido, desesperado.

— Vou... vou...

— Preciso sentir você.

Maddox avultou dentro dela. Num segundo, o membro substituiu os dedos. Ele a preencheu e alargou; ele a completou.

Em chamadas, Ashlyn ofegava e gemia, ardendo de uma maneira deliciosa. *Só por isso, já teria valido a pena viver; por este homem, pelo toque dele.*

— Amo você — grunhiu ele contra o pescoço dela.

— Amo você, amo você, amo você — ela entoeou, em harmonia com as investidas.

Maddox acariciou o pescoço de Ashlyn com o nariz, como se pudesse lambe as palavras e devorá-las. Manteve as investidas lentas e calculadas, exatamente como prometera.

— Nunca senti nada assim. Quero que nunca termine.

Ela sentia o mesmo. Um ardor febril no sangue, elétrico, despertando cada célula.

— Tão bom.

— Para sempre — afirmou Maddox.

— Para sempre. — *Você terá meu coração para sempre.*

Ele investiu para dentro uma última vez, tocando tão fundo que Ashlyn o sentiu em todas as partes do corpo. Tocando exatamente onde ela precisava dele, marcando-a. O orgasmo dela foi avassalador. Ela gritou-lhe o nome, puxando-o para perto.

Maddox rugiu o dela, abraçando-a de maneira protetora. O calor os envolveu, tanto calor. Um calor que jamais morreria.

— Minha — disse ele, beijando-a de leve nos lábios.

— Sua. — *Sempre.*

Maddox a carregou para a cama e a deitou gentilmente. Acomodou-se ao lado dela, aconchegando-a. Não falaram por um longo tempo, apenas desfrutando da companhia um do outro. *Um pouco mais de tempo*, ela rezou. *Dê-me um pouquinho mais de tempo.*

— Senti saudade de você — ele falou por fim.

— Também senti saudade de você. Mais do que consigo dizer. — Ela estendeu a perna sobre a dele. — O que aconteceu enquanto estive fora?

Maddox traçou um círculo lânguido nas costas dela, dizendo:

— Aeron foi colocado na masmorra. Como mencionei, Reyes está tentando conquistar e repelir Danika ao mesmo tempo, e Danika precisou ser trancada no quarto dele para que não fugisse. Torin foi ferido, mas está se recuperando. Sabin e os outros, os homens que você viu depois da explosão da bomba, se mudaram para cá. No momento, conseguimos uma trégua. Não uma trégua confortável, mas uma trégua, apesar de tudo.

Uau. Pelo jeito, não houvera um momento de tédio.

— Não gosto de saber que Danika está trancada.

— Confie em mim, linda, é para o próprio bem dela.

Ashlyn suspirou.

— Confio em você.

— O que... — Ele fez uma pausa. Ficou tenso. — O que os Caçadores fizeram com você, Ashlyn? Preciso saber.

— Nada, eu juro — garantiu. — Preciso lhe contar algo. — *Por favor, não deixe de me amar.* — Eu os trouxe aqui, Maddox. Eu. Lamento muito. Não era a minha intenção. Mesmo. Não era. Eles me enganaram e...

— Eu sei, linda. Eu sei.

Aliviada, Ashlyn relaxou. Ele a amava de verdade, para perdoá-la tão facilmente por algo que quase o levara a matá-la antes. Ela o abraçou com força.

— Antes de morrer, meu chefe contou que eles planejam encontrar a caixa de Pandora e sugar seus demônios para dentro dela.

— Foi o mesmo que nos disseram. — De repente, ele bocejou. Um sorriso sereno ergueu os cantos da boca. — Devo agradecer aos deuses por trazerem você de volta para mim, mas acho que estou cansado demais para abordá-los neste momento. Preciso de pouco descanso, mas não tive nenhum nestes últimos dias.

— Vá dormir. Preciso que você mantenha a força — sussurrou Ashlyn.

Maddox deu uma risadinha, um som de absoluta alegria.

— O seu desejo é o meu prazer.

Capítulo Vinte e Quatro

— DU-VI-DO QUE ele esteja em dívida com os deuses. Ele está em dívida comigo. Mas juro que este é totalmente o último favor que faço para você. Eu o coloquei para dormir. Não perca tempo.

Ashlyn ficou imóvel ao ouvir a voz de Anya lhe penetrar a mente. *Não, ainda não*, seu corpo se queixou. *Preciso de mais tempo com ele*.

— É você quem sabe, *chica*. Vou cair fora.

E ela o fez. A onda de energia de Anya se desfez, deixando o quarto vazio.

Tremendo, Ashlyn se levantou da cama e saiu furtivamente do cômodo, mas não sem antes lançar a Maddox um último olhar triste. Ela odiava deixar aqueles braços sedutores, mas não podia correr o risco de perder aquela chance.

— É para o bem — disse a si mesma. — Ele não vai morrer de novo. Não se eu puder salvá-lo.

Durante 15 minutos, ela vagou pelos corredores da fortaleza, batendo nas portas dos quartos. Ninguém respondia. Nem mesmo Danika. Enquanto isso, ecoava nos corredores o som de alguém berrando palavrões. Ela ouviu o som de correntes batendo. Aeron, ela se deu conta e estremeceu. Ele a assustava.

Finalmente, encontrou um dos imortais. O anjo de cabelos prateados que a tirara do quarto de Danika para escondê-la em outro. Torin. Doença. Ele estava deitado em uma cama, com uma toalha vermelha enrolada no pescoço. Estava pálido, havia perdido um pouco de peso, e as linhas ao redor dos olhos e da boca estavam retorcidas de dor. Mas ele continuava respirando.

Ela não o acordou. Mas se aproximou da lateral da cama para sussurrar:

— Queria poder tocá-lo, segurar sua mão e lhe agradecer por me esconder naquele dia. Naquela noite, consegui encontrar Maddox e abraçá-lo.

As pálpebras dele se abriram.

Assustada, ela pulou para trás. Seus olhares se cruzaram, e Ashlyn relaxou. Havia gentileza nos olhos verdes dele, e ela gostava de achar que ele teria dito “Bem-vinda ao lar”, se pudesse.

— Espero que você melhore logo, Torin.

Ele talvez tivesse assentido, mas era difícil afirmar.

Com os nervos à flor da pele, ela continuou sua busca.

Finalmente, localizou um grupo deles. Seu coração martelava o peito enquanto os observava, despercebida. Eles estavam se exercitando, levantando e puxando mais peso do que cinco humanos juntos teriam sido capazes. O que se chamava Reyes esmurrava um saco de pancadas. Suor lhe escorria pelo peito nu, tingido com respingos de sangue.

Era ele quem sempre empunhava a espada. Ela tentou não odiá-lo por isto.

— Hã-hã — disse, atraindo a atenção de todos.

Todos pararam para olhar para ela. Alguns estreitaram o olhar. Ela empinou o queixo.

— Preciso falar com vocês — disse ela, dirigindo as palavras a Reyes e Lucien.

Reyes voltou para seu saco de pancadas.

— Se veio tentar nos convencer a não matar Maddox hoje à noite, poupe sua saliva.

— Eu ouço o que você tem a dizer, doçura — disse o mais alto do grupo. Paris era seu nome. Olhos azuis, pele pálida, cabelos castanhos e pretos. Puro sexo, Maddox dissera, e ela acreditava nele. As palavras haviam sido ditas como um aviso para manter distância.

— Quietos — disse Lucien. — Se Maddox ouvi-lo, vai querer sua cabeça.

Um homem de cabelos azuis a encarou.

— Quer que eu lhes diga que você mandou um beijo?

Dizer que ela mandou um beijo? Ela só o vira uma vez antes. Na entrada, logo depois da explosão, mas ele não lhe parecera do tipo beijoqueiro. Ele parecia querer matá-los.

— Você cale a boca também, Gideon — rosnou Reyes. — E não se engraça com ela. Ela tem dono. Terei que machucar você.

— Detestaria vê-lo tentar — disse o homem, agora sorrindo.

Ela não entendia. Que estranho. As palavras dele diziam uma coisa, seu tom, outra, bem diferente. Mas aquilo não interessava.

— Tem razão — ela disse a Reyes. — Não quero que vocês matem Maddox hoje à noite. Quero que vocês... — *Ah, meu Deus, você vai mesmo dizer isso?* — Quero que vocês me matem no lugar dele.

Aquilo chamou a atenção de todos. Eles pararam o que estavam fazendo, soltaram os pesos, pararam a esteira e a encararam, boquiabertos.

— O que disse? — arfou Reyes, limpando o suor da testa.

— Maldições são quebradas através do sacrifício. De preferência, autossacrifício. Se eu me sacrificar, morrendo no lugar de Maddox, a maldição dele será quebrada.

Silêncio.

Silêncio denso e pesado. Ela queria apenas que fosse confortável.

— Como pode ter certeza? — perguntou Lucien, com aqueles olhos esquisitos e misteriosos. — E se não funcionar? E se a maldição mortal de Maddox não se quebrar e você morrer a troco de nada?

Ela reuniu coragem, envolvendo-se nela como um cobertor no inverno.

— Pelo menos terei tentado. Mas, hã... Eu meio que tenho uma garantia da autoridade máxima de que isso vai funcionar, sim.

— Os deuses?

Ela assentiu. Bem, Anya jamais havia confirmado aquele detalhe. Ashlyn apenas presumira.

Novamente, silêncio.

— Você seria capaz de fazer isso? — Os olhos elétricos de Paris foram tomados pela perplexidade. — Por Violência?

— Sim. — Ela ficava aterrorizada ao pensar na dor que sentiria, mas não hesitou em responder.

— Eu o apunhalo — Reyes a lembrou. — O que significa que terei de apunhalar você. Seis vezes. Na barriga.

— Eu sei — ela disse suavemente. Olhou para os pés descalços. — Vejo isto em minha mente todo dia, e revivo a cena toda noite.

— Digamos que você, de fato, quebre a maldição dele — disse Lucien. — Você o terá condenado a viver sem você.

— Prefiro que ele viva sem mim a ficar morrendo toda noite ao meu lado. Ele sofre demais, e não posso permitir isso.

— Autossacrifício. — Reyes deu uma risada irônica. — Soa ridículo a meus ouvidos.

Ashlyn empinou o queixo ainda mais e tentou usar a mesma lógica que a deusa havia usado com ela.

— Veja os contos de fadas mais adorados no mundo inteiro — disse. Toda aquela magia, todos os “felizes para sempre”. — Rainhas egoístas sempre morrem, e as princesas boazinhas sempre vencem.

Reyes deu outra risada irônica.

— Como você disse, são contos de fadas.

— E os contos de fadas não são todos baseados em fatos? Você mesmo não era para ser nada além de um mito. A caixa de Pandora é uma história que os pais leem para seus filhos à noite — ela replicou. — Isto significa que a vida em si é um conto de fadas. Como os personagens, todos nós vivemos e amamos e buscamos um final feliz.

Eles continuavam a olhar para ela, algo indecifrável em seus olhos. Talvez... admiração? Os minutos se arrastavam, lentos e torturantes. Ela tomara sua decisão e, se tivesse de apunhalar a si mesma para isso, o faria.

— Tudo bem — Lucien disse, chocando-a. — Faremos isso.

— Lucien! — zombou Reyes.

Lucien lançou um olhar para Reyes, e Ashlyn reparou num brilho de esperança em seu rosto tomado por cicatrizes.

— Isto também nos libertará, Reyes. Poderemos deixar a fortaleza por mais de único dia. Poderemos viajar se quisermos. Poderemos nos afastar, e ficar afastados, caso desejemos a solidão.

Reyes abriu a boca, e a fechou.

— Nos filmes que Paris nos força a assistir — prosseguiu Lucien —, o bem sempre vence o mal com um gesto extremo de autossacrifício.

— Filmes humanos não significam nada. Se fizermos isso, poderemos acabar ainda mais amaldiçoados. Punidos por desafiar a vontade dos deuses.

— Por Maddox, pela liberdade, por que não arriscar?

— Maddox não vai gostar disso — disse Reyes, mas já havia esperança na voz dele também. — Acho... Acho que ele preferiria ficar com a humana.

Aquela observação aqueceu o coração dela, mas não a fez recuar. Ela não podia deixar, não iria deixar Maddox sofrer daquele jeito noite após noite, sabendo que havia algo que ela pudesse fazer. Ele havia pagado por seus crimes, e com juros.

Olho por olho, pensou ela. Ele lhe dera paz. Ela faria o mesmo por ele.

— Às vezes, o que queremos não é aquilo de que precisamos — disse Lucien. Sua voz perdera força e ganhara um tom melancólico. O que ele queria do qual não precisava?

— Tudo bem — disse Reyes, enfim.

— Esta noite — insistiu Ashlyn. — Tem que ser esta noite. — Ela não queria que ele sofresse mais uma vez, nem queria correr o risco de mudar de ideia. — Apenas... me deem o máximo de tempo possível com ele, sim?

Os dois homens assentiram sombriamente.

MADDOX CUIDOU DE todas as necessidades de Ashlyn pelo resto do dia. Deu comida em sua boca e amou seu corpo tantas vezes que perdeu a conta. Falou de seus planos para o futuro deles juntos. Como o novo emprego dela poderia ajudar os guerreiros na busca pela caixa de Pandora, se ela assim desejasse. Como se casariam e passariam cada minuto juntos, se ela assim desejasse. Como buscariam um jeito de salvá-la do envelhecimento, para que pudessem passar a eternidade juntos, se ela assim desejasse. Ele lhe daria tudo que quisesse, e ela poderia ler trechos de romances para ele. Se ela assim desejasse.

Ela riu com ele, o provocou, o amou, mas havia um quieto desespero nela que ele não entendia. Uma tristeza. Ele não a pressionou. Tinham tempo. Pela primeira vez, ele via o tempo como um aliado. Ela não tinha como saber que o havia domado. Domara o espírito. E que, agora, ambos existiam para agradá-la.

— O que houve, amor? — perguntou ele. — Diga, e tornarei tudo melhor.

— É quase meia-noite — ela lembrou, tremendo.

Ah. Agora, ele entendia. Olhou para ela. Estavam sentados na beira da cama dele, que lhe segurava a mão. O luar banhava as belas feições de Ashlyn, iluminando a preocupação em seus olhos.

— Ficarei bem.

— Eu sei.

— Praticamente não dói, juro.

Aquilo o recompensou como uma suave risada.

— Mentiroso.

A risada que ela deu o aqueceu de dentro para fora.

— Quero que você fique em outro quarto esta noite.

Ela balançou a cabeça, fazendo-lhe cócegas no braço com as pontas dos cabelos.

— Vou ficar com você.

Ele suspirou. Havia tanta determinação na voz dela.

— Tudo bem. — Ele não se permitiria nenhuma reação aos golpes. Não faria nenhum barulho, não moveria um músculo. Morreria com um sorriso no rosto. — Nós vamos...

Reyes e Lucien entraram no quarto, mais sombrios do que ele jamais vira. Ele se perguntou a respeito do humor deles, mas resolveu não questioná-los diante de Ashlyn. Não havia razão para aumentar a carga sobre os ombros dela naquele momento; ela estava prestes a presenciar seu assassinato.

Maddox deu um beijo suave nos lábios de Ashlyn. Ela agarrou a cabeça dele, instando-o a continuar beijando. Ela estava sendo incisiva, quase desesperada. Ele se permitiu um momento mais. Deuses, como ele amava aquela mulher.

— Terminaremos isto amanhã — disse. Amanhã... Ele mal podia esperar.

Ele se deitou nos lençóis de algodão e foi para a cabeceira da cama. Reyes lhe algemou os pulsos, e Lucien, os tornozelos.

— Pelo menos vire de costas quando eles começarem — ele disse a Ashlyn.

Ela sorriu, um sorriso triste, e se agachou ao lado. Ele lhe acariciou o rosto, suavemente, a carícia de uma borboleta.

— Você sabe que amo você.

— Sim. — E nada na vida jamais lhe dera tamanha felicidade. Aquela mulher era um milagre. — E você sabe que a amarei para além da eternidade.

— Ouça, Maddox... Não culpe ninguém a não ser eu mesma por isso, certo? Você já sofreu demais, demais mesmo, e, como a mulher que o ama, cabe a mim salvá-lo. Saiba que faço isso de livre e espontânea vontade, pois você é mais importante para mim do que minha própria vida. — Ela o beijou de novo, brevemente desta vez, e se levantou. Voltou-se para Lucien e Reyes. — Estou pronta.

Ele franziu o cenho, confuso, começando a ficar apavorado.

— Pronta para quê? Do que eu a culparia?

Reyes desembainhou a espada, a lâmina assoviando no ar. O pavor de Maddox aumentou.

— O que está havendo? Digam. Agora.

Ninguém disse uma palavra enquanto Reyes se aproximava de Ashlyn.

Maddox puxou as correntes que o prendiam.

— Ashlyn. Saia do quarto. Saia do quarto e não volte.

— Estou pronta — sussurrou ela de novo. — Será melhor irmos para outro quarto?

— Ashlyn! — rosnou Maddox.

— Não — disse Lucien. — Você disse que queria fazer o sacrifício máximo, lembra? Ele tem de assistir e entender o que está fazendo por ele.

Os olhos dela encontraram os de Maddox, marejados por lágrimas não derramadas.

— Eu amo você.

Naquele momento, Maddox entendeu exatamente qual era o plano. Ele se contorceu, lutando para se libertar. Gritou obscenidades que nem mesmo Paris ousaria dizer. Enquanto isso, lágrimas quentes lhe corriam pelo rosto.

— Não. Não façam isso. Por favor, não façam isso. Eu preciso de você, Ashlyn. Reyes, Lucien. Por favor. *Por favor!*

Reyes hesitou. Engoliu em seco.

Então, apunhalou Ashlyn no abdômen.

Maddox gritou, puxando as correntes com tanta força que os elos de metal o cortaram até o osso. Se continuasse assim, perderia as mãos e os tornozelos. Ele não se importava. Só havia uma coisa importante, e ela estava morrendo na frente dele.

— Não! Não! Ashlyn!

O sangue jorrou do ventre dela, molhando-lhe a camisa. Ela apertou os lábios, de alguma forma, permanecendo em silêncio e firme.

— Amo você — repetiu ela.

Reyes a apunhalou novamente. A cada novo corte, Maddox sentia sua ligação com a meia-noite afrouxar, como se as correntes invisíveis que o haviam prendido durante milhares de anos estivessem lentamente se desfazendo. E ele as queria de volta! Queria Ashlyn.

— Ashlyn! Reyes! Parem. Parem. — Ele soluçou abertamente, impotente, furioso. Ele próprio morrendo, apesar de se sentir mais forte do que nunca. — Lucien, faça-o parar.

Morte baixou o olhar sem dizer nada.

Ashlyn caiu com a terceira estocada da lâmina. Ela gritou. Não, na verdade, foi ele. Ela apenas choramingou.

— Não... dói — ela arfou. — Como você disse.

— Ashlyn. — O nome tremia em seus lábios num apelo desesperado. Com ódio. Violência. — Oh, deuses. Não. Ashlyn. Por que estão fazendo isso? Reyes, pare. Você precisa parar! — Ele não conseguia se impedir de dizer aquilo.

O olhar de Ashlyn encontrou o dele novamente, e havia tanto amor nele que ficou mortificado.

— Eu amo você.

— Ashlyn, Ashlyn. — Ele puxou com força, e a corrente afundou ainda mais, cortou com mais força. — Agente firme, linda. Agente. Nós vamos fazer curativos. Vamos lhe dar Tylenol. Não se preocupe, não se preocupe. Reyes, pare. Não faça isso. Ela é inocente.

Reyes não lhe deu atenção; apunhalou-a de novo e de novo. Os olhos dela se fecharam. Então, ele parou. Engoliu em seco. Olhou para os céus e, em seguida, para Lucien, que permanecia em silêncio.

— Não a leve! Por favor, não a leve.

Finalmente, foi dado o sexto golpe.

— Ashlyn!

O sangue fluía em torno do corpo sem vida de Ashlyn, uma poça escarlate. Lágrimas continuavam a cair dos olhos de Maddox. Ele continuava a lutar. Seu vínculo com a meia-noite continuava a desaparecer.

— Por quê? Por quê?

Finalmente, Lucien o soltou. As mãos e pés dele mal estavam presos ao corpo, e ele caiu no chão. se arrastou, deixando uma trilha de sangue atrás de si. Tomou sua mulher nos braços.

A cabeça pendeu para o lado. Morta. Ela estava morta, enquanto ele sentia o peso da maldição mortal se transformar em névoa dentro de seu corpo, evaporando como se jamais tivesse estado lá.

— Não! — Ele chorou, com soluços fortes. Apesar de ter havido uma época em que tudo o que desejara fora quebrar a maldição, ele preferiria suportar mais mil delas a perder aquela mulher. — Por favor.

— Está feito — disse Reyes, soturno. — Esperemos que o sacrifício dela não tenha sido em vão.

Maddox enterrou o rosto nos cabelos de Ashlyn e a embalou em seus braços.

Capítulo Vinte e Cinco

MADDOX EMBALOU SUA amada pelo que pareceu uma eternidade, desejando que ela acordasse. Não conseguia suportar a ideia de uma vida sem ela. Preferia morrer também.

Lucien e Reyes estavam atrás dele, em silêncio.

— Levem meu espírito ao inferno pela eternidade! — ele gritou aos céus. — Tudo menos isto. Tragam-na de volta. Deixem-me ocupar seu lugar às portas da morte.

Toda a eternidade?, ronronou uma voz. Não era Sabin falando dentro de sua cabeça desta vez, mas uma mulher. *Isso é que é compromisso.*

Ele não hesitou.

— Sim. Sim! Para sempre. Toda a eternidade. Não posso viver sem ela. Ela é tudo para mim.

Gosto de você, caubói, gosto mesmo.

— Está ouvindo uma mulher dentro da sua cabeça também? — perguntou Lucien, nitidamente chocado.

— Sim — disse Reyes, igualmente desconcertado. — Quem é você?

Sua nova melhor amiga, doçura.

— Então, me ajude — apelou Maddox.

Imortal bobinho. Faz dias que venho quebrando as regras, o que é meio que um hobby para mim, para ajudar você. Mas não sei se quero continuar com isso. Você e a sua mulher me fazem gastar tempo demais.

— Por favor. Ajude-a, e jamais precisarei de outro momento de seu tempo. Eu juro. Apenas devolva-a para mim. Por favor. *Por favor.*

Você insultou os mandachuvas na semana passada, Violência, e gostei muito disso. Isso me fez parar para reparar, para ser sincera. Não tem mais muita gente se rebelando por aí, sabia? E ainda por cima um Senhor fazendo isso... mandou ver! Sabe por quê?

— Não. — E ele não se importava.

Beleza. Hora da aula.

— Ashlyn...

Não vai a lugar nenhum. Agora, shh. Preciso dar um panorama geral para você entender exatamente o que estou arriscando por você.

Enquanto embalava Ashlyn em seus braços, ele apertou os lábios, lutando contra seu desespero e sua impetuosidade.

Enfim... Os Titãs estão no comando, aqueles desgraçados, e estão com uma ideia fixa de fazer o mundo voltar a ser o que era na época deles. Um lugar de paz, um lugar de adoração, blablablá, onde os humanos se curvam e se sacrificam por eles, e toda essa palhaçada. Dentro de poucos dias, dois templos vão se erguer de repente do mar. Esperem só. Vai ser o começo de fim, sem dúvida. Ela fez uma pausa dramática. Não sei se os Titãs querem que vocês morram ou não no grande esquema geral, mas o que sei é que eles planejam usar vocês para conseguirem o que querem.

— As mulheres. Danika — disse Reyes.

Bingo. Algo a ver com a linhagem dela, quem sabe uma profecia... Mas vou ter que estudar o assunto, porque estou basicamente boiando. Mas vocês conseguem ver meu dilema, não é? Se eu

ajudar vocês, vou deixar a nova administração doida da vida.

— Deseja que eu os mate para você? — Maddox se adiantou. — Farei isso. Farei. — Podia levar o tempo que fosse, ser necessário o que fosse. Ele encontraria um jeito.

— Maddox — avisou Lucien. — Pare. Antes de trazer uma maldição ainda maior sobre nossa casa. Ela vai ajudá-lo. Só está fingindo ter que negociar. Certo, deusa?

Ah, um sr. Espertinho, ela ronronou. Você é sexy, tenho que admitir. Ela soltou outro suspiro, sonhador desta vez, antes de se recompor. Não dá tempo para isso. Infelizmente. Como eu estava dizendo antes, a mulherzinha me impressionou mesmo. Verdade seja dita, não achei que ela fosse fazer isso. Mas que espetáculo, hein? Risadinhas. Se eu tivesse necessidades fisiológicas, teria feito xixi nas calças.

— Deusa. Concentração. Por favor.

— Maddox — avisou Lucien de novo.

Anya. Meu nome is Anya. E, tecnicamente, não sou uma deusa, só filha de uma, por isso, pare de ficar me equiparando àqueles pés no saco. Suspiro raivoso desta vez.

— O que posso fazer? Diga-me! Farei qualquer coisa. — Maddox achava que Anya estava chupando algum doce, pois ouviu um barulho de mastigação e um estouro, e uma brisa de morango e creme.

Sua mulher deu a vida dela pela sua. Está disposto a fazer o mesmo? Porque, você deve saber, meus poderes dependem das ações dos outros, e não posso fazer nada sem você fazer. Ah, e tem a questãozinha do pagamento.

— Sim. Sacrificarei qualquer coisa por ela. — De novo, nada de hesitação. — Pagarei do jeito que você quiser.

Houve outra pausa com barulho de mastigação. Tudo bem, o negócio é o seguinte. Os Titãs estão atrás de mim. Não me perguntem por quê. É uma longa história. Enfim, estão me caçando como se eu fosse um animal, e isso já faz, sei lá, uns dias. Se, algum dia, eu vier pedir ajuda, quero ser atendida. Entendido?

— Sim. Qualquer coisa.

Não só você, doçura. Todos vocês.

Por um momento, nem Lucien nem Reyes esboçaram reação alguma. Maddox estava prestes a voar sobre eles e lhes cortar as gargantas. Então, disseram “sim” em uníssono.

Assim, isso. Acordo fechado. Sua mulher vai acordar, e vai estar ligada a você. Vai viver enquanto você viver. Nada mal para uma mortal, na boa. Mas, se um de vocês morrer, os dois morrem. Sacou?

— Sim, sim.

Se você tentar quebrar a promessa, saiba que vou matar você, o que significa que ela morre também. A voz dela adquiriu um tom cantarolado e adocicado. *Corto suas cabeças e entrego aos deuses numa bandeja de prata.*

— Entendi. Aceito — disse ele de imediato.

Um segundo se passou. E outro. Então, houve um ronronar de satisfação, e Maddox foi subitamente preso num redemoinho de vento. Ashlyn foi arrancada de seus braços ensanguentados e ele urrou, esticando os braços para ela. Ela ainda jazia inerte, mas seu sangue parecia estar voltando ao corpo.

Maddox foi jogado de volta na cama, as correntes novamente o envolveram, seus pulsos e tornozelos sendo curados em questão de segundos. Reyes e Lucien caminharam até o meio da sala... mas estavam caminhando de trás para a frente.

O tempo voltava em velocidade acelerada, Maddox percebeu, chocado. Vira muitas coisas em sua

longa vida, mas aquilo, nunca.

Reyes estava de pé em frente a Ashlyn, tirando a espada dela ao invés de cravando. Em vez de cair, ela se levantou.

Tão repentinamente quanto começou, o redemoinho parou. Todos olharam ao redor, confusos.

— O que aconteceu? — perguntou Ashlyn, incrédula. — Eu estava morta. — Ela ergueu os braços, olhou para eles e, em seguida, sentiu o ventre, procurando ferimentos. — Eu sei que estava. Ainda sinto aquela lâmina cortando meu... Ah, meu Deus, Maddox, o que você fez? A maldição voltou também?

— Isso foi... Não tenho palavras — disse Reyes, franzindo o cenho. — Eu a apunhalei.

Todos haviam conservado suas lembranças do ocorrido, apesar de o fato ainda não ter acontecido.

— Libertem-me — gritou Maddox. — As correntes.

Com uma expressão confusa, Lucien obedeceu.

Maddox se levantou de um pulo e puxou Ashlyn para seus braços, beijando-lhe o rosto e apertando-a com toda força que podia sem esmagá-la. Ela riu. Depois, se afastou para observá-lo.

— Mas a maldição mortal...

— *Está* quebrada. Eu juro. Não sinto mais suas amarras.

Divirtam-se, meninos, pois agora vocês também estão livres da maldição de Maddox, cantarolou Anya subitamente. *Mas não se preocupem. Tenho certeza de que seus demônios vão manter vocês bastante infelizes. Só não se esqueçam do nosso acordo. Por ora, tchau, tchau.*

O corpo de Reyes se contorceu e a cabeça de Lucien foi jogada para trás. Eles estremeceram, seus joelhos cederam, e caíram no chão. Ambos ficaram lá, arfando, por um bom tempo. Ergueram a vista ao mesmo tempo, os olhos se encontrando.

— Não tenho mais que matar Maddox — disse Reyes, estupefato. — A atração que a morte dele exercia sobre mim acabou. Acabou!

— A maldição mortal realmente foi quebrada — disse Lucien com a voz mais alegre que Maddox já o tinha ouvido usar. — Obrigado, Ashlyn. Obrigado. Você é uma humana sensacional.

— Gostaria de dizer que o prazer foi meu — ela brincou, sorrindo.

— Você morreu por mim — disse Maddox, tomando a atenção dela e parando de pensar em seus amigos. Só uma pessoa importava no momento. E ele estava chocado, acabrunhado e furioso com ela.

— Você morreu por mim — rosnou.

— E faria de novo — disse ela. — Eu amo você.

Ele a balançou no ar, e ela soltou um grito de felicidade.

— Nunca mais, mulher. Você nunca mais me abandonará novamente.

— Nunca.

— Reyes, Lucien. *Vocês* irão — ele disse sem tirar os olhos de Ashlyn.

Eles saíram calmamente do quarto, presenteando ele e Ashlyn com um pouco de privacidade. Maddox tirou-lhe a roupa e lhe beijou o ventre, onde ela fora apunhalada.

— Preciso de você — ela sussurrou.

E ele precisava dela. Naquele momento e sempre. Ele a penetrou, sem conseguir parar, e gemeu de prazer.

— Eu amo você — ele disse, investindo lentamente dentro dela.

— Também amo você. — Ela suspirou, jogando a cabeça de um lado para o outro.

— Obrigado. Pelo que você fez, obrigado. — Ninguém jamais sacrificara tanto por ele. — Apenas... não permita que a matem nunca mais. Entendeu?

Ela riu, mas ele a penetrou fundo, exatamente onde ela gostava, e a risada se tornou um gemido.

- Então, não vá ser amaldiçoado de novo, meu doce príncipe.
- Amaldiçoado? Amor, eu fui abençoado com um prêmio incomensurável.
- Eu também, Maddox — disse ela, e ambos atingiram o clímax. — Eu também.

NA TARDE SEGUINTE, Lucien convocou uma reunião.

Ashlyn se empoleirou no colo de Maddox, feliz como nunca. Todos os seus sonhos haviam se realizado. Ela conseguia controlar sua habilidade pensando em Maddox, e ele fazia com que as vozes cessassem de vez. O amor verdadeiro realmente conquistava tudo.

Ashlyn tinha até uma família. Uma família de verdade, com uma rixa e tudo mais. Os dois grupos de homens eram tensos e distantes um com o outro, porém educados tanto quanto demônios poderiam ser. Ela estava determinada a resolver a contenda, como a irmã que ela sentia que era.

Desde as punhaladas (revertidas), a maioria dos guerreiros passara a tratá-la com afeição, bagunçando-lhe os cabelos quando a viam, fazendo piadas com o fato de ela estar presa a Maddox pela eternidade. A não ser Doença, que ainda se recuperava de seus ferimentos. Mas Torin *piscava* para ela. Ashlyn sabia que aquele homem provavelmente se sentia péssimo por ter libertado acidentalmente uma doença sobre o povo local. Sim, os efeitos haviam sido, e ainda eram, devastadores, mas, graças à medicina moderna, fora possível conter a epidemia. Talvez ele pudesse encontrar algum conforto nisso. E, quando estivesse curado, poderia ajudar os guerreiros a reconstruir o Club Destiny, dando alguma recompensa à cidade.

A vida era boa. Tão melhor do que ela jamais poderia ter imaginado. Ela sorriu.

Lucien parou na frente do cômodo e disse:

— Conversei com Sabin e, como vocês sabem, resolvi ajudá-lo a procurar a caixa. Está na hora de alguém encontrar aquela maldita coisa. Enquanto ela estiver por aí, os demônios estarão em risco de ser sugados para dentro dela. O que significa que nós corremos risco de morrer.

— Malditos Caçadores — Ashlyn disse e Maddox apertou-lhe a cintura.

— Eles estão mortos, Doença os matou — observou Reyes.

Ashlyn balançou a cabeça, odiando corrigi-lo.

— Vocês mataram alguns deles. Não todos. McIntosh era apenas o vice-presidente do Instituto. Nunca conheci o presidente, em todos os anos em que trabalhei lá. Disseram-me que ele jamais aparece em público. Nunca havia pensando nisso antes, mas, agora, me parece suspeito. Além disso, tem mais um monte de funcionários, espalhados por todo o mundo. E talvez outros Caçadores que sequer sejam afiliados ao Instituto.

Formou-se um murmúrio no grupo.

— Esperávamos que a caixa estivesse aqui, em Budapeste — disse Sabin, parando ao lado de Lucien e franzindo o cenho ao ver que o guerreiro ficou tenso, como se esperasse um ataque. — O interrogatório de um dos Caçadores nos trouxe, ao menos, aqui. Mas...

— Eles não encontraram vestígios dela — Lucien terminou por ele. — E gostariam de contar com nossa ajuda.

— Se quiser que eu ajude na busca pela caixa, terá que me dar algum ponto de partida — disse Reyes.

Ele estava no limite, Ashlyn sabia, porque Danika havia saído sorrateiramente da fortaleza pela manhã sem se despedir. Ninguém fora atrás dela. Ashlyn estava triste por ter perdido sua primeira amiga, mas sabia que era melhor assim.

Eles teriam que soltar Aeron em algum momento.

Maddox contara a Ashlyn sobre Aeron, sobre como o homem precisava matar Danika e sua

família. Aquele era o único ponto sombrio na vida de Ashlyn. Mas Maddox também dissera que Reyes estava determinado a proteger a mulher, apesar de tentar resistir a este desejo.

Ashlyn preferia pensar que Anya acabaria ajudando Danika do jeito como ela a ajudara. Se Anya *pudesse* ajudar, claro. Maddox também dissera que Anya confessara estar sendo perseguida pelos Titãs. Ela era algum tipo de ser sobrenatural que podia se teletransportar para dentro e fora de construções, ficar invisível e voltar no tempo, apesar de ter medo de ser atacada de surpresa, o que significava que ela *podia* ser surpreendida.

— Veja como fala, Dor — disse Cameo, parando do outro lado de Lucien. — Você está destruindo nossa autoconfiança.

Certo, dois pontos sombrios, pensou Ashlyn. Cameo fazia Ashlyn sentir um aperto no coração ao olhar para ela. Aquela mulher precisava de amor. Até o momento, contudo, nenhum dos homens parecia atraído por ela, apesar de ela ser linda. Todos mantinham distância, como se temessem matar a mulher, ou a si mesmos, se chegassem perto demais. Bem, eles não eram os únicos homens no mundo. Certamente, alguém poderia se apaixonar por Infelicidade.

— Ashlyn ouviu histórias conflitantes — disse Maddox. — Pode dizer a eles?

Ela assentiu.

— Uma delas diz que a caixa está sendo protegida por Argus. A outra diz que a caixa está escondida no fundo do mar, guardada pela Hidra, mas não sei onde.

Todos grunhiram.

— Alguma ideia de por onde devemos começar? — Lucien perguntou a ela.

Ashlyn balançou a cabeça.

— Anya mencionou que dois templos se ergueriam do mar — disse Maddox. — Esses templos, provavelmente, foram usados pelos deuses e não terão sido contaminados ou explorados pelos humanos. No momento em que surgirem, alguns de nós deveriam vasculhá-los. Talvez encontremos algo que nos coloque no caminho certo.

— Excelente. — Lucien assentiu. — Alguém terá de ficar aqui com Aeron e Torin, e proteger a fortaleza.

— Ashlyn e eu ficaremos. Leremos livros e textos para procurar.

— E vou tentar ouvir pistas na cidade — acrescentou ela.

Maddox a apertou, levando-a para mais perto de si, e sussurrou:

— Preciso tanto de você.

— Ótimo. Porque pretendo satisfazer *todas* as suas necessidades — ela disse, sedutora.

Sua boca se suavizou, e os olhos cor de violeta baixaram até os lábios dela.

— No momento, estou imaginando você com uma roupa de couro preto e uma espada ao lado. Mais cedo, mandei Paris comprar este tipo de roupa na cidade, pois sei que você gosta de trajes sensuais.

Ela se derreteu toda, tão cheia de amor que chegava a borbulhar, emanando dela num fluxo contínuo.

— Quando eu o usar, lutarei para proteger minha virtude ou para tirar a sua?

— A minha, é claro.

A excitação brotou instantaneamente, e ela estremeceu.

— Quer abandonar a reunião e ir para o nosso quarto? Podemos pedir uma recapitulação depois.

— Mais do que conseguiria dizer.

Eles se levantaram. E o homem com os impulsos violentos mais sombrios do mundo saiu da sala correndo atrás dela, às gargalhadas, deixando todos os outros os observando com curiosidade e

inveja.

Talvez a vez deles chegasse...

Showalter, Gena
S563n A noite mais sombria [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Johann Heyss. — Rio de Janeiro: HR, 2012.
Recurso digital (Senhores do Mundo Subterrâneo; 1)
Tradução de: The darkest night
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: O beijo mais sombrio
ISBN 978-85-398-0492-4 (recurso eletrônico)

1. Bem e mal — Ficção. 2. Romance americano 3. Livros eletrônicos. I. Heyss, Johann. II. Título. III. Série.
12-5807 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
THE DARKEST NIGHT
Copyright © 2008 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2010 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-398-0492-4

Table of Contents

[Rosto](#)

[Glossário](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[Créditos](#)